

THISSIANE FIORETO

“VERISSIMA ET IVCVNDISSIMA DESCRIPTIO...”,
**DE ULRICO SCHMIDL: literatura de viagem ou
relato de viagem?**

ASSIS

2015

THISSIANE FIORETO

**“*VERISSIMA ET IVCVNDISSIMA DESCRIPTIO...*”, DE ULRICO SCHMIDL:
literatura de viagem ou relato de viagem?**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes
Co-Orientador: Dr. Bruno Oliveira Maroneze

ASSIS
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

F518v Fioreto, Thissiane
“*Verissima et ivcvndissima descriptio...*”, de Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem? / Thissiane Fioreto. - Assis, 2015.
245 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Carlos Eduardo Mendes de Morais
Co-orientador: Dr Bruno Oliveira Maroneze

1. Schmidl, Ulrico. 2. Relatos de viagem. 3. Filologia moderna. 4. Língua latina. I. Título.

CDD 477

A meus pais, Ademir e Cidinha,
fonte inesgotável de amor, força e incentivo em todos os momentos.

Aos meus irmãos, Juninho e Nathalia,
irmãos de sangue e de alma, companheiros fiéis de tantas lutas.

A meu amado marido, Celso Ávila,
o meu porto seguro e melhor presente que a vida me deu.

Agradecimentos

Ao bondoso Deus, pelo dom da vida e por possibilitar a realização desse desafio, tão árduo e sonhado, chamado Doutorado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, pela competência, pelo profissionalismo, pelo incentivo e pela amizade. Obrigada por ter esta “estranha mania de ter fé na vida” e nas pessoas, e assim ter acreditado em mim, quando eu ainda era uma aluna de Graduação em Letras. Foram (e ainda serão!) anos de aprendizado e de parceria, Mestre!

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze, competente latinista e grande amigo, pela competência profissional, por partilhar seus conhecimentos com tamanha humanidade, humildade e paciência. Sou uma professora de latim muito melhor depois de sua orientação.

Aos Professores Dr. Antônio Roberto Esteves e Dr. Protásio Paulo Langer, pelas sugestões tão oportunas dadas a este trabalho, na qualidade de Banca Examinadora em minha Qualificação.

À Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, especialmente à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras – FACALE, pelo apoio indispensável à realização deste trabalho de pesquisa.

Ao Centro de Documentação Regional da UFGD, principalmente ao Prof. Dr. Paulo R. Cimó Queiroz, por tão pronta e solícitamente disponibilizar o material necessário para esta pesquisa, contribuindo de forma significativa para os estudos sobre Ulrico Schmidl.

À minha família, sobretudo, meus pais, irmãos e cunhados, pelo amparo e pelo incentivo nas horas difíceis, pela compreensão em minhas ausências e pelo amor incondicional demonstrado sempre em gestos e palavras.

Ao meu marido, Celso Ávila, pelo ombro amigo, sorriso largo, palavras doces e ouvidos atentos, que tanto foi privado de minha companhia pelas longas horas de estudos. Sem seu amor e sua compreensão tudo teria sido bem mais difícil.

A Maria Lima dos Santos Oliveira e sua família, que me acolheram e me cercaram de cuidados e carinhos. Minha família douradense.

A minha amiga Isabella Ortega, meu anjo da guarda assisense, que sempre me recebeu com os braços abertos e me ofertou, com muito carinho, seu lar e seu ombro amigo.

A amiga Jaqueline Heloise Deltrejo de Deus, que não mediu esforços ao vasculhar Barcelona e região, para me ajudar, na busca do último exemplar (literalmente) do livro utilizado como base teórica desta pesquisa. Sem você, de fato, esse trabalho não seria possível.

As amigas Cristina Mascarenhas, Elisa Prado, Samanta Gallo Cabral, Cristiane Parré, Silvia Miho e Célia Delácio, presenças indispensáveis que suavizaram os momentos difíceis de impaciência e cansaço. Companheiras de trabalho, de congressos, de risos e de lágrimas, ou melhor, parceiras de vida.

A Milla, minha amiguinha canina, incansável companheira nas madrugadas de estudo.

“... pior que não terminar uma viagem é nunca partir”.

Amyr Klink

FIORETO, Thissiane. “*Verissima et ivcvndissima descriptio...*”, de Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem? 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

RESUMO

Fruto de pesquisa realizada com metodologia filológica, cuja função é proceder ao estudo da língua com base no texto escrito, este trabalho debate a versão em latim do relato de viagem de Schmidl. Trata-se do registro da experiência que supostamente viveu o soldado bávaro Ulrico Schmidl em viagem à região do Rio da Prata, numa embarcação espanhola comandada pelo *adelantado* Pedro de Mendoza, para explorar o sul do continente americano, na primeira metade do século XVI. O soldado bávaro passou alguns anos na região e, ao regressar à Europa, registrou o que viveu neste período. Esta narrativa teve sua primeira publicação, em alemão, em 1567. Depois disso, traduzida e publicada em várias outras línguas, a narrativa difundiu-se e tornou-se uma das primeiras e principais fontes de estudos sobre a conquista e povoação europeia da região, suscitando até hoje o interesse de pesquisadores. Após uma investigação da história de transmissão do documento, optou-se pela transcrição, tradução e análise de sua edição de 1599, publicada em latim pela casa impressora da família De Bry, e traduzida do alemão por Gottard Arthus. Assim, o objetivo desta pesquisa é, além de apresentar e divulgar o documento, sobretudo, discutir e comprovar que se trata de um gênero literário, com características peculiares, denominado Relato de Viagem, segundo a proposta teórico-metodológica de Carrizo Rueda, autora que se baseia no formalismo russo e na proposta de definição de gênero literário defendida por Todorov. Acredita-se e demonstra-se, portanto, que o texto de Schmidl possui uma estética literária definida, e não é apenas um documento histórico ou uma literatura de viagem genericamente nomeada.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia Moderna. Língua Latina. Relato de Viagem. Ulrico Schmidl.

FIORETO, Thissiane. “*Verissima et ivcvndissima descriptio...*”, Ulrico Schmidl’s : travel literature or travel report? 2015. 300 f. Thesis (Ph.D in Literature – Literature and Social Life). Faculty of Scienses and Languages, São Paulo State University, Assis, 2015.

ABSTRACT

This research was conducted on philological methodology, which proceeds the study of language based on the written text. This work aims to investigate the Latin version of Schmidl’s travel report. It is a narrative/register about the experience a Bavarian soldier called Ulrico Schimidl had supposedly lived in a Spanish ship, commanded by the adelantado Pedro de Mendonza, to Rio da Prata area in order to explore the Southern American continent, in the XVI Century. The Bavarian soldier would have lived some years in the region and, after returning to Europe, he would have registered what he had lived during that time. This narrative would have had its first publication, in German, in 1567. After that, the narrative had been translated and published in several languages, and it would have spread and had become one of the first and most important sources for the study of the European conquer and colonization of the region, and it has been calling the attention of researchers up to the present day. After investigating the transmission history of the document, this research selected a transcription, translation and analysis of the 1599 edition of the document, published in Latin by the De Bry’s family printing house and translated from the German by Gottard Arthus. Therefore, the objective of this research is to discuss and to prove that the text can be defined as a literary genre, with its own peculiar characteristics, called Travel Narrative, according to the definition of literary genre defended by Todorov and the Russian Formalism, and also by Carrizo Rueda’s theoretic and methodological view, the lattest used as a reference to this paper. It is assumed that Schimidl’s text has a defined literary aesthetics, what proves that it is neither a historic document nor a kind of generically denominated travel literature.

Keywords: Modern Philology. Latin. Travel Narrative. Ulrico Schmidl

SUMÁRIO

	P.
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	16
O objeto de pesquisa	16
CAPÍTULO II	146
Até parece ser ficção...	146
Contexto de escrita do Relato de Schimdl	149
Duas histórias que se confundem: manuscrito e traduções	158
As muitas edições de um mesmo relato	158
Sobre as traduções para o português	164
A escolha da edição em latim e sua tradução	170
CAPÍTULO III	173
O que seria um Relato de Viagem?	173
A viagem e suas várias possibilidades	174
A definição do <i>gênero</i> Relato de Viagem	179
As características do <i>gênero</i> Relato de Viagem	188
a) <i>Andanzas de un hidalgo ingenioso</i>	190
b) <i>Casas gentiles y hospitales para reyes</i>	190
c) <i>El imaginario de la naturaleza</i>	191
Relato de viagem X Literatura de Viagem	192
CAPÍTULO IV	198
Adaptação e aplicação das categorias de Carrizo Rueda ao estudo do texto de Ulrico Schimdl	198
4.1 Referência a elementos históricos	200
4.1.1 O registro do contexto sociopolítico	201
a) O ano da viagem	201
b) Composição política	203

c) Catolicismo	204
4.1.2 O papel das grandes navegações na viagem de Ulrico Schmidl	206
a) Ilhas Canárias	206
b) Cabo Verde	208
c) Rio de Janeiro	209
4.1.3 A fundação de Buenos Aires e Assunção	211
a) A primeira fundação de Buenos Aires	211
b) O conflito com a população indígena e a destruição de Buenos Aires	212
c) A fundação da cidade de Assunção	218
4.2 Descrição de povos, lugares e costumes	222
4.2.1 Os ZECHVRIAS e os CARENDIES: povos que andam nus	223
4.2.2 Os CARIOS e os CVRANDAS: seus hábitos alimentares e seus adornos	225
4.2.3 Os KVEREMAGBAS e os CARCHKAREISSO: povos curiosamente “humanos” e brancos	228
4.3 Imaginário sobre a natureza	230
4.3.1 O contato com uma fauna fantástica	231
4.3.2 A serpente que “engole gente”	236
CONCLUSÃO	240
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	244

INTRODUÇÃO

O desejo de conhecer faz o homem viajar. Uma viagem que pode ser interior, numa busca por si mesmo, ou uma viagem exterior, em busca do “outro” – outros ares, outros pares, outros mares.

Muitas são as possibilidades de viagens. Há viagens longas e breves. Viagens solitárias e viagens em companhia de alguém. Viagens para trabalhar, viagens para passear. Viagens a lugares desconhecidos e inóspitos e a lugares conhecidos e acolhedores. A vida pode ser considerada uma viagem e há até quem já quis viajar no tempo.

O fato é que viajar já se tornou um hábito, uma necessidade e um prazer ao homem.

Assim, reconhecendo a importância da viagem, as páginas que seguem têm o intuito de estudar uma viagem específica, ou melhor, o *relato* que se fez dessa viagem em especial. Trata-se da experiência que teria vivido o soldado bávaro Ulrico Schmidl, numa embarcação espanhola, à região do Rio da Prata, para explorar o sul do continente americano, no século XVI. Ele teria passado alguns anos na região e, ao regressar à Europa, teria registrado o que viveu neste período em seu *Relato de Viagem*.

Esta narrativa teria tido sua primeira publicação, em alemão, em 1567. Depois disso, traduzida e publicada em várias outras línguas, a narrativa teria se espalhado e se tornado uma das primeiras e principais fontes de estudos sobre a conquista e a povoação europeia da região, suscitando até hoje o interesse de pesquisadores e curiosos pelo assunto.

O que teria de especial nesse texto? Seria um simples documento que registraria um capítulo da História do sul do continente americano? Existiria um valor literário nesta narrativa ou seu valor seria apenas histórico?

Por acreditar que o texto de Schmidl possui uma estética literária definida, e não é apenas um documento histórico ou uma literatura de viagem genericamente nomeada, o

doutoramento em questão, com base no método filológico, tem o intuito de discutir e demonstrar que se trata de um Relato de Viagem, segundo a proposta teórico-metodológica de Carrizo Rueda. A autora, baseada no formalismo russo e na proposta de gênero literário defendida por Todorov, ao analisar o Relato de Viagem medieval de Pedro Tafur¹ (CARRIZO RUEDA, 1997, p.59 – 148), desenvolveu categorias de análise que serão reelaboradas no estudo da narrativa de Schmidl. Dessas categorias, foram eleitas três - *Andanzas de un hidalgo ingenioso, Casas gentiles y hospitales para reyes, e El imaginario de la naturaleza* - para serem aplicadas na narrativa em questão.

Sabendo que um modelo nunca está completamente pronto, mas sempre está em constante processo de reelaboração, as categorias propostas por Carrizo Rueda foram repensadas em virtude do texto de Schmidl. Buscou-se investigar e demonstrar a amálgama existente na narrativa entre o olhar do historiador e do poeta, sobretudo na descrição – tipo de escrita predominante no texto.

No entanto, para alcançar esse objetivo foi preciso fazer a escolha de uma das versões do documento. Por isso, levando em consideração as lições da Crítica Textual, depois de um levantamento pormenorizado da história de transmissão do documento, com a finalidade de examinar o estado da questão e de compreender sua complexidade, optou-se por usar como *corpus* de pesquisa a edição da Casa de Bry, de 1599, traduzida do alemão para o latim por Gottard Arthus.

¹ *Andanzas y viajes de Pedro Tafur* é um livro de viagem medieval, escrito por volta de 1454, em que Pedro Tafur narra sua viagem, empreendida entre 1436 e 1439, por grande parte da Europa, outras partes do Mediterrâneo e do Médio Oriente, incluindo Roma e Constantinopla (Bizâncio), uma cidade que ele visitou pouco antes de sua conquista muçulmana. Foi escrito 15 anos após a sua viagem, aproximadamente em 1454, e apresentado ao público em um único manuscrito do século XVIII, preservado na biblioteca da Universidade de Salamanca. Sua primeira publicação foi em Madrid e se deve a Marcos Jiménez de la Espada, que o intitulou *Andanzas é viajes de Pero Tafur por diversas partes del mundo avidos (1435-1439)* e acrescentou um estudo crítico. É um dos poucos livros de viagens medievais que são conhecidos na Espanha, permanecendo inédito até 1874.

Embora exista uma edição de Levinus Hulsius, também em latim, mais popular e que deu origem à maioria das traduções feitas da narrativa, a escolha da edição da Casa de Bry, traduzida por Arthus, baseia-se no fato desta ser menos contaminada pela tradição das transcrições e traduções, uma edição que ficou esquecida na história de transmissão do documento, o que causou interesse e curiosidade.

É preciso destacar ainda que a escolha de uma versão em latim se deve especialmente ao desejo da pesquisadora, como professora de latim, de contribuir para a divulgação desta versão do documento. Primeiramente, por tratar-se de divulgar uma versão do texto que caiu no esquecimento, já que muitos pesquisadores sequer sabem da existência desta versão latina, devido a sua propagação em alemão e, principalmente em espanhol. Trata-se também de privilegiar a língua latina, que foi muito importante na difusão do conhecimento no passado e tem sido, cada vez mais, esquecida, nos nossos dias.

Sendo assim, da escolha por esta edição nasceu também a necessidade de transcrição e tradução do documento para a língua portuguesa. Afinal, além de recentes, as traduções encontradas em nossa língua não obedecem a critérios científicos, o que as torna pouco confiáveis.

O capítulo I surge, então, dessa necessidade de uma tradução confiável para a pesquisa. Nele são apresentadas, de forma justalinear, uma tradução em língua portuguesa já existente do documento de Schmidl, a transcrição do texto latino, objeto desta pesquisa e, por fim, a tradução realizada. Optou-se por essa forma de apresentação para que o leitor possa confrontar os textos, percebendo suas semelhanças e diferenças.

Com função mais informativa, o capítulo II objetiva situar o leitor no contexto histórico do documento e sobre o documento. Isto é, além de apresentar de forma breve e sucinta algumas informações históricas, o intuito deste capítulo é dar um panorama da história de transmissão do próprio documento em debate e de suas traduções. O leitor poderá

compreender, a partir de algumas noções básicas de crítica textual, como o relato de Schmidl se propagou e como chegou a ser conhecido hoje.

Ao terceiro capítulo foi reservada a fundamentação teórica para discutir a questão que envolve o problema da tipologia do texto. Nele são lançadas as diretrizes para compreender o que seja a viagem, o viajante, o gênero Relato de Viagem e, sobretudo, a diferença entre Relato de Viagem e Literatura de Viagem. É neste capítulo também que são descritas as categorias organizadas por Carrizo Rueda reelaboradas no capítulo seguinte.

No capítulo IV acontece efetivamente o debate sobre a narrativa de Schmidl. Neste capítulo trechos do relato são escolhidos para demonstrar e discutir como a escrita do texto é construída. São estudadas, então, como as referências a elementos históricos, a descrição de povos, lugares e costumes e a função do imaginário sobre a natureza são utilizadas na organização de um texto que, por meio de recursos poéticos, faz um registro histórico.

Ao final, é possível compreender que ao criar vários quadros que se sucedem, recorrendo para isso especialmente à descrição, e tendo a viagem sempre por protagonista, o autor estabelece uma narrativa peculiar que não pode ser considerada genericamente como Literatura de Viagem, mas uma narrativa com características específicas, isto é, o *Relato de Viagem*.

CAPÍTULO I

O objeto de pesquisa

O Relato de Viagem de Ulrico Schmidl foi publicado originalmente em língua alemã, em 1567. A partir daí, muitas foram as suas cópias e traduções. A primeira tradução que se fez da obra foi para o latim, como se verá no Capítulo II. Este fato não gera surpresa, uma vez que na época o latim era a língua da cultura, do conhecimento e da ciência.

Nesta pesquisa, como explicitado anteriormente, optou-se por investigar essa primeira tradução latina, publicada em 1599. O capítulo I surgiu a partir desta escolha e da consequente necessidade de uma tradução confiável para a pesquisa. Ele visa a dar a conhecer o objeto sobre o qual se problematizará nos capítulos terceiro e quarto, em busca de consolidar (além de somente traduzir) o viés de leitura que os estudos filológicos podem atribuir a um documento de tal natureza.

As páginas a seguir têm o intuito de apresentar a transcrição do texto latino de Schmidl, uma tradução já existente e a tradução literal realizada neste estudo. Com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor, esse *corpus* é apresentado em colunas de forma justalinear.

A primeira coluna apresenta uma das traduções encontradas, ao longo desta pesquisa, e serviu como parâmetro para uma compreensão primeira do assunto. Já a segunda coluna apresenta a transcrição do texto latino, objeto desta pesquisa, cujos critérios estão explicitados logo no início e, por fim, apresenta-se a tradução realizada. Optou-se por essa forma de apresentação para que o leitor possa confrontar os textos, tendo ciência das suas semelhanças e diferenças.

É importante destacar ainda que, como já era esperado, não se trata de um latim clássico, mas um latim tardio (de uso restrito às camadas letradas) com características peculiares, as quais a autora pretende abordar em estudos futuros.

Critérios estabelecidos para transcrição:

- a. As vogais com valor consonantal foram atualizadas: i > j; u > v;
- b. As indicações de “acentuação” latina (mácron [ˉ], bráquia [˘] e til [˜] como marca de nasalização) foram mantidas;
- c. A transcrição segue a versão latina, portanto não possui subtítulos, apenas a indicação de capítulos;
- d. Na primeira coluna a colocação da versão portuguesa, de Klaus Wagner (?) se justifica pelas diferenças presentes na edição em comparação com a versão latina, objeto da tradução.

Leitura – Viagem ao Rio da Prata de Ulrico Schmidl

Tradução existente feita por Klaus Wagner(?) para a língua portuguesa	Transcrição da edição em latim da Casa de Bry, traduzida do alemão, por Gottard Arthus, 1599	Tradução literal realizada a partir da versão fac-símile da Biblioteca do Congresso dos EUA
<p align="center">Advertência de Ulrico Schmidel</p> <p>O ano do nascimento de nosso Salvador Jesus Cristo de 1534, eu, Ulrico Schmidl, de Straubing, passei por mar da Antuérpia a Espanha e percorri as Índias e varias ilhas, com grandes perigos de guerra, a esta viagem (desde o dito ano de 1534 até o de 1554, que Deus quis que voltasse) descrevi e recopilei aqui, o que experimentei e sofri com meus companheiros em toda a viagem.</p> <p>Capítulo 1 – Viagem por mar, da Antuérpia à Espanha</p> <p>No ano 1534 empreendi viagem da Antuérpia a Espanha. Ao final de 14 dias cheguei a Cádiz, na Espanha, até onde se contam 480 léguas. Diante da cidade, na praia, vi uma baleia que tinha 35 passos de comprimento, e da qual se retiraram 30 barris (dos de <u>arenque</u>) de gordura.</p>	<p>Verissima praecipuarum quarundam Indiae regionum atque insularum iam primo, ab Ulrico Fabro Straubingensi multo cum periculo, inventarum, consignatarumque, descriptio</p> <p>Cap. I - Principio cum Antuerpia Hispaniam petiturus, ad civitatem nomine CALLIS, ad quā 400 miliaria in mari numerāt, spacio quatuordecim dierum appulissem, in portu civitatis ingentem balaenam 35 videlicet passuum vidi, cuius adipe 30 vasa, eius magnitudinis, quibus haleces² huc asportantur, repleta sunt.</p>	<p>A muito verdadeira descrição de certas regiões e ilhas principais da Índia e de autênticas descobertas, agora pela primeira vez, por Ulrico Fabro estraubigense, com muito perigo.</p> <p>Cap. I - Inicialmente, quando me dirigindo de Antuérpia para Espanha, aportei numa cidade de nome CALLIS (Cádiz), a qual se contam 400 milhas no mar, no espaço de 14 dias, no porto da cidade eu vi uma enorme baleia de 35 passos evidentemente, com cuja gordura foram preenchidos 30 barris do tamanho dos que transportam <i>molho de peixe</i>.</p>

² Na tradução em espanhol e em português a palavra é **arenque**, porém, no dicionário de latim clássico a tradução é **molho de peixe**.

<p>Em Cádiz havia 14 barcos grandes, bem abastecidos de toda classe de mantimentos e preparados com o que é necessário, que deviam zarpar às Índias, ao Rio da Prata. Ali mesmo estiveram também 2500 espanhóis e 150 alemães do Sul, flamengos e saxões, com seu capitão Don Pedro de Mendonça.</p> <p>Entre esses 14 barcos, um pertencia ao senhor Sebastián Neithart e ao senhor Jacobo Welser, de Buremberg, que mandaram, por assuntos de negócios, a seu feitor Enrique Paime ao Rio da Prata. Com eles, eu e outros alemães do Sul, assim como flamengos, até uns 80 homens, bem equipados com arcabuzes e outras armas, fomos ao Rio da Prata.</p> <p>Com o dito nosso capitão geral zarpamos de Sevilha, e no dia de São Bartolomeu do ano 1534 chegamos a uma cidade chamada Sanlúcar de Barrameda, que fica a 20 léguas de Sevilha, onde estivemos longo tempo ancorados pela contrariedade dos ventos.</p>	<p>Ad dictam hanc civitatem CALLIS quatuordecim ingentes naves omnib. rebus necessariis instructae & probe munitae convenerant, RIO DELLA PLATA Indiae petiturae. Aderant simul ibi 2500 Hispani, & 150 Germani, ex superiori, partim & inferior Germania, partim ex Saxonia oriundi. Et supremus nostrū omnium praefectus PETRUS MANCHOSSA vocabatur.</p> <p>Ex quatuordecim hisce navibus, una Domini SEBASTIANI NEIDHARD, & IACOBI WELSERI Norinbergensis erat, qui procuratorē suum HENRICUM PAEIME propter mercaturam RIO DELLA PLATA Indiae miserant. His ego me una cum aliis, superioris & inferioris Germanie 80 fermè, armatis adiunges, RIO DELLA PLATA profecti sumus.</p> <p>Cum eo venissemus, postmodum, autore dicto nostro praefecto vel Capitaneo, cū quatuordecim navibus SYVILLA, eodem anno, die Bartholomaei solvimus, & ad civitatem Hispaniae appulimus, cui nomen est S.LUCAS. Civitas haec à SYVILLA viginti miliaribus distat, ubi propter nímias tempestates ad primum usque Septembris, eiusdem anni commorati sumus.</p>	<p>Nesta dita cidade de CALLIS reuniram-se 14 imensos navios construídos e munidos de todas as coisas necessárias para se dirigir ao Rio da Prata nas Índias. Estavam lá juntos 2500 hispanos e 150 germanos, em parte oriundos da Germania Superior e Inferior, e em parte oriundos da Saxonia. E o supremo chefe dentre nós todos se chamava PETRUS MANCHOSSA (Pedro Mendonça).</p> <p>Destes 14 navios, um era dos senhores SEBASTIANI NEIDHARD, & IACOBI WELSERI Norinbergensis (Sebastião e Welser James Neithart em Nuremberg), os quais enviaram, ao Rio da Prata, nas Índias, seu procurador HENRICUM PAEIME (Enrique Paime) por causa de negócios. Com eles, eu, tendo-me incluído em outros aproximadamente 80 soldados da baixa e alta Germânia, partimos para o Rio da Prata.</p> <p>Mais tarde, quando viemos com ele, sob a ordem do nosso comandante, ou melhor, nosso capitão (Mendonça), com 14 navios de Sevilha, no mesmo ano, no dia de São Bartolomeu zarpamos (<i>solvimus</i>) e aportamos (<i>appulimus</i>) numa cidade da Espanha, cujo nome é São Lucas. Esta cidade (S.Lucas) dista de Sevilha 20 milhas, onde por causa de abundantes tempestades permanecemos até 1º de setembro do mesmo ano.</p>
<p>Capítulo 2 – Navegação da Espanha às Ilhas Canárias</p>		

<p>No primeiro dia de setembro partimos de Sanlúcar e chegamos a 03 ilhas que se encontram próximas umas das outras, que se chamam a primeira Tenerife, a outra La Gomera e a terceira La Palma. Esta última está a umas 200 léguas de Sanlúcar, e nela se separaram as naves. As ilhas, que pertencem a Sua Cesárea Majestade, estão habitadas unicamente por espanhóis com suas mulheres e filhos. Ali se produz muito açúcar. Com 03 naves fomos também a La Palma, onde ancoramos quatro semanas e se abasteceram de novo os navios.</p> <p>Depois, nosso capitão geral Dom Pedro de Mendoza, que estava oito ou nove léguas à nossa frente, nos ordenou que estivéssemos prontos. Tivemos então a bordo de nossa nave a Don Jorge de Mendoza, primo do senhor Pedro de Mendoza, que estava apaixonado pela filha de um vizinho de La Palma. No dia que deveríamos estar prontos para zarpar, o dito Don Jorge de Mendoza foi a terra aquela noite com 12 bons companheiros. Voltaram trazendo consigo as escondidas a filha do mencionado vizinho, com sua criada, joias e dinheiro. Subiram sigilosamente a bordo, de modo que nem nosso capitão Enrique Paime nem ninguém soube do assunto. Somente os viu o que estava de sentinela, pois ocorreu em plena noite.</p>	<p>Hinc soluentes, ad tres insulas non procul ab inuicem distantes peruenimus, quarum nomina sunt DEMERIEFFE, KUMERO, PALMAN. Hae insulae à civitate S.LUCAS distant 20 ferè miliaribus, in quibus navium partitio facta est. Caesaream Maiestatem agnoscunt, & meris Hispanis habitantur saccari parandi peritissimis³. In PALMAN quidem insulã tribus nauibus peruenimus & nobis, cum quatuor septimanis ibi fuisset, de rebus necessariis iterum prospeximus.</p> <p>Postquam Dux noster PETRUS MANCHOSSA, qui octo vel novem miliaribus à nobis aberat, nobis imperasset, ut ad iter nos pararemus, erat forte fortuna in navi nostra ipsius Petri cognatus GEORGIUS MANCHOSSA, qui amare coeperat civis cuiusdam Palmensis filiam. Hic, cum soluere constituisset, noctu, circiter horam duodecimam una cū duodecim suis amicis, sese nobis rursus adiunxit, adferens secum filiam cuius istius Palmensis, & ancillam, vestes pecuniam & clinodia⁴ virginis portãtem. Hi recepti sunt in nauem ignorantibus ferè omnib. excepto eo, qui in excubiis tum temporis erat vigile.</p>	<p>Tendo zarpado dali chegamos a três ilhas não muito distantes uma das outras, cujos nomes são DEMERIEFFE, KUMERO, PALMAN (Tenerife, Gomera e Palma – as ilhas canárias). Estas ilhas estão distantes quase 20 milhas da cidade de São Lucas, nas quais foi feita a divisão dos navios. As ilhas reconhecem a Cesárea Majestade, e são habitadas absolutamente por espanhóis muito habilidosos na preparação de açúcar. Na verdade, em Palma, chegamos com três navios, enquanto estivemos nesse lugar durante quatro semanas, novamente nos abastecemos das coisas necessárias.</p> <p>Quando nosso comandante PETRUS MANCHOSSA, que estava há oito ou nove milhas de nós, nos ordenou que nos preparássemos para a viagem, estava em nosso navio, por um acaso, GEORGIUS MANCHOSSA, parente do mesmo Pedro, que começava a amar a filha de um certo cidadão “palmense” (de Palma). Ao decidirmos partir, este (GEORGIUS MANCHOSSA), durante a noite, quase a meia noite (12ª hora) juntamente com 12 de seus amigos (companheiros), se juntou a nós mais uma vez, trazendo consigo a filha deste cidadão de Palma e seus pertences (serva, roupas, dinheiro e as coisas preciosas da moça). Eles foram recebidos no navio por quase todos os ignorantes (aqueles que nada sabiam) exceto por aqueles que estavam</p>
---	--	---

³ A palavra *peritissimis*, isto é, habilidosos, só consta na edição em latim. Não consta na edição portuguesa e nem na espanhola.

⁴ *Clinodia* deve ser traduzida como *Res pretiosa*, segundo *Glossarium mediae et infimae Latinitatis* de Du Cange.

<p>Na manhã seguinte, quando nos dispusemos a partir, estando umas 03 ou 04 léguas da terra, se levantou um vento tão forte que tivemos que voltar ao porto de onde havíamos saído, e ali ancoramos. Nosso capitão Enrique Paime quis descer a terra em uma pequena embarcação que chamam bote. Foi quando pretendeu colocar o pé na terra, havia ali mais de 30 homens armados de arcabuzes e alabardas, que queriam prender nosso capitão Enrique Paime.</p> <p>Entretanto, foi avisado por um de sua tripulação de que não desembarcasse, se não que voltasse. E, ainda que o capitão se apressasse em voltar para sua nave, não pode alcançá-la tão rápido. Os da praia estiveram perto dele, com umas pequenas embarcações que tinham preparadas. Contudo, escapou para outro barco próximo à praia. E como não puderam prendê-lo, mandou tocar o alarme, e carregar duas grandes peças de artilharia e disparar 04 vezes sobre nossa nave, que não estava longe da margem. Com o primeiro disparo fizeram em pedaços a vasilha de água fresca que estava na popa e que continha 05 ou 06 baldes de água. Com o segundo destroçaram também a mezena, que é o mastro na popa. O terceiro disparo alcançou o centro do barco abrindo uma grande brecha e matando um homem. O quarto, entretanto, falhou.</p>	<p>Mane cum soluissemus & vix duo vel tria miliaria consecissemus exorta est ingens tempestas, quae nos ad eundem rursus portum remisit. Quo cum venissemus, nauicula quadam, quam ista lingua PAT & PODELL vocant, procurator nauis HENRICUS PAIEMAE, ad littus appulit, quo loci triginta armati constituti erant, qui dicto huic HENRICO PAEIME insidias struebant.</p> <p>Quod cum ex nautis quidam vidisset, admonebatur ipse quidem, ut ad nauem rursus properaret, sed periculum vix e uitare poterat, propterea quod armati isti admodum eum urgerent, apprehendit tamen tandem nauem aliam quae non procul à terra distabat & in ea sese saluabat.</p> <p>Cum itaque armati isti viderent se nihil efficere, nec dictum HENRICUM PAIEME capere posse, classicum canebant & campanae pulsu ciues Palmenses ad arma excitabant, quin & tormenta aenea duo non exigua ad nauem nostram dirigebant, quatuor ictibus eam petentes, & primo quidem ictu ollam quandam in puppi repositam, quae recentis aquae metretas quinque vel sex capiebat, secundo ictu MASSAINE, hoc est, malum in nauis, confregerunt, tertio perforata nauis, virum unum interfecerunt quartus autem irritus fuit.</p>	<p>de vigília naquele momento (sentinela durante a noite).</p> <p>De manhã, quando partimos e apenas andamos (cortamos) duas ou três milhas, surgiu uma enorme tempestade, a qual nos fez regressar ao mesmo porto (voltar à Palma). Por isso, quando chegamos, o administrador do navio, HENRICUS PAIEMAE, num pequeno barco, o qual chamam nessa língua PAT & PODELL, aportou no litoral, local em que estavam constituídos 30 soldados e os quais tramavam uma emboscada para este dito HENRICO PAIEME.</p> <p>Quando ele viu alguns dos marinheiros, ele se lembrou (foi avisado) de correr novamente de volta para o barco, mas dificilmente poderia evitar o perigo, porque esses soldados pressionavam-no sobremaneira. Contudo, agarrou enfim o outro navio, que não estava distante da terra e nele ele próprio se salvou.</p> <p>Quando, em seguida, esses soldados viram que nada podiam fazer, nem poderiam capturar o dito Henrico Paieme, tocavam a clarineta e com o toque do sino despertavam os cidadãos palmenses para as armas. De fato, dois grandes canhões de bronze se dirigiam (estavam em direção) ao nosso barco e quatro tiros foram disparados. Na verdade, com o primeiro tiro atingiram um pote reservado na popa do navio, que continha cerca de cinco ou seis medidas de água fresca (potável), com o</p>
---	--	---

<p>Contudo, estava ali outro capitão, de uma nave que se encontrava a nosso lado e que queria ir ao México na Nova Espanha, o qual estava em terra. Quando se deu conta da algazarra, se empenhou em restabelecer a paz entre os da cidade e nós, com a condição de que lhes entregasse a Don Jorge de Mendoza com a filha do vizinho e sua criada.</p>	<p>Aderat tum alius quispiam Nauclerus, qui sua navi Hispaniam nouam in MECHSECKHEIM petere constituerat centū & quinquaginta armatos in littore habens. Hic turbis hisce cognitis, pacem inter nos & incolas istius loci fecit, hac quidem lege & conditione, ut GEORGIUS MANCHOSSA cum rapta virgine & ancilla ciuibus istis traderentur.</p>	<p>segundo tiro destruíram a mezena⁵, isto é, o mastro do navio, com o terceiro o navio foi perfurado e um homem foi morto, já o quarto tiro falhou. Além disso, estava presente algum outro capitão de navio, que com seu navio tinha decidido se dirigir à Nova Espanha, no México, tendo 150 homens armados no litoral. Então tendo sido conhecidas estas multidões, fez um acordo de paz entre nós e os habitantes desse local, que, na verdade, tinha como lei e condição, que George Manchossa fosse entregue para estes cidadãos com a virgem raptada e sua serva.</p>
<p>Subiram a nossa nave o regente e o alcaide, assim como nosso capitão e o anteriormente mencionado. Queriam deter a Don Jorge de Mendoza junto com sua querida, quando este lhes respondeu que era sua mulher, e como ela não disse outra coisa, os casou de imediato, o que deixou o pai da moça muito triste e aflito. Assim foi como nossa nave ficou danificada.</p> <p>Capítulo 3 – De La Palma às Insulae Virides ou Hespérides chamadas também de Cabo Verde</p> <p>Depois disso, deixamos em terra a Don Jorge de Mendoza com sua mulher, pois nosso capitão não</p>	<p>Cap. II – Postmodum praefectus & iudex civitatis cum nostro Duce & dicto Nauclero ad nauem nostra veniebant, Georgium Manchossa & amicã eius quaerentes, qui cum advenisset eam pro uxore tuebatur, similiter & ipsa maritum eum suum affirmabat, confirmatum igitur inter eos statim matrimonium fuit, quamuis parente difficulter admodum consentiente.</p> <p>Quo facto cum navem nostram valde perforatam videremus dictum Georgium Manchossa &</p>	<p>Cap. II – Logo depois, o prefeito e o juiz da cidade vieram ao nosso navio com o nosso comandante e o dito capitão, buscando George Manchossa e sua amante, que quando tinha chegado com ela, era vista como sua esposa, do mesmo jeito que ele também afirmava ser seu marido. Assim o casamento entre eles foi imediatamente confirmado, embora muito dificilmente pudessem ter o consentimento paterno.</p> <p>Feito isso, quando vimos nosso navio muito destruído (perfurado), deixamos o dito George</p>

⁵ MASSAINE é a vela latina quadrangular que se enverga no mastro da mezena, segundo Dicionário Houaiss. Designa-se por mezena, ou mesena, a vela que se encontra no mastro com o mesmo nome. É a vela de maior dimensão do mastro (mezena) de ré.

<p>quis tê-lo mais a bordo. E depois de reparar nossa nave, passamos a uma ilha ou terra que se chama Sam Jacob ou em espanhol, Santiago. É a mais destacada das ilhas Virides, que se encontra no grau 14 <i>elevationis Poli Arctici</i>. A cidade que pertence ao rei de Portugal, ao que estão sujeitos os mouros negros, se encontra a 200 léguas da antes mencionada ilha de La Palma, da que havíamos zarpado ultimamente. Ali permanecemos 05 dias para abastecer nosso barco de novas e frescas provisões e víveres como pão, carne, água e tudo o que é necessário no mar.</p>	<p>uxorem eius ad littus deposuimus, iubente id quidem & praecipiente nostro Duce sive Capitaneo. Postea reparata navi nostra, insulam quandam petiimus cui nomen est S.JACOBO, vel hispanicè SANCT IAGO. Haec insula ad Regem Portugallensem pertinet, subiectos sibi habet Aethiopes nigros, & 300 miliaribus ab insula PALMAN distat. Hic commorati sumus per dies quinque & nobis de cibo potu atque aliis ad navigationem necessariis rursus prospeximus.</p>	<p>Manchossa e sua esposa na praia, como nosso comandante, ou melhor, capitão, seguramente ordenou e instruiu. Depois de nosso barco reparado, dirigimo-nos a uma ilha cujo nome é S. IACOBO, ou em espanhol Ilha de Santiago. Esta ilha pertence ao rei português, tem negros etíopes sujeitos a si e está distante 300 milhas da ilha de Palma. Ali permanecemos por cinco dias e nos provemos, mais uma vez, de comida e bebida e outras coisas necessárias para a navegação.</p>
<p style="text-align: center;">Capítulo 4 – Das Insulae Virides ao Brasil</p> <p>Reunida toda a frota ou armada de 14 naves, nos adentramos outra vez no mar, e, navegando 02 meses seguidos, chegamos finalmente a uma ilha onde não havia senão pássaros, tantos que podíamos matá-los a paus. Ali ficamos 03 dias. Esta ilha, no geral despovoada, tem uma superfície de 06 léguas de comprimento e largura, e se encontra a 500 léguas da dita ilha de Santiago, da que havíamos partido.</p> <p>Neste mar há peixes voadores, assim como outros peixes grandes e maravilhosos, baleias e outros eu se chamam <i>Schaubhut</i>, porque tem na cabeça um grande disco com que, dizem, podem ficar</p>	<p>Coniunctae tunc adhuc erant omnes nostrae, dictae nimirum quatuordecim naves, quibus per duos menses in mari navigantes, ad insulam quandam appulimus, in qua nihil praeter ingentem avium multitudinem conspeximus, quas quidem etiam baculis ferire poteramus. Insula haec sex miliaribus suo ambitu continet, nullis habitatur hominibus, & 1500 miliaribus à superiori insula S.IAGO distat.</p> <p>In mari circa insulam hanc reperiuntur pisces volantes, & plurima monstra marina, ut Balenae, & alii pisces quos SCHAVBHVT⁶ vocant, propterea quod in fronte rotundum quendam orbem</p>	<p>Depois disso, foram reunidos todos os nossos seguramente 14 navios já referidos, os quais navegaram por dois meses no mar, chegamos a uma certa ilha, na qual não observamos nada além de uma enorme multidão de aves, que, na verdade, também podíamos atingir com varas. Essa ilha, não habitada por homens, tem seis milhas de fronteira (de extensão) e dista 1500 milhas da parte superior da ilha de Santiago.</p> <p>No mar que cerca a ilha são encontrados peixes voadores, e muitos outros monstros marinhos, como baleias, e outros peixes que chamam SCHAUBHUT, pelo fato de que tinham sobre a</p>

⁶ Em alemão **chapéu-casaco**. Sublinhe-se que a tradução para o espanhol foi *peces-sombrero de sol*

<p>muito perigosos e daninhos para outros peixes com os que chegam a brigar. É um peixe grande e mau. Também há outros que tem um osso como uma faca, que em língua espanhola se chama pez espada (peixe espada); outros tem serras, que também são grandes, e se chamam peixe serra, assim como muitos outros estranhos e de grande tamanho que não posso descrever a todos.</p>	<p>habeant, quo aliis piscibus bellum movere solent, sunt enim pisces ingentes & formidabiles. Reperiuntur & alii pisces in dorso cultellum osseum gestantes, quos Hispani sua lingua PESCHEPATE⁷ nominant quin & serram osseam in quorundam dorso conspicias, & id genus piscium admodum formidabile est, Hispanis PESCHEDEFERRE dictum. Neque propositum mihi est, omnium monstrorum quae in mari isto reperiuntur nomina & formã pluribus hoc loco persequi.</p>	<p>cabeça um grande disco, que costumam mover para a guerra com outros peixes, são realmente peixes enormes e formidáveis. E foram encontrados outros peixes que carregam uma navalha de osso no dorso, que os espanhóis em sua língua chamam de fato PESCHEPATE_e se vê no dorso de alguns um osso em forma de serra, e este tipo de peixe é muito temível, os espanhóis dizem PESCHEDEFERRE. Meu propósito não é perseguir (procurar) os nomes de todos os monstros que são encontrados nesse mar e a forma a muitos neste lugar.</p>
<p style="text-align: center;">Capítulo 5 – Do rio chamado Janeiro</p> <p>Desta ilha passamos logo a um lugar chamado Rio de Janeiro, que se encontra a 200 léguas e pertence ao rei de Portugal. Os índios se chamam Tupis. Ali nos detivemos 14 dias. Então Don Pedro de Mendoza, nosso capitão geral, ordenou que Juan Osorio, seu irmão juramentado, nos mandasse em seu lugar, pois ele estava impedido, muito fraco e doente. Contudo, como pouco depois de dar-lhe a ordem, o dito Juan Osorio foi delatado e acusado falsamente ante Mendoza, seu irmão juramentado, de que queria amotinar a tropa contra ele, este ordenou a 04 capitães, a saber, Juan de Ayolas, Juan Salazar, Jorge Luján e Lázaro Salvago, que matassem a punhaladas ao</p>	<p>Postea hac insula discedentes ad aliã peruenimus, RIO GENNA dictam, quae 500 miliaribus à superiori distat, & Regi Portugalliae paret. Haec est insula RIO GENEa in India, & istius loci Indiani, vocantur TOPPIS, ubi commorati sumus 14 diebus. Hic cum essemus praecepit Dux noster PETRUS MANCHOSSA ut jurato suo fratri, IOANNI OSSORIO obtẽperaremus, propterea quod ipse propter perpetuas infirmitates, nos regere amplius non posset. Verum hic JOANNES OSSORIO paulo post falso apud PETRUM MANCHOSSA deferebatur, quasi sese PETRO MANCHOSSA opponere & seditionem in populo moliri vellet. Itaque cõvocatis quatuor inferioribus praefectis,</p>	<p>Mais tarde, saímos desta ilha e chegamos a outra chamada RIO GENNA que dista 500 milhas da maior e obedece ao Rei de Portugal. Esta é a ilha de RIO GENEa na India, e os indigenas deste lugar são chamados TOPPIS, é onde permanecemos por 14 dias. Enquanto aí estávamos, o nosso comandante PETRUS MANCHOSSA recomendou que obedecêssemos ao seu irmão jurado IOANNI OSSORIO porque ele próprio, já por conta das contínuas enfermidades, não podia mais nos governar. Mas, na verdade, pouco depois, este JOANNES OSSORIO foi delatado junto a PETRO MANCHOSSA logo após se opor de algum modo a ele e querer incitar o povo a revolta. Assim, tendo</p>

⁷ Em catalão há PEIX BADA e o autor poderia ter ouvido PESCHEPATE. Ao final do relato o autor volta a falar deste peixe - PEISCHO SPAIDE.

<p>dito Juan Osorio e que o jogassem no meio da praça por traidor. Também havia ordenado e mandando informar que ninguém se movesse por Osorio sob pena de perder a vida, posto que, fosse quem fosse, não seria seguro. Entretanto, eles contestaram, pois Juan de Osorio foi um guerreiro de grandes qualidades, leal e valente, que fez muito bem aos soldados.</p>	<p>(quorum nomina erant IOHANNES EIIOLLAS, IOHANNES SALLEISSER, GEORGIUS LUCHSAM, LAZARUS SALVAISCHO) PETRUS MANCHOSSA mandabat dictum IOANNEM OSSORIO pugione interficere & interfectum in aream tanquam proditorem exponere addita simul interminatione eiusdem supplicii in eum qui forte patrociniū IOHANNIS OSSORIO suscipere vellet.</p> <p>Sed facta est ei, quod Deus novit, insignis injuria, fuit enim ut probitate, ita fide & honestate, adde etiã rei militaris scientia admodum cõspicius, qui de militibus quam optime mereri semper studuit, Deus igitur animae eius in aeternum propitius esse velit.</p>	<p>sido convocados quatro oficiais inferiores (cujos nomes eram IOHANNES EIIOLLAS, IOHANNES SALLEISSER, GEORGIUS LUCHSAM, LAZARUS SALVAISCHO) e PETRUS MANCHOSSA mandava matar o dito IOANNEM OSSORIO com um punhal e expor o morto no pátio como um traidor sendo acrescentada juntamente a ameaça da mesma punição para aquele que por acaso quisesse assumir a proteção de IOHANNIS OSSORIO.</p> <p>Mas lhe foi feita, pois Deus sabe, extraordinária injustiça, pois, pela honestidade, assim como pela fé e pela honra, acrescente também pelo conhecimento da arte militar, foi certamente conhecido quem sempre dedicou-se a merecer o melhor possível dos soldados, portanto, Deus queira ser favorável à sua alma na eternidade.</p>
<p>Capítulo 6 – Do Rio da Prata, chamado também Paraná; São Gabriel e os índios charruas</p> <p>Dali zarpamos para o Rio da Prata e chegamos a uma corrente de água doce chamada Paraná-Guazú, larga na desembocadura de 42 léguas e está a 115 do Rio de Janeiro. Ali chegamos a um porto que se chama São Gabriel, onde ancoraram os 14 navios nas águas do dito Paraná.</p> <p>Devido a que tivemos que ficar com os barcos grandes afastados da terra, a um tiro de arcabuz, nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza mandou que os marinheiros desembarcassem aos</p>	<p>Cap. III – Hinc solventes RIO DELLA PLATA profecti sumus, & fluvium in itinere dulcis aquae offendimus, qui vocatur PARANAV VV ASSV fluvius hic ad latus mari praeterlabitur, 24 miliaria in latitudine habet, & ab insula RIO GENEAE 500 miliaribus ab est. Ibi delati sumus ad portum quendam cui nomen est S.GABRIEL, & ancoras 14 navium nostrarum, in dicto fluvio firmavimus.</p> <p>Cum autem naves nostras ad terram adducere non possumus sed in aqua manere cogemur, curavit Dux noster PETRUS MANCHOSSA ut nautae populum parvis naviculis, in hunc usum</p>	<p>Cap. III – Deste lugar partimos em direção ao RIO DELLA PLATA e na viagem (no caminho) encontramos um rio de água doce que é chamado PARANAV VV ASSV, este rio flui ao lado do mar, tem 24 milhas de largura e está a 500 milhas da ilha do RIO GENEAE. Nesse lugar fomos levados para um porto cujo nome é S.GABRIEL, e no referido rio firmamos as âncoras dos nossos 14 navios.</p> <p>Como, no entanto, não pudemos conduzir (levar) nossos barcos para a terra, mas fomos obrigados a permanecer na água, nosso comandante PETRUS MANCHOSSA cuidou para que os marinheiros</p>

<p>soldados com pequenas embarcações chamadas botes.</p> <p>Assim, no ano de 1535, chegamos com a ajuda de Deus ao Rio da Prata, donde achamos um povoado de índios no qual viviam uns 2000 homens chamados charruas. Não comem outra coisa senão peixe e carne; e andam nus, exceto as mulheres que cobrem suas partes com um pequeno pano de algodão, pendurado do umbigo até os joelhos. Estas pessoas fugiram com suas mulheres e filhos e abandonaram o lugar quando nós chegamos.</p> <p>Nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza mandou levar então aos soldados novamente a bordo e passá-los ao outro lado do Paraná, onde o rio tem somente 08 léguas de largura.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 07 – Da cidade de Buenos Aires e os índios querandis</p> <p>Neste lugar, construímos uma cidade que se chama Buenos Aires.</p> <p>Nas 14 navios trouxemos da Espanha também 72 cavalos e éguas.</p>	<p>paratis, & propterea PATT & PODEL⁸, dictis, ad terram transueherent.</p> <p>Tandem igitur divina gratia in RIO DELLA PLATA pervenimus, venimus Anno Christi 1535, ubi pagum quendam Indicum conspeximus in quo 2000 ferè viri habitabant, quos ZECHVRIAS nominant. Hi nihil aliud cibi habent quam pisces & carnes, cumq;⁹ de nostro adventu audivissent, relicto pago cum uxoribus liberisq fugam dederunt, ita ut reperiri amplius non potuerint. Huius loci homines plane nudi incedunt, nisi quod mulieres pudenda linteolo gossypino¹⁰ ab umbilico ad genua usque protenso tegant.</p> <p>lubebat postmodum Dux noster PETRUS MANCHOSSA, populum navibus rursus imponi, & ad alterum latus fluminis istius PARANAV traduci, ubi octo tantum miliaria in latitudine habebat.</p> <p>Ibi civitatem condidimus, & eam BONAS AEIERES vocavimus, hoc est, bonum aerem.</p> <p>Quin & 72 equos e equas ex Hispania nostris 14 navibus adduximus.</p>	<p>transportassem o povo para a terra em pequenos naviozinhos, preparados para esse uso, e por isso chamados de PATT & PODEL.</p> <p>Finalmente, então, pela graça divina chegamos ao RIO DELLA PLATA, viemos em 1535 d.C., onde observamos uma aldeia indígena em que moravam quase 2000 homens que se chamam ZECHVRIAS. Estes nada tinham de comida além de peixes e carnes, e quando souberam da nossa chegada, fugiram (renderam-se a fuga) com suas esposas e crianças deixando a aldeia de modo que não poderiam mais ser encontrados. As pessoas deste lugar caminham completamente nus, exceto as mulheres que com panos de algodão esticado cobrem as partes pudendas do umbigo até os joelhos.</p> <p>Nosso comandante PETRUS MANCHOSSA ordenava posteriormente, colocar o povo novamente nos navios e atravessar para o outro lado deste rio PARANAV, onde tinha apenas oito milhas de largura.</p> <p>Neste lugar estabelecemos uma cidade, e a chamamos de BONAS AEIERES, isto é, bom ar. E, de fato, trouxemos 72 cavalos e éguas da Espanha em nossos 14 navios.</p>
--	---	---

⁸ Em catalão bote é BOT. Poderia ser uma confusão entre o que se ouviu e o que se escreveu, na tentativa de uma transcrição.

⁹ Todo QUE enclítico será abreviado por (Q:). Trata-se de uma convenção tipográfica do texto.

¹⁰ Nome científico do algodão.

<p>Achamos nesta parte também um lugar donde viviam os índios chamados querandis, dos que havia cerca de 3000 homens com suas mulheres e filhos, e estas vão vestidas como as charruas, do umbigo até os joelhos.</p> <p>Trouxeram-nos de comer peixe e carne. Estes querandis não tem morada fixa, vão vagando pelo país, como entre nós os ciganos. Si se deslocam no verão, percorrem às vezes mais de 30 léguas de terras secas, onde não encontram nem uma gota de água, e se acaso encontram com um cervo ou outra caça, bebem o sangue dos mesmos. Às vezes descobrem umas raízes que chamam cardos e as comem para saciar a sede. O fato de que bebam sangue se deve unicamente ao de que não tenham água nem outra coisa para beber, e de outra maneira teriam que morrer de sede.</p> <p>Durante 02 semanas, estes querandis compartilharam todos os dias conosco sua pobreza de peixe e carne que trouxeram ao acampamento, exceto apenas um dia que não vieram. Por isso nosso capitão geral Don Pedro de Mendonza enviou a eles um alcaide chamado Juan Pavón, com 02 soldados (já que o povo dos querandis se encontrava a 04 léguas do nosso</p>	<p>Isthic¹¹ loci pagum quendam Indicum invenimus, quem Indorum circiter 3000 cū uxoribus & liberis, in habitabant CARENDIES vocati, vestes easdem habent cum superioribus quos ZECHVRIAS nominari diximus, illam inter umbilicū & genua corporis partem tegentes.</p> <p>Cibum nobis attulerunt pisces & carnes. Hi CARENDIES sedes & habitationes certas non habent, sed in regione ista passim vagantur & oberrant instar TARTARORUM¹² apud nos vagantium. Quin & in aestate saepe numero triginta miliaria peregrinando conficere possunt, ut aquam neque habeant neque desiderent.</p> <p>Cervos vel feras alias si forte figere ipsos contingat, sanguinem pro potu bibunt, utuntur & radice aliqua ad levanda sitim, cui nomen est CARDES¹³. Quod autem sanguinem bibunt, id tantum ex necessitate sit, quia aquam vel potum alium non habent, & siti eos perire necesse esset.</p> <p>Hi CARENDIES nobis per quatuordecim continuos dies victum suppeditarunt pisces & carnem. Accidit autem ut uno quodam die non venirent, statim igitur Dux noster PETRUS MANCHOSSA, iudicem quendā qui vocabatur IOHANNES PABON unā cum duobus ministris, ad CARENDIES, qui tum quatuor miliaribus, à castris nostris aberant, ablegavit. Qui cum eo¹⁴ venissent, ita eos allocuti</p>	<p>Aí neste local encontramos uma aldeia indígena na qual habitavam os chamados CARENDIES, cerca de 3000 índios com esposas e filhos e que tem as mesmas vestes que os superiores que dissemos chamar ZECHVRIAS, cobrindo aquela parte do corpo entre o umbigo e o joelho.</p> <p>Trouxeram comida, peixes e carnes para nós. Estes CARENDIES não têm moradas e habitações fixas, mas vagam aleatoriamente por esta região e andam errantes como os tártaros vagantes entre nós. E, de fato, no verão, muitas vezes, eles podem atingir a marca de 30 milhas peregrinando, de modo que nem tenham e nem desejem água.</p> <p>Se, por acaso, acontece deles mesmos matarem cervos ou outras feras, bebem o sangue como bebida, e consomem outra raiz para mitigar a sede, cujo nome é CARDES. Quando, no entanto, eles bebem sangue, isto apenas é por necessidade, porque não tem água ou outra bebida, e [de outra maneira] seria necessário morrer de sede.</p> <p>Estes CARENDIES forneceram alimento para nós, peixes e carne, por 14 dias consecutivos. Aconteceu, no entanto, que um certo dia eles não vieram, então logo nosso comandante PETRUS MANCHOSSA enviou, até os CARENDIES, que estavam distante de nosso acampamento quatro milhas, um certo juiz chamado IOHANNES PABON junto com dois assistentes. Quando estes</p>
---	---	---

¹¹ Igual a istic (adv.)

¹² Na tradução para o espanhol não se usa tártaros, mas ciganos. Por tártaros pode se entender também os errantes no inferno.

¹³ Na tradução para o espanhol registra-se CARDO.

¹⁴ O texto latino talvez esteja mal construído, pois esse *eo* está deslocado.

<p>real). Quando os encontraram, resistiram e maltrataram aos 03, de tal modo que tiveram que voltar feridos a paus.</p> <p>Ao ser informado nosso capitão geral Don Pedro de Mendonza, e pelo alvoroço que causou o relato que fez o alcaide no acampamento, mandou contra eles a seu irmão Don Diego de Mendoza, com 300 soldados e 30 cavalos bem equipados, e entre os quais fui eu, com a ordem de matar aos índios querandis, capturá-los e ocupar seu povoado, Entretanto, quando chegamos havia mais de 4000 homens, pois haviam pedido auxílio aos seus amigos.</p>	<p>sunt, ut ab incolis fustibus excepti sint, & bene fustigati ad nostros redierint.</p> <p>Quod ex relatione iudicis istius cum intellexisset PETRUS MANCHOSSA, admodum iratus, germanum suum fratrem DIEGO MANCHOSSA cum 300 peditibus & 30 equitibus probè armatis, quibus & ego aderam, emisit, praecipiens ut dictos illos CARENDIES omnes interficeremus aut caperemus, & pagum ipsorum igne subuerteremus. Cum autem ad eos venissemus, erant eorū 4000 in uno loco congregati, si quidem & socios & amicos suos omnes accersierant.</p>	<p>chegaram, à medida que falaram a eles, foram recebidos pelos habitantes com varas, e bem açoitados voltaram aos nossos.</p> <p>Quando PETRUS MANCHOSSA soube, a partir do relato deste juiz, bastante irado deixou partir seu legítimo irmão DIEGO MANCHOSSA com 300 soldados de infantaria e 30 cavaleiros bem armados, nas quais eu estava presente, recomendando que matássemos ou capturássemos todos aqueles ditos CARENDIES e destruíssemos a aldeia deles com fogo. Mas quando chegamos a eles, eram 4000 deles reunidos em um lugar, já que certamente convidaram todos os seus amigos e companheiros.</p>
<p>Capítulo 08 – Batalha com o índios querandis</p>		
<p>Quando os atacamos, resistiram com tanta força que nos causaram grandes dificuldades durante todo o dia. Mataram nosso capitão Don Diego de Mendoza e a 06 fidalgos, assim como a uns 20 soldados de a cavalo e a pé. Por sua parte pereceram cerca de 1000 homens, lutando corajosamente como bem pudemos provar.</p>	<p>Itaque cum eos aggredi vellemus, tam fortiter sese nobis opposuerunt, ut toto isto die satis nobis negotij fecerint. Nã & ipsum DIEGO MANCHOSSAM, & sex nobiles alios interfecerunt, & tam acriter nobiscum pugnarunt, ut eorum virtutem satis experiremur & viginti ex nostris caderent, quamuis interim ab ipsorum parte 1000 vel plures interfecti sint.</p>	<p>Assim quando nós quisemos atacá-los, eles se opuseram a nós tão fortemente, que nos causaram suficiente dificuldade durante todo este dia. De fato, mataram o próprio DIEGO MANCHOSSAM e outros seis nobres, e combateram conosco tão energeticamente que provaram suficientemente sua virtude e 20 dos nossos sucumbiram, se bem que, enquanto isso, da parte deles 1000 ou mais foram mortos.</p>
<p>Estes querandis usam como armas uns arcos e dardos, que são uma espécie de meia lança com uma pedra afiada na ponta. Usam também bolas de pedra atadas a uma longa corda.</p>	<p>Dicti CARENDIES arma habent, arcus & TARDES in formam dimidiarun hastarum, quarum extremitatibus acutissimi silices sunt affixi. Utuntur & globis lapideis suni alligatis, in modum globorum plumbeorum, quibus nos uti solemus.</p>	<p>Os chamados CARENDIES tem armas, arcos e TARDES na forma de meias lanças em cujas extremidades foram afixadas pedras afiadíssimas. Usam também bolas de pedras amarradas com corda, no modo das bolas de chumbo que nós costumamos usar.</p>

<p>Lançando estas bolas as patas dos cavalos ou cervos, os fazem cair. E desta maneira mataram a nosso capitão e aos fidalgos, como eu mesmo vi. Aos soldados os mataram com os dardos.</p> <p>Contudo, pudemos vencer-lhes e ocupar seu povoado com a ajuda de Deus Todo Poderoso, mas não conseguimos capturar a nenhum destes índios: haviam tirado do povoado as mulheres e as crianças antes que os atacássemos. Não encontramos senão peles de nutria, muito peixe, assim como farinha e gordura de peixe.</p> <p>Ficamos ali 03 dias e logo voltamos a nosso acampamento, deixando no lugar 100 homens dos nossos para que pescassem com as redes dos índios e abastecer a tropa, pois as águas são particularmente abundantes de peixes.</p> <p>Para comer se repartiam 06 onças de grãos ao dia, e a cada 03 dias um peixe. A pesca durou 02 meses. E se alguém queria comer mais peixe, tinha que buscá-lo a 04 léguas.</p> <p>Capítulo 09 – De como se fortificou a cidade de Buenos Aires e da fome que e padeceu</p>	<p>Hisce globis ferarum & equorum pedes petere solent, ut irretiti in terram procidant, quo stratagemate, quod ipsemet vidi, dictum Capitaneum nostrum DIEGO MANCHOSSA & reliquos nobiles interfecerunt, caeteros vero pedites dictis TARDES interemerunt.</p> <p>Tandem tamen Deus suam nobis gratiam largiebatur, ut consequuta victoria, pago ipsorum potiremus, neminem tamen ex illis capere poteramus, quin & uxores & liberos ex pago isto ante pugnam in alium locum deduxerant. In pago hoc nihil invenimus praeter preciosas aliquor martium¹⁵ & lustrarum pelles, multos item pisces, confectam ex piscibus farinam, & adipem ex illis extractum.</p> <p>Commorati sumus autem in isto pago tribus diebus, & postea ad castra rursus nos recepimus, relictis ibi 100 ex nostris, ut cum indianorum retidus piscarentur ad sustentationem nostri populi, cum ibi flumina piscibus abundarent.</p> <p>Praebebatur autem singulis in diem unus quadrans farinae, in victũ & tertio quolibet die piscis unus. Haec piscatio durabat duos menses, qui vero plus piscium desiderabat, is per quatuor miliaria excurrrens, eos afferre sibi cogebatur.</p>	<p>Com estas bolas costumam atingir as patas de animais selvagens e dos cavalos, que caem por terra enlaçados, estratagemata pelo qual, eu mesmo vi que mataram o nosso capitão chamado DIEGO MANCHOSSA e outros nobres, mas mataram outros soldados de infantaria com os ditos TARDES.</p> <p>Contudo, enfim, Deus concedeu sua graça para nós, para que alcançada a vitória, tomássemos posse da aldeia deles, embora não pudéssemos capturar nenhum deles porque levaram, desta aldeia, tanto as mulheres quanto as crianças, antes da batalha, para outro lugar. Nesta aldeia nada encontramos além de algumas preciosas peles de martas e de lontras, também muitos peixes, farinha feita de peixes, e gordura extraída deles.</p> <p>Permanecemos, porém, nesta aldeia por três dias, e depois retornamos novamente ao acampamento tendo deixado ali 100 dos nossos para que pescassem com as redes dos indígenas para o sustento de nosso povo, quando os rios dali abundassem em peixe.</p> <p>Era oferecido, por outro lado, para cada um, um quarto de farinha para o sustento por dia e no terceiro dia um peixe para quem quisesse. Este pescado durava dois meses, quem realmente desejasse mais peixes, era obrigado a trazê-los para si percorrendo quatro milhas.</p>
--	---	---

¹⁵ Só a referência a este animal, a marta, no latim medieval. Talvez um animal não catalogado pelos antigos romanos (conf. Du Cange)

<p>Quando voltamos a nosso real, dividiram as pessoas segundo suas habilidades para a guerra e para o trabalho, e se construiu uma cidade com uma defesa de terraplanagem de meia vara de altura e 03 pés de largura, assim como uma casa forte para nosso capitão dentro dela. Entretanto o que se levantava hoje, se derrubava amanhã, pois as pessoas não tinham nada para comer, padeciam grande escassez e morriam de fome. Nem sequer os cavalos puderam remediá-la. Era tanta a pobreza e a fome que não havia ratazanas, ratos, serpentes nem outros bichos imundos para aplacar a fome tão grande e infame. Não restaram nem sapatos nem couro algum, tudo se comia.</p>	<p>Postquam ad castra reversi eramus, partitio populi facta est, separatis illis qui ad arma sumenda apti erant, ab illis qui ad labores alios sustinendos erant magis idonei.</p> <p>Quo facto civitatem condere coepimus cingentes eam muro luteo dimidiam hastam alto & tres pedes lato in civitate ista arcẽ seu propugnaculum benè munitum extruximus in gratiam Ducis nostri. Verum opus non procedebat satis feliciter, cum enim populus non haberet unde sese sustentaret & famem pelleret, accidit ut multis, fame pereuntibus, multipliciter opus illud impediretur. Tandem autem ingens exorta est inter nos calamitas. Nam & equis absumtis mures & serpentes inquisivimus, quin & calceos, corium & alia à quibus natura abhorret prae nimia fame comedimus.</p>	<p>Depois que regressamos para o acampamento, foi feita a divisão do povo, separados aqueles que eram aptos para pegar em armas, do que daqueles que eram mais apropriados para estarem encarregados de outros trabalhos.</p> <p>Isto feito, começamos a fundar uma cidade fortificando-a com muralha feita de barro de meia lança de altura e três pés de largura. Nesta cidade construímos uma cidadela, ou melhor, uma defesa bem protegida sob o reconhecimento de nosso Comandante. Ao mesmo tempo, a obra não procedia com sucesso suficiente, com efeito, quando o povo não tinha de onde se sustentar e lutava contra a fome, aconteceu que aquela obra foi obstruída de muitas maneiras pelos muitos que pereciam de fome. Finalmente, porém, surgiu uma grande calamidade entre nós. Realmente, tendo perecido os cavalos, procuramos ratos e serpentes, de fato, diante de tamanha fome, comemos sapatos, couro e outras coisas das quais por natureza se afasta com horror.</p>
<p>E aconteceu que 03 espanhóis roubaram um cavalo e o comeram. O fato foi descoberto e os prenderam e, submetidos à tortura, confessaram, e foram condenados e enforcados. Aquela mesma noite, outros 03 espanhóis se juntaram e foram ao cadafalso onde estavam os enforcados, cortaram as cordas e outros grandes pedaços de carne os</p>	<p>Cap. IV – Tres quidam Hispani equum surreptum clam comederant, quod cum aliquo modo innotuisset, criminaliter isti examinati sunt, donec rem omnem confiterentur. Facta autem confessione ad supplicium patibuli condemnati sunt & suspensi. Sequenti nocte tres alij¹⁶ Hispani patibulum accedentes, crura suspensis</p>	<p>Cap. IV – Três certos espanhóis tinham comido às escondidas um cavalo roubado, quando isto se tornou conhecido de algum modo, estes (três) foram examinados criminalmente até que confessassem a coisa toda. No entanto, tendo sido feita a confissão foram condenados ao castigo de força e suspensos. Na noite seguinte, três outros</p>

¹⁶ Trata-se de outra conveção tipográfica do texto é o II final aparecer como IJ.

<p>levaram para matar a fome incontida. Assim, ouvi também um espanhol que pela fome grandíssima comeu a seu irmão morto na cidade de Buenos Aires.</p>	<p>amputarunt, & carnis aliquot frustra ad depellendam famem secum domum portarunt. Quin & fratrem suum Hispanus aliquis comedit, qui mortuus erat in civitate BONAS AEIERES.</p>	<p>espanhóis que subiram na forca, cortaram as pernas dos suspensos, e levaram consigo para casa alguma quantidade de carne para afastar a fome sem sucesso. De fato, algum outro espanhol comeu seu irmão que tinha morrido na cidade de BONAS AEIERES.</p>
<p>Capítulo 10 – De como alguns navegaram o rio Paraná ou o rio da Prata acima.</p>		
<p>Quando nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza viu que neste lugar as pessoas não podiam manter-se por mais tempo, mandou que se aprontassem 04 barcos pequenos chamados bergantins, que se movem com remos, para 40 homens cada um, além de outras 03 embarcações que chamam botes. Uma vê construída e preparadas as 07 embarcações, nosso capitão geral mandou juntar as pessoas e enviou a Jorge Luján com 350 homens armados a subir as águas do Paraná, e procurar os índios, para que conseguíssemos comida e provisões.</p>	<p>Videns igitur Dux noster PETRUS MANCHOSSA, sediutius populum ibi sustentare non posse communicato cum aliis consilio, praecepit, quatuor naviculas, quas PARCHKADIENES vocât, summa celeritate parari, tantae capacitatis ut 40 viros quaelibet recipere posset, & tres alias paulo minores, quas PODELL vel PATT nominant, illis adiungi. Cum naves hae septem paratae essent & instructae, convocatis nobis omnibus misit Dux noster GEORGIUM LAVCHSTEIN unâ cum 350 armatis, ut in flumine PARANAV Indos investigarêt, & cibum nostris afferrent.</p>	<p>Vendo, portanto, nosso comandante PETRUS MANCHOSSA que a população ali não podia se sustentar por mais tempo, depois de ter compartilhado a sugestão com outros, ordenou que fossem preparados quatro pequenos barcos, que se chamam PARCHKADIENES, com a máxima rapidez, de tanta capacidade como possa receber 40 homens cada um, e que fossem conectados a eles três outros um pouco menores, os quais se chamam PODELL ou PATT. Quando foram preparados e construídos estes sete navios, tendo sido convocados todos nós, nosso comandante enviou GEORGIUM LAVCHSTEIN junto com 350 homens armados, para que rastreassem os índios no rio PARANAV e trouxessem alimento a nós. Mas os índios, percebendo isso, destruíram toda a comida, tendo arruinado com fogo as aldeias que habitavam. Com toda certeza tramavam a fuga entre si. Como nós tínhamos um pouco de comida, por dia cada um recebia não mais que um pouco de pão. Nesta navegação meia parte do povo</p>
<p>Entretanto, quando os índios nos avistaram, não puderam nos fazer maior velhacaria que queimar e destruir os víveres e provisões, assim como seus povoados, e fugir, para que não achássemos nada de comer. Por isso nos deram somente 03 onças de pão por dia, de modo que a metade das pessoas morreu de fome nesta jornada, e tivemos</p>	<p>Sed Indi¹⁷ hoc animaduertentes omnem cibum corruperunt, pagis quibus habitabant igne eversis. Ipsi vero fuga sibi consulebant. Nos autem cum parum cibi haberemus, in diem enim quilibet non amplius quam sescunciam panis accipiebat, mortua est in ista navigatione dimidia populi pars, reliqua ad castrum ubi Dux noster erat, reversa</p>	

¹⁷ Às vezes a palavra que designa os indígenas é grafada como INDI e às vezes como INDIANI. Sendo assim, optou-se pela tradução ÍNDIOS no primeiro caso e INDÍGENAS no segundo.

<p>que voltar ao lugar onde se encontrava nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza. Este se admirou de ver regressar tão pouca gente depois de transcorridos somente 05 meses, e pediu a nosso capitão Jorge Luján que lhe explicasse o motivo de haver desistido da tarefa; ao que lhe disse que os que ficaram haviam morrido de fome, e que os índios, como já se disse, haviam queimado todos os alimentos, e fugido.</p> <p>Capítulo 11 – De como a cidade de Buenos Aires foi assediada, atacada e queimada pelos índios</p> <p>Depois do ocorrido permanecemos ainda um mês na cidade de Buenos Aires com grande necessidade, esperando que se aprontassem os barcos. Nisso, no ano de 1535, os índios nos atacaram com grandes forças, com cerca de 23000 de quatro nações diferentes: querandis, bartenis, charruas e timbus. Sua intenção e propósito era matar-nos a todos, mas, louvado seja Deus Todo Poderoso que quis salvar a maioria de nós, pois entre capitães, alferes e os demais soldados não pereceram senão 30 homens.</p>	<p>est. Interrogabat igitur PETRUS MANCHOSSA, dictum GEORGIUM LAVCHSTEIN quomodo navigatio ista cessisset, & qui factum¹⁸, quod tam exigua populi pars rediret, cum tamen quinque tantum menses emansissent, cui respondit GEORGIUM LAVCHSTEIN, populum fame periisse, cum Indiani cibum omnem igne, perdidissent & fugissent.</p> <p>Mensem igitur unum adhuc in civitate BONAS AEIERES substitimus, magna in paupertate, donec naves rursus instruerentur. Interea Indiani magna vi & copia nos adoriuntur¹⁹ in civitate nostra BONAS AEIERES, quorum numerus erat 23000, & in his quatuor nationes erant, quas vocamus CARENDIES, ZECHVRIAS, ZECHVAS, & DIEMBUS. Horum mens erat nos ad unum omnes interficere, sed Deus tamen Opt. Max.²⁰ maximā partem conservavit, cui sit laus & gloria seculis infinitis. A nostra enim parte, 30 tantum personae ceciderunt.</p>	<p>morreu, a parte restante voltou para onde nosso comandante estava. Portanto, PETRUS MANCHOSSA interrogou o dito GEORGIUM LAVCHSTEIN como essa navegação cessou, e o que foi feito que tão exígua parte do povo voltou, mesmo que tenham ficado ausentes apenas cinco meses, o que respondeu GEORGIUM LAVCHSTEIN que o povo morreu de fome quando os indígenas destruíram todo o alimento pelo fogo e fugiram.</p> <p>Portanto permanecemos ainda um mês na cidade de Buenos Aires, em grande pobreza, até enquanto as naves eram construídas novamente. Enquanto isso, os indígenas com grande força e abundância nos atacam na nossa cidade de Buenos Aires, cujo número era 23000, e estes eram quatro nações CARENDIES, ZECHVRIAS, ZECHVAS, e DIEMBUS. A intenção deles era matar-nos todos um a um, mas apesar disso Deus Todo Poderoso conservou a maior parte, ao qual seja louvor e glória por infinitos séculos. Pois de nossa parte, apenas 30 pessoas pereceram.</p>

¹⁸ Neste caso aconteceu a supressão do verbo ESSE em sua forma SIT.

¹⁹ O verbo se encontra no presente do indicativo, mas com o significado de pretérito. Prova disso é que a seguir é usada a forma *erat*.

²⁰ Optou-se pela tradução da expressão *Opt.Max.* como “todo poderoso”.

<p>Quando vieram sobre nossa cidade de Buenos Aires, uns a assaltaram, e outros lançaram flechas incendiarias sobre as casas, as quais, cobertas de palhas, arderam, com exceção a do capitão geral que foi a única coberta de telhas. Assim queimaram nossa cidade com todas as casas. As flechas dos índios são de cana, e eles acendem o fogo na ponta antes de dispará-las. Também conhecem uma madeira da que fazem flechas que, acesas e disparadas, não se apagam, senão que pões fogo nas casas cobertas de palha e a tudo o que alcançam.</p> <p>Da mesma maneira, os índios, em um ataque, nos queimaram quatro naves grandes que estavam ancoradas no mar a meia légua de distância. As pessoas nestas naves, vendo o grande tumulto de índios, fugiram a outros três barcos que não estavam muito longe, os quais estavam equipados de canhões, e como vieram arder as quatro naves queimadas pelos índios, repeliram o ataque disparando a artilharia sobre os mesmos. Quando estes se deram conta da artilharia se retiraram deixando em paz os cristãos. E isso aconteceu no dia de São João do ano 1535.</p>	<p>Cap. V – Cum ad civitatem BONAS AIERES primo venissent, quidam muros²¹ concutere & conscendere visunt, quidam ignita tela in civitatem miserunt, quibus aedifica nostra succensa sunt, erant enim omnia stramine contacta, exceptis Ducis nostri aedibus, quae tegulis erant contactae, itaq; civitatem nostram funditus delerunt. Tela autem eorum ex arundine facta erant, quae in extremitatibus accendebantur.</p> <p>Habent etiam peculiare aliquod lignum, ex quo tela parare solent, quae si accensa emittantur, non extinguuntur, sed quicquid corripunt, maximē si stramineum id sit, simul accendunt.</p> <p>Quin & naves quatuor tum exurebantur, quae in mari, ad dimidium miliare à nobis aberant. Populus autē qui in navibus istis erat, cum tormentis & armis destitueretur, tumultum q;²² hunc Indianorum videret, relictis hisce quatuor navibus, in alias tres non procul ab istis sitas, <u>confugit</u>, in quibus bombardae²³ & alia instrumenta bellica continebantur.</p>	<p>Cap. V – Quando vieram pela primeira vez à cidade de Buenos Aires, alguns foram vistos abalando e escalando os muros, alguns atiravam flechas com fogo para a cidade, pelas quais nossas edificações foram incendiadas, pois eram todas cobertas de palha, exceto a casa de nosso comandante, a qual era coberta com telhas, desta forma, destruíram a nossa cidade até o chão. As flechas deles, porém, eram feitas de cana (caniço), que eram acesas nas pontas. Eles têm ainda alguma madeira peculiar, a partir da qual estavam acostumados a preparar as flechas, que quando são lançadas acesas, não se apagam, mas qualquer coisa que atingem, especialmente se estas forem de palha, acendem da mesma forma. De fato, queimavam, naquele momento, 04 navios, os quais estavam no mar distantes de nós meia milha. O povo, porém, que estava nestes navios, quando deixou canhões e armas, e viu este tumulto dos índios, tendo deixado esses 04 navios, refugiou-se nos outros 03 posicionados não longe destes nos quais <u>continha</u> canhões e outros instrumentos bélicos.</p> <p>Quando, portanto, os cristãos viram os navios serem acesos pelos indígenas, foram lançados</p>
--	--	--

²¹ Pelo contexto histórico da época é possível inferir que não se tratava de uma muralha de pedra, mas apenas de uma cerca de grandes dimensões.

²² Abreviatura de –QUE = conjunção enclítica. Observe-se que outras palavras no texto também serão abreviadas com o uso de (;), como, por exemplo, *itaq;* → *itaque/ utroq;* → *utroque/ dieq;* → *dieque/ cumq;* → *cumque*.

²³ Observe-se que Du Cange registra tanto *tormentis* quanto *bombardae* como canhões. É preciso destacar que, em outros momentos do texto, o autor parece utilizar tormenta para designar, de modo geral, qualquer arma de fogo. Já “bombarda”, em português, é registrada como peça de artilharia da Idade Média, uma máquina de guerra que arremessava, por meio de cordas e molas, grandes pedras e também pode ser encontrado em português como “bombardeta”, que seria uma bombardarda pequena. Porém, devido ao contexto, é de se duvidar que o autor falasse de um canhão de guerra como na Idade Média.

	<p>Cum igitur viderent Christiani naves ab Indianis esse accensas, emiserunt in eos tormenta ista & instrumenta bellica.</p> <p>Hoc audientes & videntes Indiani, statim in fugam versi sunt, Christianis relictis. Haec omnia acciderunt festo S.loannis die Ano 1535.</p>	<p>contra eles esses canhões e os instrumentos bélicos.</p> <p>Os índios ouvindo e vendo isso, bateram em retirada, tendo deixado os cristãos. Todas estas coisas aconteceram no dia de São João no ano de 1535.</p>
<p>Capítulo 12 – Faz-se uma inspeção e se constroem barcos para seguir adiante</p> <p>Quando havia passado tudo, mandou-se embarcar as pessoas, e nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza confiou-a, assim como o comando, a Juan de Ayolas, nomeando-lhe nosso capitão geral.</p> <p>Este fez uma inspeção e constatou que dos 2500 homens que haviam saído da Espanha, somente restaram com vida 560 tendo morrido os demais, na maioria deles de fome.</p> <p>Interinamente, nosso capitão general Juan de Ayolas fez construir oito bergantins e botes, embarcou com 400 homens dos 560 que haviam restado. Os outros 160 os deixou nos 04 barcos para custodiá-los, deixando como capitão a Juan Romero. Entregou-lhes além de provisões para um ano, devendo-se dar a cada um dos soldados</p>	<p>Cap. VI – Hisce peractis omnibus, populus naves rursus conscendere iussus est, et PETRUS quidem MANCHOSSA Dux noster, recturam & gubernationem populi universam IOHANNI EIIOLLAS commisit, eum q; Ducem nobis suo loco constituit.</p> <p>EIIOLLAS igitur, cum populum exploraret, de 2500 armatis tantum 560 adhuc superstites reperit, caeteri fame & aliis miseriis extincti erant, quibus Deus propitius esse velit.</p> <p>Postmodum novus noster Dux IOHANNES EIIOLLAS octo naviculas, quas PARCHKADIENES & PODELLES vocant parari iussit, assumpsitque 400 viros de hisce 560, reliquis 160 viris in navibus relictis, ut eas custodirēt, quibus etiam centurionem²⁴ constituit IOANNEM ROMERO, & de cibo in annum necessario prospexit, ita ut quilibet in diem panis vel farinae trientem</p>	<p>Cap. VI – Concluído tudo isto, foi ordenado que o povo embarcasse novamente nos navios, e de fato nosso comandante PETRUS MANCHOSSA confiou a IOHANNI EIIOLLAS todo o comando e o governo do povo e o estabeleceu como comandante para nós em seu lugar.</p> <p>Então EIIOLLAS, quando observou o povo, descobriu que de 2500 soldados apenas 560 ainda sobreviventes, os demais tinham sido extintos pela fome e por outras misérias, com os quais Deus queira ser benévolo.</p> <p>Em seguida nosso novo comandante IOHANNES EIIOLLAS ordenou que fossem preparados 08 pequenos barcos, que chamam PARCHKADIENES e PODELLES, e tomou 400 homens destes 560, tendo deixado os 160 homens restantes nos navios, a fim de protegê-los, para os quais, além disso, constituiu centurião IOANNEM ROMERO, e</p>

²⁴ A solução encontrada pelo autor foi usar CENTURIÃO, mas não tem o mesmo sentido da antiguidade (comandar 100 homens). Neste caso, pelo contexto, pode-se inferir que o sentido é apenas de CAPITÃO.

<p>08 onças de pão por dia, prevenindo ao que quisesse mais que se o buscasse por sua conta.</p>	<p>acciperet, qui vero plus desideraret, id aliunde peteret.</p>	<p>forneceu alimento necessário para o ano, de modo que cada um recebesse por dia um terço de pão ou de farinha, quem realmente desejasse mais, que procurasse de outro lugar.</p>
<p>Capítulo 13 – De como remontaram o rio Paraná ou rio da Prata com 400 homens</p>	<p>His ita constitutis, coepit loannes Eijollas cum 400 suis armatis, fluvium PARANAV de novo perlustrare, assumpto simul etiam generali nostro Duce PETRO MANCHOSSA, & spacio duorum mensium in regionem Indiae miliaria 84 latam peruenimus. Huius regionis incolae TYEMBUS vocantur, in utroq; nasi latere exiguum stellulam gestant, ex albis & caeruleis lapillis factam, homines sunt proceri & robusto corpore, mulieres admodum deformes habent, <i>non vetulas solum sed & iuenculas facie enim laceratae sunt & sanguine semper foedat</i>.²⁵</p>	<p>Tendo sido constituídas as coisas desta forma, loannes Eijollas começou com seus 400 soldados, a percorrer de novo o rio PARANAV, tendo também acrescentado juntamente o nosso comandante geral PETRO MANCHOSSA, e no espaço de dois meses chegamos em uma região da Índia distante 84 milhas. Os habitantes dessa região são chamados de TYEMBUS, eles usam uma pequena estrelinha em cada um dos lados do nariz, feita de pedrinhas brancas e azul celeste, os homens são de corpo alto e robusto, (os homens) tem mulheres muito disformes, não apenas as velhinhas, mas também as juvenzinhas de fato são de rosto dilacerado e sempre sujo de sangue. Eles não consomem outro alimento por toda vida além de peixes e carne. Diz-se que são de número 15000 nesta nação. Quando os mesmos nos viram aproximando, correram pacificamente ao nosso encontro por 04 milhas com 400 pequenos navios, que chamam CANAEN e ZILLEN, cada uma das quais tinham 16 homens.</p>
<p>Embarcados nos bergantins e botes, Juan de Ayolas, nosso alferes e os 400 homens, entre eles nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza, remontamos as águas do Paraná, até que encontramos uns povos de índios, depois de 02 meses de nossa saída de Buenos Aires, a 84 léguas desta cidade. Quando faltavam 04 léguas para chegar a estes povoados, que se chamam timbus, e nós Boa Esperança, vieram pacificamente a nosso encontro numas canoas (pois vivem em uma ilha), nas quais cabiam 16 pessoas em cada uma delas, não havendo perigo algum, já que nós éramos 400 homens. Ao nos encontrar no meio do rio, nosso capitão Juan de Ayolas presenteou ao cacique dos índios, ao que chamam Zehera-Guazú, com uma camisa, um gorro vermelho, um machado e outras coisinhas. A seguir o dito Zehera-Guazú nos conduziu a seu povoado e nos deu de comer peixe e carne em abundância, que recebemos com grande satisfação, porque, se a viagem durasse 10 dias a mais, teríamos morrido de fome, como nesta parte do caminho havia acontecido com 50 dos 400 homens.</p>	<p>Cibo per omnē vitam alio nō utuntur quam piscibus & carne, numero 15000 esse in hac natione dicuntur. Cum ipsi nos adventātes vidissent, per quatuor miliaria nobis pacificè occurrerunt naviculis 400, quas CANAEN & ZILLEN vocant, quaelibet 16 viros habebat.</p>	

²⁵ Esta construção sintática está gramaticalmente incorreta. Não é possível encontrar um sujeito, ou seja, nominativo, para o verbo. Dá-se a entender que o sujeito do verbo está no acusativo.

<p>Estes povos dos timbus levam em ambos os lados do nariz uma estrelinha de pedras brancas e azuis. São altos e bem parecidos. Entretanto, as mulheres, jovens e velhas, são feias e tem a cara arranhada e sempre ensanguentada. Cobrem-se com um pequeno pano de algodão desde a cintura até os joelhos. Não comem nem tiveram jamais outra comida senão peixe e carne. Seriam uns 15000 indivíduos ou mais.</p> <p>As canoas que utilizam fabricam do tronco de uma árvore que tem 80 pés de comprimento e 03 de largura, e as movem com remos, como movem na Alemanha os pescadores suas barcas, só que seus remos não estão encaixados com ferros.</p>	<p>Hae naviculae vel ZILLEN ex arboribus factae sunt, 80 pedes longae & tres latae, remis in aqua propelluntur quemadmodū piscatorū scaphae in Germania, praeterq²⁶ quod remi ferre²⁷ obducti non sunt.</p>	<p>Estes pequenos navios ou ZILLEN são feitos de árvores, 80 pés de comprimento e três de largura, eles avançam por remos na água do mesmo modo que botes de pescadores na Germania (Alemanha), exceto que os remos não são presos com ferro.</p>
	<p>Cap. VII – Navibus ab utraque parte coniunctis, Dux noster IOANNES EIIOLLAS, supremo istorum THYEMBUS, quem ZECHEA VV ASSV vocant, indusium <u>dono dedit</u>²⁸, itemq; rubrum pileum, bombardam²⁹ & eiusmodi res alias, qui nos acceptos³⁰ in pagum secum deduxit, & satis cibi ex piscibus & carne nobis suppeditavit.</p>	<p>Cap. VII – Tendo sido conectados os navios em ambos os lados, o nosso comandante IOANNES EIIOLLAS, deu como presente ao (chefe) supremo desses THYEMBUS, a quem chamam ZECHEA VV ASSV, uma vestimenta, e também um (chapéu) gorro vermelho, canhão e outras coisas desse tipo, ele nos conduziu consigo para a aldeia e nos recebeu e nos supriu suficientemente de alimentos em peixes e carnes.</p>

²⁶ *Praeterquam*, ou seja, exceto.

²⁷ Possível erro do autor. *Se ferro* é uma palavra de segunda declinação (*ferrum, -i*), seu ablativo singular deveria ser terminado em –O (*ferro*) e não terminado em –E. Observe-se que não há outra possibilidade de tradução.

²⁸ Segundo o dicionário Oxford, expressão *dono dare*.

²⁹ Embora Du Cange registre *bombarda, -ae* como **canhão**, optou-se pela tradução como **machado** devido ao contexto.

³⁰ A expressão *nos acceptos* foi traduzida para o português como **nos recebeu** na falta de uma estrutura sintática na língua portuguesa que correspondesse melhor à estrutura latina.

<p style="text-align: center;">Capítulo 14 – Don Pedro de Mendoza volta à Espanha, mas morre no caminho</p> <p>No dito povoado permanecemos 04 anos. Nosso capitão geral Don Pedro de Mendoza, que padecia de toda classe de doenças, não podendo mover nem os pés nem as mãos, e havendo gastado já 40 mil ducados nesta jornada, não quis continuar por mais tempo conosco. Com 02 bergantins regressou a Buenos Aires, onde estavam os 04 barcos grandes, dos quais pegou 02 com 50 homens e partiu para a Espanha. Na metade do caminho, entretanto, morreu triste e miseravelmente.</p> <p>Antes de partir havia combinado de enviar duas naves ao Rio da Prata, tão logo que ele ou as naves chegassem à Espanha, o qual mandou fielmente em seu testamento, e assim se fez.</p> <p>Havendo chegado as duas naves à Espanha, e informado o Conselho de Sua Cesárea Majestade, enviaram prontamente outras duas naves ao Rio</p>	<p>Erant tum res nostrae in extremum ferè adductae discrimen, ita ut si navigatio ista adhuc 10 dies durasset, omnib³¹. fame pereundum fuisset, nam & in hoc itinere de 400 istis, 50 mortui erant, sed Deus hoc periculum clementer tum avertit, cui sit honos & gloria.</p> <p>In hoc pago cōmorati sumus quatuor annis, sed Dux noster generalis PETRUS MANCHOSSA q propter varios cōtinuosq; morbos, manus pedesq; <i>loco movere</i>³² amplius non poterat, & in hac navigatione 40000 coronatos³³ consumpserat, non poterat diutius in hoc pago sese continere, rediit igitur cum duabus PARCHAKADIENES in BONAS AEIERES, ad superstites quatuor naves ibi relictas, ubi acceptis duabus navibus, & 50 viris Hispaniam repetere constituit, sed cum in medio ferè esset itinere, morbo graviori correptus, miserè periit, cui Deus quietem aeternam largiatur.</p> <p>Promittebat autem cum discedere vellet, <i>quam primum</i>³⁴ vel ipse vel naves Hispaniam advenirent, duas alias naves RIO DELLA PLATA Indiae missum</p>	<p>Naquele momento nossas posses estavam quase sendo levadas ao extremo perigo, de modo que se esta navegação durasse ainda 10 dias, tudo seria arruinado pela fome, pois, nesta viagem destes 400, 50 estavam mortos, mas Deus, naquele momento, misericordiosamente afastou este perigo, a Ele seja honra e glória.</p> <p>Nesta aldeia ficamos por quatro anos, mas nosso comandante geral PETRUS MANCHOSSA que por causa de várias e contínuas doenças, não podia mover mãos e pés por muito tempo e nesta viagem tinha gasto 40000 coronatos, ele não podia por mais tempo se manter nesta aldeia, ele voltou, portanto, com duas PARCHAKADIENES para BONAS AEIERES, para os 04 navios restantes ali abandonados nesse lugar, onde tendo sido recebidos 02 navios e 50 homens, ordenou para retornar à Espanha, mas quando estava quase no meio da viagem, tomado por uma doença mais grave, morreu miseravelmente, a quem Deus conceda descanso eterno.</p> <p>Ele prometeu, no entanto, quando desejou partir, que o mais breve possível quando ele mesmo ou navios chegassem à Espanha, enviaria dois outros</p>
--	--	--

³¹ Possível erro. A única possibilidade de tradução (tudo seria arruinado pela fome) seria com a palavra *omnib.(omnibus)* como sujeito e esta encontra-se no ablativo ou dativo plural, por ser uma palavra de terceira declinação, e não no nominativo.

³² Segundo Dicionário Oxford, expressão idiomática do latim clássico – locomover.

³³ Segundo Du Cange, trata-se da moeda, do dinheiro da época que por ser contemporâneo a Utz não está no dicionário de latim clássico. Du Cange fala que é uma moeda de ouro do Duque de Borgonha e do Conde de Flandres.

³⁴ Segundo Dicionário Oxford, uma expressão idiomática que significa: **que o mais breve possível.**

<p>da Prata, com gente, provisões, mercadorias e tudo o demais.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 15 – Alonso de Cabrera é enviado da Espanha ao Rio da Prata</p> <p>la como capitão das duas naves Alonso Cabrera, que trazia 200 espanhóis e provisões para 02 anos. Chegou a Buenos Aires no ano de 1539, onde ainda permaneciam os 160 homens e os 02 barcos que havíamos deixado ali. Quando o capitão Alonso Cabrera subiu a ilha dos timbus para encontrar-se com o nosso capitão Juan de Ayolas, decidiram despachar a uma das naves a Espanha, de acordo com a ordem do Conselho de Sua Cesárea Majestade e dar-lhes relatório preciso desta terra, povos e outras circunstâncias.</p> <p>Seguidamente, Juan de Ayolas, nosso capitão geral, consultou a Alonso Cabrera, Domingo Martínez de Irala e outros capitães, e resolveram fazer uma inspeção. A seu término averiguaram que entre nós e os que acabavam de chegar da Espanha havia 550.</p>	<p>iri, quod etiam testamento suo fideliter cavit, & ita factum est.</p> <p>Cum enim duae istae naves Hispaniam advenissent idque Regiae Maiestatis consiliariis significatum esset, statim ipsi, Regiae Maiestatis nomine, procurarunt, ut duae naves aliae omnibus necessariis rebus munitae RIO DELLA PLATA Indiae mitterentur.</p> <p>Capitaneus harum duarum navium vocabatur ALVANZO GABRETO qui adducebat secū 200 Hispanos, & victum ad duos annos sufficientem, venitque in civitatem BONAS AIERES ad superstites duas naves, unā cum 160 viris, Anno 1539.</p> <p>Cum autem Capitaneus hic ALVANZO GABRETO in insulam THYEMBUS, ad Ducem nostrum IOANNEM EIIOLLAS venisset, statim navis alia, in Hispaniam remissa est de mandato & voluntate consiliariorum Regie Maiestatis, ut rebus omnibus & de conditione regionis istius ipsi edocerentur.</p> <p>Postea habito cum hoc ALVANZO GABRETO & MARTINO DOMINGO EIIOLLAS aliisq; Capitaneis consilio, statuit Dux noster IOANNES EIIOLLAS populum explorare, reperti sunt autem ex nostris & iis qui nuper ex Hispania advenerant 550 viri.</p>	<p>navios ao RIO DELLA PLATA da Índia, o que ainda garantiu fielmente em seu testamento e assim foi feito.</p> <p>De fato quando estes 02 navios chegaram à Espanha e isso foi anunciado para os conselheiros da Real Majestade, os mesmos imediatamente, em nome da Real Majestade, providenciaram para que 02 outros navios, munidos com todas as coisas necessárias, fossem enviados ao RIO DELLA PLATA da Índia.</p> <p>O capitão dos dois navios era chamado ALVANZO GABRETO que levava consigo 200 espanhóis e alimento suficiente para dois anos, e chegou na cidade de Buenos Aires para os dois navios restantes juntamente com 160 homens, no ano de 1539.</p> <p>No entanto, quando este capitão ALVANZO GABRETO foi à ilha dos THYEMBUS, ao nosso comandante IOANNEM EIIOLLAS, imediatamente um outro navio foi enviado novamente à Espanha por ordem e vontade dos conselheiros da Real Majestade, a fim de que os mesmos fossem instruídos sobre todas as coisas e condição desta região.</p> <p>Em seguida tendo tido uma deliberação com este ALVANZO GABRETO e MARTINO DOMINGO EIIOLLAS e outros capitães, nosso comandante IOANNES EIIOLLAS decidiu inspecionar o povo, foram encontrados, no entanto, entre nós e aqueles que vieram da Espanha recentemente 550 homens.</p>
--	---	---

<p>Destes, tomaram 400, deixando 150 com os timbus, porque no havia embarcações suficientes para levá-los, e deixaram como capitão a Carlos Dubrin que havia sido pajem de Sua Cesárea Majestade.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 16 – Prossegue a navegação remontando o Paraná em direção aos curendas</p> <p>Conforme o decidido pelos capitães, seguimos os 400 homens Paraná acima, com 08 bergantins, buscando outra corrente que pelo que dizem, de chama Paraguai, às margens do qual vivem os cários, porque estes tinham milho, frutas, e raízes das quais faziam vinho, assim como muito peixe, carnes e ovelhas tão grandes como mulas e também cervos, porcos, avestruzes, galinhas e gansos, como se dirá no capítulo 20.</p>	<p>Itaque 400 ex his sibi adiunxerunt, reliquis 150 in THYEMBUS relictis, propter defectum navium. His addebant centurionem qui eos gubernaret³⁵, nomine CAROLUS DOBERIM, qui ante haec tempora cubicularius Regiae Maiestatis fuerat.</p> <p>His ita peractis, Duces isti, cum 400 armatis, octo naviculis PARCHKADIENES, fluvium PARANAV rursus ingressi sunt, & alium fluvium quaesiverunt, quem vocant PARABOE, cui adhabitant³⁶ CARIOS populi, apud quos triticum turcicum invenitur, & radix nomine MANDEOCHADE, cum aliis multis, ut sunt PADADES, MANDEOCH PARPIE, MANDEOCH MANDAPORE, & c. Radix PADADES pomum repraesentat forma & sapore, Radix MANDEOCH PARPIE castanearum saporem habet. Ex radice vero MANDEPORE vinum conficitur, quod Indiani bibunt. Hi CARIOS abundant piscibus & carne, habent etiam oves mulorum nostratium magnitudinem equantes³⁷. Quin & apros & struthios aliasque feras permultas habent, nec non gallinarum & anserum copiam maximam.</p>	<p>Assim 400 destes se juntaram, tendo deixado os 150 restantes com os THYEMBUS, por causa da falta de navios. Estes se juntaram ao centurião que os comandaria, de nome CAROLUS DOBERIM, que antes destes tempos tinha sido criado de quarto (camareiro) de Real Majestade.</p> <p>Assim concluídas estas coisas, estes comandantes, com 400 soldados, 08 pequenos navios PARCHKADIENES, entraram novamente no rio PARANAV e procuraram outro rio, que chamam PARABOE, ao qual moram perto o povo CARIOS, junto dos quais é encontrado trigo turco, e uma raiz de nome MANDEOCHADE, com muitas outras, como PADADES, MANDEOCH PARPIE, MANDEOCH MANDAPORE, e etc. a raiz PADADES se parece um fruto em forma e sabor, a raiz MANDEOCH PARPIE tem o sabor de castanhas. De fato, dessa raiz MANDEPORE é preparado o vinho, que os indígenas bebem. Estes CARIOS têm abundância de peixes e carnes, <i>têm também ovelhas equivalentes em tamanho às mulas de nosso país</i>³⁹. E, de fato, (eles) têm javalis e avestruzes e</p>
--	--	--

³⁵ Também poderia ser traduzido por **pilotaria o navio**, já que o verbo latino *gubernare* tem os sentidos de governar, comandar ou pilotar um navio.

³⁶ Segundo Du Cange, o verbo latino *adhabitare* significa morar perto, morar ao lado.

³⁷ O **e caudata** ("e atados", do latim : *cauda* "cauda") é uma forma modificada da letra *E*, que pode ser representado graficamente como *E* com ogonek (**ê**), mas tem uma história distinta de uso. Foi utilizado em latim já a partir do século IX para representar a vogal também escrito *ae* ou *æ*. http://en.wikipedia.org/wiki/E_caudata acesso em 02/07 11h57m

³⁹ A descrição quase poética que o autor faz é de um camelídeo sul-americano, provavelmente a lhama ou alpaca.

<p>Assim fomos dos índios da <i>Buena Esperanza</i>, com 08 bergantins, fazendo 04 léguas o primeiro dia, e chegamos a um povoado de índios chamados curendas que se mantêm de peixe e carnes. São uns 12 mil homens aguerridos que tinham uma infinidade de canoas. Parecem com os timbus, com pedrinhas nos narizes. Os homens são bem parecidos, mas as mulheres, moças e velhas, feíssimas, com as caras arranhadas e sempre ensanguentadas.</p> <p>Andam vestidas como as índias timbus, quer dizer, com um pequeno pano de algodão desde a cintura até os joelhos, como se disse antes. Estes índios têm grande abundancia de peles de nutria.</p> <p>Deram-nos peixe, carne e peles em troca de contas de vidro, rosários, peixes, facas e anzóis. Ali permanecemos 02 dias. Logo nos entregaram a 02 cários, cativos seus, para que nos mostrassem o caminho e nos servissem de intérpretes.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 17 – Chegamos aos quiloazas e mocoretás</p>	<p>Solventes itaque à portu BONESPERANSO cum dictis nostris octo PARCHKADIENES navibus, primo die quatuor miliaria conficientes venimus ad populum CVRANDA, carne & piscibus vescentem. Numerus eorum est 12000 virorum idoneorum ad bellum. Populus hic priori per omnia similis est, THYEMBIS nimirum, nam & stellulas in naribus habent & proceri sunt corpore, mulieres habent deformes, omnes tam iuenculas quam vetulas facie lacerata & sanguine semper foedata.</p> <p>Vestimentis etiam iisdem, quibus THYEMBUS utuntur, linteolo nimirum gossypino ab umbilico ad genua dependēte, ut supra dictum.</p> <p>Hi Indiani multis abundant lutrarum pellibus, naviculas etiam multas habent quas CANAEN vel ZILLEN vocant.</p> <p>Cōmunicabant nobiscum pro paupertatula³⁸ sua pisces, carnes & pelles. Nos ipsis contra, vitra, corallia, specula, pectina, cultellos & hamos quibus pisces capiuntur reddidimus. Mansimus apud eos biduum integrum, postea donarunt nobis duos CARIOS qui erant ipsorum captiui, ut iter nobis monstrarent, & in lingua nos iuarent.</p>	<p>muitos outros animais selvagens, mas não muita abundância de galinhas e gansos.</p> <p>Deste modo partindo do porto de BONESPERANSO com nossos 08 pequenos navios ditos PARCHKADIENES, no primeiro dia, tendo feito 04 milhas, chegamos ao povo CVRANDA, e que se alimentam com carne e peixes. Era 12000 o número de homens deles apropriados para a guerra. Este povo é semelhante em tudo ao anterior, seguramente aos THYEMBIS, e, de fato, eles têm estrelinhas no nariz e são de corpo alto, têm mulheres feias, todas, tanto as jovens quanto as velhas, de rosto dilacerado e sempre sujo de sangue. Usam também as mesmas vestimentas que as THYEMBUS, sem dúvida um pano de algodão pendente do umbigo aos joelhos, como dito acima.</p> <p>Estes indígenas têm em abundância muitas peles de lontra, também tem muitos pequenos barcos que chamam CANAEN ou ZILLEN.</p> <p>Repartiam conosco, em virtude de sua pobreza, peixes, carnes e peles. Nós mesmos, ao contrário, demos em troca vidros, corais (pedras decorativas), espelhos, pentes, facas e anzóis nos quais peixes são pegos.</p> <p>Ficamos com eles 02 dias inteiros, depois deram para nós 02 CARIOS que eram prisioneiros dos mesmos, para mostrar o caminho, e nos ajudar com a língua.</p>
---	--	--

³⁸ Paupertatula foi usado no latim clássico como o diminutivo de *pauper*, *-eris* (pobrezinha), porém, no latim cristão tardio é usado como sinônimo de pobreza.

<p>Seguimos adiante e chegamos à nação dos quiloças, que são cerca de 40 mil guerreiros, que se sustentam de peixes e de carne, e tem também 02 pedrinhas nos narizes. Falam a mesma língua que os timbus e vivem a 30 léguas da ilha dos curendas, as margens de uma laguna de 06 léguas de comprimento e 04 de largura, na margem esquerda do rio Paraná.</p> <p>Ficamos 04 dias com eles, e compartilhavam conosco o que tinham, igual ao que fizemos com eles também.</p> <p>Logo continuamos 18 dias sem que encontrássemos a nenhum outro povoado. Depois encontramos com uma nova corrente que nos levava terra adentro, e nesta parte achamos a um grande povoado que se chama mocoretá, que não se alimentam de outra coisa senão de peixe e de pouca carne. São uns 18 mil guerreiros, com muitas canoas. Receberam-nos bem sua maneira e nos deram de boa vontade o que tinham. Vivem ao outro lado do Paraná, na margem direita. Falam uma língua diferente, tem pedrinhas nos narizes e são altos e bem parecidos. As mulheres, no entanto, são feíssimas. Vivem a 64 léguas dos quiloazas.</p>	<p>Postmodum perreximus ad populum alium, qui vocatur GVLGAISEN, horum numerus est 40000 fortium virorum, vivunt piscibus & carne, stellulis nares exornant, absunt à CVRANDIS 30 miliaribus, una cum THYEMBUS & CVRANDAS lingua utuntur, in lacu quodam habitant cuius longitudo sex miliarium est latitudo verò quatuor, ad sinistrum latus fluminis PARANAV. Apud hos quatuor dies mansimus, nam & ipsi nobis quod habebant pro paupertatula sua communicabant, & nos vicissim ipsis.</p> <p>Inde profecti toto 18 dierum spacio populum nullum invenimus, postea reperto flumine, in mediam regionem labēte, magnam hominum multitudinem invenimus, quorum numerus excedit 18000 bene armatos.</p> <p>Hi cibum alium quam pisces & parum carnis, non habent, & MACHKVERENDAS vocantur. Conspiciuntur apud eos naviculae CANAEN vel ZILLEN quam plurimae.</p> <p>Pro more suo nos benè exceperunt, communicantes nobiscum quicquid habebāt. Habitant ad alterum, hoc est, dextrum latus fluminis PARANAV, lingua prorsus alia utuntur, stellulas naribus affixas habent, corpore sunt proceri, mulieres habent deformes, absunt à GVLGAISEN 67 miliaribus.</p>	<p>Logo depois prosseguimos para outro povo, que é chamado GVLGAISEN, o número destes vigorosos homens é 40000, vivem com peixes e carne, adornam o nariz com estrelas, estão distantes dos CVRANDIS 30 milhas, usam uma língua como a dos THYEMBUS & CVRANDAS, moram próximo a um certo lago que está, na verdade, 06 milhas de longitude e 04 de latitude, do lado esquerdo do rio PARANAV. Ficamos 04 dias entre eles, e, na verdade, os mesmos repartiam conosco o que tinham da sua pobreza, e nós em compensação fazíamos o mesmo com eles.</p> <p>Desde ali, percorridos todo o espaço em 18 dias não encontramos nenhum outro povo, em seguida tendo encontrado um rio, que flui no meio da região, encontramos uma grande multidão de homens, cujo número excedeu 18000 (homens) bem armados. Eles não têm outro alimento que (não) peixes e pouca carne, e são chamados MACHKVERENDAS. São encontrados juntos a eles um maior número de pequenos barcos CANAEN ou ZILLEN.</p> <p>Como de seu costume nos receberam bem, repartindo conosco o que quer que tivessem. Moravam do outro lado, isto é, do lado direito do rio PARANAV, usam absolutamente outra língua, eles têm estrelinhas fixas nas narinas, são de corpos altos e têm mulheres feias, estão distantes dos GVLGAISEN 67 milhas.</p>
--	---	--

<p>Estando ali 04 dias detidos, descobrimos em terra uma serpente grandíssima e monstruosa que media 25 pés de comprimento e tinha a grossura de um homem, com manchas negras e amarelas. Nós a matamos com um disparo. Os índios que a viram se admiraram, porque não haviam visto nunca nenhuma tão grande.</p> <p>Diziam que esta serpente lhes havia causado grandes danos, pois quando se encontravam banhando-se no rio, havia envolvido com sua calda aos homens, e, afundando-os na água, os havia comido logo, de modo que frequentemente não sabiam aonde tinham ido parar mais de um índio. Eu mesmo medi com muito cuidado o comprimento e a grossuradesta serpente. Os índios a despedaçaram para levá-la a suas choças e comê-la.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 18 – De como chegamos aos zennais salvaisco e mepenes</p> <p>Prosseguimos nossa navegação Paraná acima durante quatro dias e chegamos a uma nação chamada zennais salvaisco, que são pessoas baixas e gordas que não se alimentam senão de carne, peixe e mel. Entre eles os homens, o mesmo que as mulheres, andam nuas como suas mães as trouxeram ao mundo, não havendo nada, nem sequer um fio no corpo para cobrir-se.</p>	<p>Cap. VIII – Cum ibi quatrduum fuisset, invenimus in littore fluminis serpentem ingentis magnitudinis, 25 pedes longum, crassum vero instar alicuius viri, colore nigro e flavo, quem tormētis nostris bellicis interfecimus. Itaq; Indiani valdè mirati sunt, nunquam enim antea serpentē tantae magnitudinis viderant.</p> <p>Hic serpens, ut referebant, Indianis multum damni intulit, lavantes enim in flumine cauda circumvoluit, & secū abductos in aquam, devoravit, plurimos enim periisse affirmabant ut ignotum sit quò devenerint.</p> <p>Ego serpentem hunc diligēter intutus & mensuravi, ut longitudinem & latitudinem eius probè sciam.</p> <p>Hunc serpentem postea Indiani praepararunt in cibum, & carne eius assam elixamque in aedibus suis comederunt.</p> <p>Hinc discedentes in flumine Parana itinere quatuor dierum ad nationem quandam, quae vocatur ZCHEMIAISCH SALNAISCHO, pervenimus, homines sunt breves & crassi, solis piscibus & melle vivunt, nudi omnes, cuius cunque aetatis & sexus sint, incedunt, ita ut etiam nihil habeant quo pudenda tegant.</p>	<p>Cap. VIII – Quando lá estivemos por 04 dias, encontramos na margem do rio uma serpente de enorme tamanho, com 25 pés de comprimento, de fato grossa como um homem, de cor preta e amarela, a qual matamos com nossas armas de guerra. Assim os indígenas ficaram muito admirados, realmente nunca até agora eles nunca tinham visto uma serpente tão grande.</p> <p>Esta serpente, como relataram, causou muito prejuízo aos indígenas, na verdade, ela enrolou a cauda naqueles que se banhavam no rio e os levou para a água consigo, (os) devorou, de fato muitos pereceram, afirmavam que muitos tinham morrido como não sabiam para onde tinham ido. Eu mesmo atentamente olhei e medi esta serpente para saber bem o comprimento e a largura dela. Depois os indígenas prepararam esta serpente como comida e comeram a carne dela assada e cozida em suas casas.</p> <p>Saindo dali pelo caminho do rio Parana em quatro dias chegamos a uma certa nação que chamam ZCHEMIAISCH SALNAISCHO, os homens são baixos e gordos, vivem somente com peixes e mel, caminham todos nus, e qualquer que sejam idade e sexo, assim também não tenham nada que cubra suas partes íntimas.</p>
--	---	--

<p>Este povoado está em guerra com os mocoretás. A carne que comem é de veado, javalis, avestruzes e coelhos que, com exceção do rabo, se parecem aos nossos ratos.</p>	<p>Bellum gerunt cum MACHKVRENDAS supradictis populis, feras habent cervos, apros, struthios & cuniculos, <i>gkirium</i>⁴⁰ <i>instar sed caudis tamen carentes</i>⁴¹.</p>	<p>Fazem guerra com os povos acima citados MACHKVRENDAS, tem veados selvagens, javalis, avestruzes e ainda coelhos como arganazes, mas carentes de caudas.</p>
<p>Esta gente vive a 16 léguas dos mocoretás, caminho que fizemos com 04 dias. Como eles mesmos não tinham o que comer, nos detivemos somente uma noite. Se parecem a nossos ladrões, vivendo 20 léguas terra adentro com o fim de não serem surpreendidos por seus inimigos. Nesta ocasião, entretanto, haviam chegado ao rio 05 dias antes que nós, para pescar e fazer a guerra contra os mocoretás. São cerca de 2000 guerreiros.</p>	<p>Populus hic 16 miliaribus à MACHKVRENDIS abest, hoc iter confecimus spacio quatuor dierum, per noctem tamen unam tantum ibi commorati sumus, nam & ipsi quod comederent vix habebant, populus est latronibus apud nos non dissimilis. Habitant 20 miliaribus ab aqua, ne ab hostibus opprimi facilè queant. Hoc autem tempore quinque diebus ante nos ad mare venerant, ut piscarentur, & sese ad bellum contra MACHKVERENDAS praepararent. Numerus eorum 2000 est virorum.</p>	<p>Este povo está a 16 milhas dos MACHKVRENDIS, percorremos este caminho num espaço de 04 dias, no entanto, nos demoramos nesse lugar uma única noite, pois dificilmente eles mesmos tinham o que comer e o povo não é diferente de ladrões entre nós. Habitam a 20 milhas da água, para que não possam ser facilmente oprimidos pelos inimigos. No entanto, desta vez vieram ao mar 05 dias antes de nós para pescarem e para se prepararem para a guerra contra os MACHKVERENDAS. O número deles é de 2000 homens.</p>
<p>Dali continuamos nossa viagem e chegamos a uma nação chamada mepenes, de uns 10 mil homens que habitam dispersos um território de 40 léguas de comprimento e de largura.</p>	<p>Hinc discedentes ad nationem peruenimus quae vocatur MAPENNIS. Numerus huius nationis est 10000 virorum, habitant hinc inde dispersi, in terra 40 miliaria in longitudine latitudineq; habente.</p>	<p>Saindo dali chegamos ao povoado que chamam MAPENNIS. O número de homens desta nação é de 10000, vivem espalhados aqui e ali, habitam uma terra de 40 milhas de comprimento e de largura.</p>
<p>Entretanto, podem juntar-se, por terra ou por água, em dois dias. A julgar pelas canoas, nas quais caberiam até 20 pessoas, deviam ser mais indivíduos dos que vimos.</p>	<p>Possunt duorum dierum spacio <i>in terra marique</i>⁴² omnes convenire, plures habent CANAES vel ZILLAS, aliis nationibus quas hactenus videramus. Et in una istarum CANAEN vel ZILLEN, 20 personae sedere possunt.</p>	<p>Todos podem reunir-se num espaço de 02 dias na terra e no mar, tem mais CANAES ou ZILLAS do que outras nações que tínhamos visto até agora. E em um destes CANAES ou ZILLAS se pode acomodar até 20 pessoas.</p>
<p>Este povo nos recebeu de forma hostil na água com 500 canoas. Mas não puderam fazer grande</p>	<p>Populus hic in aqua nos hostiliter excepit cum 500 CANAEN vel ZILLEN, sed tamen parum obtinuit,</p>	<p>Este povo nos recebeu na água hostilmente com 500 CANAEN ou ZILLEN, mas, contudo, pouco</p>

⁴⁰ Um tipo de roedor da família da marmota e do esquilo.

⁴¹ Descrição possivelmente do preás (coelhos como arganazes, mas carentes de caudas).

⁴² Descrição equivocada. Trata-se de rio e não de mar.

<p>coisa, pois matamos a muitos deles com os arcabuzes; que nunca haviam visto nenhum nem tampouco a nenhum homem branco.</p> <p>Quando alcançamos suas choças, não pudemos tirar nada neles, porque se encontravam a meia légua do Paraná, de onde estavam nossos barcos, rodeados por uma água tão profunda que não pudemos fazer nada.</p> <p>Unicamente queimamos e destruimos 250 canoas que encontramos. Por outra parte, tampouco podíamos afastar-nos demais de nossos barcos por temor de que os pudessem atacar, e assim voltamos a eles.</p> <p>Estes índios mepenes, que estão a 95 léguas dos zennais salvaisco, somente lutam na água.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 19 – Do rio Paraguai e dos povos curemaguás e agaces</p> <p>Continuamos a viagem durante 8 dias, quando, subindo uma corrente de água, achamos um numeroso povoado de índios chamado Curemaguás que se alimenta tão somente de carne e peixe; também conhecem a alfarroba da que fazem vinho.</p>	<p>multos enim sclopetis⁴³ interfecimus, ipsis nunquam ante haec tempora visis, quemadmodum neq; Christianos unquam viderant, cum autem ad aedes ipsorum venissemus, parum ipsis nocere poteramus, sitae enim erant integro miliari à flumine PARANAV, ubi naves nostras habebamus, & pagum eorum copiosa & profunda aqua cingit, ita ut detrahare ipsis parum possemus.</p> <p>Invenimus tamen 250 CANAEN vel ZILLEN, easque igne perdidimus, nec audebamus etiam procul à navibus nostris abire, periculum enim erat, ne ipsi naves nostras ab altera parte adorirentur.</p> <p>Reversi sumus igitur ad naves nostras, pugnare ipsi & bella gerere non nisi in aqua possunt solentque.</p> <p>Ad populum hunc MAPENNIS, à superiori loco, ubi proximè solveramus, ZCHEMIAS SALVAISCHO, 95 milliarum numerantur.</p> <p>Hinc discedentes, octo dierum spacio ad fluvium PARABOR peruenimus. Hunc fluvium ingressi plurimam turbam invenimus qui vocatur KVEREMAGBAS. Hi quod comedant praeter pisces & carnem non habent, abundat etiam regio ista siliquis vel foeno graeco, ita ut vinum etiam inde conficiant quod bibunt.</p>	<p>prevaleceu, pois matamos muitos com armas, que estas mesmas nunca tinham sido vistas até então, e do mesmo modo nem os cristãos tinham visto, no entanto, quando chegamos da casa deles, pudemos causar pouco dano, pois estavam situadas uma milha inteira do rio PARANAV, onde tinhamos nossos navios, e uma água abundante e profunda cerca a aldeia deles, de modo que pudemos tirar pouco deles.</p> <p>Entretanto encontramos 250 CANAEN ou ZILLEN, as destruimos com fogo, mas não ousamos nos afastar de nossos navios, seria com certeza um perigo, que os mesmos atacassem os nossos navios pelo outro lado. Então voltamos para os nossos navios, os mesmos podem e costumam lutar e fazer guerra, somente na água.</p> <p>Até este povo MAPENNIS do lugar superior perto de onde deixamos os ZCHEMIAS SALVAISCHO são contadas 95 milhas.</p> <p>Saindo dali chegamos ao rio PARABOR num espaço de 08 dias. Subindo este rio encontramos uma grande multidão que era chamada de KVEREMAGBAS. Estes não têm o que comer além de peixes e carne, abunda também nesta região alfarrobas ou feno grego, do mesmo modo daí também fazem o vinho que bebem.</p>
---	---	---

⁴³ Segundo Du Cange *tormentum bellicum manuale*, ou seja , uma escopeta.

<p>Este povo nos ofereceu de tudo e nos deu o quanto necessitávamos. Os homens como as mulheres são altos de estatura, e os homens tem o nariz perfurado de um pequeno buraco, em que por garbo, colocam uma pena de papagaio. As mulheres se pintam a cara com longas listras azuis que se mantem toda a vida e cobrem sua nudez com um pano pequeno de algodão, desde a cintura até os joelhos.</p> <p>Dos mepenes aos curemaguás há 40 leguas. Detivemo-nos com eles 3 dias.</p> <p>Logo fomos a outro povoado de índios que se chamam agaces, cujo alimento consiste igualmente de peixes e carne. Homens e mulheres são altos e bem parecidos, as mulheres pintam a cara como as curemaguás e se cobrem da mesma maneira que estas.</p> <p>Quando encontramos com eles, se enfrentaram conosco querendo briga e perturbarnos a viagem. Ao percebermos, e em vista de que não havia maneira, nos encomendamos a Deus e, formando em ordem de batalha os combatemos na água e em terra. Matamos a muitos, e eles mataram a 15 dos nossos.</p>	<p>Hic populus admodum humanum sese nobis praebuit attulitque omnia quae nobis ad victum necessaria fuerant, homines sunt corpore procero & robusto tam viri quam mulieres.</p> <p>Mares exiguum aliquod foramen in naribus habent, in quod interdum plumulam aliquam psittacorum pro ornamento inserere solent, mulieres faciem caerulei coloris lineolis illustrare solent, quae nunquam postmodum deleri possunt, pudenda linteolo gossypino ab umbilico ad genua usque demisso, contegunt.</p> <p>Numerant à dictis MAPENNIS ad hosce KVEREMAGBAS 40 milliaria, nosque triduum apud ipsos viximus.</p> <p>Inde peruenimus ad nationem quandam, quae vocatur AYGAIS. Hic populus similiter piscibus & carne vescitur, utriusque sexus homines, procero sunt corpore, mulieres formę sunt elegantioris, fucatae, & circum pudenda velatae, more quo supra.</p> <p>Cum ad eos venissemus, arma ipsi capiebant, nobis bellum inferre volentes. Itaq; nos cum hoc videremus implorato divino auxilio, instruximus aciem nostram, terra marique⁴⁴ cum ipsis pugnaturi. Et multos quidem ipsorum interfecimus, ex nostris autem 15 viri ceciderunt, quibus Deus propitius esto.</p>	<p>Este povo, muito humano, nos ofereceu e nos trouxe todas as coisas que eram necessárias para nosso alimento, as pessoas são de corpo alto e robusto tanto os homens quanto as mulheres.</p> <p>Os machos têm um pequeno furo no nariz, no qual às vezes eles costumam inserir uma pequena pena de papagaio como ornamento, as mulheres costumam ornar a face com umas pequenas linhas de cor azul, as quais depois nunca podem tirar, cobrem as partes intimas com um modesto pano de algodão do umbigo aos joelhos.</p> <p>Contam-se dos ditos MAPENNIS até estes KVEREMAGBAS 40 milhas, e nós vivemos entre eles por 03 dias. Daquele lugar chegamos a uma certa nação que chamam AYGAIS. Este povo semelhantemente se alimenta com peixes e carne, e as pessoas de ambos os sexos, são de corpo alto, as mulheres são de aspecto mais elegante, pintadas, e cobertas sobre as partes íntimas, da mesma maneira que as anteriores.</p> <p>Quando viemos até eles, os mesmos apanharam as armas, estando dispostos a suscitar guerra conosco. Assim quando nós vimos isto, tendo implorado o auxílio divino, preparamos nossa linha de batalha, para combater com os mesmos na terra e na água. E certamente matamos muitos deles, no entanto, 15 homens dos nossos morreram, que Deus seja favorável a eles.</p>
--	---	---

⁴⁴ Literalmente mar, mas o sentido é de água por tratar-se apenas de um grande rio.

<p>Os agaces são excelentes guerreiros na água; no entanto, não os são em terra.</p> <p>Antes de lutar conosco haviam retirados as suas mulheres e filhos, ocultando também os alimentos e outras coisas, de modo que não pudemos tomar-lhes nada. O que lhes aconteceu logo, se dirá mais adiante. Seu povoado está situado em um rio chamado Iepedy, ao outro lado do Paraguai, que desce das montanhas do Peru, perto de uma cidade que se diz Tuechkamyn. Dos curemaguás aos agaces há 35 leguas de caminho.</p>	<p>Hi AYGAI praestantissimi sunt milites, si pugnam in mari⁴⁵ respicias, sed terra tamen non multum praestare possunt.</p> <p>Deduxerant ipsi prius in locum alium uxores & liberos suos, cibum vero & res alias occultarant, ita ut obtinere nihil apud illos possemus. Quid autem ipsis tandem acciderit, paulo post audietis, pagus ipsorum flumini cuidam adiacet, quod vocatur IEPEDII, labitur ad latus alterum fluminis PARABOR, provenit ex montibus PERV de civitate DVECHKAMIN. Ad hosce AYGAI à dictis KVEREMAGBAS 35 miliaria numerantur.</p>	<p>Estes AYGAI são excelentes soldados, se tu considerares o combate em água, mas, entretanto, em terra podem não ser muito bons.</p> <p>Primeiro eles tinham levado para outro lugar suas esposas e filhos, também esconderam a comida e outras coisas, desta maneira não pudemos obter nada deles. O que, no entanto, aconteceu com os mesmos, ouvireis um pouco depois, a aldeia deles está ao lado de um certo rio, que é chamado IEPEDII, corre ao lado de outro rio PARABOR, provêm dos montes PERV da cidade de DVECHKAMIN. Destes AYGAI aos ditos KVEREMAGBAS contam-se 35 milhas.</p>
<p style="text-align: center;">Capítulo 20 – Dos povos Cários</p> <p>Depois de abandonar aos agaces, chegamos à nação dos cários, a 50 leguas daqueles, e ali Deus Todo Poderoso em sua bondade quis que encontrássemos como nos haviam avisado, milho, umas raízes brancas, as batatas que se parecem às maçãs e tem também o mesmo sabor, e mandioca que tem sabor de castanhas, da qual tiram os índios seu vinho. Também tem em abundância peixe e carnes, veados, javalis, avestruzes, ovelhas indianas, grandes como mulas e coelhos, galinhas e cabras, assim como mel do que fazem também vinho. Também há muito algodão.</p>	<p>Cap. IX – Relictis postea hisce AYGAI peruenimus ad nationem CARIOS, 50 miliaribus ab AYGAI distantem. Ibi tandem triticum turcicum invenimus, vel MEIS & MANDEOCHADE, PADADES, MANDEOCHPARPII, MANDEPOERE, MANDVRIS, VVACHEKV, & c. Quin & pisces & carnes, cervos, apros, struthios, oves Indicas, cuniculos, gallinas & anseres. Mel etiam habent ex quo vinum conficitur, & gossypij magnam copiam.</p>	<p>Cap. IX – Tendo deixado depois estes AYGAI chegamos à nação dos CARIOS, 50 milhas distante dos AYGAI. Ali enfim encontramos trigo turco, ou melhor, MEIS e MANDEOCHADE, PADADES, MANDEOCHPARPII, MANDEPOERE, MANDVRIS, VVACHEKV, e etc. E de fato encontramos peixes e carnes, veados, javalis, avestruzes, ovelhas índicas, coelhos, galinhas e gansos. Eles têm também mel do qual é feito o vinho e têm grande abundância de algodão.</p>

⁴⁵ Mais uma vez a palavra mar usada com o sentido de água.

<p>Estes cários habitam uma terra grande e dilatada de perto de 300 léguas de comprimento e de largura. São pessoas baixas e gordas e aguentão mais que os outros índios.</p> <p>Os homens têm um pequeno buraco nos lábios e nele colocam um pequeno cristal amarelo, que em sua língua chamam parabol, dois palmos de comprimento e da grossura de um cano de caneta tinteiro.</p> <p>Este povo, homens e mulheres, jovens e velhos, andam nus como sua mãe os trouxe ao mundo. Entre eles o pai vende a sua filha, o marido a sua mulher, e às vezes o irmão vende ou troca a sua irmã. Uma mulher pode custar uma camisa, um faca, um pequeno machado ou coisas parecidas.</p> <p>Os cários comem também carne humana, se podem consegui-la o que acontece quando na guerra fazem prisioneiros, sejam homens ou mulheres, sejam jovens ou velhos, e os cevam como nós aos porcos.</p> <p>Se a mulher e jovem é bonita, a mantem durante um ano ou mais, e se nesse tempo não lhe satisfaz, a matam e celebram uma grande festa e banquete como em nossos casamentos. Mas, se chega a envelhecer, a deixam viver até que morra de uma morte natural.</p>	<p>Hi CARIOS amplam habent regionem 300 ferè miliaria longam, homines sunt non ita proceri, sed corpulenti, qui prae aliis sustinere labores & pericula possunt.</p> <p>Mares labia habent perforata, gestantes in foraminibus istis crystallum fului coloris, ipsorum lingua PARABOR dictam, longam duas spithamas, & latam instar calami.</p> <p>Utrisque sexus homines cuiuscunque sint aetatis, nudi incedunt. Et pater quidem apud eos filiam, maritus uxorem quae minus ei placet, vendere solet. Quin & frater sororem vendere aut permutare potest.</p> <p>Et precium mulierum est indusium vel culter vel ligo, vel aliud id generis.</p> <p>Hi CARIOS vescuntur & humanis carnibus, quatenus eas habere possunt, itaq; quãdo in bello hostium aliquem capiunt, eum cuiuscunq; sexus & aetatis sit, prius saginare & pingue facere solēt ea ratione, qua in Germania sues saginantur.</p> <p>Quod si vero mulierē pulchram & formosam quis capiat, eam in suum usum sibi aliquot annos retinet, peccantē vero statim interficit, & quasi nuptias celebraturus amicos suos ad convivium de hac muliere paratum invitat. Senio tamen confecti ad mortem usque laborare coguntur.</p>	<p>Estes CARIOS possuem uma ampla região de quase 300 milhas de comprimento, os homens não são tão altos, mas corpulentos, os quais mais que os outros podem suportar trabalhos e perigos.</p> <p>Os machos têm os lábios perfurados, levando nestes orifícios um cristal de cor castanha, chamado na língua deles mesmos PARABOR, com 02 palmos de comprimento e largo como um caniço.</p> <p>As pessoas de ambos os sexos, de qualquer que seja a idade, andam nus. E, na verdade, entre eles o pai está acostumado vender a filha, o marido está acostumado a vender a esposa que menos lhe agrada. E, de fato, o irmão pode vender ou trocar a irmã. E o preço das mulheres é uma vestimenta ou faca ou enxada ou outra coisa do gênero.</p> <p>Estes CARIOS se alimentam também de carnes humanas, na medida em que eles podem tê-las, assim, quando em guerra capturam algum inimigo, qualquer que seja o sexo e a idade dele, costumam primeiro engordar e fazer gordura pela mesma razão que na Germânia os porcos são engordados.</p> <p>Se alguém captura uma mulher bonita e formosa a mantêm em seu uso alguns anos, com certeza mata logo a (mulher) transgressora, e como se fossem celebrar núpcias convida seus amigos para o banquete preparado desta mulher. No entanto, desgastadas com a idade avançada, são obrigadas a trabalhar até a morte.</p>
---	---	---

<p>Estes cários viajam com mais frequência e mais longe que nenhum outro povo de todo o rio da Prata. São excelentes guerreiros em terra, e seus povoados e cidades se encontram em paragens altas, perto do rio Paraguai.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 21 – Da cidade de Lambaré e como foi assediada e conquistada</p> <p>A cidade, que os moradores chamam Lambaré, está rodeada de 2 cercas de paus da grossura de um homem, fincados uma braça na terra, de 12 em 12 passos. O que sobressai tem a altura de um homem com a espada levantada.</p> <p>A 15 passos de ante da cerca tinham feitos uns fossos de uma profundidade do tamanho de 3 homens, e neles haviam cravado umas lanças de uma madeira dura com pontas agudas como agulhas, que não sobressaem. Os fossos estavam cobertos de palha, galhos e um pouco de terra e capim, para que nós caíssemos neles ao perseguí-los ou se quiséssemos assaltar sua cidade.</p>	<p>Hi CARIOS maiora, quam reliqui regionis RIO DELLA PLATA incolae itinera facere solent, praestantissimi milites sunt in terra.</p> <p>Civitates & pagi ipsorum ad flumen PARABOE eminentes cernuntur, & pagus ipsorum olim dictus est LAMBERE.</p> <p>Civitas ipsorum cum duobus PALLASAITTE, ex lignis extracta est, quorum singula latitudinem viri, aequat.</p> <p>Et una PALLASAITTE ab altera 12 passibus distat, ligna in terram defossa, eminent super terram tanta altitudine, quantam quis gladio assequi potest.</p> <p>Habuerunt etiam propugnacula fossis & moenibus undiq; cincta, praeterea etiam ad passus 15 ab istis moenibus foveas multas fecerant bene profundas, in quibus hastas ligneas admodum acutas, quae tamen non prominerent, occultarent, has foveas stramine & ramusculis arborum contexerant, terra herbida super imposita, in hunc finem, ut si fortè Christiani CARIOS persequerentur, vel civitatem ipsorum impugnant, in foveas istas caderent.</p>	<p>Estes CARIOS costumam fazer mais viagens do que os demais habitantes da região do RIO DELLA PLATA. São ótimos soldados em terra.</p> <p>As cidades e as aldeias deles são vistas acima do rio PARABOE e a aldeia deles há muito tempo é chamada LAMBERE.</p> <p>A cidade deles é construída de madeira com 02 PALLASAITTE, os quais atingem cada um a largura de um homem.</p> <p>E uma PALLASAITTE dista de outra 12 passos, com madeira enterrada na terra, se destacam sobre a terra a tanta altura quanto alguém pode alcançar com uma espada.</p> <p>Além disso, fizeram defesas com fossos e cercadas com fortificações por todos os lados, em seguida, também tinham feito muitas armadilhas (covas) bem profundas com 15 passos a partir destas fortificações, nas quais tinham ocultado lanças de madeira muito afiadas, no entanto, que não estavam salientes, encobriram essas armadilhas com palha e galhos de árvore, tendo colocado sobre (o local) terra gramada, com este fim, para que se talvez os cristãos perseguissem os CARIOS, ou atacassem a cidade deles, caíssem nestas armadilhas.</p>
---	---	--

<p>Mas foram eles mesmos os que, depois de tudo, caíram nos fossos que haviam construído.</p> <p>Quando nosso capitão geral Don Juan De Ayolas foi contra a cidade com todos os homens armados e dispostos em ordem de batalha, que eram algo mais de 300, já que deixou 60 nos bergantins para protege-los, e chegando a um tiro de arcabuz de distância das hostes indígenas, estas, em número de 4000, armadas de arcos e flechas, nos fizeram saber que, se voltássemos a nossos barcos, nos proporcionariam provisões e o que fosse necessário, para que fossemos em paz.</p> <p>Mas seu oferecimento não foi do agrado de nosso capitão geral nem nos interessava, já que esta terra e as pessoas nos convinham pela comida, particularmente porque em 4 anos seguidos não havíamos visto nem comido um pedaço de pão, tendo que contentar-nos com peixe e carne e estes inclusive com grande escassez às vezes.</p> <p>Nisso, os cários pegaram seus arcos e nos deram as boas vindas. Ainda assim, nós tampouco quisemos fazer-lhes nada ao princípio. Antes lhes fizemos saber que permanecessem quietos, pois queríamos ser seus amigos. Mas eles quiseram</p>	<p>Sed hasce foveas sibi ipsis parârant, nam & ipsi tandem in eas sunt prolapsi.</p> <p>Cum enim Dux noster IOHANNES EIIOLLAS, universum populum (exceptis 60 viris ad PARCHKADIENES custodiēdas relictis,) ordinasset, & instructa acie ad civitatem ipsorum LAMBERE proficisceretur, ipsi tanto interuallo quo sclopetis pertingere poteramus, nos cum exercitu suo, cuius numerus erat 40000 arcubus & sagittis armatorum, videntes, denunciabant nobis, ut ad PARCHKADIENES nostras nos rursus conferremus, se nobis victu & rebus necessariis aliis prospecturos⁴⁶, ut quam primum discedere rursus à sua terra possemus.</p> <p>Sin minus, se hostes nostros acerrimos <i>futuros</i>. Sed nobis, ut hoc faceremus persuadere nõ poterant, placebat enim nobis admodum regio ista, & cibus quo homines isti utebantur, maximè cum quatuor annis integris nihil panis habuissemus, sed tãtum piscibus & carne vixissemus.</p> <p>Arreptis igitur arcubus & armis suis CARII, nos venientes hostiliter excipiebant, nos vero parcere ipsis volentes, ter denunciavimus, ut pacem seruarent, futuros enim nos ipsorum amicos nõ hostes, sed ipsi hãc denunciationem planè</p>	<p>Mas tinham preparado estes buracos eles mesmos para si próprios, pois, no entanto, foram eles mesmos que caíram neles.</p> <p>Com efeito, quando nosso comandante IOHANNES EIIOLLAS pôs em ordem todo o povo (exceto aos 60 homens deixados guardando os PARCHKADIENES), tendo preparado a linha de combate colocou-se em marcha para a cidade dos LAMBERE, quando pudemos chegar a uma tal distância que os arcabuzes (as armas), nos vendo com seu exército cujo número era 4000 com arcos e flechas, declararam a nós que se nos dirigíssemos novamente aos nossos PARCHKADIENES eles forneceriam para nós alimento e outras coisas necessárias, para que pudéssemos o mais rápido possível deixar novamente a sua terra.</p> <p>Se ao contrário, seriam nossos inimigos amaríssimos.</p> <p>Mas como não puderam persuadir a nós a fazermos isto, de fato foi muito agradável para nós esta região e a comida que estes homens estavam consumindo, especialmente quando não tivemos nada de pão por 04 anos inteiros, mas vivemos apenas com peixes e carne.</p> <p>Tendo agarrado, então, seus arcos e armas, os CARII acolheram com hostilidade a nós que vinhamos, com certeza estávamos desejosos de conter a nós mesmos, 3 vezes anunciamos para manterem a paz, pois nós seríamos amigos deles</p>
--	---	---

⁴⁶ Caso de omissão do verbo ESSE (*Prospecturos esse*)

<p>criar caso, porque ainda não haviam provado nossos arcabuzes e armas, e quando estávamos perto deles disparamos nossa artilharia. Quando a sentiram, e vendo que muita gente caía ao chão sem que se percebesse nenhuma bala nem flecha alguma, salvo um buraco no corpo, fugiram atropelando uns aos outros como cachorros. E ao correr em direção à cidade com tanto tumulto perto de 300 caíram nos fossos que eles mesmos haviam preparado.</p>	<p>spernebant, nondum enim sclopeta bombardas & arma nostra gustarant.</p> <p>Itaque cum propius accessissemus, tormenta nostra in ipsos emisimus, qui audientes sonum istum, & videntes populum in terram prolabi, nulla tamen vel sagitta vel globo⁴⁷ sed vulnere tantum in corporibus deprehenso, admirati sunt valde, & attoniti fuga sibi consulere statuebant. Properabant igitur quam maximè poterant ad pagum suum, & inter properandum festinandumque ducenti ferè CARI in supra dictas foveas sunt prolapsi.</p>	<p>não inimigos, mas eles sem dúvida desprezaram esta declaração, já que ainda não provaram nossos arcabuzes, canhões e armas.</p> <p>Quando então atacamos mais de perto, atiramos com nossos canhões neles, que ouvindo este som, e vendo o povo cair na terra, contudo, sem nenhuma flecha ou bala, mas apenas com ferida apanhada nos corpos, ficaram muito admirados, e assustados decidiram considerar consigo mesmos a fuga. Então eles correram para sua aldeia o máximo que puderam, e entre a corrida e a pressa quase duzentos Carios caíram nas armadilhas mencionadas acima.</p>
<p>Logo ao chegar à cidade, a atacamos, mas eles se defenderam como puderam até o terceiro dia, quando já não foram capazes de resistir, e preocupados e temerosos por suas mulheres e filhos que tinham consigo, pediram clemência prometendo viver como nós quiséssemos, com tal de perdoar-lhes a vida.</p> <p>Nesta escaramuça morreram 16 homens de nosso lado. A nosso capitão Ayolas lhe trouxeram 6 mulheres, a mais velha de 18 anos, 6 veados e outras peças e pediram que ficássemos com eles, e designaram duas mulheres a cada soldado para que lavassem a roupa e cuidassem de nós.</p>	<p>Cap. X – Postmodum pagum ipsorum aggressi sumus, sed [ipsi nobis pro virili in tertium] usque diem restiterunt. Tandem autem cum de victoria desperarēt, & uxoribus liberisque quos secum in pago habebant metuerent, gratiam implorabant, promittentes se nobis in omnibus gratificaturos, modo ipsis vitam largiremur.</p> <p>Adducebant etiam Duci nostro IOHANNI EIIOLLAS, sex mulieres, quarum maxima natu, erat annorum octodecim.</p> <p>Afferebant ei etiam sex cervos, & feras alias, rogantes ut cum ipsis maneremus, adiungebant etiam cuilibet militi duas mulieres, quae ipsi lavando & coquendo inseruient.</p>	<p>Cap. X – Depois atacamos a aldeia deles, mas [ipsi nobis pro virili] resistiram até o terceiro dia. Finalmente, no entanto, quando perderam as esperanças de vitória e temendo pelas esposas e pelos filhos que tinha consigo na aldeia, imploravam misericórdia, prometendo que nos satisfariam em tudo se apenas concedéssemos a vida a eles.</p> <p>Trouxeram também para nosso comandante IOHANNI EIIOLLAS seis mulheres, das quais a mais velha tinha 18 anos.</p> <p>Ofereceram-lhe também 06 veados e outras feras, rogando para que permanecêssemos com eles, além disso, acrescentaram duas mulheres para</p>

⁴⁷ *Globo* (*globus*, -i) com o sentido de bala de canhão, já que a munição do canhão tem um sentido de bola ou globo.

<p>Também nos deram comida o que era necessário para sustentar-nos. Assim ficamos em paz.</p> <p>Capítulo 22 – Constrói um forte em Lambaré, com o nome de Assunção. Os cristãos, com a ajuda dos cários, vão contra os agaces</p> <p>Depois, os cários tiveram que nos edificar uma casa grande de pedra, terra e madeira para que, si com o tempo acontecesse que se rebelassem, nós cristãos tivéssemos um refúgio e pudéssemos defender-nos e proteger-nos.</p> <p>Tomamos este lugar no dia de Nossa Senhora da Assunção do ano de 1539, por isso lhe demos este nome, e ainda se chama assim.</p> <p>Detivemos-nos ali 02 meses. Dos cários aos agaces há 50 léguas e desde a ilha de Buena Esperanza, onde vivem os timbus, ao redor de outras 334.</p> <p>Assim, pois, fizemos uma aliança com os cários, pela que se comprometeram a socorrer-nos com 8000 homens, para guerrear com ditos agaces. Quando nosso capitão geral se determinou, pegou a 300 espanhóis e a estes cários e fomos ao rio Paraguai abaixo e logo umas 30 léguas por</p>	<p>De victu nobis & rebus necessariis aliis abundè prospiciebant.</p> <p>Sic igitur inter nos & hostes nostros CARIOS pax firmata est, quo facto cogebantur nobis propugnaculum seu arcem probe munitam ex lapidibus terra & lignis extruere, ut si fortè eos rursus tumultum excitare accideret, esset unde nos tueri possemus.</p> <p>Pagum hunc CARIORUM, die NOSTER SIGNORA DESVMSION expugnauimus, Anno 1539, quam ob causam adhuc hodiè nomen hoc NOSTER SIGNORA DESVMSION, obtinet.</p> <p>In hac pugna ex nostris ceciderunt 16 viri. Mansimus autem ibi duos menses. Ab AIGAISSSEN ad hosce CARIOS 30 sunt miliaria. Ab insula vero BONE SPERANSO, hoc est, BONAE SPEI, ubi THYEMBUS habitant, circiter 355 miliaria.</p> <p>Pactum autem cum hisce populis CARIOS & foedus fecimus ipsis promittentibus quod vellent nobiscum socia arma capere, & cum 8000 viris contra dictos AIGAISSSEN pugnare.</p> <p>His ita peractis, assumpsit Dux noster 300 Hispanos, & dictos hos CARIOS, reversusque est</p>	<p>cada um dos soldados, as quais serviriam lavando e cozinhando para eles.</p> <p>Eles nos proveram abundantemente de comida e de outras coisas necessárias.</p> <p>Assim então a paz foi firmada entre nós e nossos inimigos CARIOS, isto feito, foram forçados a empilhar para nós uma defesa, ou melhor, uma cidadela bem munida, empilhada com pedra, terra e madeira, de modo que se talvez acontecesse de um tumulto suscitá-los novamente, seria onde poderíamos nos proteger.</p> <p>Tomamos esta aldeia dos Cários no dia de Nossa Senhora de Assunção, Ano 1539, por este motivo até hoje é mantido este nome Nossa Senhora de Assunção.</p> <p>Neste combate morreram 16 dos nossos homens. Ficamos, no entanto, lá dois meses. Os AIGAISSSEN ficam 30 milhas destes CARIOS. Com certeza da ilha de BONE SPERANSO, isto é, da boa esperança, onde habitam os THYEMBUS, cerca de 355 milhas. No entanto, fizemos um pacto com estes povos CARIOS e eles prometendo pegar armas aliadas conosco e lutar com 8000 homens contra os ditos AIGAISSSEN.</p> <p>Assim concluídas estas coisas, nosso comandante tomou 300 espanhóis e estes ditos CARIOS, e</p>
--	--	--

<p>terra, até que chegamos ao lugar onde vivem os ditos agaces, os quais continuavam no mesmo lugar onde os havíamos deixado, e os pegamos desprevenidos em suas choças, quando ainda dormiam, entre as 03 e a 04 da madrugada, depois que os cários os espiassem. Matamos a todos, jovens e velhos, pois os cários tem o costume de não deixar ninguém com vida e não tem compaixão alguma quando lutam e triunfam.</p>	<p>per 30 ista miliaria, terrâ partim & mari, ad supradictos AIGAIS, à quibus hostiliter & malè, (ut diximus) accepti eramus.</p> <p>Cum in istum locum venissemus, aggressi sumus eos in aedibus eorum incautos, cum adhuc dormirent, matutino nimirum tempore circa tertiam & quartam horam, CARII, enim, eos dormientes exploraverant, interfecimus igitur omnes simul homines nulli aetati parcentes, ita enim apud CARIOS moris est, ut palmam in bello obtinentes nulla misericordia tangantur, sed omnia interficiant & evertant.</p>	<p>voltou por estas 30 milhas atrás, em parte por terra, em parte por mar, até os acima citados AIGAIS, pelos quais fomos recebidos mal e hostilmente (como dissemos).</p> <p>Quando chegamos a este local, os atacamos nas casas deles de surpresa, quando ainda dormiam, evidentemente no período matutino em torno de 03 ou 04 horas da manhã. Os CARII, com efeito, os expiaram enquanto dormiam, então matamos juntamente todas as pessoas não poupando idade, na verdade, assim é o costume entre os CARIOS, quando obtentores da vitória na guerra não tratam ninguém com misericórdia, mas destroem e matam a todos.</p>
<p>A seguir pegamos 500 canoas e queimamos todos os povoados que encontramos, causando grandes danos. Aos 04 meses vieram alguns agaces que não eram deste lugar, nem haviam participado na escaramuça e pediram clemência. Nosso capitão geral teve que perdoa-los, segundo a ordem de sua Cesárea Majestade de indultar ao índio até 03 vezes; e somente se violasse a paz pela terceira vez, ficava escravo ou cativo toda sua vida.</p> <p>Capítulo 23 – Ficamos em Assunção, pegando informações sobre a terra, e continuamos rio acima</p> <p>Permanecemos ainda 06 meses na cidade de Nossa Senhora de Assunção, folgando todo este tempo.</p>	<p>Cap. XI – Postea accepimus ferè 500 naviculas CANAEN vel ZILLEN dictas. Accensisque omnibus pagis quos invenimus, multum damni dedimus. Post 4 menses veniebant, quidam ex AIGAIS, qui tum temporis in pugna nõ adfuerant. Hi gratiam petebant, itaque in gratiam eos Dux noster recepit, iuxta mandatum Regiae Maiestatis, quo cautum erat ut Indianis fidem fallentibus semel atque iterum id condonaretur, tertio autem fallentes in perpetuam seruitutem redigerentur.</p> <p>His peractis reversi sumus ad civitatem noster Signora desumion, hoc est, assumptionis Mariae, & ibi adhuc sex menses quievimus.</p>	<p>Cap. XI – Depois tomamos quase 500 pequenos barcos chamados CANAEN ou ZILLEN. E tendo queimado tudo que encontramos nas aldeias, causamos muito dano. Depois de 04 meses vieram alguns dos AIGAIS que naquele tempo da guerra não estavam presentes. Eles pediram clemência, assim nosso comandante os recebeu em graça, segundo a ordem da Real Majestade, pela qual era assegurado que aos indígenas que mentissem uma ou duas vezes isso seria perdoado, no entanto, na terceira falta seriam recolhidos à servidão perpétua.</p> <p>Concluídas estas coisas, voltamos para a cidade de Nossa Senhora de Assunção, isto é, da Assunção de</p>

<p>Então nosso capitão geral Don Ayolas (sic) mandou perguntar aos cários por um povo chamado paiaguás e lhe responderam que a cidade de Assunção até estes paiaguás havia 100 léguas de caminho Paraguai acima.</p> <p>Logo lhe fez perguntar si estes paiaguás tinham provisões e do que se sustentavam, que gente era e quais eram seus costumes e o que faziam, e lhe responderam que não tinham outro alimento que peixe e carne e também alfarroba, da qual tiravam farinha , que comiam com o peixe, e vinho que é tão doce como nossa água-mel.</p> <p>Depois de que nosso capitão Don Ayolas (sic) recebeu esta informação dos cários, lhes ordenou carregar cinco barcos de milho e de preparar outras provisões e que fizessem isso em dois meses. Então ele e seus homens se disporem a passar primeiro aos paiaguás e logo a outra nação chamada carcaráes. Ao que se oferecem os cários a serem submissões e obedientes ao capitão e cumprir em tudo sua ordem. Também ordenou nosso capitão geral que preparassem os barcos, para que a jornada tivesse maior sucesso.</p>	<p>Interim interrogari iussit Dux noster IOHANNES EIIOLLAS hosce CARIOS de natione alia, quae vocatur PEIEMBAS. Qui respondebant, à civitate sua DESVMSION abesse PEIEMBAS 100 miliaribus, ascendendo flumen PARABOE.</p> <p>Porro iussit eos Dux noster interrogari, an etiam populi isti PEIEMBAS victum haberent, & quibus rebus viverent, qualis item populus, & quae conditio ipsorum esset. Ad haec respondebant, PEIEMBAS victum alium non habere quam pisces & carnem. Item foeno graeci vel siliquarum copiam, unde farinam conficiunt qua pro cibo utantur, quin & vinum ex hisce siliquis eos parare satis dulce. Et illud quidē vinum eundem cum mulso cuius in Germania usus est, saporem habet.</p> <p>His perceptis & auditis, iussit Dux noster, ut CARII 5 naves frumento Asiatico, & aliis ad victum necessariis rebus implerent, & id quidem intra duos menses facerent, interea enim temporis velle etiam se cum suis viam adornare, ut primò quidem ad populum PEIEMBAS, postea ad alium CARCHKARISCH vocatum, proficiscerentur.</p>	<p>Maria, e neste lugar ainda permanecemos (em repouso) por seis meses.</p> <p>Enquanto isso nosso comandante IOHANNES EIIOLLAS ordenou que se interrogasse estes CARIOS sobre outra nação, que é chamada PEIEMBAS. Eles responderam que de sua cidade de Assunção os PEIEMBAS estariam a 100 milhas, subindo o rio PARABOE.</p> <p>Além disso, nosso comandante ordenou que perguntasse a eles ainda acerca do que teriam para comer este povo PEIEMBAS, e com que coisas viveriam, que tipo de povo seriam e qual seria a condição deles. Responderam para estas perguntas que os PEIEMBAS não tinham outro alimento que não peixes e carne. Também abundância de feno grego, ou melhor, de vagens, a partir da qual faziam farinha para ser usada como comida e, de fato, preparam destas vagens um vinho suficientemente doce. E certamente ele tem o sabor igual ao hidromel que é usado na Germânia.</p> <p>Observadas e ouvidas estas coisas, ordenou nosso comandante, que os Carios enchessem cinco navios com milho e outras coisas necessárias para a alimentação, e que certamente fizessem isso durante dois meses, durante este tempo ele (o comandante) com os seus queria equipar o caminho, para que se colocassem a caminho certamente primeiro rumo ao povo PEIEMBAS e em seguida ao outro chamado CARCHKARISCH.</p>
---	---	---

<p>Cumprido a ordem e preparados os barcos com provisões e o que era necessário, nosso capitão mandou juntar as pessoas.</p> <p>Dos 400 homens bem armados escolheu 300, deixando cem na dita cidade de Assunção com os cários. Depois subimos o rio e encontramos a 05 léguas de caminho um povoado as margens do Paraguai, cujos índios nos trouxeram toda classe de víveres como peixe e carne, galinhas, gansos e avestruzes. Quando chegamos ao último povoado dos cários, chamado Guayviano e que está a 80 léguas da cidade de Assunção, nos proventos de víveres e out</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 24- Do cerro de San Fernando e dos paiaguás</p> <p>Dali chegamos a um cerro ao que chamamos San Fernando 8, que se parece ao Bogenberg 9. Ali encontramos aos paiaguás, que vivem a doze</p>	<p>Et CARII quidem se in <i>omnibus morem gerere</i>⁴⁸, & mandatum Ducis nostri fideliter exequi velle promittebant, Dux vero noster reparari naves fideliter procurabat, ut ad iter propositum nihil deesset.</p> <p>Omnibus igitur in hunc modum paratis, convocari populum Dux noster iussit, & de 400 armatis, 300 accepit, reliquis 100 in dicta civitate VARDELLESSE, hoc est, NOSTER SIGNORA DESVMSION ubi CARIOS populi habitant, relictis. Cum his 300, isto loco solvimus, & confectis quinibus⁴⁹ miliaribus semper pagum aliquem dictorum CARIOS offendimus, qui ad fluvium PARABOR habitant.</p> <p>Hi in itinere suppeditabant nobis victum necessarium, pisces nimirum & carnes, gallinas, item anseres, <i>oves Indicas</i>⁵⁰, & struthios.</p> <p>Cum autem ad ultimum populorum Carios pagum veniremus, qui vocatur VVEYBINGEN, 80 miliaribus à civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION, abest, prospeximus nobis de cibo & aliis rebus necessariis, quantum quidem fieri potuit.</p> <p>Inde peruenimus ad montem qui vocatur S.FERNANDO, & similis est illi quem BAGENBERG vocamus, ibi invenimus dictos illos PEIEMBAS, 12</p>	<p>E os Carios se comprometeram certamente a serem todos obedientes e querer executar fielmente a ordem de nosso comandante. Nosso comandante ocupava-se, de fato, em recuperar os navios fielmente para que nada afastasse do caminho proposto.</p> <p>Com tudo, então, preparado deste modo, nosso comandante ordenou convocar o povo, e dos 400 soldados, levou 300, os 100 restantes deixados na chamada cidade de VARDELLESSE, isto é, NOSTER SIGNORA DESVMSION onde habitam os povos CARIOS. Com estes 300, partimos deste local, e a cada 5 milhas concluídas (percorridas) até a aldeia encontramos sempre alguém dos CARIOS que habitavam próximo ao rio PARABOR.</p> <p>Estes, no caminho, forneceram para nós o alimento necessário, sem dúvida peixes e carnes, galinhas, também gansos, ovelhas índicas e avestruzes.</p> <p>Quando então chegamos até a aldeia do último dos povos Carios, que é chamado VVEYBINGEN, distante 80 milhas da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, nos provemos de comida e outras coisas necessárias, tanto quanto era possível fazer.</p> <p>Dali chegamos até o monte chamado S.FERNANDO, e é similar àquele que chamamos BAGENBERG, nesse lugar encontramos aqueles</p>
--	---	---

⁴⁸ Segundo o Dicionário Oxford, expressão que significa regular a conduta de alguém de acordo com os desejos, ou o humor, de outra pessoa.

⁴⁹ Segundo Dicionário Oxford, numeral distributivo, significa a cada 5 vezes.

⁵⁰ Descrição já feita anteriormente possivelmente das lhamas.

<p>léguas de Guayviano. Vieram pacificamente a nosso encontro, ainda que com falso coração, como se saberá mais adiante.</p> <p>Nos levaram a suas choças e nos deram peixe, carne e alfarrobas, assim que ficamos nove dias. Logo nosso capitão geral mandou perguntar a seu chefe si sabiam de uma nação chamada carcaráes, e este lhe respondeu que não tinham mais conhecimento deste povo do que haviam ouvido dizer, que estava longe, terá adentro, e que tinham ouro e prata, mas que não haviam visto a nenhum.</p> <p>E nos diziam também que eram gente entendida, como os cristãos, e que abundavam em milho, mandioca, amendoim, batatas, caçabe, mandioca-poiropí, mandiotín, mandioca-pepirá e outras raízes; em carne de ovelha indiana ou anta, que é um animal que se parece ao burro, mas que tem patas de vaca e um pelo grosso e rude; em cervos, coelhos, gansos e galinhas. Mas que nenhum dos paiaaguás havia visto jamais o que contavam, que era somente de ouvir falar. Entretanto, mais tarde descobriríamos do que havia realmente em tudo isto.</p>	<p>miliaribus à VVEYBINGEN distantes. Hi nobis pacificè occurrebant, & amicè nos accipiebant, sed simulato tamen animo, & falso corde, ut audiemus.</p> <p>Deducebant nos in aedes suas, & proponebant nobis pisces, carnem & siliquas in cibum. Permansimus igitur 9 dies apud hosce PEIEMBAS.</p> <p>Postea iussit eos interrogari Dux noster de populo CARCHKAREISSO, qui respondebant, se certi aliquid de ista natione commemorare non posse, audivisse tamẽ, eam procul à sua terra, in quadam regione, auro & argento abundante habitare, sed sibi visum esse neminem.</p> <p>Referebant interim etiã CARCHKAREISSO esse homines albos, sicut & nos Christiani, abundare cibo, frumento Asiatico, MANDEOCH, MANDVIS, PADADES VVACHEKEV, MANDEOCH PARPII, MANDEOCHADE, MANDEPARE, & aliis radicibus, carnibus item de Indianis ovibus. AMNE, quod animal, formam asini refert, exceptis pedibus qui vaccarũ pedibus similes sunt, pellem habet admodum crassam & durã. Reperiri praeterea apud eos multos ceruos, cuniculos, gallinas & anseres, sed neminem inter PEIEMBAS esse affirmabant, qui haec vidisset, omnia enim ex aliorum relatu se habere. Nos tamen postmodum rem omnem cognovimus & experti sumus.</p>	<p>chamados PEIEMBAS, a 12 milhas de distância dos VVEYBINGEN. Estes se apresentaram a nós pacificamente e nos receberam amigavelmente, mas, no entanto, com mente fingida e coração falso, como ouviremos.</p> <p>Nos conduziram a suas moradas e ofereceram para nós peixes, carne e vagens para comida. Permanecemos, então, 9 dias entre estes PEIEMBAS.</p> <p>Depois nosso comandante ordenou que se perguntasse a eles sobre o povo CARCHKAREISSO, os quais responderam que não podiam mencionar nenhuma coisa determinada sobre esta nação, no entanto, ouviram que esta nação habitava longe de sua terra, em uma certa região, abundante em ouro e prata, mas que ninguém havia visto para si. Enquanto isso, também anunciavam que os CARCHKAREISSO seriam homens brancos como nós cristãos, que tinham em quantidade comida, milho, MANDEOCH, MANDVIS, PADADES VVACHEKEV, MANDEOCH PARPII, MANDEOCHADE, MANDEPARE, e outras raízes, também carnes de ovelhas indianas. AMNE, animal que remete à forma de um asno, exceto pelos pés que são semelhantes aos pés das vacas, tem a pele muito grossa e dura. Além disso, eram encontrados entre eles muitos veados, coelhos, galinhas e gansos, mas afirmavam que não existe ninguém entre os PEIEMBAS que viu isso, de fato, todas essas coisas eles tinham ouvido do relato de outros. Nós, no entanto, depois tomamos</p>
---	--	--

		conhecimento dessas coisas e provamos (experimentamos).
<p>Então nosso capitão geral pediu ao chefe alguns paiaguás para que lhe acompanhassem, ao que se ofereceu e lhe deu 300 que se foram conosco, portanto a comida e outras coisas.</p> <p>E depois de ordenar-lhes que se preparassem para dentro de 04 dias, mandou destruir 03 dos 05 barcos, deixando nos 02 restantes 50 homens, com ordem de esperar-lhe 04 meses, e si este tempo não tivesse voltado, que regressássemos com os 02 barcos à cidade de Assunção.</p> <p>Mas aconteceu que nos 06 meses que permanecemos com os paiaguás, não tivemos notícias de nosso capitão geral Juan de Ayolas, e com tampouco nos restava suprimento algum, tivemos que regressar com nosso capitão Domingo Martínez de Irala a dita cidade de Assunção, como nosso capitão geral havia mandado.</p> <p>Capítulo 25 - O capitão geral Don Juan de Ayolas marcha por terra aos naperus e peysennes e é morto na volta com todos seus homens.</p>	<p>Cap. XII – Postea postulabat Dux noster ut aliqui ex istis PEIEMBAS nobiscum in istam regionem proficiscerentur, quod ipsi nullo modo recusabant, statim igitur supremus PEIEMBAS 300 Indianos Duci nostro addidit, qui cum eo irent, & cibum aliasque res necessarias portarēt.</p> <p>lubebat igitur Dux noster ut populus sese ad iter pararet, quod post quatuor dies ingredi decreverat, & de quinq; navibus nostris tres quidem confringi mādabat, duabus autem quae supererant 50 milites imponebat, qui quinq; mensibus ibi eas in absentia sua custodirent. Addito mandato, ut si interea temporis Dux noster non rediret, cum duabus istis navibus, rursus ad civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION navigaremus. Accidit autē ut apud istos PEIEMBAS 6 mensibus cōmorantes, nihil de nostro Duce IOHANNE EIIOLLAS audiremus. Itaque cum cibo destitueremur, coacti sumus cum dato nobis gubernatore MARTINO THOMINGO EIIOLLA, rursus civitatem SIGNORA petere, iuxta mandatam nostri Ducis.</p>	<p>Cap. XII – Depois nosso comandante pediu que alguns destes PEIEMBAS se colocassem a caminho conosco a esta região, o que eles não recusaram de modo nenhum, logo, então, o supremo PEIEMBAS trouxe 300 indígenas para nosso comandante, os quais iriam com ele, e transportavam comida e outras coisas necessárias. Ordenou, então, nosso comandante que o povo se preparasse para o caminho, pois depois de 04 dias tinha diminuído a marcha e dos 05 navios nossos, na verdade, mandou destruir 03, no entanto, nos 02 que sobraram colocou 50 soldados, que por 05 meses eles protegeriam (guardariam) nos (os navios) na sua ausência. Tendo adicionado a ordem para que enquanto neste tempo nosso comandante não retornasse, com estes 2 navios navegássemos de volta para a cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION. Aconteceu, no entanto, que demorando-se 06 meses entre estes PEIEMBAS, não ouvimos nada sobre nosso governador IOHANNE EIIOLLAS. Assim quando fomos privados de comida, fomos forçados, com o governador dado para nós MARTINO THOMINGO EIIOLLA, a partir novamente para a cidade SIGNORA, de acordo com a ordem de nosso comandante.</p>

<p>Sem demora se dirá como nosso capitão geral Don Juan de Ayolas fez a viagem e o que lhe aconteceu.</p> <p>Depois de partir dos paiaguás chegou a uma nação chamada naperus, que são amigos e aliados daqueles. Não tem se não peixe e carne. E um povo numeroso. Destes naperus nosso capitão geral pegou alguns para que lhe servissem de guia. E passando por muitas e diversas nações de índios, padeceram grandes fadigas e misérias. Também encontraram forte resistência, morrendo nesta viagem quase a metade dos nossos, e quando chegou a um povo chanadoi peysennes, não pode seguir adiante e teve que retirar-se, deixando com estes índios a 03 espanhóis doentes.</p> <p>Assim que nosso capitão geral Juan de Ayolas, que continuava são, regressou com os demais, depois de preparar-se e de repousar três dias entre os naperus, pois as pessoas estavam cansadíssimas e fracas; tampouco lhes restavam nunições.</p>	<p>Quomodo autem Dux noster IOANNES EIIOLLAS iter suum perfecit, libet iam paucis annotare.</p> <p>Principio à PEIEMBAS solvens, venit ad populum, qui vocatur NAPERVS, hi amicitia iuncti sunt cum istis PEIEMBAS, pręter pisces & carnem nihil habent, populus est admodum ingens. Ex his Naperis assumpsit etiam quosdam, qui iter ipsi monstrarent, & pergens multo cum labore, egestate & periculo multas nationes peragravit, in quo itinere dimidia ferę Christianorum pars mortua est. Itaque cum ad populum PEISSENNAS venisset, ulterius progredi non potuit, sed cū populo suo, (exceptis tribus Hispanis, quos apud Peiissennas aegrotos reliquit) recedere coactus est.</p> <p>Reversus igitur SALVOMENDO, hoc est, saluus & incolumis, <u>quod ad</u>⁵¹ suam personam attinet, Dux noster IOANNES EIIOLLAS ad NAPEROS, ibi ad tertium usque diem substitit, propterea quod populus admodum debilitatus esset, & ipsi rebus ferę necessariis omnibus destituerentur.</p>	<p>Como, no entanto, nosso comandante IOANNES EIIOLLAS executará sua viagem, eu desejo já anotar um pouco.</p> <p>No início deixadondo os PEIEMBAS, chegou até um povo, que é chamado NAPERVS, eles/estes são unidos por amizade com estes PEIEMBAS, eles não têm nada além de peixes e carne. É um povo muito numeroso. Destes Naperis tomou ainda algumas pessoas, as quais mostrariam o caminho a ele e continuando com muito trabalho, pobreza e perigo passou por muitas nações, no qual caminho quase metade dos cristãos morreu. Assim quando chegou ao povo PEISSENNAS não podia ir mais a frente (progredir ainda mais), mas foi forçado a se retirar com seu povo (exceto 03 espanhóis, que ele deixou doentes entre os Peiissennas).</p> <p>Regressado aos NAPEROS, portanto, SALVOMENDO, isto é, salvo e ileso, no que se refere a sua pessoa, nosso comandante IOANNES EIIOLLAS, nesse lugar, parou até o terceiro dia porque o povo estava muito debilitado/enfraquecido e elas (as pessoas) foram destituídas de quase todas as coisas necessárias.</p>
<p>Ao saber disso, os naperus e os paiaguás fizeram uma aliança para matar o nosso capitão geral Juan de Ayolas e os seus, o que em efeito conseguiram. Pois quando nosso capitão geral e sua gente</p>	<p>Cap. XIII – Caeterum NAPERII & PEIEMBAS, <i>consilio inito</i>⁵² concluderant, Ducem nostrū IOHANNEM EIIOLLAS cum suis interficere, quod etiam fecerunt, cum enim Dux noster IOHANNES</p>	<p>Cap. XIII – Quanto aos demais NAPERII e PEIEMBAS, tendo deliberado tinham concluído matar nosso comandante IOHANNEM EIIOLLAS com os seus, o que assim fizeram quando, com</p>

⁵¹ Segundo Dicionário Oxford, uma expressão idiomática que significa **no que se refere** (*quod ad COISA REFERIDA attinet*)

⁵² Segundo Dicionário Oxford, expressão *consilium inire* que significa deliberar.

<p>tiveram que atravessar força um grande matagal, na metade do caminho foram abordados de surpresa raivosos e acabaram com todos e com seu capitão, e ninguém pode se salvar.</p> <p>Capítulo 26 - De como tomam conhecimento de que seu capitão geral estava morto e elegendem em seu lugar a Domingo Martinez de Irala.</p> <p>Os 50 homens que haviam regressado a Assunção para esperar ao capitão e aos soldados, souberam do ocorrido por um índio escravo que os paiaгуás haviam presenteado a Don Junan de Ayolas, que Deus o Tenha. Este pode escapar por saber a língua, nos contou todo o acontecimento desde o principio ao fim, mas não queríamos acreditar.</p> <p>Permanecemos todo o ano na dita cidade de Assunção, e não pudemos ter conhecimento nem notícias do que realmente havia ocorrido com nossa gente: somente o que os cários avisaram a nosso capitão Domingo Martinez de Irala, que todos os nossos haviam sido mortos pelos naperus e paiaгуás, como era pública fama.</p>	<p>EIIOLLAS unà cum suis à NAPERIIS ad PEIEMBAS proficisci vellet, & mediū iam iter confecisset praeter expectationem in sylva, per quam <i>Christianis eundum erat</i>⁵³, à NAPERIIS & PEIEMBAS canum instar furentibus, oppressus, & cum omnibus quos secum adhuc habebat Christianis, miserè trucidatus est, ita ut ne unus quidē effugerit, quorum animis Deus propitius esse velit.</p> <p>Nos autem quinquaginta qui Noster Signora Desumtion civitatem profecti eramus, & adventum nostri Ducis ibi expectabamus, cum hoc cognovissemus, exponente nobis rem omnem Indiano quodam, qui mancipium⁵⁴ IOHANNIS EIIOLLAS piae memoriae⁵⁵ fuerat, quem ipse EIIOLLAS à Peiissennis populis acceperat, (huic enim propter linguam parsum erat) non poteramus ei fidem per omnia habere.</p> <p>Commorati sumus igitur per annum in dicta civitate Noster Signora, sed percipere de nostris militibus relationem nullam potuimus excepto, quod CARIOS populi nostro Gubernatori MARTINO DOMINGO EIIOLLA, indicarent, rumore spargi, ducem nostrum cū Christianis omnibus à PEIEMBAS esse interfectum:</p>	<p>efeito, nosso comandante IOHANNEM EIIOLLAS, junto com os seus, quis partir dos NAPERIIS aos PEIEMBAS, e já tinha atravessado metade do caminho, além da expectativa na floresta pela qual os cristãos deveriam passar, (o comandante) foi encurralado e miseravelmente trucidado com todos os cristãos, que tinha junto consigo, pelos NAPERIIS e PEIEMBAS, furiosos como cães, de modo que nenhum fugisse, na verdade, que Deus queira ser favorável com as almas.</p> <p>Nós 50, no entanto, que tínhamos partido para a cidade de Nossa Senhora de Assunção e esperávamos a chegada de nosso comandante nesse lugar, quando soubemos disso, tendo um certo indígena exposto a nós toda a coisa, o qual tinha sido escravo da piedosa memória de IOHANNIS EIIOLLAS, que Deus o tenha, o qual o próprio EIIOLLAS tinha recebido do povo Peiissenni, (este, de fato, tinha sido poupado por causa da língua), não poderíamos ter fé nele por todas as coisas.</p> <p>Permanecemos então por um ano na dita cidade de Nossa Senhora, mas não pudemos conhecer nenhuma narração sobre nossos soldados exceto aquilo que revelaram que um boato foi espalhado que o nosso governador foi morto junto com todos os cristãos pelos PEIEMBAS.</p>
---	--	--

⁵³ Expressão formada pelo gerundivo mais o verbo ESSE que significa **ser obrigado a fazer uma ação** e o que é obrigado a praticá-la deve ficar no dativo, como é o caso da palavra *Christianis* (*Christianis eundum erat* → os cristãos deveriam passar).

⁵⁴ *Mancipium*, -ii pode ter várias traduções como, por exemplo, filho dependente, escravo, testemunha, etc. Neste caso, optou-se por traduzi-la como escravo.

⁵⁵ Expressão utilizada para se referir a pessoa que já morreu, abreviado apenas, muitas vezes, apenas por *p.m.*

<p>Ainda assim não queríamos acreditar, a não ser si escutássemos de viva voz a um dos paiguás. Logo passaram 02 meses até que os cários trouxeram a nosso capitão a 02 paiguás que haviam capturado. E quando nosso capitão lhes perguntou se haviam participado na morte dos nossos, eles negaram dizendo que nosso capitão geral ainda não havia regressado.</p> <p>Então nosso capitão mandou ao alcaide e ao aguazil que lhes torturasse para que dissessem a verdade, e os torturaram tanto que confessaram que nosso capitão geral com toda a sua gente haviam sido pegos de surpresa e mortos pelos naperus e paiguás no meio da selva, como se disse mais atrás. Por isso, nosso capitão mandou amarrá-los a uma árvore, rodeá-los com uma fogueira e queimá-los.</p> <p>No ínterim pensamos nomear por capitão geral ao dito Domingo Martinez da Irala, sobre todo porque havia se mostrado piedoso para com a gente de guerra, até que sua Cesárea Majestade decidiu outra cosa.</p>	<p>Nos tamen credere hoc nõ poteramus, donec id à quodam Peiembas confirmaretur. Post duos igitur menses, advenientes CARII, adduxerunt ad gubernatorem nostrum MARTINUM DOMINGUM EIIOLLAS duos PEIEMBAS quos ceperant. Qui quidẽ, à gubernatore nostro his de rebus interrogati, constanter negârunt se quicquam de ista caede audivisse, affirmantes Ducem nostrum cum populo suo, ex peregrina ista terra, in quam abierat, nondum esse reversum.</p> <p>Itaque <i>praefecto rerum capitalium mandatum est</i>⁵⁶, ut duos hosce⁵⁷ PEIEMBAS torqueri faceret, quoad veritatem dicerent, quo facto fatebantur sese ex eorum numero esse, qui Christianos cum suo Duce interfecerant.</p> <p>Post hanc confessionem ad supplicium condemnati sunt, ita quidem ut <i>allegati</i>⁵⁸ ad arborem⁵⁹ igne ad certũ interuallum extracto paulatim cremarentur & absumerentur.</p> <p>Interea placuit nobis omnibus MARTINUM DOMINGO EIIOLLAS generalem nostrum Ducem facere, maximè cum de universo exercitu <i>benè</i></p>	<p>Nós, no entanto, não podíamos acreditar nisto, até que isso foi confirmado por algum Peiembas. Depois então de dois meses, os CARII que chegaram, trouxeram a nosso governador MARTINUM DOMINGUM EIIOLLAS dois PEIEMBAS que capturaram. Que (eles), na verdade, foram interrogados por nosso governador sobre essas coisas, negaram firmemente ter ouvido qualquer coisa sobre este assassinato, afirmando que nosso comandante juntamente com seu povo, desta terra estrangeira, para a qual tinha partido, ainda não retornou.</p> <p>Desta maneira (o caso) foi confiado ao chefe dos assuntos de pena de morte, para que mandasse torturar estes dois PEIEMBAS até que dissessem a verdade, isto feito eles confessaram que eles estavam no número daqueles que mataram os cristãos junto com seu comandante.</p> <p>Depois desta confissão foram condenados à execução, de modo que, de fato, para que amarrados a uma árvore fossem queimados e consumidos pouco a pouco por um fogo construído a certa distância.</p> <p>Enquanto isso foi decidido por todos nós fazer MARTINUM DOMINGO EIIOLLAS nosso comandante geral, especialmente porque ele</p>
---	--	--

⁵⁶ Descrição do algoz (*praefecto rerum capitalium mandatum est* → ao chefe dos assuntos de pena de morte).

⁵⁷ Neste caso, para aumentar o valor demonstrativo acrescenta-se a partícula –CE => HOS+CE (Ravizza p.76)

⁵⁸ Segundo Du Cange, no latim pós clássico, *allegati* tem o sentido de aliado. No texto, entretanto, não tem o valor apontado por Du Cange e não tem um uso clássico, tem apenas um valor aproximado.

⁵⁹ O texto latino dá dupla interpretação: *arborem* tanto pode ser árvore como um mastro construído para esse fim especificamente. Ambas as possibilidades são registradas nos dicionários de latim clássico e aceitas como possibilidade de tradução.

<p>Capítulo 27 - O Capitão Geral deixa a fortaleza em Assunção, vai contra os timbus porque havia grande desordem entre os selvagens, ocupa Corpus Christi e se translada a Buenos Aires.</p> <p>Mandou logo nosso capitão general que se aprontassem 04 bergantins e 150 homens, deixando os demais em Assunção, a saber, os 150 homens que restavam com os timbus, como se disse, e também os 160 espanhóis que continuavam em Buenos Aires com as 04 naves. E assim navegou Paraguai e Paraná abaixo chegou ao lugar dos timbus, que havíamos batizado Buena Esperanza, e o forte, com nossa guarnição, Corpus Christi.</p>	<p><i>meritus</i>⁶⁰ esset, donec Regia Maiestas aliud quid mandaret atque disponeret.</p> <p>Quo facto praecepit MARTINUS EIIOLLA quatuor naves, PARCHKADIENES, fieri, & assumpsit 150 armatos, reliquis in civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION relictis⁶¹, dixitque se populum nostrum apud THYEMBAS relictum, similiter 160 illos Hispanos qui in civitate BONAS AEIERES cū duabus navibus manserant, in dictam civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION adducturum, atque ita cum quatuor istis PARCHKADIENES in flumine PARABOE & PARANAV discessit.</p>	<p>conseguiu a graditão/ comportou-se bem ao exército inteiro, até que a Régia Magestade ordenasse e dispusesse alguma outra coisa.</p> <p>Isto feito MARTINUS EIIOLLA ordenou que fossem feitos quatro barcos PARCHKADIENES e tomou 150 soldados armados, deixando o resto na cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, e disse que ele deixava o nosso povo junto aos THYEMBAS, da mesma forma traria aqueles 160 espanhóis que tinham ficado na cidade de BONAS AEIERES com dois navios para a dita cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION e assim partiu com esses quatro PARCHKADIENES no rio PARABOE & PARANAV</p>
<p>Mas antes de chegar aos timbus, alguns dos nossos que nos estavam esperando, isto é, o capitão Francisco Ruiz, o presbítero Juan Pavón e um secretário de nome Juan Hernández que estavam ali de tenentes de governador, se haviam confabulado para manter o Chefe de timbus e a alguns de seus índios. E assim, antes que chegássemos com nosso capitão geral Domingo Martínez da Irala, cometeram a atrocidade de matar aos índios que longo tempo os haviam favorecido.</p>	<p>Cap. XIII – Antequam ad THYEMBAS venissemus, concluderant Christiani qui nos ibi expectabant, nempe centurio FRANCISCUS RIUS, IOHANNES PABAN sacerdos, & IOHANNES ERNANDUS, secretarius, substituti nimirum gubernatores Christianorū, quod supremum THYEMBAS Ducem, & cum eo Indianos alios interficere vellent, quod ipsum etiam crudelissimè fecerāt, Indianos eos, qui longo tempore omnia ipsis beneficia exhibuerāt, turpiter interficientes, priusquā nos cū MARTINO DOMINGO EIIOLLA venissemus.</p>	<p>Cap. XIII – Antes que chegássemos aos THYEMBAS, os cristãos que nos esperavam lá tinham definido, ou seja, o centurião FRANCISCUS RIUS, o sacerdote IOHANNES PABAN e o secretário IOHANNES ERNANDUS, sem dúvida governadores substitutos dos cristãos, concluíram que desejavam matar o líder supremo dos THYEMBAS e com ele outros indígenas, o que de fato fizeram com muita crueldade, matando vergonhosamente os indígenas, que conferiram-lhes, por muito</p>

⁶⁰ Expressão *Bene merere de* significa comportar-se bem com alguém ou conseguir a gratidão segundo dicionário Oxford.

⁶¹ Mais um caso de omissão do verbo ESSE (*relictum esse* – que tinham ficado ou tinham sido deixados)

		tempo, benefícios antes que nós chegássemos com MARTINO DOMINGO EIIOLLA.
<p>Quando chegamos, nos assustamos muito ao saber que todos os timbus haviam fugido, mas não pudemos fazer nada. Por isso, nosso capitão geral ordenou a Antonio de Mendoza, ao que havia deixado de capitão com 120 homens e provisões em Corpus Christi, que não confiasse em absoluto nos índios e que pusesse sentinelas de dia e de noite lhes oferecesse sua amizade, mas que se protegesse muito deles, e que evitasse aos nossos todo dano.</p> <p>Voltou a embarcar, levando consigo aos autores do homicídio, a saber, Francisco Ruiz, o sacerdote Juan Pavón e Juan Hernández. Estando para partir, se apresentou um dos chefes dos timbus que se chamava Zaique Limpy. Era este grande amigo dos cristãos ainda que se visse obrigado a seguir aos seus por sua mulher, filhos e parentes. Avisou o nosso capitão Domingo Martínez de Irala que levasse consigo a todos os espanhóis, porque o país inteiro estava contra eles, querendo matá-los e expulsá-los desta terra. Nosso capitão geral Domingo Martínez de Irala lhe respondeu que</p>	<p>Cap. XV – Cum autem Dux noster MARTINUS EIIOLLA nosbiscū ex civitate NOSTRA SIGNORA DESVMSION, ad dictos THYEMBAS & Christianos veniret, obstupuit valdè propter facinus hoc perpetratū, & quod THYEMBAS in fugam versi essent. Sed factum infectum reddere non poterat, itaque praesidio & cibo necessario in CORPORIS CHRISTI relicto, 20 armatos cum Decurione quodam ANTONIO MANCHOSSA, eò⁶² collocavit, seriò & sub poena mortis praeciens, ut Indianis nullo modo fiderent, sed nocte dieq; in excubiis essent.</p> <p>Et si fortè Indiani venirèt, amicitiam eorum rursus ambientes, iussit ut rem istam cautè agerent & omni quidē benevolentia eos acciperent, sed in omnibus tamen viderent, ne vel sibi vel Christianis detrimentum & damnum inferretur.</p> <p>Postea, assumpsit secum Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLAS, supradictos, FRANCISCUM RIUM, sacerdotem IOHANNEM PABAN, & ERNANDUM, secretarium, tanquam authores & causas istius caedis, & à nobis discessit, sed</p>	<p>Cap. XV – No entanto, quando o nosso comandante MARTINUS EIIOLLA veio conosco e da cidade de NOSTRA SIGNORA DESVMSION aos ditos THYEMBAS e cristãos, ficou muito surpreso por causa desta maldade realizada (crime cometido) e que os THYEMBAS tinham partido em fuga. Mas ele não poderia restaurar o fato iniciado, tendo deixado guarda e alimento necessário em CORPORIS CHRISTI, colocou <u>lá</u> 20 soldados armados com certo oficial ANTONIO MANCHOSSA, prevenindo seriamente e sob pena de morte que não confiassem de modo algum nos indígenas, mas que fossem sentinelas (que ficassem atentos) durante noite e dia.</p> <p>E se talvez os indígenas vissem, solicitando novamente a amizade deles, ordenou que fizessem essa coisa cautelosamente os recebessem com toda benevolência, mas, no entanto, observassem a todos, para não levar à perda e ao dano nem a si mesmo, nem aos cristãos. Depois nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLAS tomou consigo os acima citados FRANCISCUM RIUM, o sacerdote IOHANNEM PABAN e o secretário ERNANDUM, como autores e causas deste homicídio, e se afastou de nós, mas antes de partir veio um certo chefe daqueles</p>

⁶² Advérbio EO, segundo COMBA (p.150) , um advérbio de lugar para onde, e como o PARA já está subentendido na regência do verbo, traduziu-se apenas como LÁ.

<p>voltaria logo e que sua gente bastava para resistir aos índios, e lhe disse também que se passasse aos cristãos com sua mulher, filhos e familiares, prometendo lhe o dito Zaique Limy que assim o faria.</p>	<p>antequam discederent, venit quidam primas ex illis THYEMBAS cui nomen erat ZEICHELYEMII. Hic simulabat se Christianorum amicum esse, & excusabat sese verbis admodum humanis, sed simulatis & fictis, quod non posset per omnia THYEMBAS vitare, id enim fieri propter uxorem, liberos & cognatos alios, sed colere se tamen nobiscum amicitiam, affirmabat, & hortabatur Ducem nostrum MARTINUM DOMINGO EIIOLLAS, ut Christianos omnes secum abduceret, communi enim consilio ab Indianis decretum esse, quod Christianos interficere & extirpare vellent. Huic respondit Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLAS, se quidem statim reversurum, caeterum populum suum <u>satis</u> habere virium ad reprimendos Indianorum impetus, addebat praeterea, eum ZEICHELYEMII debere unà cum uxore & liberis, sese Christianis adiungere, vel si vellet cū universo suo populo. Ad quo respondit ZEICHELYEMII, se ita facturum.</p>	<p>THYEMBAS cujo nome era ZEICHELYEMII. Este fingia ser amigo dos cristãos e se desculpava com palavras muito humanas, mas simuladas e fictícias; afirmava que não podia fugir dos THYEMBAS por toda parte, isto, de fato, afirmava que isso era feito por causa de sua esposa, filhos e outros parentes, mas, que ele, no entanto, cultivava a amizade conosco, e exortava nosso comandante MARTINUM DOMINGO EIIOLLAS que levasse embora todos os cristãos consigo, pois, na verdade, foi determinado pelo conselho geral dos indígenas que eles desejavam matar e extirpar os cristãos. Nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLAS respondeu para este que, na verdade, logo retornaria, que o restante do seu povo tinha o suficiente de forças para reprimir o ataque dos indígenas, além disso acrescentou que ele, ZEICHELYEMII, deveria, junto com sua esposa e filhos, se juntar aos cristãos, ou se ele quisesse, com todo o seu povo. Ao que respondeu ZEICHELYEMII que assim faria.</p>
<p>Logo nosso capitão geral domingo Martínez de Irala se foi Paraná abaixo: deixando-nos sozinhos ali.</p> <p>Capítulo 28 - Os timbus matam a traição a cinquenta dos cristãos. Estes abandonam Corpus Christi e se dirigem a Buenos Aires.</p>	<p>Solvebat igitur Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLAS nobis hic solis relictis.</p>	<p>Então nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLAS zarpou (partiu) nos deixando sozinhos ali.</p>
<p>Uns oito dias mais tarde o dito Zaique Limy envio a um de seus irmãos chamado Sueblada, pedindo aleivosamente a nosso capitão Antonio de</p>	<p>Caeterum post octo ferè dies, misit dictus ille THYEMBUS ZEICHELYEMII aliquem ex fratribus suis, nomine SVELABA, qui subdolè & fraudulentè</p>	<p>Porém depois de quase oito dias, aquele, o dito THYEMBUS ZEICHELYEMII, enviou um de seus irmãos, de nome SVELABA, que pediu de modo</p>

<p>Mendonza, que lhe desse seis cristãos com arcabuzes e outras armas para passar-se com todos os seus pertences e os seus a viver conosco. Também mandou dizer que tinha muito medo dos timbus e que de outra forma não poderia tirar a salvo seus bens. Em suma, se ofereceu como amigo, prometendo trazer-nos provisões e outras coisas em abundancia.</p>	<p>peteret, ut gubernator vel Decurio noster ANTONIO MANCHOSSA sex milites armis suis instructos, ad se mitteret, cōstituisse se enim familiam suam ad nos trãsserit, & nobiscum imposterum habitare, vereri se autem reliquorum THYEMBUS iniuriam, nec posse se res suas sine nostro auxilio ad nos traducere. Promittebat vero se nobis allaturum victum & quicquid necessarium videretur, sed haec omnia dolose & fraudulenter erant conficta.</p>	<p>artificial e fraudulento para que o nosso governador ou oficial ANTONIO MANCHOSS para que enviasse para ele seis soldados equipados com suas armas; pois que ele tinha decidido levar a sua família para junto de nós e habitar conosco a partir daí, no entanto, ele temia injúria dos THYEMBUS restantes, e não poderiam atravessar para junto de nós as suas coisas sem o nosso auxílio. De fato ele prometeu que ele traria para nós comida e qualquer outra coisa que parecesse necessário, mas todas estas coisas foram inventadas por engano e fraudulência.</p>
<p>Entretanto, tudo isto não era senão mentira e velhacaria, Nosso Capitão não lhe deu seis homens senão cinquenta com arcabus e outras armas, advertindo-lhes que estivessem atentos e prevenidos, para que os índios não lhes causassem nenhum dano. Até os timbus não havia mais de media légua. Quando nossos cinquenta homens chegaram às choças da praça, os timbus saíram e lhes deram o beijo de Judas. Também lhes trouxeram de comer peixe e carne. E enquanto estavam comendo, caíram sobre eles ajudados por amigos e outros timbus escondidos nas casas e nas roças. Em seguida e lhes benzeram a comida de tal modo que não se salvou ninguém, exceto um rapaz chamado Caldero, o único que pode escapar.</p>	<p>Verum noster centurio, ipsi non tantum sex, sed totos 50 Hispanos armis suis probè instructos adiunxit, monens tamen ut viderent ne quid detrimenti ab Indianis acciperent.</p>	<p>Mas nosso capitão trouxe para o mesmo não apenas seis, mas todos os 50 espanhóis muito bem equipados com armas, entretanto, advertindo que observassem para que não sofressem nenhum dano por parte dos indígenas.</p>
<p>Em seguida vieram sobre nós com 10000 homens e cercaram a nosso forte durante 14 dias, para acabar conosco. Mas Deus Todo Poderoso o remediou impedindo seu propósito. Com as</p>	<p>Non aberant isti THYEMBUS à nobis ultra dimidium miliare ad quorum aedes cum milites nostri accessissent, osculo ludae excepti sunt, proposito ipsis cibo, piscibus nimirum & carne. Sed inter edendum, prorumpebant THYEMBUS qui sese in aedibus absconderant, & eos ita tractabant, ut nemo euadere posset, excepto unico puero qui vocatur KALDERON. Deus ipsis esto propitius, Amen.</p>	<p>Estes THYEMBUS não estavam distantes de nós mais de meia milha e quando nossos soldados chegaram até as moradas deles foram recebidos com o beijo de Judas e pela comida exposta a eles, sem dúvida, peixes e carne.</p>
<p>Em seguida vieram sobre nós com 10000 homens e cercaram a nosso forte durante 14 dias, para acabar conosco. Mas Deus Todo Poderoso o remediou impedindo seu propósito. Com as</p>	<p>Quin etiam eodem tempore civitatem nostram obsidebant circiter 10000 Indiani, eam expugnaturi, quod tamen ipsis Dei beneficio non successit, quamuis totos 14 dies in obsidione</p>	<p>Mas no meio da refeição, os THYEMBUS que se tinham escondido nas choças/moradas e se lançaram sobre eles e assim os arrastaram de modo que ninguém pudesse escapar, exceto um único garoto que era chamado KALDERON. Deus seja favorável a eles. Amém.</p> <p>De fato, além disso, ao mesmo tempo cercaram nossa cidade cerca de 10000 indígenas que iam destruí-la, o que, no entanto, não aconteceu a eles por benevolência de Deus, apesar de terem estado</p>

<p>espadas que haviam tirado dos espanhóis, haviam fabricado umas lanças com as quais nos atacaram assediando-nos dia e noite. Mas não conseguiram nada. E aconteceu que passados lós 14 dias, os índios nos atacaram de noite com grande fúria e com todas suas forças, queimando nossas casas, então nosso capitão Antonio de Mendonza saiu do portão armado de um montante. Havia ali uns índios ocultos e observando escondidos, tão logo que nosso capitão saiu do portão, o atravessaram com suas lanças, caindo morto ao instante.</p> <p>Em vista de que não lhes restava nada que comer, os índios não puderam manter-se ali por mais tempo, e assim levantaram seu acampamento e se foram.</p> <p>Depois disso chegaram dois bergantins que nosso capitão geral Dom Domingo Martínez de Irala nos ensinava desde Buenos Aires com provisões e víveres, para que pudéssemos nos manter até sua chegada, o que nos causou grande alegria. Em troca, os que tinham vindo com os bergantins sentiram grande tristeza pelos espanhóis mortos.</p>	<p>essent, & impetus non leves die nocteq; fecissent. Fecerant ipsis hac vice longas hastas, quas tamen à Christianis acceperāt, cum illis pugnabant & resistebant nobis acriter.</p> <p>Accidit autem, ut nocte quadam summis viribus irruptionem facerent, & ignem in aedificia nostra proiicerent, quo viso occurrit centurio noster ANTONIUS MANCHOSSA cum Rhomphaea⁶³ ad portam quandam, ibi absconderant sese quidam Indiani, ut videri non possent, hi lanceas in eum suas mittentes, medium confoderunt, ut ne verbum quidem amplius loqueretur, Deus misereatur animae ipsius.</p> <p>Sed Indiani quidem diutius sese sustentare non poterant, destituebantur enim omni cibo, itaque relicta nostra civitate discesserunt. Postea adveniebant duae BBRGENTIN naviculae cibo onustae, quas Dux noster ex civitate BONAS AEIERES nobis miserat ut ibi eius adventum expectare melius possemus. Gaudebamus igitur nos quidem, sed qui cum duabus BBRGENTIN venerant, dolebant admodum <u>vicem Christianorum</u>⁶⁴ à nostra parte occisorum.</p>	<p>no cerco por 14 dias inteiros e terem feito não leves ataques dia e noite. Desta vez, tinham feito para eles longas lanças, as quais, no entanto, foram tomadas pelos cristãos, que com elas combateram e resistiram a nós com vigor.</p> <p>Mas aconteceu que, certa noite, eles fizeram um ataque com as máximas forças e lançaram fogo em nossas edificações, ao ver isso, nosso capitão ANTONIUS MANCHOSSA veio correndo com uma longa espada até um certo portão, neste lugar se esconderam alguns indígenas, para que não pudessem ser vistos, estes jogando suas lanças nele transpassaram-no ao meio, de modo que ele não falou mais palavra nenhuma, Deus tenha misericórdia da alma dele.</p> <p>Mas os indígenas, na verdade, não poderiam se sustentar por mais tempo, realmente estavam destituídos de toda comida, desta maneira, partiram deixando nossa cidade. Depois vieram dois pequenos barcos BBRGENTIN carregados com comida, que o nosso comandante enviou para nós da cidade de BONAS AEIERES para que pudéssemos esperar ali mais a chegada dele. Na verdade, então nós nos alegramos, mas os que vieram com os dois BBRGENTIN sofriam muito pelos cristãos mortos de nossa parte.</p>
--	--	--

⁶³ Palavra de origem grega. Designa uma arma de origem trácia que é uma espécie de espada ou lança de arremesso, segundo Dicionário Oxford. Observe-se, no entanto, que na tradução já existente para o em português usa-se montante, que é uma espada com uso para duas mãos, portanto, diferente do texto em latim. Sendo assim, optou-se por traduzir apenas como **uma longa espada**.

⁶⁴ *Vicem* com o acusativo indica *no lugar de, em vez de*, ou com o sentido de substituto segundo Dicionário Oxford.

<p>Mais tarde resolvemos de comum acordo, que os melhor seria não continuar por mais tempo em Corpus Christi com os timbus. E assim descemos o rio até Bueno Aires, onde nos reunimos com nosso capitão geral Domingo Martinez de Irala. Este se sobressaltou muito e se mostrou sinceramente pesaroso pelas pessoas que haviam morrido. Não sabia o que fazer conosco, já que não nos restava nada das provisões.</p> <p>Capítulo 29 - Chega uma nave da Espanha com gente nova a Santa Catarina aonde navegamos com uma galera.</p> <p>Aos 05 dias de estar em Buenos Aires chegou uma caravela da Espanha, que nos trouxe a nova de que em Santa Catarina havia ancorado uma nave em que vinha por capitão Alonso Cabreza com 200 homens.</p> <p>Tão logo como nosso capitão geral soube da notícia mandou construir de 02 barcos pequenos uma galera e a enviou com a caravela a Santa Catarina no Brasil, que está a 300 léguas de Buenos Aires. Por capitão pôs a Gonzalo de Mendonza, com ordem, de caso encontrar a dita</p>	<p>Conclusimus igitur communi consilio, non diutius in Corporis Christi apud THYEMBUS commorati, & conscensis navibus, omnes civitatē BONAS AEIERES petiimus & ad nostrum Ducem MARTINUM DOMINGO EIIOLLA peruenimus, qui quidē adventu nostro stupefactus, dolebat admodum cladem populi, nec quid faceret sciebat, siquidem & victu propemodum omni iam destituebamur.</p> <p>Caeterum cum 5 dies in BONAS AEIERES fuisset, advenit ecce navis quaedam ex Hispania cui nomen est CARABELLE, quae referebat navem aliam venisse ad S.CATHARINAM, cuius Dux vocaretur ALBERVNZO GABRETO habens secum 200 armatos ex Hispania aductos.</p> <p>Hoc cum audivisset Dux noster, iussit <i>praeparari</i>⁶⁵ <i>ex</i>⁶⁶ duabus istis navibus, navem unam, quam vocant GALION, & misit eam primo quoque tempore ad S.CATHARINAM in PRIESIELL, sitam 30 miliaribus à civitate Bonas Aeieres, addito ei gubernatore⁶⁷, cui nomen erat CONSSAILLO</p>	<p>Então concluímos por conselho geral não permanecer por mais tempo em Corpus Christi entre os THYEMBUS e embarcando nos navios, dirigimo-nos todos para a cidade de BONAS AEIERES e chegamos junto de nosso comandante MARTINUM DOMINGO EIIOLLA que, na verdade, surpreso com nossa chegada, sofria muito com a destruição do povo e não sabia o que fazer visto que todos já estávamos quase destituídos de alimento.</p> <p>Mas depois de 5 dias que estávamos em BONAS AEIERES, eis que chegou um navio da Espanha cujo nome é CARABELLE, que informou que outro navio tinha vindo para S.CATHARINAM, cujo comandante era chamado ALBERVNZO GABRETO tendo consigo 200 homens armados trazidos da Espanha.</p> <p>Quando nosso comandante ouviu (soube) isso, ordenou que fosse preparado um navio dentre estes dois navios, que chamam GALION e enviou-o o mais rápido possível a S.CATHARINAM no PRIESIELL, localizada a 30 milhas da cidade de Buenos Aires, tendo adicionado um piloto, cujo</p>
---	--	--

⁶⁵ No latim clássico o verbo *praeparari* não tem o sentido de construir como é dado às outras duas traduções portuguesas, por isso esse termo faz com que as traduções fiquem divergentes.

⁶⁶ Preposição EX utilizada em sua função partitiva.

⁶⁷ A palavra latina *gubernator*, *-oris* designa o que governa, dirige o leme, timoneiro, piloto. Vem para o latim do verbo grego ἑγχεῖν que significa estritamente dirigir um navio, pilotar. No texto é utilizada em alguns momentos como governador e em outros como piloto, dependendo do contexto.

<p>nave em Santa Catarina, de carregar um dos barcos com arroz, mandioca e as provisões que lhe parecessem.</p> <p>Então este capitão Gonzalo de Mendonza pediu a nosso capitão geral Domingo Martínez de Irala que lhe desse 06 soldados em quem pudesse confiar, e este os concedeu. Assim me escolheu e a seis (sic) espanhóis e outros vinte.</p> <p>Zarpamos de Buenos Aires, e em um mês chegamos a Santa Catarina. Ali encontramos a dita nave que tinha vindo da Espanha e a seu capitão Alonso Cabrera com toda sua gente, o que nos alegrou muito. Permanecemos dois meses ali e carregamos nossos barcos com o quando pudermos de arroz, mandioca e milho.</p> <p>Depois saímos de Santa Catarina com ambas as naves e com o capitão Alonso Cabrera e toda sua gente, rumo a Buenos Aires. Estando a 20 léguas do Paraná, a véspera do dia de Todos os Santos, se juntaram as naves, perguntando-nos uns aos outros si estávamos já no rio Paraná. E nosso piloto dizia que sim, e o da outra dizia que ainda faltavam 20 léguas. Pois é costume no mar que, navegando 20(sic) ou mais naves, se reúnam ao por do sol e os pilotos se perguntem uns aos</p>	<p>MANCHOSSA. Huic simul in mandatis dedit, ut cum ad S.CATHARINAM in PRIESIELL venirēt, navem suam oryza, MANDEOCH & aliis victualibus pro suo arbitrio impleret.</p> <p>Postulabat igitur Gubernator hic CONSSAILLO MANCHOSSA, sibi à Duce nostro sex milites concedi, quibus fidere tutò posset, quo impetrato, assumpsit me, unà cum sex Hispanis, caeterorum autem⁶⁸ militum & nautarum erant viginti personae.</p> <p>Solventes autem ex civitate BONAS AEIERES, spacio unius mensis ad S.CATHARINAM peruenimus, ubi invenimus dictam navem quae ex Hispania advenerat, & Ducem eius ALBERVNZO GABRETO cum populo supra dicto. Laetati igitur sumus admodum, & duos menses ibi permāsimum, implentes interea navem nostrā Oryza, MANDEOCH & frumento asiatico, quantum capere poteramus.</p> <p>Solvimus deinde cum duabus istis navibus, & Duce isto ALBERVNZO GABRETO atque universo populo, S.CATHARINA ad civitatem BONAS AEIERES profecturi, & peruenimus 20 miliaria ad fluviū PARANAV VVASSV. Hic fluvius in ingressu habet in latitudine 40 miliaria quae latitudo 80 miliaria durat, usq; ad portum S.GABRIEL dictum, ubi fluvius hic in latitudine habet 8 miliaria.</p>	<p>nome era CONSSAILLO MANCHOSSA. A este deu, ao mesmo tempo, ordens para que quando chegassem a S.CATHARINAM no PRIESIELL enchesse seu navio com arroz, MANDEOCH e outros suprimentos de sua escolha.</p> <p>Então este piloto CONSSAILLO MANCHOSSA reivindicou para si, que fossem concedidos pelo nosso comandante seis soldados em quem pudesse confiar totalmente, e tendo obtido isso, levou a mim junto com seis espanhóis, porém, além dos militares e dos marinheiros eram 20 pessoas.</p> <p>Partindo, no entanto, da cidade de BONAS AEIERES, chegamos no espaço de um mês a S.CATHARINAM, onde encontramos o dito navio que chegara da Espanha e o comandante dele ALBERVNZO GABRETO com o povo já citado. Então ficamos muito contentes e permanecemos ali por dois meses, enchendo enquanto isso nosso navio com arroz, MANDEOCH e milho tanto quanto podíamos pegar.</p> <p>Partimos, em seguida, com estes dois navios e com este comandante ALBERVNZO GABRETO e todo o povo, avançando de S.CATHARINA para a cidade de BONAS AEIERES e chegamos a 20 milhas do rio PARANAV VVASSV. Este rio na entrada tem 40 milhas de largura e esta largura continua 80 milhas até o dito porto de S.GABRIEL, onde este rio tem 8 milhas de largura.</p>
--	---	--

⁶⁸ Embora não esteja muito claro na redação do texto em latim, trata-se de mais 20 indígenas que serão citados novamente mais adiante no texto.

<p>outros o quanto navegaram e que vento tomaram para prosseguir de noite e não separar-se.</p>		
<p>O rio Paraná tem em sua desembocadura 30 léguas de largura e se mantém umas 50 léguas acima, até que se chega a um porto chamado San Gabriel, onde somente tem 18 léguas de largura. Então, nosso piloto voltou a dirigir-se ao da outra nave, perguntando-lhe si queria seguir-lhe. Mas o outro lhe respondeu que era de noite e por isso preferia ficar no mar até amanhecer, pois não queria aproximar-se da terra durante a noite. Tinha mais juízo este piloto que o nosso, como se verá. Este seguiu seu rumo, deixando atrás a outra nave.</p> <p>Capítulo 30 - Sofremos um naufrágio; alguns chegam por terra a San Gabriel, e dali a Buenos Aires, onde embarcamos para Assunção.</p> <p>Assim navegamos toda noite e tivemos uma grande tempestade no mar, até que por volta das 12 ou da uma quando acima não havia amanhecido, vimos terra e, antes de lançar a</p>	<p>Cap. XVI – Cum igitur ut dixi, 20 tantum miliaribus abessemus ab hoc flumine, circa vesperam⁶⁹ quae praecedit diem omnium sanctorum, convenerunt rursus duae istae naves, cumque alter alterum interrogaret, an in flumine PARANAV essemus, respondit nauclerus noster nos in flumine isto esse, nauclerus autem alter dicebat nos 20 adhuc miliaribus à flumine isto abesse.</p> <p>Cum enim in mari duae vel plures naves simul navigant, solent istae semper circa vesperam congregari, ubi alter alterum interrogat quot miliaria confecerint, & quo vento ea nocte uti velint, ne nimium separentur.</p> <p>Postea interrogabat noster nauclerus, alterum, an sua navi se sequi vellet, qui respondebat, se in mari mansurum ista nocte donec dies rursus oriretur, nec velle se noctu ad littus appellere. Hic nauclerus prudentior erat nostro ut mox audietis.</p> <p>Cum autem navis nostra relictâ alterâ progredereetur, experti sumus maximã vim ventorum, ita ut circiter horam duodecimam vel</p>	<p>Cap. XVI – Então, como eu disse, estávamos apenas a 20 milhas deste rio, em torno da noite que antecede o dia de todos os santos, estes dois navios reuniram-se novamente, todas as vezes que um perguntava ao outro se estávamos no rio PARANAV, respondia o nosso capitão do navio que estávamos neste rio, no entanto, o outro capitão de navio dizia que ainda estávamos a 20 milhas de distância deste rio.</p> <p>Na verdade, quando dois ou mais navios navegam ao mesmo tempo (juntos) no mar, geralmente estes se reúnem sempre em torno da noite, quando um interroga o outro sobre quantas milhas para terminar e qual o vento pretendem utilizar naquela noite para que não se afastem demais. Depois o nosso capitão do navio interrogou ao outro se ele gostaria de seguir o seu navio, o qual respondeu que permaneceria no mar nesta noite até o dia se levantar novamente e não gostaria de dirigir-se ao litoral à noite. Este capitão era mais prudente que o nosso, como em breve ouvireis.</p> <p>Quando, no entanto, nosso navio avançou tendo deixado a outra para trás, experimentamos a força máxima dos ventos, de modo que quase por volta</p>

⁶⁹ Segundo Dicionário Oxford, expressão *circa vesperam* pode ser traduzida como **em torno da noite**.

<p>âncora, nossa nave encalhou, faltando ainda uma boa légua até a costa.</p> <p>Não tivemos outro remédio que encomendar a clemência e misericórdia de Deus Todo Poderoso. Na mesma hora, nossa nave se fez em mil pedaços, e se afogaram 15 homens e 6 índios. Alguns alcançaram grandes tábuas de madeira. Eu e outros 5 companheiros nos salvamos sobre o mastro. Das 15 pessoas que se afogaram não pudemos achar os corpos. Deus tenha piedade de todos nós.</p> <p>Logo tivemos que caminhar 50 léguas. Com a nave se perdeu nossa roupa e também a comida, e assim tivemos que valer-nos das raízes e frutas que achamos no campo, até que chegamos ao porto de São Gabriel, e ali encontramos a outra nave que havia ancorado 30 dias antes.</p> <p>Como em Buenos Aires explicaram nosso infortúnio ao capitão geral Domingo Martínez de Irala, este e sua gente ficaram entristecidos, pois nos tinham por mortos e mandaram até rezar algumas missas por nossas almas.</p> <p>Depois de chegar a Buenos Aires, nosso capitão geral Irala mandou vir a nosso capitão, com o piloto e o timoneiro, e se não tivesse havido grandes suplicas por ele, teria mandado enforcá-</p>	<p>primam noctis, terra nobis appareret priusquam anchoram nostram firmare possemus.</p> <p>Cum igitur navis nostra in terram sive scopulum allideretur, & nos adhuc miliare unum à littore abessemus, aliud quidem consilij invenire non poteramus, quam ut rebus nostris Deo commendatis, divinam misericordiam imploraremus. Hoc facientes ⁷⁰ ecce allisa ad scopulum navis frangitur, pereuntibus in mari 15 viris & 6 Indianis. Aliqui tamen arreptis asseribus evaserunt. Ego & quinque alij malo adhaerentes salvati sumus, sed de 15 istis personis, neminem amplius vidimus, Deus ipsorum animis propitius esse velit, Amen.</p> <p>Postea coacti sumus 100 miliaria pedibus conficere, donec ad portum S.GABRIEL veniremus, carentes omni victu, qui cum vestimētis & rebus nostris aliis in navi perierat, & radicibus & aliis ex terra ibi nascentibus nos interim sustentantes. Cum igitur ad portum S.GABRIEL venissemus, invenimus ibi supra nominatã navem, que cum Duce suo 30 diebus ante nostrum adventum eò venerat.</p> <p>Noster vero Dux MARTINUS DOMINGO EIIOLLA cognito hoc infortunio admodum turbatus est, nec cogitare aliud potuit, quam omnes nos in mari periisse, itaque & vigiliis & precibus pro salute</p>	<p>da 12ª. hora ou uma da noite, a terra nos apareceu antes que pudéssemos firmar nossa âncora.</p> <p>Quando, então, no momento em que nosso navio foi arremessado para a terra ou contra uma rocha e nós ainda estávamos longe do litoral uma milha, certamente não pudemos encontrar outro plano do que implorar a misericórdia divina, tendo confiado nossas coisas a Deus. Assim que fizemos isso eis que o navio arremessado contra a rocha foi quebrado, perecendo no mar 15 homens e 06 indígenas. Alguns, entretanto, fugiram tendo agarrado pedaços de madeira. Eu e cinco outros fomos salvos agarrando ao mastro do navio, mas destas 15 pessoas não vimos mais ninguém. Deus queira ser favorável às almas deles. Amém.</p> <p>Depois fomos forçados a atravessar 100 milhas a pé, até chegarmos ao porto de S.GABRIEL, privados de toda comida, que com roupas e outras coisas nossas pereceu no navio, sustentando-nos, durante este tempo, com raízes e outras coisas que cresciam na terra neste lugar. Quando, então, chegamos ao porto S.GABRIEL, encontramos neste lugar o navio acima mencionado, que com seu comandante tinha chegado ali 30 dias antes de nossa chegada.</p> <p>Com certeza nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLA, informado desta tragédia, ficou muito perturbado, ele não podia pensar em outra coisa, que nós todos perecemos no mar,</p>
---	--	--

⁷⁰ Literalmente poderia ser traduzido como “nós fazendo”, porém, para que ficasse melhor em português, optou-se pela tradução “assim que fizemos isso”.

<p>lo; assim, somente foi condenado por quatro anos mas galeras.</p> <p>Reunida toda a gente em Buenos Aires, nosso capitão geral ordenou preparar os bergantins e embarca-los. Logo fez queimar as naves e guardar os ferros, e depois subimos outra vez pelo Paraná e chegamos à dita cidade de Nossa Senhora de Assunção. Ali permanecemos dois anos, esperando as ordens de sua Cesárea Majestade.</p> <p>Capítulo 31 - Procedente da Espanha, Alvar Núñez Cabeza de Vaca chega a Santa Catarina e posteriormente a Assunção com 300 espanhóis, e é recebido como governador.</p> <p>Enquanto isso, veio da Espanha um capitão geral chamado Alvar Núñez Cabeza de Vaca, ao qual Sua Cesárea Majestade enviou com 400 homens e 30 cavalos em 04 naves, 02 grandes e 02 caravelas. Quando as naves chegaram ao porto de Viza ou Santa Catarina, no Brasil, quis carregá-las com provisões, e, enviar 02 caravelas a buscá-los a uma distancia de 08 léguas, e se levantou tal tempestade que se afundaram no mar, salvando-se tão somente as pessoas que navegaram nelas. Quando soube o capitão geral Alvar Núñez Cabeza de Vaca, não quis aventurar-se ao mar com as outras 02 naves grandes, e não sendo úteis, mandou destruir – las e caminhar por terra em direção ao Rio da Prata, até chegar a cidade de Nossa Senhora de Assunção, com 300 dos 400</p>	<p>animarum nostrarum supplicare & intercedere suos iussit.</p> <p>Cumque in civitatem Bonas Aeieres veniremus, vocavit ad se Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOILA gubernatorem quem ablegaverat, & PILOTTAM sive nauclerum, volens de nauclero supplicium sumere. Et fuisset quidem ipse suspensus, sed multorum intercessione & precibus liberatus, cogebatur quadriënium in navibus BERGENTIN manere.</p> <p>Cum igitur, omnis populus in civitate BONAS AEIERES convenisset, praecepit Dux noster praeparari naviculas BERGENTIN, & conjuncto universo populo, maiores istas naves exussit, ferrũ tamen cõservavit atq; reposuit. His ita peractis profecti rursus sumus ad civitatem Noster Signora desumsion, ibiq; biennium commorantes, resolutionem & mandatum Regiae Maiestatis expectavimus.</p> <p>Interea venit Dux quidam alius ex Hispania nomine ALBERVNZO CABESSA de BACHA. Hunc Regia Maiestas gubernatorem quatuor navium (ex quibus duae magnae, & duae KARABELLA erant)</p>	<p>desta maneira, ele ordenou que os seus supplicassem e intercedessem pela saúde de nossas almas com vigílias e orações.</p> <p>Quando chegamos à cidade de Buenos Aires, nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOILA chamou para si o piloto a quem tinha enviado, e PILOTTAM ou capitão do navio, disposto a castigar o capitão. E, na verdade, ele seria suspenso (enforcado), mas liberto pela intercessão e prece de muitos, foi obrigado a permanecer um quadriênio (por quatro anos) no navio BERGENTIN.</p> <p>Quando, então, todo o povo foi reunido na cidade de BONAS AEIERES, nosso comandante ordenou preparar os navios BERGENTIN, e reunido o povo, destruiu pelo fogo estes navios maiores, no entanto, conservou e armazenou o ferro. Assim concluídas estas coisas, voltamos novamente para a cidade de Nossa Senhora de Assunção e ali permanecemos dois anos (um biênio) esperamos a resolução e a ordem da Real Majestade.</p> <p>Enquanto isso veio um certo outro comandante da Espanha de nome ALBERVNZO CABESSA de BACHA.</p> <p>A Real Majestade deu para este governador 04 navios (dos quais dois eram grandes e dois eram KARABELLA), 400 homens armados e 30 cavalos.</p>
---	---	--

<p>homens. Os outros haviam morrido de fome e doenças. O dito capitão geral esteve a caminho 08 meses, havendo 300 léguas de Assunção até o lugar e porto Santa Catarina. Como Alvar Núñez trouxe da Espanha seu governo outorgado por Sua Cesárea Majestade, requereu a nosso Capitão geral Domingo Martinez de Irala que lhe entregasse o poder e que o povo lhe obedecesse, ao que o capitão geral Domingo Martínez de Irala e toda a gente ficou pronta e obediente, desde que mostrasse as provisões de Sua Cesárea Majestade. Entretanto, a gente comum não pode averiguar, senão tão somente os clérigos e um ou dois capitães 12. Mas o que aconteceu com este capitão geral, se saberá mais adiante.</p>	<p>400 armatis & 30 equis dederat⁷¹. Hic cum ad portũ quendam in PRIESIEL⁷², qui vocatur VVIESSAIL, vel ad portum cui nomen est S.CATHARINA, una cum suis venisset, constituit sibi de victu & rebus necessariis aliis prospicere, emisitque duas CARABELLE ad octo ferè miliaria ab isto portu, ad emēda victualia, quas CARABELLE ingēs in mari tempestas oppressit, ita ut exceptis hominibus, ambae interierint.</p> <p>Hoc infortunium cum Dux ille cognovisset, nō audebat sese amplius mari committere, maxime cum maiores istae naves admodum ruinosae essent, itaque illas infringi pręcepit, & terrā ad nos RIO DELLA PLATA in civitatem NOSTER SIGNORA circa flumen PARABOE sitam profectus est, afferens secum 300 milites, qui de 400 remanserant, reliquis fame & morbis diris sublatis.</p> <p>Hic Dux in itinere octo mensibus fuit, & à portu isto S.CATHARINA ad civitatem Noster Signora desumtion 500 miliaria numerantur.</p> <p>Afferebat autem etiam ex Hispania de gubernatione sua, Regiae Maiestatis mandatum, postulans ut Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLA gubernationem & imperium sibi planè cederet, & universus populus sibi imposterũ</p>	<p>Quando este veio junto com os seus, a um certo porto no PRIESIEL, que era chamado VVIESSAIL, ou a um porto cujo nome é S.CATHARINA, decidiu prover-se para o futuro de alimento e outras coisas necessárias e enviou as duas CARABELLE por cerca de 08 milhas até este porto para tomar os alimentos, CARABELLE que foram surpreendidas no mar por uma enorme tempestade, de modo que, com exceção dos homens, ambas foram arruinadas.</p> <p>Quando aquele comandante soube desta desgraça, não ousou se expor mais ao mar, principalmente como estes navios maiores seriam muito arruinados, assim ele ordenou destruí-los e caminhou, por terra, em nossa direção pelo RIO DELLA PLATA até cidade de NOSTER SIGNORA situada ao redor do rio PARABOE, trazendo consigo 300 soldados, os quais restaram dos 400, os restantes (os outros 100) tendo sofrido pela fome e por terríveis doenças</p> <p>Este comandante esteve a caminho por 08 meses, e deste porto de S.CATHARINA até a cidade de Nossa Senhora de Assunção contam-se 500 milhas. Trouxe, no entanto, ainda, da Espanha para o seu governo, uma ordem da Régia Majestade, exigindo que nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLA lhe cedesse completamente o governo e o domínio e que todo o povo lhe obedecesse daqui</p>
---	---	--

⁷¹ Literalmente a tradução é “A Real Majestade deu este piloto de 4 navios (dois quase eram 2 grandes e 2 caravelas) a 400 soldados e 30 cavalos”, isto porque *navium* estranhamente está no genitivo plural. Entretanto, optou-se por uma tradução mais adaptada como se pode ver no texto.

⁷² Tudo indica ser BRASIL

	<p>pareret. Huic requisito Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLA cum populo suo non repugnabat, modo certis & illustribus documentis probare posset hoc imperium à Regia Maiestate sibi datum, verum documenta ista extorquere nemo poterat, itaque sacrificuli & duo vel tres centuriones effecerunt, ut dictus ALBERVNZO CABESSA imperium obtineret, & populo postmodum prae esset, sed de successu & gubernatione eius imposterum audiemus.</p>	<p>em diante. A esta exigência nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLA, com seu povo, não se opôs, apenas que pudesse provar com os documentos certos e ilustres que este poder tinha lhe sido dado pela Régia Majestade, mesmo assim ninguém pôde obter à força estes documentos, então os sacerdotes e 2 ou 3 centuriões averiguaram como o dito ALBERVNZO CABESSA obteve o domínio e logo depois presidiria o povo, mas sobre os fatos sucedidos e sobre o governo dele ouviremos mais adiante.</p>
<p>Capítulo 32 - O governador faz uma inspeção e envia barcos rio acima aos surucusis e achkeres, a cujo Chefe enforcam.</p> <p>O dito Alvar Nunez fez uma inspeção e encontrou entre todos 800 homens. Neste tempo fez também irmandade juramentada com Domingo Martínez de Irala, de modo que Irala continuava com poder de mandar nas pessoas, como antes.</p> <p>Logo o governador fez preparar nove bergantins porque queria subir o rio Paraguai, até onde pudesse. Naquele momento, antes de estarem preparados os barcos, mandou na frente 03 bergantins com 115 homens, para que fosse o mais longe que pudessem e procurassem índios que tivessem mandioca e milho. E lhes colocou 02</p>	<p>Cap. XVII – Principio igitur exploratione populi facta, cognovit dictus ALBERUNZO CABESSA numerũ nostrorum militum esse in universum 800 virorum. Quo tempore etiam fraternitatem cum MARTINO DOMINGO EIIOLA contraxit, ita ut MARTINO DOMINGO EIIOLA nõ minus iuris in populum, quam antea, haberet.</p> <p>Post hunc delectum & lustrationem quasi populi, iussit ALBERUNZO CABESSA de BACHA, 9 nauiculas BERGENTIN parari, constituitque in altum fluminis PARABOE navigare, quousque possit. Sed interea tamen temporis antequam naves istae pararentur, tres BERGENTIN emisit cum 115 viris, iubẽs ut navigarent quousque possent, & Indianos pervestigarent, qui haberent</p>	<p>No princípio, então, feita a inspeção do povo, o dito ALBERUNZO CABESSA soube que o número dos nossos soldados era num total de 800 homens. Neste momento, ainda, fez irmandade com MARTINO DOMINGO EIIOLA, de modo que MARTINO DOMINGO EIIOLA tinha, como antes, não menos direitos sobre o povo.</p> <p>Depois desta escolha e da revista de algum modo do povo, ALBERUNZO CABESSA de BACHA ordenou que fossem preparados 09 navios BERGENTIN e decidiu navegar PARABOE acima até quando pudesse. Mas, enquanto isso, entretanto, antes do tempo em que estes navios fossem preparados, enviou três BERGENTIN com 115 homens, ordenando que navegassem até quanto pudessem</p>

<p>capitães, chamados um Antonio Cabrera e o outro Diego Tovalina.</p> <p>Chegaram primeiro a uma nação chamada surucusis, que tinham milho, mandioca, outras raízes e amendoim, que se parece às avelãs, assim como peixe e carnes. Os homens levam nos lábios uma grande pedra, como ficha de abuleiro; e as mulheres cobrem suas partes.</p> <p>Ali deixamos os barcos com alguns companheiros de guarda e adentramos na terra durante 04 dias, e chegamos a um povoado dos cários, que eram uns 3000 homens. Pegamos informações sobre a terra, e nos deram boa explicação. Logo regressamos aos barcos e descemos o rio Paraguai chegamos à outra nação chamada achkeres, onde encontramos uma carta de nosso capitão geral Alvar Núñez cabeza de Vara, o teor da qual era que se enforcasse ao Chefe dos índios chamado Aracaré. Nosso capitão cumpriu em seguida esta ordem, do que resultou logo uma guerra, como se dirá mais adiante.</p>	<p>MANDEOCH, & frumentum Asiaticum, quod est MEIIS. Additis ipsis duobus Decurionibus, qui erant ANTONIUS GABERO & DIEGO TABELLINO.</p> <p>Venimus igitur primo ad nationem quendam, quam vocant SVRVKVFERS. Haec natio abundabat frumento Asiatico, MANDEOCH & aliis radicibus veluti MANDVES, quae nucibus avellanis⁷³ non absimiles sunt, & aliis, habet etiam pisces & carnes. Viri in labiis caeruleos lapillos gestant magnitudine calculorum, quibus in fritillo⁷⁴ utimur. Mulieres circum pudenda velatae incedunt.</p> <p>Relictis apud hunc populum navibus & quibusdam qui eas custodirent, terram istam quatuor diebus perlustravimus, & inuenimus pagum quendam CARIORVM, quorum numero ferè 3000 erant, cumque cum ipsis locuti essemus, reversi sumus ad naves nostras & proficiscentes labente fluvio PARABOE, venimus ad nationem quam vocat ACHKERER. Hic oblatae sunt nobis literae à Duce nostro ALBERVNZO CABESSA DE BACHA scriptae, quibus praeceptum erat ut supremum Indianorum eius loci Ducem, ACHKERE vocatum, suspenderemus.</p> <p>Hoc mandatum sine ulteriori deliberatione tribunus noster implevit, unde ingès postmodo bellum ortum est, ut iam sequetur.</p>	<p>e investigassem minuciosamente os indígenas que tivessem MANDEOCH e milho, que é MEIIS. Tendo sido adicionados a estes dois decuriões, que eram ANTONIUS GABERO e DIEGO TABELLINO.</p> <p>Chegamos, então, primeiro a certa nação que chamam SVRVKVFERS. Nesta nação abundava em milho, MANDEOCH e outras raízes como MANDVES, as quais não são diferentes das avelãs, e outras, tem também peixes e carnes. Os homens usam nos lábios pedrinhas azuis do tamanho dos seixos, do tamanho das pedrinhas que usamos dentro do recipiente de dados. As mulheres andam com as partes íntimas cobertas por todos os lados. Tendo deixado os navios entre este povo e algumas pessoas que lhes guardariam, percorremos esta terra por quatro dias e chegamos a uma certa aldeia dos CARIOS, os quais estavam num número de quase 3000, e depois de termos falado com eles, voltamos para nossos navios e partindo pelo fluxo do rio PARABOE chegamos a nação que chamam ACHKERER. Ali foi exibida para nós uma carta escrita pelo nosso comandante ALBERVNZO CABESSA DE BACHA, na qual a ordem era que enforcássemos o líder supremo dos indígenas daquele lugar, chamado ACHKERE.</p> <p>Nosso comandante cumpriu esta ordem sem mais deliberações, por isso uma enorme guerra foi iniciada, como já será narrado a seguir.</p>
---	--	---

⁷³ Nucis avellanis – possivelmente uma noz da cidade de AVELLA.

⁷⁴ Segundo Dicionário Oxford, uma caixa de dados.

<p>Depois de ocorrida a morte do dito índio, continuamos descendo o rio a cidade de Assunção, e explicamos a nosso capitão geral Alvar Núñez Cabeza de Vaca o que havíamos feito e visto nesta jornada.</p>	<p>Post strangulatum hunc Indianum, reversi rursus sumus ad civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION referentes Duci nostro ALBERNVNZO CABESSA de BACHA quicquid hoc itinere à nobis cognitum & effectum fuisset.</p>	<p>Depois deste indígena estrangulado, voltamos novamente para a cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, comunicando ao nosso comandante ALBERNVNZO CABESSA de BACHA o que quer que, nesta jornada, tivéssemos visto e feito.</p>
<p>Capítulo 33 - Tabaré e os cários se armam contra os espanhóis Tabaré é vencido</p>		
<p>Depois nosso governador requereu ao Chefe dos índios que vivia em Assunção, que lhe desse 2000 índios para subir o rio com os espanhóis. Os índios se oferecem de bom grado a satisfazer-nos e obedecer a nossa vontade. Entretanto, aconselharam a nosso governador que visse bem o que fazia antes de entrar na terra, posto que todo o país Tabere e os cários se haviam levantado com todas suas forças contra os cristãos, porque Tabaré era o irmão de Aracaré que foi enforcado pelos cristãos, por isso queria ele vingara aquela morte.</p>	<p>Postulabat igitur à supremo Indianorum, qui in ea civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION erant, praefecto, ut 2000 Indianos nobis adiungeret, qui nobiscum flumen PARABOE ascenderent. Huic petitioni nihil CARIi repugnabant, monentes saltem Ducem nostrum, ut deliberaret quid ex re sua futurum esset, totam enim regionem DABERE CARIORVM in armis esse, qui DABERE frater strangulati istius ACHKERES, fuit & mortem fratris sui in Christianis ulcisci voluit.</p>	<p>Então o comandante pediu ao chefe dos indígenas, que estavam na cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, para que ele juntasse 2000 indígenas a nós, que subissem conosco o rio PARABOE. Os CARIi nada resistiram a este pedido, aconselhando pelo menos a nosso comandante que considerasse o que seria de seu plano, que de fato toda a região dos DABERE CARIORVM estava em armas (preparada para a guerra), que DABERE era irmão desse estrangulado ACHKERES, e queria vingar a morte de seu irmão nos cristãos.</p>
<p>A esta advertência, nosso governador teve que abandonar a tarefa para armar-se e marchar contra seus inimigos. Com este fim combinou com Domingo Martínez de Irala, seu irmão juramentado, que este pegasse 400 espanhóis e 2000 índios e que fosse contra o dito Tabaré e os cários para expulsá-los, tratando-os com benevolência ou matando-os. A tal ordem obedeceu o dito Irala, saiu com a gente da cidade de Assunção e, visando o inimigo, exigiu paz a Tabaré em nome de Sua Cesárea Majestade.</p>	<p>Cogebatur igitur Dux noster hoc iter intermittere & sese ad pugnam parare. Quare iurato suo fratri MARTINO DOMINGO EIIOLA, mandabat ut acceptis 400 & 2000 Indianis dictis istis DABERE vel CARIOS obviam iret, & eos cum omnibus suis extirparet.</p>	<p>Nosso comandante então foi obrigado a interromper este caminho e se preparar para o combate. Por isso ordenou ao seu irmão juramentado MARTINO DOMINGO EIIOLA que tendo recebido 400 (cristãos) e 2000 indígenas e fosse contra estes ditos DABERE ou CARIOS e os extirpasse junto com todos os seus.</p>
	<p>Huic mandato obtemperans MARTINUS DOMINGO EIIOLA proficiscebatur cum hoc populo ex civitate NOSTER SIGNORA DESUMSION, in occursum hosti, admonens eos primo nomine</p>	<p>Obedecendo a esta ordem MARTINUS DOMINGO EIIOLA deixou junto com esse povo a cidade de NOSTER SIGNORA DESUMSION, para enfrentar o inimigo advertindo-os primeiramente em nome da</p>

<p>Entretanto, este não quis fazer caso, porque tinha reunida muita gente, e havia fortificado grandemente seu povoado com paliçadas em 03 ordens ao redor e com muitos fossos grandes, como se disse mais longamente no capítulo 21. Mas nós sabíamos por espíões tudo isso.</p> <p>Assim estivemos 04 dias até que desistimos, e no quarto dia, 03 horas antes de amanhecer, caímos sobre o povoado matando a todos os que estavam ali, e pegamos muitas mulheres, que nos foram de grande ajuda. Nesta escaramuça morreram 16 espanhóis, e houve também muitos feridos. De nossos índios restaram não poucos no lugar, havendo no lado de Tabaré até mais de 3000 mortos. Estando assim as coisas, não tardou em vir Tabaré e sua gente e pediram clemência e nos imploraram que lhes devolvêssemos a suas mulheres e crianças, que ele, Tabaré, e seu povo se submeteria e serviriam aos cristãos. Como teve que prometer nosso capitão geral conforme a ordem de Sua Cesárea Majestade.</p> <p>Capítulo 34 - Deixando o presídio em Assunção e remontando o rio Paraguai chegamos ao cerro San Fernando e aos paiaguás, guajarapos e surucusis</p> <p>Depois de fazer a paz regressamos pelo rio Paraguai até nosso capitão geral Alvar Núñez</p>	<p>Regiae Majestatis, & c. Sed hic DABERE hanc admonitionem respuens nolebat ullas conditiones pacis accipere, habebat enim ingentem exercitum, & firmârat pagos suos PALLISATTE, hoc est, muro ligneo, ita quidem ut quilibet pagus tres eiusmodi muros haberet, præter fossas quam plurimas, de quibus supra diximus. Sed haec praesidia nobis iam erant explorata.</p> <p>Itaque in quartum usque diem in expeditione fuimus, donec victoria consecuta, tribus horis ante exortum solem, in pagum irrumperemus, & quicquid nobis occurrebat interficeremus, comprehensis & in vincula coniectis multis mulieribus.</p> <p>In hac pugna 16 Christiani ceciderunt, & multi vulnerati sunt. Non pauci item qui à nostris partibus erant Indiani interfecti. Sed ipsi parum profecerunt, nam ab ipsorum parte circiter 3000 ex CABELLES trucidati sunt.</p> <p>Paulo post venit DABERE cum populo suo, & implorans gratiam, petiit ut redderemus ipsis uxores & liberos suos, promisitq; se nobis subjectos in omnibus semper futuros, itaque Dux noster de mandato Regiae Majestatis, in gratiam eum recepit.</p> <p>Firmata pace, reversi sumus ad generalem nostrum Ducem ALBERNVNZO CABESSA de</p>	<p>Real Majestade e etc. Mas este (povo) DABERE, rejeitando esta advertência, não quis aceitar quaisquer condições de paz, na verdade, ele tinha um enorme exército, e fortificou suas aldeias com PALLISATTE, isto é, com muro de madeira, de modo que, na verdade, cada aldeia tivesse três paredes desta natureza, além do maior número possível de fossos, sobre as quais já dissemos. Mas estas defesas já foram investigadas por nós.</p> <p>E assim fomos até o quarto dia da expedição, até que a vitória foi obtida, com três horas antes do nascer do sol invadimos a aldeia e matamos qualquer um que se opunha a nós, tendo tomado e lançado muitas mulheres na prisão.</p> <p>Nesta batalha 16 cristãos morreram e muitos ficaram feridos. Igualmente não poucos indígenas que estavam do nosso lado foram mortos. Mas eles tiveram pouco sucesso, pois do lado deles cerca de 3000 dos CABELLES foram abatidos.</p> <p>Pouco depois veio DABERE com seu povo e implorando clemência pediu para entregarmos as esposas deles e seus filhos, e prometeu sempre seriam sujeitos a nós em todas as coisas. Assim nosso comandante por ordem da Real Majestade o recebeu de volta com clemência.</p> <p>Firmada a paz, voltamos para nosso comandante geral ALBERNVNZO CABESSA de BACHA relatando</p>
---	---	--

<p>Cabeza de Vaca, e lhe explicamos o que havia acontecido. Então, este pensou em levar a cabo a tarefa anteriormente projetada, e assim pediu a Tabaré, que agora estava pacificado, que lhe desse 2000 índios bem armados para que acompanhassem, ao que os índios se ofereceram de boa vontade, prometendo ser obedientes todo o tempo. Requereu aos cários carregar 09 bergantins, e, quando tudo estava pronto, pegou 500 dos 800 homens. Aos 300 os deixou em Assunção, e lhes deixou como capitão a Juan de Salazar. Logo dito nosso capitão geral Alvar Núñez Cabeza de Vaca navegou o rio Paraguai arriba com 500 espanhóis e 2000 índios.</p> <p>Estes tinham 83 canoas e nós 09 bergantins, e em cada um iam 02 cavalos. Entretanto, fizeram os cavalos andar 100 léguas por terra, no entanto nós fomos pela água, até que chegamos a um cerro chamado San Fernando. Ali embarcamos os cavalos e prosseguimos a viagem até que chegamos a nossos inimigos os paiaguás. Mas estes não nos aguardavam, senão que fugiram em seguida com suas mulheres e filhos, queimando antes suas choças.</p> <p>A seguir andamos 100 léguas sem encontrar povoado algum de índios, e depois chegamos a uma nação cujos povos se chamam guajarapos,</p>	<p>BACHA referentes ipsi quomodo res esset gesta. Qui consilio inito, de proposito suo itinere cōtinuando, requirebat ab isto DABERE, 2000 benè armatos Indianos, q nobiscū irent. His nulla difficultate impetratis, iubebat CARIOS, 9 naviculas Bergētin, rebus necessariis instruere. Quo facto assumpsit de 800 Christianis, 500, reliquis 300 in civitate Noster Signora desumson relictis, quibus centurionem dedit IOHANNEM SALLEISSER, & ita unà cum 500 Christianis atque 2000 Indianis discessit, flumen PARABOE ascendendo.</p> <p>CARIOS populi habebant 83 CANAEN vel ZILLEN, Nos vero Christiani habebamus 9 naviculas BERGENTIN, & in qualibet navi duos equos, sed equi quidem haec 100 miliaria, in terra confecerunt, Nos vero aqua profecti sumus usque ad montem, qui vocatur S.FERNANDO, ubi equis nostris in naves receptis, denuo solvimus & ad hostes nostros PEIEMBAS pervenimus, qui quidem nostrum adventum non expectarunt, sed cum uxoribus liberisque aufugerant, pagis suis & aedibus flamma exustis. Postea 100 miliaria progressi populum nullum cōspeximus, donec ad nationem quandam veniremus, quae BACHEREOS vocatur.</p> <p>Natio est admodum populosa, extenditur ad 100 miliaria, abundat piscibus & carne, reperiuntur etiam ibi multae naviculae CANAEN de quibus non</p>	<p>a ele como a coisa foi realizada. Ele tendo deliberado sobre o seu propósito de continuar o caminho, requereu para este DABERE 2000 indígenas bem armados que iriam conosco. Essas coisas tendo sido realizadas sem nenhuma dificuldade, ordenou aos CARIOS preparar 9 navios Bergētin com as coisas necessárias. Isto feito tomou 500 dos 800 cristãos, tendo deixado os 300 restantes na cidade de Nossa Senhora de Assunção, para os quais deu como centurião IOHANNEM SALLEISSER e partiu assim junto com 500 cristãos e 2000 indígenas, subindo o rio PARABOE.</p> <p>Os povos CARIOS tinham 83 CANAEN vel ZILLEN, nós, os cristãos, tínhamos de fato 9 navios BERGENTIN, e dois cavalos em cada um dos barcos, mas os cavalos, na verdade, fizeram estas 100 milhas por terra. Nós, de fato, partimos pela água até o monte que é chamado S.FERNANDO, onde tendo recebido nossos cavalos nos barcos, partimos novamente e chegamos até nossos inimigos PEIEMBAS, que na verdade não esperavam nossa chegada, mas fugiram com esposas e filhos, sendo suas aldeias e choças consumidas pelas chamas. Depois de percorridas 100 milhas e não avistarmos nenhum povo, chegamos a uma certa nação que é chamada BACHEREOS.</p> <p>A nação é muito populosa, estendida por 100 milhas, abunda peixes e carne, nesse lugar muitos barcos CANAEN também são encontrados dos</p>
--	---	---

<p>que tem peixe e carne, e é uma nação, com um território de mais de 100 léguas. Possuem tantas canoas que não se pode contar. Suas mulheres cobrem suas partes. Não queriam tratar conosco e fugiram.</p> <p>Chegamos logo à outra nação chamada surucusis, a 90 léguas dos guajarapos, os quais nos receberam amistosamente. Estes surucusis vivem cada um separadamente com sua mulher e filhos. Levam pendurado no lóbulo da orelha um pequeno disco, com o uma ficha de tabuleiro. As mulheres têm nos lábios, para fora, uma pedra de cristal cinza do comprimento e da largura de um dedo. São formosas e andam nuas como sua mãe as pariu. Tem milho, mandioca, batatas, peixe e carne em abundancia e é uma grande nação.</p> <p>Nosso capitão mandou perguntar-lhes sobre outro povo chamado carcaráes e respeito aos cários. Entretanto não puderam informar-lhe nada sobre os carcaráes, e dos cários diziam que estavam em suas casas, mas tudo era mentira.</p>	<p>attinet multa scribere, mulieres velatis incedunt pudēdis, nobiscum loqui nolebant, sed visis nobis <i>fugam dabant</i>⁷⁵.</p> <p>Ab his peruenimus ad nationem quandam SVRVKVSIS dictam, ubi supra dictae tres naves erant. Populus hic à BASCHEREIIS 90 miliaribus abest, excipiebant nos admodum humaniter, singuli cum uxore & liberis suis seorsim⁷⁶ habitāt, viri orbiculum ligneum calculi instar lusorij ab auricula dependentem habent. Mulieres labia exornant lapide crystallino fuscis coloris, magnitudine unius digiti. Formae sunt elegantis & nudo corpore incedunt. Natio est admodum magna, frumento Asiatico, MANDEOCH, MANDVIS, PADADES, piscibus & carne abundans. Caeterum Dux noster interrogabat eos de CARCHKAREIS. Itemque de CARIOS, verum ipsi de CARCHKAREIS respondere non poterant, de CARIIS dicebant, eos adhuc in aedibus suis esse, sed res aliter habebat⁷⁷.</p>	<p>quais não se tem muito a escrever, as mulheres caminham cobrindo suas partes, e se recusaram a falar conosco, mas tendo nos vistos nos deram as costas.</p> <p>A partir desta chegamos os três navios acima mencionados. Este povo fica a 90 milhas dos BASCHEREIIS, eles nos receberam muito humanamente, moram separadamente, cada um com esposa e seus filhos, os homens têm uma bolinha de madeira pendurada na orelha como pedra de jogo. As mulheres enfeitam os lábios com uma pedra cristalina de cor escura, do tamanho de um dedo. São de forma elegante e caminham com o corpo nu. A nação é muito grande, abundante em trigo asiático, MANDEOCH, MANDVIS, PADADES, peixes e carne.</p> <p>Além disso, o nosso comandante interrogava-os sobre CARCHKAREIS. Da mesma maneira nosso comandante os interrogava sobre os CARCHKAREIS e sobre os CARIOS, na verdade, os mesmos não puderam responder sobre os CARCHKAREIS, disseram sobre os CARIOS, dizendo que eles ainda estavam em suas casas, mas a coisa era de outra forma.</p>
<p>Nosso capitão mandou então que nos preparássemos, pois queria entrar no país, e,</p>	<p>Cap. XVIII – Postea praecepit Dux noster, ut nos ad iter pararemus, velle se terram sive regionem</p>	<p>Cap. XVIII – Depois nosso comandante ordenou que nós nos preparássemos para o caminho, ele</p>

⁷⁵ Segundo Dicionário Oxford trata-se de uma expressão idiomática *in fuga dabant* – dar as costas.

⁷⁶ Os dicionários registram apenas *seorsum*.

⁷⁷ Segundo Oxford, há a expressão *aliter se habere* – a coisa era de outra forma. Neste caso, o autor do texto teria “se esquecido” do *se*.

<p>deixou 150 homens nos barcos com provisões para 02 anos, e levou os 350 espanhóis, os 18 cavalos e os 2000 cários que haviam saído de Assunção conosco. E assim nos adentramos terra adentro, sem fazer grande coisa, pois nosso capitão geral não era o homem para tanta ação, e os capitães e os soldados lhe eram hostis, como ele a sua vez se mostrou inimigo desta gente. Caminhamos 18 dias, sem que víssemos nem aos cários nem outro ser humano, e não tendo mais comida, tivemos que regressar aos barcos. Nosso capitão geral deu então ordem a um espanhol, chamado Francisco Rivera que seguisse adiante com outros 10 espanhóis, por 10 dias, e se aos 10 dias não achassem nenhum povoado, que voltassem aos barcos, onde estaríamos esperando. Mas encontraram uma nação populosa que tinha milho, mandioca e outras raízes. Mas os espanhóis não podiam deixar-se ver, e assim regressaram para contar ao capitão geral. Este em pessoa quis entrar de novo, mas teve que desistir pelas águas que o impediram.</p>	<p>istam perlustrare relictis apud naves 150 viris. Atque ita acceptis 350 Christianis, 18 equis & 2000 Indianis vel CARIOS qui ex civitate NOSTER SIGNORA DESUMSION nobis cum venerant, ad perlustrãdam terram abiit.</p> <p>Progressi autem 18 diebus, cum neque CARIOS Nec quenquam hominum inveniremus, & iam victu necessario ferè destitueremur, coacti sumus cum Duce nostro ad naves nostras reverti, praesertim cum Dux noster ad res gerendas parum esset idoneus, & paucos ex militibus sibi faventes haberet. Cumq; reverteremur praemisit Hispanum quẽdam FRANCISCUM RIEFFERE unã cum 10 aliis armatis, iussitq; ut 10 diebus progredierentur, & si interea temporis populum nullum invenirent, ad naves nostras redirent, ubi eorum adventum vellet expectare.</p> <p>Hi inter eundum invenerũt nationem Indianorum admodum populosam, frumento Asiatico, MANDEOCH & radicibus aliis aequè ut caeteri⁷⁸ abundantem. Verum Hispani populũ istum accedere non audebant, sed ad nos reversi sunt, referentes Duci nostro quod viderant, hoc audito</p>	<p>queria percorrer esta terra ou região tendo deixado 150 homens nos navios. E assim tendo recebido (tendo tomado) 350 cristãos, 18 cavalos, e 2000 indígenas ou CARIOS que vieram conosco da cidade de NOSTER SIGNORA DESUMSION, para a terra que seria atravessada.</p> <p>Avançamos, porém, 18 dias, quando não encontramos nem CARIOS e nem alguma pessoa e já ficamos quase sem alimento necessário, fomos forçados a voltar para nossos navios com nosso comandante, especialmente porque o nosso comandante era insucientemente apropriado para as coisas que deviam ser realizadas, e ele tinha poucos dos soldados a seu favor. E quando voltamos, ele mandou adiante um certo espanhol FRANCISCUM RIEFFERE juntamente com dez outros soldados e ordenou que avançassem por 10 dias, e se dentro desse tempo não encontrassem nenhum povo, voltassem aos nossos navios, onde queria esperar o retorno deles.</p> <p>Estes entre o que seria percorrido encontraram uma nação de indígenas muito populosa, abundante igualmente como as demais em trigo asiático, MANDEOCH e outras raízes. Na verdade, os espanhóis não ousavam aproximar-se deste povo, mas voltaram para nós, trazendo de volta ao nosso comandante o que eles viram, (ele) tendo ouvido isto colocou em ordem com o exército para</p>
---	--	--

⁷⁸ Elipse do verbo *sunt* – *caeteri sunt* (as demais são)

<p>Capítulo 35 - Hernando Rivera navega rio acima e chega aos guebecusis e achkares</p> <p>Então dispôs um barco com 80 homens e, deixando de capitão a Hernando Rivera, nos mandou remontar o rio Paraguai, para procurar uma nação chamada xarayes e entrar na terra por somente 02 dias, e lhe trazer informações sobre o país e dos mesmos índios.</p> <p>O primeiro dia que partimos, a 04 léguas de caminho e na outra margem do rio, encontramos uma nação chamada guebecusis que vivem em uma ilha de umas 30 léguas de comprimento e de largura, rodeada pelas águas do rio Paraguai. Tem mandioca, milho, amendoim, batata, mandioca-papirá, mandioca-poropí, mandubi e outras raízes, assim como peixes e carnes. Os homens e as mulheres se parecem aos surucusis. Ficamos este dia com eles, e partimos de novo ao dia seguinte, vindo conosco estes índios com 10 canoas. Mostraram-nos o caminho, e todos os dias saía a caçar e a pescar duas vezes e nos presenteavam.</p> <p>Assim, estivemos de caminho 09 dias, quando chegamos à nação dos achkeres, encontrando muita gente reunida. Tanto os homens como as</p>	<p>constituit cum exercitu eò excurrere, sed aqua impeditus⁷⁹ illud intermisit.</p> <p>Navē igitur 80 viris instruxit, & addito nobis cēturione ERNANDO RIEFFERE misit nos in altum fluminis PARABOE ad quaerendum populum, qui vocatur SCHERVOS, addito mandato, uti⁸⁰ isthic loci duos saltem dies in terra progredieremur, & ipsi postea referremus regionis & populi istius statum.</p> <p>Solventes igitur, primo statim die, ad 4 miliaria peruenimus ad nationem quae vocatur SVERVEKVESIS, hi populi in insula quadam 30 ferè miliaribus longa, & undique fluvio PARABOE cincta habitant. Vescuntur MANDEOCH, MEIIS, MANDVIS PADADES, MANDEPORE, PARPII, BACHEKV & aliis radicibus, piscibus item & carne. Viri & mulieres supradictis SVRVKVSIS similes sunt. Apud hosce populos per noctem mansimus, sequenti vero die 10 CANAEN vel ZILLEN, nos comitati sunt, ut iter nobis monstrarent, & nobis cibū subministrarent, bis enim quotidiè feras & pisces capiebant, quibus vesceremur. In hoc itinere sex diebus eramus, & postea peruenimus ad nationem, quā vocant ACHKERES, populum valdè copiosum, tanta in utroq; sexu proceritate, quanta nullos tota RIO DELLA PLATA homines vidi.</p>	<p>emboscar naquela direção, mas o impedimento pela água interrompeu aquilo.</p> <p>Então (o comandante) preparou o navio com 80 homens, e tendo dado para nós o centurião ERNANDO RIEFFERE, enviou-nos para o alto do rio PARABOE para procurar um povo que era chamado SCHERVOS, tendo dado a ordem para que avançássemos, neste lugar, pelo menos dois dias em terra, e depois nós mesmos relatássemos o estado da região e deste povo.</p> <p>Partindo então logo no primeiro dia, a 4 milhas chegamos a uma nação que é chamada de SVERVEKVESIS, estes povos habitam numa certa ilha com quase 30 milhas de comprimento e cercada por todos os lados pelo rio PARABOE. Alimentam-se de MANDEOCH, MEIIS, MANDVIS PADADES, MANDEPORE, PARPII, BACHEKV e outras raízes bem como de peixes e carne. Os homens e as mulheres são similares aos SVRVKVSIS acima mencionados. Ficamos entre estes povos durante a noite, de fato, no dia seguinte 10 CANAEN ou ZILLEN nos acompanharam para que mostrassem o caminho para nós e para que nos abastecessem de comida, na verdade, eles pegavam animais selvagens e peixes duas vezes todos os dias com os quais nos alimentávamos. Ficamos neste caminho por seis dias e depois</p>
---	--	--

⁷⁹ Em *aqua impeditus* o substantivo *aqua*, *-ae* está no ablativo e a forma *impeditus* tem um sufixo. Segundo o Dicionário Oxford trata-se do sufixo *-tus, tus*, que forma substantivos verbais para denotar a ação do verbo (*habitus, sumptus*); aparece como *-sus* nos verbos que formam o supino em *-sum (casus, cursus)*. *Impeditus* passa a ser, então, de 4. Declinação.

⁸⁰ Uma forma variante de *ut*.

<p>mulheres são altos e grandes, como não vi em todo o Rio da Prata.</p> <p>Estes achkeres estão a 36 léguas dos índios surucusis, e não comem mais que peixe e carne. As mulheres levam cobertas suas partes. Permanecemos com estes achkeres descansando um dia; logo os surucusis regressaram com suas 10 canoas a seu povoado. Então nosso capitão Hernando Rivera pediu aos achkeres que nos mostrassem o caminho aos xarayes, ao que se mostraram dispostos, e nos acompanharam com 08 canoas. Todos os dias caçavam e pescavam 2 vezes para que tivéssemos o que comer em abundancia.</p> <p>A razão pela qual esta nação se chama achkeres é esta: o achkaré 13 é um grande peixe que tem um couro tão duro que nenhuma arma pode feri-lo, nem lhe atravessam as flechas dos índios e faz muito mau aos demais peixes. Põe seus ovos na terra, a uns 02 ou 03 passos da água, cheiram a almíscar e são bons para comer. O melhor deste peixe é o rabo, e pelo demais não há nada nocivo nele. Vive todo o tempo na água.</p> <p>Na Alemanha se é um animal perigoso e venenoso e o chamam de crocodilo.</p>	<p>Hi ACHKERES tribus miliaribus a SVERVEKVESIS absunt, quod comedant praeter pisces & carnem non habent, mulieres circũ pudenda velatae sunt. Apud hosce ACHKERES diem unũ substitimus, quo die dicti SVRVKVSI suis CANAEN domum sunt reversi. Illis discedentibus, postulabat centurio noster ERNANDO RIEFFERE, ut ACHKERIS viam nobis monstrarent, ad SCHERVOS, qui prompti, octo nobiscum CANAEN profecti sunt, & ut haberemus victum necessariũ, bis in die pisces & feras ceperunt.</p> <p>Haec autem natio cur ACHKERI dicti sint, haec est causa.</p> <p>ACHKARVS piscis est tam duram habens cutem, ut neq; cultro neque sagitta Indica laedi & vulnerari possit, non exiguae est magnitudinis, & multum damni reliquis piscibus infert. Oua eius quae ad tres vel quatuor passus ab aqua in terram ponit, saporem⁸¹ Moschi⁸² habent, cibum prębet bonum, & minimè noxium per se, cauda eius in deliciis habetur⁸³.</p> <p>In Germania nostra putatur hic piscis admodum noxium & pestiferum esse animal, & vocatur</p>	<p>chegamos até uma nação que chamam ACHKERES, um povo muito grande, com tal altura em ambos os sexos que eu não vi em nenhuma outra pessoa do RIO DELLA PLATA.</p> <p>Estes ACHKERES estão distantes três milhas dos SVERVEKVESIS, não têm o que comer além de peixes e carne, as mulheres são cobertas em volta das partes íntimas. Ficamos entre estes ACHKERES um dia, pois no (outro) dia os ditos SVRVKVSI voltaram para suas casas com as CANAEN. Tendo eles partido, nosso centurião ERNANDO RIEFFERE pediu que os ACHKERIS mostrassem o caminho para nós, até os SCHERVOS, os quais com prontidão partiram conosco com oito CANAEN, e para que tivéssemos alimento necessário, pegaram duas vezes ao dia peixes e animais selvagens.</p> <p>No entanto, por que esta nação ACHKERI assim é chamada – esta é a causa.</p> <p>ACHKARVS é um peixe que possui a pele tão dura que nem faca, nem flecha indígena pode feri-lo e machucá-lo, não é de tamanho pequeno e inflige muitos danos ao restante dos peixes. As suas ovas que põe na terra a três ou quatro passos da água, têm sabor de almíscar, fornecem um bom alimento, e nem um pouco nocivo em si, a sua cauda é tida como iguaria.</p> <p>Na nossa Alemanha este peixe é considerado ser um animal muito nocivo e fatal e é chamado</p>
---	---	---

⁸¹ Buscou-se traduzir *saporem* pelo sentido mais literal, por isso SABOR, no entanto, o dicionário registra que em alguns casos é possível traduzir *saporem* também por cheiro.

⁸² Segundo Du Cange, *Moschus* é almíscar.

⁸³ Poderia se tratar da descrição de um jacaré.

<p style="text-align: center;">Capítulo 36 - Chegam aos xarayes, onde são recebidos e tratados generosamente</p> <p>Aos 09 dias de nossa saída chegamos aos xarayes, que vivem a 36 léguas dos achkeres. É uma nação muito grande, mas ainda não eram aqueles com os que estava o rei.</p> <p>Estes xarayes, aos quais chegamos então, usam bigodes e no lóbulo da orelha trazem um aro de madeira, e a orelha está enrolada neste aro, que é coisa curiosa de ver.</p>	<p>crocodilus, estque communis opinio, eum qui hunc piscem saltem intuetur, etiamsi piscis habitu infectus non sit, certissima morte mori, quod quidem veritati consentaneum esse nemo negaverit, siquidem homini, etiamsi crocodilum non aspiciat, certo certius moriendum est.</p> <p>Dicitur etiam vulgò, quod si piscis hic in fonte quodam reperiatur atque appareat, nullam esse rationem aliam eum interficiendi, quam si speculum ipsi opponatur, in quo sese ipsum contemplari & intueri possit, tum enim aspectu suae ipsius deformitatis subitò eum interire & mori.</p> <p>Haec autem omnia quae de hoc pisce proferuntur figmenta sunt & fabulae, si enim vera essent, vel centies mortuus fuisset, qui piscium illorum ultra 3000 cepi & comedi, neque etiam de hoc pisce aliquid scripsissem, nisi naturam ipsius probè cognitam & perspectam haberem.</p> <p>Caeterum cum venissemus ad populum SCHERVIS, quo ab ACHKERES 36 miliaria numerantur, quae 9 diebus emensi sumus, deprehendimus, nationem eam esse satis populosam, sed tamè non erant isti SCHERVES apud quos Rex Indorum habitat. Hi SCHERVES autem barbati sunt, & circulum ligneum ab auricula depēdentem habent, ita ut aures circulo isti mirabiliter sint circumuolutae. Viri etiam</p>	<p>crocodilo ; é opinião comum, que aquele que pelo menos fixar o olhar neste peixe, mesmo que não seja envenenado pela condição do peixe, morrerá morte certíssima, isso de fato ninguém negará que está de acordo com a verdade, já que ao homem, mesmo que não veja um crocodilo, mais que certo que irá morrer⁸⁴.</p> <p>Além disso, é dito comumente, que se este peixe é encontrado e aparece numa certa nascente, não existindo outra forma dele ser morto do que sendo colocado diante dele mesmo um espelho, em que ele pode olhar e contemplar a si mesmo, então, na verdade, pela visão de sua própria deformidade subitamente ele se tornará arruinado e morrerá.</p> <p>No entanto, tudo isto que divulgam sobre este peixe são ficções e fábulas, de fato, se fossem verdade, ou eu seria morto cem vezes, que capturei e comi mais de 3000 daqueles peixes, e não escreveria nada sobre esse peixe e nem eu teria a natureza do próprio corretamente conhecida e discernida.</p> <p>Porém quando chegamos ao povo SCHERVIS, que contam-se 36 milhas dos ACHKERES, as quais percorremos em 9 dias, descobrimos que essa nação era muito populosa, mas, no entanto, não eram estes SCHERVES entre os quais habitava o rei dos indígenas. Estes SCHERVES por outro lado são barbados e têm um círculo de madeira pendurado na orelha, de modo que as orelhas são</p>
--	--	---

⁸⁴ Pode ser uma referência a lenda do Basilisco relatada por Plínio, o Velho. Há muitas versões para o Basilisco, em uma delas a criatura seria descrita como um lagarto gigante, às vezes com muitas patas. O Basilisco seria capaz de matar sua presa com um simples olhar e o único jeito de matá-lo seria fazendo-o olhar seu próprio reflexo em um espelho.

	lapidem crystallinum caerulei coloris, instar calculi lusorij in labiis gestant.	maravilhosamente enroladas em volta deste círculo. Os homens também ostentam uma pedra cristalina de cor azul, como uma pedra de jogo nos lábios.
<p>Os homens têm também uma pedra larga de cristal azul nos lábios, que pode ter a forma de uma ficha de jogo, e no corpo vão pintados de azul de cima até os joelhos, como se fossem calças desenhadas. As mulheres vão pintadas de outra maneira, mas também de azul, desde os peitos até suas partes, e com muito primor.</p> <p>Andam nuas e são formosas a sua maneira. E acaso também pecam no escuro</p> <p>Ficamos com estes xarayes um dia para descansar, e depois prosseguimos, fazendo 14 léguas em 03 dias, até que chegamos ao lugar onde vive o rei, estes também se chamam xarayes. Seu território tem somente 04 léguas ao redor, mas possui também um povoado que se encontra as margens do rio Paraguai.</p> <p>Ali deixamos nossos barcos com 12 espanhóis de guarda, par ter um refugio quando voltássemos, e ordenamos aos xarayes que estavam neste lugar que lhes fizessem boa companhia, como em efeito o fizeram.</p> <p>Permanecemos 02 dias neste lugar, preparando-nos para a viagem e pegando o que era</p>	<p>Cap. XIX – Porro hi homines picti sunt caeruleo colore, à vertice usque ad genua, & pictura repraesentat formam caligarum.</p> <p>Foeminae vero alio modo pictae sunt, nempe caeruleo quidem colore à pectore usq; ad pudenda, sed tam artificiosè, ut non facilè apud nostros pictorem invenire possis, qui artem istam imitari possit.</p> <p>Incendunt corpore plane nudo, & formae sunt suo quidem modo satis elegantis, ita ut nec in tenebris ab eis abhorreres.</p> <p>Apud hos SCHERVIS commorati sumus unum diem, & postea constituimus tribus diebus ad Regem quendam proficisci habitantē 14 miliaribus ab hisce populis, apud homines qui etiã SCHERVI vocantur, sed regio eius quatuor tantum habet miliaria, excepto pago quodam ad flumen PARABOE sito.</p> <p>Reliquimus autem in loco superiori navem nostram, & 12 Hispanos, qui eam custodirent, donec nos reverteremur, dato SCHERVIS mandato, ut Christianis ibi commorantibus omnibus humanitatis officiis adessent, quod etiam fecerunt.</p> <p>Nos vero adhuc biduum ibi commorati ad iter nos rebus necessariis omnibus paravimus postmodũ</p>	<p>Além disso estes homens são pintados da cor azul da cabeça até o joelho e a pintura representa uma forma de botas.</p> <p>As mulheres, de fato, são pintadas de outro modo, isto é, na verdade, com a cor azul do peito até as partes vergonhosas, mas tão habilmente que não poderás encontrar com facilidade um pintor entre os nossos que poderá imitar esta arte.</p> <p>Andam com o corpo completamente nu e são de forma bastante elegante a sua maneira, de modo que nem na escuridão te afastarás delas.</p> <p>Permanecemos por um dia entre estes SCHERVIS, e depois decidimos partir por três dias a um certo rei que habita a 14 milhas destes povos, junto a homens que também se chamam SCHERVI, mas a região dele tem apenas 4 milhas, exceto um certo povoado às margens do rio PARABOE.</p> <p>No entanto, deixamos neste lugar mais elevado o nosso navio, e 12 espanhóis que o guardariam, até o momento em que voltássemos, tendo dado a ordem aos SCHERVIS, para que dessem apoio aos cristãos que ali permaneciam com todas as obrigações morais humanas, o que com efeito fizeram.</p> <p>De fato, permanecidos ali por dois dias, nós nos preparamos para o caminho com todas as coisas</p>

<p>necessário. Logo cruzamos o rio Paraguai e chegamos onde vive o rei.</p>	<p>traiecto isto flumine PARABOE ad Regem peruenimus isthic loci habitantem.</p>	<p>necessárias, em seguida, tendo cruzado esse rio PARABOE chegamos ao Rei que habitava aquele lugar.</p>
<p>Quando nos aproximamos a uma légua, em um campo plano, o rei dos xarayes veio pacificamente a nosso encontro com 12000 homens ou mais. O caminho pelo qual vieram tinha 08 passos de largura e estava abundantemente semeado de flores e ervas, de modo que não se via nem se podia encontrar pedra, paus ou palha até o povoado. Trazia o rei consigo também uns músicos cujos instrumentos eram feitos como nossas charamelas. Iguamente havia ordenado que se caçasse a ambos os lados do caminho cervos e outros animais, e caçaram uns 30 veados e 20 avestruzes ou emas, que era realmente coisa linda de ver.</p> <p>Quando chegamos ao povoado, o rei apresentou por aposento uma casa a cada 02 espanhóis, e conduziu a nosso capitão com seus peões ao palácio. Eu estive alojado não longe da casa do rei. Depois, o rei dos xarayes mandou a seus súditos que tratassem bem aos espanhóis e que nos dessem o quanto necessitássemos. Esta era a forma como, a sua maneira, este rei recebia em sua corte, como o senhor maior destas terras. Também tocam música durante a refeição e quando é ocasião, e então os homens e as mulheres mais formosas devem dançar diante dele, o que aos cristãos nos parecia insólito. Este</p>	<p>Cap. XX – Cum autem non ultra miliare unum à loco isto abessemus, venit nobis obviam ipse SCHERVORVM Rex, unà cum duodecim millibus virorum, in plano campo, pacificè, via qua incedebant octo passuū lata erat, floribus & gramine ad pagum usque strata & exornata, ita ut ne lapis quidem vel lignum vel aliud quid in ea appareret. Rex iste secum musicã suam habebat, tympanistas & tibicines, & tum quidem temporis præceperat, ut ab utroque latere subditi cervos & alias feras venarentur. Et ista quidem venatione 30 ferè cervos & 20 struthios vel IARDV acceperunt, ita ut spectatu iucunda esset venatio.</p> <p>Cum autem pagum ipsorum ingressi essemus mandavit Rex singulis aedibus binos introduci Christianos, & tribunum nostrum cum suis ministris in aedes regias assumpsit, ego vero in aedes non procul à Regiis aedibus distantes introductus sum. Tum praecepit Rex SCHERVORVM, ut subditi sui nobis Christianis de rebus omnibus necessariis prospicerent. Et Rex quidem vitam regiam & satis pro ratione istius loci, splendidam agebat.</p> <p>Tibicines in mensa adesse & in prandio eum exhilarare cogebantur, quin & choreas cum formosissimis quibusque foeminis viri</p>	<p>Quando, no entanto, não estávamos além de uma milha deste local, veio a nós, no caminho, o próprio Rei dos SCHERVORVM, juntamente com 12 mil homens, em campo plano, pacificamente, o caminho pelo qual avançavam era largo em oito passos, adornado e coberto até a aldeia com flores e grama, de modo que não aparecia nele, de fato, nem pedra ou madeira ou outra coisa. Este Rei tinha consigo sua música, timpanistas e flautistas, e além disso tinha ordenado desta vez que de ambos os lados os súditos caçassem veados e outros animais selvagens. E, é certo que, por esta caça receberam quase 30 veados e 20 avestruzes ou IARDV, de modo que a caça era agradável de ver.</p> <p>No entanto, quando entramos na aldeia deles o Rei ordenou levar cada dois cristãos a uma casa, e tomou nosso capitão juntamente com seus oficiais na casa do rei, na verdade, eu fui levado para uma casa não longe da casa do Rei. Então o Rei dos SCHERVORVM ordenou para que os seus súditos proovessem, para nós, cristãos, todo o necessário. E na verdade, o Rei levava vida régia esplêndida e suficientemente pelo modo deste local.</p> <p>Os flautistas eram forçados a permanecer na mesa e a animá-lo no almoço, de fato, e os homens, aos</p>

<p>povo é igual aos outros xarayes dos quais se falou antes. Suas mulheres fazem grandes mantas de algodão, tão sutis como um tecido de lã que conhecemos como arrás 15, bordando nelas diversas figuras em forma de cervos, avestruzes e ovelhas indianas, segundo a destreza de cada qual. Dormem entre estas mantas quando faz frio, se sentam sobre elas, ou lhes dão o uso que lhes parece. Estas mulheres são belas e muito amorosas, efetuosas e muito ardentes, segundo me parece.</p> <p>Ali ficamos 04 dias, e o rei perguntou a nosso capitão qual era nosso desejo e intenção e aonde íamos. Respondeu-lhe nosso capitão que buscávamos ouro e prata, ao que o rei lhe deu uma coroa de prata que pesava um marco e meio pouco mais ou menos, além de uma lâmina de ouro que tinha um palmo de comprimento e meio de largura, assim como um bracelete, que é meio arnês, e outras coisas mais de prata, dizendo a nosso capitão que não tinha mais, e que as mencionadas peças as havia ganhado e conquistado fazia tempo em uma guerra contra as amazonas.</p>	<p>artificiosissimè inter edendum ducebant, quas quidem tanta cum voluptate & admiratione aspeximus, ut vel ciborum oblivisceremur. Populus hic Scheruis per omnia similis est, de quibus supra dictum est, foeminae ipsorum pallia ex gossypio faciunt, & variis imaginibus cervorum, struthiorum, ovium Indicarũ, & aliarum rerum intertextunt, quae quidem variis usibus accommodantur. Foeminae hae admodum elegantes, affabiles & artis amatoriae peritissimæ sunt, & ut mihi quidem videtur calidioris temperamenti.</p> <p>Hoc igitur in loco quatuor diebus commorati sumus, interea interrogabat Rex, tribunum nostrum, cuius rei gratia advenisset, & quò dirigere iter suum vellet, cui respondit tribunus sive capitaneus noster, aurum sese & argentum quaerere. Obtulit igitur ei Rex coronam argenteam, Marcam⁸⁵ unam cum dimidia habentem. Item PLENISCHE unum ex auro puro spithamam⁸⁶ cum dimidia longam, & dimidiam spithamam latum, praeterea etiam PRVSSELLET, hoc est, thoracem argenteum & vasa argentea alia, dixitque se neq; auri neque argenti plus habere. Has res autem ex bello sese cum AMAZONIBUS quondam gesto accepisse.</p>	<p>pares com mulheres formosíssimas, conduziam danças muito habilidosamente entre o que seria comida, as quais, na verdade, observávamos com tamanho prazer e admiração que até esquecíamos da comida. Este povo Scheruis é semelhante em todas as coisas as quais já se foi dito, as mulheres deles fazem umas mantas de algodão bordam com várias imagens de veados, avestruzes, ovelhas Indígenas (lhamas) e outras coisas, as quais, na verdade, se ajustam a vários usos. Estas mulheres são muito elegantes, afáveis e são peritíssimas na arte de amar, de modo que, na verdade, parece-me que são de temperamento mais ardente. Então permanecemos neste lugar por quatro dias, enquanto isso o Rei interrogava nosso comandante graças a que coisa veio e para onde queria dirigir o seu caminho, ao qual o nosso comandante respondeu que ele procurava ouro e prata. O rei então ofereceu a ele uma coroa de prata tendo um marco e meio. Também um PLENISCHE de ouro puro de uma spithamam e meia de comprimento e spithamam e meia de largura, além disso também um PRVSSELLET (bracelete), isto é, uma peitaça de prata e outros vasos de prata, e disse que não tem mais nem ouro nem prata e que tinha recebido essas coisas, no entanto, de uma guerra travada com os AMAZONIBUS há um certo tempo.</p>
---	--	--

⁸⁵ Segundo Du Cange, uma medida de peso que vale dois terços de uma libra régia ou meia libra apenas.

⁸⁶ Segundo Oxford, medida grega de comprimento que equivale a três quartos de um pé (pé – aproximadamente 296 mm).

<p>Quando nos falou das amazonas e de sua grande opulência, nos alegramos muito, no mesmo instante nosso capitão perguntou ao rei se poderíamos chegar ali por água e a que distância estavam. Este nos deu por resposta que não poderíamos chegar com os barcos, senão que deveríamos marchar por terra e que teríamos que viajar 02 meses seguidos. Depois de escutar a explicação do rei ficamos totalmente determinados a marchar até as amazonas, como se dirá mais adiante.</p> <p>Capítulo 37 - Descrição das mulheres amazonas. Saímos em sua busca e chegamos aos siberis e orthueses</p> <p>Estas amazonas são mulheres, e encontram com seus maridos somente 03 ou 04 vezes ao ano. Quando uma mulher fica grávida e a criança é um menino, o manda ao homem; mas se é fêmea, ficam com ela e lhe queimam o peito direito para que não possa crescer. E o motivo para que façam isso é que utilizem melhor as armas e os arcos, pois são mulheres belicosas que fazem a guerra contra seus inimigos.</p> <p>Vivem estas mulheres em uma ilha rodeada de água, e é uma grande ilha. Si se quer chegar a elas,</p>	<p>Cumque AMAZONVM meminisset, & divitiarum quibus ipsi⁸⁷ abundant, interrogabat capitaneus noster, quot miliaribus dicti AMAZONES abessent, & nunquid mari ad eos peruenire possemus. Cui respondit Rex, mari ad eos peruenire nos non posse, terra vero si ad eos ire vellemus, iter illud nõ posse nisi duobus mensibus continuis absolui. Atque ut de AMAZONIBUS aliquid annotem:</p> <p>Foeminae AMAZONES, unam tantum habent mamillam, viros suos ter vel quater in anno ad se admittunt⁸⁸, atque ubi gravidae infantem masculum pariunt, eum post partum viro vel patri transmittunt.</p> <p>Foemellam vero si enitantur, eam apud se retinēt, & dextram ei mamillã exurunt, ita ut renasci amplius non possit, cuius rei causam habent ut capiendis armis & arcubus aptiores fiant, bellatrices enim foeminae sunt & maxima adversus hostes suos bella gerunt.</p> <p>Foeminae hae in insula habitant satis magna, & aqua undiquaque cincta, ad quam non nisi istis</p>	<p>Quando lembrou-se dos AMAZONVM, e das riquezas que eles têm em excesso, nosso capitão perguntou a quantas milhas de distância os ditos AMAZONES estavam e se porventura poderíamos chegar a eles por água. O Rei nos respondeu que não poderíamos chegar a eles por água, na verdade, se quiséssemos ir até eles (seria) por terra, aquele caminho não poderia ser percorrido exceto por dois meses contínuos. E para que eu comente um pouco sobre os AMAZONIBUS:</p> <p>As mulheres AMAZONES têm apenas uma única mama, elas recebem seus homens três ou quatro vezes ao ano e quando as grávidas dão à luz uma criança do sexo masculino, elas enviam-no depois do parto para o homem ou pai. Se, na verdade, dão à luz uma menina, mantêm-na junto de si e queimam a mama direita da menina para que não possa renascer maior, elas têm por motivo disso para que se tornem mais aptas para segurar as armas e os arcos, pois são mulheres guerreiras e fazem muito grandes guerras contra seus inimigos. Estas mulheres vivem numa ilha bastante grande e rodeada por água por todos os lados, a qual</p>
--	---	---

⁸⁷ Apesar de tradicionalmente as Amazonas serem conhecidas como uma tribo apenas de mulheres, a concordância se faz no masculino. Sendo assim, optou-se por traduzir no masculino para manter a fidelidade ao texto latino.

⁸⁸ Esse verbo faz referência ao ato sexual.

<p>tem que ir de canoa. Mas nesta ilha as amazonas não tem ouro nem prata, senão em Terra Firme, que é onde vivem os homens. Ali tem grandes riquezas. São uma grande nação e tem um rei que deve chamar-se Iñis, igual ao lugar que nos indicaram.</p> <p>Então nosso capitão Hernando Rivera pediu ao rei dos xarayes que nos desse alguns de seu povo para que nos levasse a bagagem, porque queria entrar na terra e procurar as ditas amazonas. O rei estava disposto a satisfazê-lo, mas nos indicou que nesta época o país estava alagado e que não era tempo para viajar. Mas nós não queríamos acreditar, lhe pedimos os índios, e ele deu, para a pessoa de nosso capitão, 20 homens que tinham que levar sua bagagem e comida, e a cada um de nós nos deu 05 índios que deviam atender-nos e carregar nossas coisas, já que tínhamos que viajar por 08 dias, durante os quais não encontraríamos índio algum.</p> <p>Assim chegamos a uma nação cujos povos se chamam siberis, semelhantes ao xarayes na língua e outras coisas. Nestes 08 dias caminhamos dia e noite com a água até o joelho, e, às vezes, até a cintura, não podíamos sair dela. Quando queríamos fazer fogo, colocávamos grandes troncos uns sobre os outros, e em cima, no alto, acendíamos a chama.</p>	<p>CANAEN navibus, accedi potest. Atqui in hac insula AMAZONES aurum & argentum non habent, sed in TERRA FIRMA, quae regio est ubi viri habitant, maximas habent divitias. Natio est ingens & populosa, & Regem habent nomine IEGNIS.</p> <p>Petiit autem noster centurio, ERNANDO RIEFFERE, ut dictus, SCHERVORVM Rex, aliquos nobis ex subditis suis adiungeret, qui supellectilem nostram portarent, & iter nobis monstrarent, velle enim se ad dictos AMAZONES proficisci. Rex ad hoc quidē promptus erat, sed simul tamen etiam admonebat, terram isto quidem tempore aqua prorsus esse obductam atq; inundatam, ut iter illud admodum difficile & vel impossibile futurum sit, verum nos fidem ipsi nō habentes Indianos istos nobis adiungi petivimus. Adiunxit igitur Rex capitaneo nostro 20 viros, qui supellectilem ipsius portarent, & nostrum cuique 5 Indianos, qui curam nostri haberent, erat enim octo diebus nobis progrediendum ut Indianum nullum videremus.</p> <p>Postea peruenimus ad nationem quae vocatur SIBERII, populum nimirum, hisce SCHERVOS quoad linguam & alia, per omnia similem. Sed octiduum hoc continue in aqua ad genua usque versati sumus, ita quidem ut emergere ex ea neque die neque nocte possemus, quin & ignem extruere volentes multa comportare ligna coacti sumus, atq; in lignorum acervo ignem accendere, ut cibos coquere possemus.</p>	<p>apenas pode-se chegar com esses navios CANAEN. Mas nesta ilha as AMAZONES não têm ouro e prata, porém em TERRA FIRMA, que é a região onde viviam os homens, têm as maiores riquezas. A nação é grande e populosa e tem um rei de nome IEGNIS.</p> <p>Porém nosso centurião, ERNANDO RIEFFERE, pediu para que o dito rei dos SCHERVORVM, juntasse alguns dos nossos aos seus suditos, os quais levariam a nossa parafernália e nos mostrariam o caminho, pois ele queria partir aos ditos AMAZONES. O rei certamente estava disposto a isso, mas logo também advertiu que a terra, nesse tempo, certamente, está bloqueada e inundada pelo caminho em diante, de modo que aquele caminho seria muito difícil ou impossível, mas nós, mesmo não tendo fé, pedimos que esses indígenas se juntassem a nós. Então o rei juntou ao nosso capitão 20 homens, que levariam a parafernália do mesmo e a cada um dos nossos, cinco indígenas, que teriam cuidado de nós, pois nós deveríamos avançar por oito dias sem ver nenhum indígena.</p> <p>Depois chegamos a uma nação que é chamada SIBERII, um povo, sem dúvida, semelhante, a esses SCHERVOS quanto a língua e outras coisas em tudo. Mas, nestes oito dias, vivíamos continuamente com água até o joelho, de modo que, na verdade, não podíamos emergir dela nem de dia, nem de noite, e querendo fazer fogo, éramos forçados a recolher muitas madeiras e</p>
--	---	--

<p>E ainda ocorria, às vezes, que a panela onde se cozinhava nossa comida caía na água com o fogo, e ficávamos sem comer. Tampouco tivemos sossego, nem de dia nem de noite, pelas moscas diminutas que não nos deixavam fazer nada.</p> <p>Perguntamos aos siberis si teríamos água pelo caminho, e nos responderam que deveríamos prosseguir 04 dias pela água e depois outros 05 por terra, logo chegaríamos a uma nação chamada orthueses. E sendo nós poucos, nos deram a entender que voltássemos. Mas não queríamos fazer caso aos xarayes, que nos haviam acompanhado até ali, senão que os mandamos de volta a seu povoado. Entretanto, eles não queriam porque seu rei lhes havia mandado que não se separassem, senão que permanecessem conosco e nos esperassem até que regressássemos do país.</p> <p>Então os ditos siberis nos deram 10 homens para que, além dos xarayes, nos mostrassem o caminho aos ditos orthueses. Assim prosseguimos por mais de 07 dias com água até os joelhos; e esta água era tão quente como se tivesse estado</p>	<p>Accidit saepenumero ut focus iste ligneus igne consumptus, unà cum ollis in aquam laberetur, & nos ieiuno stomacho iter continuare cogemur. Accedebat etiam hoc quod à muscis nos vix tueri & defendere poteramus, quae quidem ita nos infectabantur⁸⁹, ut somnum capere nobis parum liceret.</p> <p>Interrogavimus igitur SIBERIOS an imposterū etiam aquam essemus habituri, qui dicebant, quatrimum nobis adhuc in aqua progrediēdum esse, & praeterea 5 dies in terra Arida. Peruenimus postea ad nationem aliam quam vocant ORTHVSIOS. Hi monebant nos ut conversi recederemus, quod nostrum pauci admodū essent. Hoc autem recusantes constituimus SHERVOS comites nostri itineris remittere, sed ipsi hoc recusabant, mandatum enim ipsis Rex dederat, ut nos non defererent, donec ex regione ista reverteremur.</p> <p>Adiungebant igitur nobis dicti isti SIBERIOS 10 personas, quae nobis una cum SCHERVIS iter monstrarent, ad ORTHVESERIS, itaq; 7 adhuc diebus in aqua pubetenus⁹⁰ ambulavimus, quae aqua tam calida erat ac si igne fuisset calefacta, &</p>	<p>acender um fogo na pilha de madeiras para que pudéssemos cozinhar os alimentos.</p> <p>Aconteceu repetida vezes que essa fogueira de madeira, consumida pelo fogo, deslizava para a água juntamente com as panelas e éramos forçados a continuar o caminho de estômago vazio. Acontecia também isso que nós dificilmente podíamos nos defender e proteger das moscas, as quais certamente nos perturbavam tanto que pegar no sono para nós era permitido muito pouco.</p> <p>Perguntamos então aos SIBERIOS se teríamos também água daqui para frente, os quais disseram que ainda por quatro dias deveríamos prosseguir na água e depois disso em terra árida. Depois chegamos a outra nação a qual chamam ORTHVSIOS. Estes aconselharam-nos que déssemos meia volta e retirássemos, pois éramos muito poucos de nós. Recusando isso, no entanto, decidimos enviar novamente os companheiros SHERVOS do nosso caminho, mas os mesmos isso recusavam, pois de fato o próprio Rei tinha dado ordem para que não nos desviassem do rumo até que retornássemos daquela região.</p> <p>Então estes ditos SIBERIOS juntaram a nós 10 pessoas, as quais nos mostrariam o caminho junto com os SCHERVIS até os ORTHVESERIS, assim andamos ainda por 7 dias com água até a região pública, essa água era tão quente como se tivesse</p>
---	--	--

⁸⁹ Segundo Du Cange é um verbo em latim pós clássico, portanto, não encontrado na maioria dos dicionários, e que tem o significado de “perturbar”.

⁹⁰ Palavra formada pela união das palavras latinas *pubes* e *tenus* – até a região pública

<p>sobre o fogo. Também tivemos que bebê-la, porque não tínhamos outra. Mas não se deve pensar que fosse água de rio; é que nesta época havia chovido muito e o país estava alagado, pois é uma terra plana. O bem que nos caiu esta água se saberá mais adiante.</p>	<p>eam quidē cum potum alium non haberemus, etiam bibere cogebarur. Nemo tamen existimet hanc fuisse aquam perennem alicuius fluminis, torrēs enim erat seu aqua ex assidua & copiosa pluvia proveniens, regio namq; aliās plana est & ad peregrinandum satis apta, sed nos incommoda huius aquae postmodum non exigua deprehendimus, ut mox audiemus.</p>	<p>sido aquecida, e de fato como não tínhamos outra bebida fomos forçados a bebê-la também. Ninguém, no entanto, julgue que essa água fosse perene de algum rio, era com efeito uma corrente ou água proveniente de chuva constante e abundante, certamente a região em outros momentos é plana e bastante apta para caminhar, mas nós descobrimos as não poucas desvantagens desta água em seguida, como logo ouviremos.</p>
<p>Aos 09 dias, entre as 10 e as 11 da manhã, nos aproximamos aos orthueses, e por voltado meio dia chegamos ao centro de seu povoado, onde estava a casa de seu chefe.</p> <p>Naquele tempo houve uma grande mortandade entre eles, a causa da fome, porque o gafanhoto havia comido e devastado duas vezes a plantação e as árvores, que não lhes restava nada para comer.</p> <p>Quando nós (os cristãos) soubemos, nos assustamos muito, e como tampouco tínhamos muito para comer, não pudemos nos deter por longo tempo nesta terra.</p> <p>Então nosso capitão perguntou a seu chefe quanto nos faltava para chegar às amazonas. Este nos responde que teríamos que viajar ainda um</p>	<p>Cap. XXI – Postea die nono ad pagum ORTHVESSER circa meridiem hora fermè undecima pervenimus, & horam unam progressi, in medium pagum ad aedes ducis istorum ORTHVESSER.</p> <p>Et eo quidem tempore dira lues istos ORTHVESSER invaserat plurimi enim subita morte perierant, fame nimirum confecti, cum nihil haberent quod ederent, DVCKSVS enim sive cicadae iam secunda vice omnia eorum frumenta⁹¹ & fruges in arboribus & agris absumpserant. His auditis admodū perterrefacti sumus, neq; diu ibi subsistere poteramus, cum parum nobis cibi superesset.</p> <p>Interrogavimus igitur ducem istorum ORTHVESSER de AMAZONIBVS, qui respondit iter integri mensis nobis adhuc restare, & regionem aquis plurimis ubiq; scatere, quod reipsa etiam</p>	<p>Depois do nono dia, chegamos à aldeia dos ORTHVESSER por volta do meio dia quase às 11 horas, e avançados uma hora, no meio da aldeia, na casa do comandante destes ORTHVESSER.</p> <p>E naquele tempo certamente uma praga terrível tinha atacado aqueles ORTHVESSER e muitos pereceram de morte súbita, sem dúvida consumidos pela fome, como não tinham nada o que comer, de fato, DVCKSVS ou cigarras já pela segunda vez tinham devorado todos os grãos deles, frutos das árvores e campos. Ao ouvir isso, ficamos muito aterrorizados, e não poderíamos resistir por longo tempo lá, porque sobrava pouco de alimento a nós.</p> <p>Interrogamos, então, o comandante desses ORTHVESSER sobre as AMAZONIBVS, o qual respondeu que restava a nós ainda o caminho de um mês inteiro, nesta região muitas águas fluíam</p>

⁹¹ Em latim clássico *frumento*, -i é trigo, no entanto, os indígenas provavelmente não conheciam o trigo ainda. O autor deve estar se referindo ao milho e outros grãos da região.

<p>mês, e que o país estava inundado, como logo pareceu ser verdade.</p> <p>O chefe dos orthueses deu a nosso capitão 04 lâminas de ouro e 04 aros de prata, que se colocam nos braços; as lâminas, no entanto, as usam os índios de adorno na frente, como nossos grandes senhores usam correntes de ouro ao redor do pescoço.</p> <p>Em troca destas peças nosso capitão deu ao chefe dos índios machados, facas, rosários e tesouras e outras coisas que se fazem em Nuremberg. Queríamos ter exigido mais dos índios, mas não nos atrevemos, porque nós cristãos éramos poucos, por isso tivemos medo. Era tanta gente, que em todas as Índias não vi outro povoado tão grande, nem tantos índios juntos, como neste, que era muito longo e largo. A mortalidade dos índios foi certamente uma sorte para nós; de outra maneira nós cristãos quem sabe não teríamos escapado com vida.</p> <p>Capítulo 38 - Voltam-se ao seu capitão geral quem lhes tira o seu prêmio, e se rebelam</p> <p>Logo nos voltamos ao dito siberis, andando muito mal abastecidos de provisões. Não tínhamos outra coisa de comer que uma árvore que se chama palmito, cardos e outras raízes silvestres que crescem embaixo da terra. E quando chegamos ao xarayes, a metade de nossa gente</p>	<p>sumus experti. Obtulit autem primas istorum ORTHVESSER centurioni nostro quatuor PLEINISCH ex auro, & quatuor annulos ex argento, annulis enim eiusmodi, brachia populi isti exornabant, PLEINISCH vero in fronte pro ornamento gerunt, eadem ratione qua in hisce regionibus potentissimi Magnates catenulas aureas de collo dependentes habent.</p> <p>Pro his rebus reddebat ipsi noster centurio ligones, cultros, corallia, forfices, & alias eiusmodi merces, quas Norimberga nobis suppeditat. Plus quidem libenter ab ipsis postulassemus, sed verebatur ne eos in nos concitarem, cum nostrum pauci admodum essent, Indianorum vero in isto pago tanta erat multitudo, quãtam in uno loco nondum videramus, & profectò nisi famem tantam & luem sensissent, de nobis actum fuisset.</p> <p>Reversi sumus igitur ad supra nominatos SIBEROS, & in itinere quidem cibum nobis suppeditabat PALMA arbor, CARDES & aliae radices ignotae & sub terra nascentes.</p> <p>Postea ad SCHERVIS rursus pervenimus, sed maximam partem egroti, triginta enim continuos</p>	<p>em toda parte, a mesma coisa que já experimentamos. No entanto, o mais elevado destes (o chefe) ORTHVESSER ofereceu ao nosso centurião quatro PLEINISCH de ouro, e quatro anéis de prata, estes povos adornavam os braços, de fato, deste modo por estes anéis, PLEINISCH, na verdade, trazem na frente como ornamento, pela mesma razão que nestas regiões os grandes homens mais poderosos têm correntinhas de ouro penduradas no pescoço.</p> <p>Por estas coisas o nosso centurião deu-lhe em troca enxadas, facas, corais (pedras decorativas), tesouras e outras recompensas desta natureza, as quais Norimberga fornece para nós. Na verdade, desejávamos avidamente mais dos mesmos, mas estávamos com medo de os incitarmos contra nós já que haviam muito poucos de nós, realmente a multidão dos indígenas, nesta aldeia, era tanta quanto não tínhamos visto ainda em um único lugar e seguramente se não estivessem afetados por tanta fome e pela peste teria acontecido a ação contra nós.</p> <p>Voltamos então para os acima mencionados SIBEROS e, de fato, no caminho fornecia alimento para nós a árvore PALMA, CARDES e outras raízes desconhecidas e nascidas sob a terra.</p> <p>Depois chegamos novamente aos SCHERVIS, mas a maior parte (de nós estava) doente porque</p>
--	---	--

<p>estava gravemente enferma, por causa da água pela qual havíamos passado durante 30 dias, sem poder sair dela, e também pela grande escassez e fome que havíamos aguentado e sofrido nesta viagem, a qual contribuiu muito essa água asquerosa que tivemos que beber. Detive-mo nos 04 dias com os xarayes, lá onde estava o rei, e estes nos trataram muito bem e nos cuidaram. E o rei havia ordenado a seus súditos que nos dessem tudo o que necessitássemos.</p> <p>Nesta viagem cada um de nós ganhou mais de 200 ducados somente em mantas indianas de algodão e prata que escondidas havíamos trocados por facas, rosários, tesouras e espelhos.</p> <p>Voltamos logo a descer pelo rio para encontrar a nosso capitão geral Alvar Núñez. Depois que chegamos, o dito capitão geral mandou que, sob pena de morte, não descêssemos dos barcos. O mesmo veio em pessoa a nós e mandou prender o nosso capitão Hernando Rivera, e dos soldados tirou tudo o que havíamos ganhado e trazido do país. Além disso, se mostrou disposto a enforcar numa árvore o nosso capitão Hernando Rivera. Quando nós, que ainda estávamos nos bergantins, soubemos do que estava acontecendo, e nos amotinamos contra nosso capitão geral, com outros bons amigos que</p>	<p>dies in aqua versati eramus, quin imo⁹² bibere etiam eam propter defectum melioris aquae, cogebamur, tametsi aliquando turbulentissima esset.</p> <p>Commorati sumus ergo apud SCHERVIS illos, ubi Rex habitat quatuor diebus, qui nos humanissimè rursus acceptos liberaliter tractabant, preceperat enim Rex, ut de rebus omnibus nobis prospicerent.</p> <p>In hoc itinere quilibet nostrum pro sua parte, ferè 200 coronatos lucratus fuerat ex palliis, gossypio, auro & argento, pro quibus nos Indianis cultellos, corallia, forfices, specula, & id genus alia dederamus.</p> <p>Posthaec navigavimus rursus ad generalem nostrum Ducem ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, qui, cū ad naves venissemus, missis ad nos legatis, interdixit nobis, ne ex navibus nostris egrederemur, donec ipse ad nos veniret, idque sub poena capitis. Veniens autem ipse Capitaneum nostrum ERNANDO RIEFFERE captivum assumit, & nobis omnia, quæ ex regione ista nobiscum attuleramus & lucrati eramus, eripit, quin imò de capitaneo nostro ERNANDO ab arbore suspendendo deliberat. Itaq; nos qui adhuc in BERGENTIN eramus, ingentes turbas dedimus⁹³, & unà cum familiaribus nostris qui in</p>	<p>vivemos trinta dias contínuos na água, de fato, fomos forçados a beber ainda dela pela falta de água melhor à mão, embora por vezes fosse turbulentissima</p> <p>Permanecemos, portanto, entre aqueles SCHERVIS, onde o rei fica por quatro dias, os quais novamente nos receberam como pessoas livres e nos trataram de forma muitíssimo humana, de fato, ordenou o Rei que fornecessem para nós todas as coisas.</p> <p>Nesta viagem cada um de nós por sua vez tinha lucrado quase 200 coronatos em mantas, algodão, ouro e prata, em troca das quais tínhamos dado aos indígenas facas, corais (pedras decorativas), tesouras, espelhos e outras coisas deste gênero.</p> <p>Depois navegamos de volta até nosso capitão geral ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, que, quando chegamos aos nossos navios, tendo enviado mensageiros até nós, proibiu a nós, que desembarcássemos de nossos navios, isso sob pena de morte, até que ele mesmo veio até nós. Vindo, no entanto, ele mesmo, levou cativo o nosso capitão ERNANDO RIEFFERE, e arrancou de nós todas as coisas que tínhamos lucrado e levávamos conosco desta região. De fato, considerava enforcar numa árvore nosso capitão ERNANDO. Assim, nós que ainda estávamos no BERGENTIN, quando causamos um grande</p>
---	---	---

⁹² A expressão *quin immo* quer dizer **de fato, na verdade, isso mesmo**. A partícula *immo* tem a função de reforçar o sentido de *quin*. No entanto, o autor usa apenas *M*, isto é, *imo*.

⁹³ Trata-se da expressão *turba dare* que significa “causar tumulto”, segundo ROBERTSON, William. A dictionary of latin phrases. Londres: A.J. Valpy editor, 1824. Disponível no site books.google.com

<p>tínhamos em terra, e lhe dissemos cara a cara que deixasse solto e livre nosso capitão Hernando Rivera e que nos restituísse tudo o que nos havia roubado e tirado a força, que de outro modo veríamos o que faríamos a ele.</p> <p>Quando Alvar [Núñez Cabreza de Vaca] viu o motim e nossa cólera, se deu por feliz com poder soltar a nosso capitão e de devolver o que antes nos havia tirado, e usou boas palavras, somente para que ficássemos sossegados. O que aconteceu a ele se dirá mais adiante.</p> <p>Quando tudo terminou e houve paz outra vez, nosso capitão geral pediu ao capitão Rivera e a nós que lhe relatássemos o que vimos em dita terra, e que lhe explicássemos o que nos havia acontecido e motivo pelo qual havíamos demorado tanto tempo em voltar. A tudo isso lhe respondemos suficientemente bem, e ficou contente.</p> <p>A causa de que nos recebesse tão mal, como se disse, e nos tirasse o que com grandes esforços havíamos conseguido e conquistado, foi que não cumprimos sua ordem, já que nos havia dito expressamente que não fôssemos mais além dos xarayes e que de ali entrássemos somente 02 jornadas ao interior do país, e que logo retornássemos para trazer-lhe informação precisa de todos os lugares por onde havíamos passado.</p>	<p><i>littore erāt, tumultum excitavimus adversus Ducem nostrum ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, postulantes ut capitaneum vinculis liberaret, & quae nobis eripuisset restitueret, nisi aliud quid experiri mallet.</i></p> <p><i>Quare cum ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA seditionem hanc videret, & iram nostram animadverteret, gaudebat sibi datam occasionem & causam capitaneum nostrum ERNANDO dimittendi, reddebat etiam nobis quae eripuerat, & amicis verbis nos lenire & quietos reddere conabatur. Quid autem ipsi postea acciderit, mox audietis.</i></p> <p><i>His igitur transactis, & pace rursus constituta, petebat à capitaneo ERNANDO RIEFFERE & nobis, ut statum & conditionem Regionis, quam perlustraveramus, ipsi exponeremus, & causam simul diceremus cur tamdiu emansissemus. Rationem igitur ipsi huius nostri itineris talem reddidimus, ut in ea acquiescere coactus sit.</i></p> <p><i>Quod autem tanto impetu nos invaserat, & bona nobis nostra eripuerat, unica & sola causa erat, quod mandati ipsius immemores, ultra praescriptum tempus ab fuissemus praeceperat enim ipse: ut nõ ulterius quã ad SCHERVOS proficisceremur, & ab his itinere quatuor dierum progressi, regionem istam exploraremus. Nos vero à dictis SCHERVIS, itinere 18 dierum terram istam perlustraveramus.</i></p>	<p>tumulto, e juntamente com nossos amigos que estavam no litoral, levantamos um motim contra nosso comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, pedindo que libertasse da prisão o capitão e que restituísse o que arrancou de nós se não preferisse experimentar outras coisas.</p> <p>Portanto, quando ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA viu essa rebelião e notou a nossa ira, ele se alegrou por ter-lhe sido dada a oportunidade e o motivo de mandar embora (soltar) nosso capitão ERNANDO, além disso, devolveu para nós o que tinha arrancado e esforçou-se com palavras amigas para que nos acalmássemos e retornássemos tranquilos. No entanto, o que aconteceu a ele depois, em breve ouvireis.</p> <p>Portanto isto terminado e restituída novamente a paz, ele pediu ao capitão ERNANDO RIEFFERE e a nós para que explicássemos a ele o estado e a condição da região que percorremos e disséssemos logo a causa e o porquê de termos permanecido lá por tanto tempo. Demos, então, tão excelente explicação a ele sobre nossa viagem que ele foi forçado a consentir com ela.</p> <p>No entanto, a única e só causa de ter nos atacado com tanto ímpeto e de ter arrancado nossos bens de nós foi que, negligentes com a sua ordem, tínhamos ficamos ausentes além do tempo previsto. Ele tinha ordenado, na verdade, que fôssemos não além dos SCHERVOS e explorássemos essa região, avançando por esse caminho por quatro dias. Realmente, nós percorremos a partir dos ditos SCHERVIS,</p>
---	--	---

<p>E nós, entretanto, havíamos seguido adiante adentrando no país 30 jornadas.</p> <p>Capítulo 39 - O capitão geral Alvar Núñez é detestado pelos soldados por causa da sua soberbia. Manda matarsem razão alguma aos surucusis</p> <p>Depois que relatamos tudo, nosso capitão geral se determinou a ir com toda a gente a aquela terra onde havíamos estado. Nós os soldados, entretanto, nos negamos a obedecê-lo sobre tudo porque nesta época essa terra estava inundada de água. Por outra parte, havia outro impedimento, pois a maioria da gente que havia feito conosco a jornada aos orthueses, estava fraca e doente pela água que tivemos que atravessar durante tanto tempo. Por tudo isto, o dito capitão geral não gozava de boa reputação entre os soldados, nem estes lhe professavam grande afeto, pois era um homem em que sua vida não havia tido nem comando nem governo.</p> <p>Assim nós permanecemos 02 meses com os ditos surucusis, durante os quais o capitão geral teve uma febre que o deixou muito doente. Pouco nos teria importado se ele morresse então, porque era malquisto por todos.</p>	<p>Ad hanc nostram relationem constituit Dux noster ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, cum universo populo in regionem, ex qua nos reversi eramus, proficisci, nos autem milites consentire nolebamus, hoc potissimum tempore, quo regio ista propter vim aquarum in via erat.</p> <p>Maxima praeterea populi pars infirma erat valetudine, neque; etiã dictus Dux ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA in magna apud populum vel autoritate vel gratia erat, erat enim homo ineptus tantis rebus gerendis, utpote qui per omnem vitam imperio nulli praefuerat.</p> <p>Mansimus igitur duos menses apud dictos SIBERIS, quo tẽpore febris correptus Dux ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA vehementer laborare coepit. Et quidem si mortuus fuisset, populo⁹⁴ nõ multas excussisset lachrymas, talia scilicet in milites eius extabant merita.</p>	<p>percorremos esta terra por um caminho de 18 dias.</p> <p>Diante deste nosso relato, nosso comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA decidiu partir, com todo o povo da região, da qual nós estávamos de volta, no entanto, nós, soldados, recusamos em concordar principalmente neste tempo em que esta região, por causa da força das águas, estava inacessível.</p> <p>Além disso, a maior parte do povo estava com a saúde enfraquecida, e ainda o dito comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA não tinha grande autoridade ou graça entre o povo, de fato, ele era um homem inapto para a condução de tantas coisas, visto que por toda a vida não conduziu governo.</p> <p>Ficamos então dois meses entre os ditos SIBERIS, período em que o comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, atacado por uma febre, começou a lutar fortemente contra uma febre. E, na verdade, se ele morresse, o povo não derrubaria muitas lágrimas, tais eram, sem dúvida, os méritos dele junto aos soldados.</p>
--	--	--

⁹⁴ Há problemas sintáticos, afinal, não existe terminação para o sujeito, nominativo no caso.

<p>Nesta terra dos surucuis não encontrei a nenhum índio 40 50 anos, nem em toda minha vida vi um país mais insano que este, pois se encontra no trópico de Capricórnio, donde o sol está no mais alto. É uma terra tão insalubre como Santo Tomé. Ali entre os surucuis voltei a ver a Carruagem, chamada também Plastrum ou Ursa maior, porque esta estrela a havíamos perdido quando passamos a ilha de Santiago e as Ilhas de Cabo Verde.</p> <p>Nesta sua doença, nosso capitão geral mandou que 150 cristãos e, com eles, 2000 cários, que enviou 04 bergatins, se fossem a ilha dos surucuis, a 04 léguas de distâncias, e que matassem ou prendessem a todos, especialmente as pessoas de 45 anos.</p> <p>Já foi narrado como os surucuis nos haviam recebido. De como os agradecemos e é sabido incontinenti, e sabe Deus que lhes fizemos muito mal.</p> <p>Quando chegamos de improviso a seu povoado, saíram de suas choças a nos receber com suas armas, arcos e flechas, mas pacificamente. De repente surgiu uma pendência entre os cários e os surucuis. Por isso nós os cristãos disparamos nossos arcabuzes sobre eles e matamos a muitíssimos e aprisionamos a cerca de 2000</p>	<p>Cap. XXII – In hac regione SVRVCKVSSIER nullū Indianum 40 vel 50 annos natum vidi, neque ullam regionem tam insalubrem, per omnem meam vitam cognovi, sita est enim sub tropico cancri, ubi sol est altissimus, & propter varios morbos non immerito regioni S.THOMAE comparatur. Apud SVRVCKVSSIER stellam rursus vidi, quam ursam maiorem⁹⁵ vocant, eam enim amiseramus, cum essemus in insula S.IAGO.</p> <p>In morbo suo praecepit Dux noster, ut nostrum 150 Christiani, assumptis 2000 Cariis, quatuor navibus BBRGENTIN ad Insulam SVRVKVSIS itinere 4 miliarium excurreremus & populus⁹⁶ SVRVKVSIS omnes interficeremus nulli aetati parcentes. Dicti hi SVRVKVSIS quomodo nos antea acceperint, supra diximus, quam vero nos ipsis mercedem iam reddiderimus, mox patebit, Deus novit ipsos praeter omne meritum summa iniuria esse affectos.</p> <p>Cum ad pagum istum, ipsis nihil minus cogitantibus venissemus, occurrerunt nobis pacificè ex aedibus suis armis, arcubus & sagittis pulchrè ornati: Mox autem tumultu inter CARIOS & SVRVKVSIS, exorto, emisimus in SVRVKVSIS tormenta nostra & benè multos interfecimus, postea succenso pago ipsorum, 2000 ferè,</p>	<p>Nesta região dos SVRVCKVSSIER não vi nenhum Índigena com 40 ou 50 anos de idade, nem conheci, por toda minha vida, alguma outra região tão insalubre, de fato, situada sob o trópico de câncer, onde o sol é o mais alto e por causa de várias doenças esa região não imerecidamente é comparada a S.THOMAE. Entre os SVRVCKVSSIER vi a estrela novamente, a qual chamam urso maior, de fato, a perdemos quando estávamos na ilha de S.IAGO.</p> <p>Em sua doença nosso comandante ordenou que 150 cristãos de nós, tendo recebido 2000 Cários, com quatro barcos BBRGENTIN, percorrêssemos o caminho de quatro milhas até a ilha dos SVRVKVSIS e matássemos todo o povo SVRVKVSIS não poupando idade. Estes ditos SVRVKVSIS, o modo que nos receberam já falamos acima, o que de fato nós demos a eles de volta como recompensa, será exposto em breve, Deus sabe que eles foram tratados por causa de todo o merecimento com a máxima injúria.</p> <p>Quando chegamos a esta aldeia, eles pensando nada menos, correram a nós, de suas moradas, pacificamente, com suas armas, arcos e flechas lindamente enfeitadas: no entanto, logo tendo começado um tumulto entre CARIOS e SVRVKVSIS, disparamos nossos canhões contra os SVRVKVSIS e facilmente matamos muitos. Depois de queimar</p>
---	--	--

⁹⁵ A constelação Ursa Maior é parcialmente visível em algumas regiões do hemisfério sul, apenas mais ao norte deste continente. Em algumas épocas do ano, talvez, ela torne-se mais visível em alguns lugares, o que pode ser uma pista da localização desta aldeia por onde o viajante andou.

⁹⁶ Deveriam ser *populum*, já que não cabe aqui um nominativo.

<p>homens, mulheres, rapazes e moças e lhes tiramos tudo o quanto pudemos arrancar-lhes, como costuma acontecer nestes casos. Logo regressamos ao nosso capitão geral, que se alegrou muito com o que havíamos feito.</p> <p>Estando a maior parte da nossa gente doente e a restante irritada com nosso capitão geral, não pudemos fazer nada, e assim descemos pelo rio Paraguai e chegamos a cidade de Assunção, onde havíamos deixado aos demais cristãos. Ali, nosso capitão geral voltou a adoecer de febre e ficou 14 dias em casa, mas por picardia e soberba que por doença, já que ele não agradava os soldados, nem se mostrava para a eles como é devido.</p> <p>Pois um senhor ou capitão geral que quer reger um país, tem que mostrar-se afável tanto com o mais, como com o menos importante dos homens. E a tal homem lhe convém prezar-se e mostrar-se mais discreto e entendido que aqueles aos que tem que governar, si deseja ser respeitado. Porque não fica bem que alguém quera aumentar a dignidades sem ser prudente, e que se encha de soberba e despreze aos demais.</p>	<p>promiscuè ex utroque sexu, una cum universa ipsorum substantia, nobiscum adduximus, revertentes ita ad Ducem nostrum ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, cui hoc facinore pulchrè satisfactum erat.</p> <p>Caeterum cū populus noster partim infirma valetudine, partim odio erga Ducẽ laboraret, nihil amplius efficere poterat, itaq; navẽ rursus parari iubebat, quo facto, oēs⁹⁷ ad civitatẽ NOSTER SIGNORA DESVMSION, reversi sumus, ubi reliquos Christianos reliqueramus, cum eò venissemus, feбри laborans Dux noster, totos 14 dies sese in aedibus suis cõtinebat, & hoc quidem ut omnibus manifestum erat, ex improbitate potius & malitia quam ex infirmitate, ingens enim fastus in ipso erat, ita ut ne quidem milites alloquio dignaretur, sed potius omni eos iniuria afficeret.</p> <p>Imperatorem vel Ducem, qui populum rectè regere & gubernare vult, decet utiq; ut sese placidum mansuetum & affabilem omnibus praebeat, nõ supremis saltem sed & infimis quibusq; & postremis. Decet praeterea ut talem sese praestet, qualis videri vult, maximè vero prudentia & rerum gerendarum peritia aliis antecellat, turpe enim est & detestabile, aliquem honori magis & vanissimae gloriae, quam</p>	<p>a aldeia deles, trouxemos conosco (aprimosamos) quase 2000, indiscriminadamente de ambos os sexos, juntamente com todos os bens deles, voltando assim ao nosso comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, que estava perfeitamente satisfeito com este ultraje.</p> <p>Além disso, visto que parte do nosso povo estava enfraquecida pela doença, parte lutava contra o ódio pelo comandante, (ele) não podia fazer nada mais, desta maneira, ordenou que fosse preparado novamente o navio, isto feito, todos voltamos para NOSTER SIGNORA DESVMSION, onde tínhamos deixamos o restante dos cristãos. Quando chegamos ali nosso comandante sofrendo de febre, fechou-se por 14 dias inteiros em sua morada e isto, certamente, como estava evidente para todos, mais por desonestidade e maldade do que por doença, tamanha era a soberba nele, de modo que ele não se dignou a falar com os soldados, mas, ao contrário, lhes causaria toda injúria.</p> <p>É adequado, sem dúvida, ao imperador ou comandante que quer reger e governar corretamente o povo que se apresente plácido, gentil e afável a todos não apenas aos superiores, mas também a cada um dos inferiores e últimos. É adequado, além disso, que se mostre de tal modo como queira parecer. Que exceda em prudência e perícia nas coisas a serem feitas. Na verdade é torpe e detestável alguém dedicar-se mais a honra</p>
--	---	---

⁹⁷ Trata-se mais de uma interpretação da abreviatura do que de uma tradução. A interpretação é de que seja a *omnes*.

<p>Pois todo capitão é acolhido por seus soldados e não os soldados por seu capitão</p> <p>Capítulo 40 - Alvar Núñez Cabeza de Vaca, capitão geral dos espanhóis é preso por sua gente e enviado a Sua Cesárea Majestade. Elege-se capitão geral à Domingo Martinez de Irala</p> <p>Tendo em vista que este nosso capitão geral não se fazia respeitar, senão que queria persistir em todas as cosas, o conselho, nobres e plebeus, fizeram uma reunião e determinaram prender a seu capitão geral Alvar Núñez Cabeza de Vaca e enviar-lhe a Sua Cesárea Majestade, com Informações sobre suas altas qualidades e de como se havia portado conosco e como havia governado, com outras razões mais.</p> <p>Conforme a o combinado, o contador, o tesoureiro e o secretario por sua Majestade, a saber: Alonso Cabrera, Francisco de Mandoza y García Vanegas, pegaram 200 homens e prenderam a Alvar nosso capitão geral quando menos esperava. E isso aconteceu no dia de São Marcos do ano de 1543, em abril 16, e o</p>	<p>prudētiaē & sapientiaē studere. Neq; vero etiam propter munus sibi demandatum cristas aliquis erigere, & alios prę se ex alto quasi contemnere debet, quo quidem vicio⁹⁸ gloriosum istũ militem Thrasonem apud Terentium laborasse novimus, nõ enim propter Ducem vel capitaneum milites, cõscribuntur, sed vice versa propter milites Dux aliquis vel centurio constituitur.</p> <p>Noster vero hic Dux neminem audiebat, & nullo personarum vel respectu vel delectu habito, in omnibus superbie & fastui suo satisfieri cupiebat. Communi igitur consilio tandem, ab omnibus tam nobiles quam ignobiles, decretum est, ut Dux iste ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, captivus ad Maiestatẽ Regiam transmitteretur, & Maiestas Regia edoceretur de virtutibus, quibus instructus, populo praefuerit hactenus, & de fortibus ipsius factis, praeclarisque facinoribus⁹⁹ hactenus in India praestitis.</p> <p>Congregati igitur qui à Maiestate Regia muneribus quibusdam praefecti erant. Quaestor¹⁰⁰ MAVTNER & secretarius, quorum nomina sunt, ALBERNVNZO GABRERO, THON FRANCISCO MANCHOSSA, GARZE HAVNEGO, PHILOPO de CASTRA, & c. assumpserunt 200 milites, & dictum ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA ducem</p>	<p>e a glória muito vãs, do que a prudência e sabedoria. E não, na verdade, ainda alguém erguer as cristas por causa de uma obrigação pedida para ele e não deve desprezar os outros diante de si como se estivesse do alto. Soubemos que esse glorioso soldado Thrasonem, segundo Terêncio, sofria por este defeito. De fato, não por causa do comandante ou capitão, os soldados são alistados, mas ao contrário, por causa dos soldados algum comandante ou centurião se constituíu.</p> <p>Na verdade, este nosso comandante não ouvia ninguém, e não tendo nenhum respeito ou escolha das pessoas, ele desejava ser satisfeito em todas as coisas por seu orgulho e soberba. Portanto, foi decretado por assembleia comum enfim, por todos, tanto por nobres quanto por não nobres, que este comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA seria transportado cativo a Majestade Real, e a Majestade Real seria informada sobre as virtudes, das quais equipado esteve encarregado do povo e sobre seus bravos feitos e seus famosos atos expostos na Índia. Então reunidos aqueles que tinham sido encarregados, pela Majestade Real, com certos serviços, cujos nomes são, o tesoureiro e secretário MAVTNER, ALBERNVNZO GABRERO, THON FRANCISCO MANCHOSSA, GARZE HAVNEGO, PHILOPO de CASTRA, e etc., tomaram 200 soldados e prenderam de improviso o dito</p>
--	--	--

⁹⁸ O autor escreveu errado, a escrita correta em latim é *vitium, vitii*.

⁹⁹ Essa palavras tem em latim um sentido negativo, seriam os atos criminosos.

¹⁰⁰ Segundo os dicionários de latim clássico *quaestor* era o magistrado que tinha a seu cargo a guarda do tesouro público. Sendo assim, é possível interpretar que na época de Schmidl ele poderia ser uma espécie de tesoureiro ou contador.

<p>prenderam por um ano inteiro, até que se preparou um barco, que se chama caravela, com provisões, gente e o que é necessário para a navegação, e enviaram ao dito capitão geral a Sua Cesárea Majestade com outros dois senhores.</p> <p>Depois do ocorrido, foi preciso eleger em seu lugar outro capitão geral que governasse a terra e a gente, até que Sua Cesárea Majestade decidisse outra coisa. Por fim nos pareceu que se elegeisse por capitão a Domingo Martinez de Irala, que havia governado antes, e também porque era bem quisto pelos soldados. Com isso ficou contente a maior parte deles, ainda que houvesse alguns que eram amigos do anterior capitão geral, e que não gostava de Irala. Mas isto não nos preocupava.</p> <p>Naquele tempo estive doente de hidropsia e muito fraco, por causa da jornada aos orthueses, quando tivemos que andar tanto tempo pela água, padecendo além de grande escassez e fome. Nesta viagem adoeceram oitenta soldados, dos quais somente trinta escaparam com vida.</p> <p>Capítulo 41 - Discórdia entre os cristãos.</p>	<p>nostrum ex improviso oppressum, ceperunt, quod quidem factum est die S.Marci, Anno 1543. Postea per annum integrum captivum detentum, navi quam CARABELLA vocant, omnibus rebus necessariis instructae, cum duobus aliis praecipuis viris, impositū in Hispaniam ad Maiestatē regiam miserunt.</p> <p>Hisce peractis, necessarium erat ut alium eligeremus, qui in ea regione populū gubernaret, donec à Maiestate Regia alius quispiam huic muneri praeficeretur, & visum est nobis omnibus, de sententia cōmunitatis, id muneri¹⁰¹ MARTINO DOMINGO EIOLLA rursus offerre, qui etiam antea ei praefuisset, maxime cum & ipse de universo populo benè meritus esset, & populus ei maxima ex parte, admodum faveret.</p> <p>Quamuis quidam adfuerint, ex familiaribus nimirum & amicis ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, quibus hoc nostrum consilium non per omnia placeret.</p> <p>Hoc tempore ego hydrope¹⁰² admodum laboravi, quem morbum apud ORTHVSSOS attraxeram, ubi tamdiu in aqua versatus, & maximam inopiam expertus fueram, ut supra dictum, cuius effectum satis nunc demum deprehēdimus, siquidem fere 80 nostrum eodem tempore variis morbis laboravimus, ex quibus tantm 30 salvati sunt, & pristinam valetudinem recuperârunt.</p>	<p>ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, o nosso comandante, cercado inesperadamente, o que aconteceu no dia de São Marcos, ano de 1543. Depois de um ano inteiro mantido cativo, enviaram-no num navio que chamam CARABELLA, preparada com todas as coisas necessárias, com outros dois homens distintos, embarcado para a Espanha para a Régia Majestade. Concluído tudo isso, era necessário que escolhêssemos outro que governasse o povo até que outro alguém fosse encarregado deste cargo pela Majestade Régia e pareceu a nós todos, por opinião da comunidade, oferecer o cargo novamente a MARTINO DOMINGO EIOLLA que também antes tinha estado encarregado disso, principalmente porque ele também era bem quisto por todo o povo, e o povo era muito favorável a ele na maior parte. Ainda que, sem dúvida, estivessem presentes alguns os familiares e amigos de ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, aos quais esta nossa assembleia não agradou de toda forma. Naquele tempo eu estive sofrendo muito de hidropsia, doença a qual peguei junto dos ORTHVSSOS, onde estive por tanto tempo envolvido em água e experimentei uma escassez muito grande, como dito acima, cujo grande efeito somente agora descobrimos, já que quase 80 dos nossos, ao mesmo tempo, sofríamos de várias</p>
---	---	--

¹⁰¹ Embora de sentido compreensível, *muneris* tem genitivo inexplicável, afinal, neste caso, o correto seria usar o dativo.

¹⁰² Possivelmente a doença seja o que hoje é chamado de edema ou hidropsia.

<p>Disposição dos cários contra os mesmos. Os jheperus e batatheis vão socorrer os cristãos</p> <p>Depois que tínhamos enviados a Espanha a Alvar Núñez, nós os cristãos começamos a brigando dia e noite. E começou nos a governar-nos o diabo, ninguém estava seguro um do outro. Ter enviado a Alvar Núñez a Espanha foi o motivo desta guerra que fizemos e mantivemos uns contra os outros durante um ano inteiro.</p> <p>Os cários, que até então haviam sido nossos amigos, ficaram muito contentes quando perceberam que nós os cristãos estávamos em desavenças, deslealdades e pendências. Por isso combinaram de atentar contra nós e matar-nos a todos. Mas Deus Todo Poderoso não quis que prosperasse seu propósito.</p> <p>Nesse tempo se levantou contra nós todo o país dos cários e também os agaces. Quando nos demos conta, tivemos que fazer as pazes, obrigados pela necessidade, e também fizemos as pazes com algumas outras nações, como os jheperus e batatheis, que seriam entre as duas 5000 homens. Não comem senão peixe e carnes e são guerreiros valentes, tanto na água quanto na terra. Usam como armas dardos, que são longos como uma meia vara, ainda que não tão grossos, e na ponta tem uma lâmina de pedra. Também levam no cinto um garrote do comprimento de 04 palmos com um nó no extremo anterior.</p>	<p>Post discessum autem ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA ingens in populo nostro orta est cōtentio & discordia, coepimus enim alter alteri invidere, & eiusmodi vitam agere, ut facilè crediderim ipsum Satanam tum temporis inter nos imperium suum obtinuisse.</p> <p>Et quidem intestinum hoc bellum propter discessum ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA duos annos duravit. Interea CARIOS populi, qui nobis foedere iuncti erant, cum viderent istiusmodi dissidia & bella in populo esse, cogitabant omne regnum in seipso divisum facilè posse everti, & propterea consilio habito, statuebant nos Christianos supprimere, & prorsus ex regione sua profligare, sed benedictus Deus, qui non passus est, hoc consilium suum habere eventum. Congregati sunt igitur magna copia, non tantum CARIi, sed & AIGAIi & aliae nationes, adversum nos. Quo viso in gratiam tandem rediimus inter nos, fecimus etiam pacem cum duabus nationibus aliis IEPERIS nimirum & BACHACHEIS. Horum populorum numerus est 5000 virorum, carnibus tantum & piscibus vescuntur, homines sunt bellicosi terra mariq; sed terra tamen praevalent, arma ipsorum sunt TARDES, dimidiis hastis similes & affixo in extremitate silice formidabiles, in super</p>	<p>doenças, dos quase apenas 30 foram salvos e recuperaram a antiga condição.</p> <p>Depois, no entanto, da partida de ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, surgiu em nosso povo uma grande tensão e discórdia. Começamos, com efeito, invejar um ao outro e de tal modo levar a vida, que eu acreditaria facilmente que o próprio Satanás, naquele tempo, entre nós, mantinha o seu controle.</p> <p>E, na verdade, essa guerra civil, depois da partida de ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, durou dois anos. Enquanto isso os povos CARIOS, que eram unidos por aliança a nós, quando viram que havia tais desacordos e guerras no povo pensaram que todo o reino, dividido em si mesmo, pudesse ser facilmente subjugado e tendo feito uma assembleia por causa disso, decidiram esmagar a nós, cristãos, e vencer definitivamente a sua região, mas o bendito Deus, que não permitiu que esta sua assembleia não tivesse sucesso. Foram reunidos, portanto, uma grande quantidade não apenas de CARIi, mas também AIGAIi e outras nações contra nós. Tendo visto isso, finalmente retornamos para a graça entre nós, fizemos também paz com outras duas nações, evidentemente IEPERIS e BACHACHEIS. O número destes povos é de cinco mil homens, alimentam-se apenas de carnes e peixes, os homens são belicosos em terra e mar, mas prevalecem em terra, as armas deles são TARDES, semelhantes a meias lanças e assustadores pela pedra fixada na</p>
--	---	---

	<p>& cęstum¹⁰³ in cingulo, longitudine 4 spithamarum habent absconditum.</p>	<p>extremidade acima e tem escondido no cinto uma luva de comprimento de 04 spithamam.</p>
<p>Também porta cada um destes guerreiros índios 10 ou 12 palitos, ou quantos querem, com um palmo de comprimento, e na ponta tem o dente longo e largo de um peixe que se chama palometa e é parecido com as tencas. O dente corta como uma navalha de barbear. O que fazem com isto e como o usam, se saberá em seguida.</p> <p>Primeiro lutam com os ditos dardos, depois correm atrás de seus inimigos e lhes lançam o garrote entre as pernas para que tenham que cair ao solo. Logo não se preocupam si está vivo ou morto, senão que lhe cortam no mesmo instante a cabeça com dito dente, e o fazem com tanta presteza, que este não tem tempo de reagir. Depois guardam o dente debaixo do cinto, ou no que usam com esta finalidade.</p> <p>Agora saberão o que fazem com as cabeças humanas e para que as utilizam. Depois de uma escaramuça, quando conseguiram uma cabeça da maneira referida, a esfolam com o cabelo e depois dissecam a pele, e a colocam sobre uma estaca como recordação, como fazem nossos cavaleiros ou capitães que colocam seus troféus nas igrejas.</p>	<p>Cap. XXIII – Quilibet preterea horum populorum 10 vel 12 ligna secum portat, longitudine unius spithamae, quorū extremitati, acutissimum instar alicuius novaculae, piscis dentem alligatum habent, qui piscis vocatur lingua hispanica PALMEDE, & repraesentat formā piscis quem tincam¹⁰⁴ nostri appellant.</p> <p>Et haec quidem arma horum populorum sunt, quibus quomodo utantur iam brevibus annotare libet.</p> <p>Principio pugnam dictis TARDES inchoant, cumq; vidēt se esse superiores, & hostes fugam dare velle, abiectis istis TARDES, hostem insequuntur, & caestum pedibus eorum obiiciunt, ut in terram prosternantur, prostratis tandem hostibus capita dente isto amputant, idque tanta celeritate, qua quis se vertere potest.</p> <p>Capita ista humana post pugnam colligunt, & cutem illis abstrahunt, quam repletam materia quacumque soli exponunt, ut arefiat, arefactam tandem haste imponunt in signum victoriae eodem modo quo apud nos, equites & Duces, signa vel trophaea sua in templis affigere atque statuere solent.</p>	<p>Cada um destes povos carrega consigo 10 ou 12 pedaços de madeira, de comprimento de uma spithama em cuja extremidade têm amarrado um dente de um peixe afiadíssimo como dente de alguma navalha, esse peixe é chamado na língua PALMEDE e retratam a forma do peixe que os nossos chamam tenca.</p> <p>E na verdade estas são as armas destes povos, como eles as usam é desejável relatar já em breve. No princípio começam a luta com esses TARDES, e quando veem que eles estão superiores e os inimigos querem fugir, lançados esses dardos, perseguem o inimigo e atiram para frente a luva nos pés deles para que sejam derrubados na terra, e finalmente com os inimigos derrubados, amputam as cabeças com esse dente e isto com tanta rapidez quanto alguém pode se virar.</p> <p>Eles recolhem essas cabeças humanas depois da batalha e lhes retiram a pele, a qual cheia de um material qualquer, expõem ao sol para que seja seca. E finalmente seca colocam numa haste como símbolo da vitória do mesmo modo que junto de nós, cavaleiros e comandantes, costumam fixar e colocar em pé seus símbolos e troféus em templos.</p>

¹⁰³ Uma tira de couro especialmente reforçada com chumbo ou ferro amarrada às mãos dos pugilistas, espécie de luva de boxe.

¹⁰⁴ Peixe de água doce que tem o nome científico de tinca tinca.

<p>Mas voltemos a nosso assunto. Foi então quando chegaram os guerreiros dos jheperus e batatheis com cerca de 1000 homens, o que nos deixou muito contentes.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 42 - Os cristãos, com ajuda dos jheperus e batatheis, vencem aos cários e conquistam Froemidiere e Carayba</p> <p>Partimos depois de Assunção com nosso capitão geral e 350 cristãos e estes 1000 índios, de modo que cada um dos cristãos tinha 03 que lhe assistiam, por disposição de nosso capitão geral. Chegamos a 03 léguas do acampamento dos cários, nossos inimigos, cujo chefe se chamava Macaria, que eram uns 15000 homens, dispostos em ordem de batalha. Mas quando nos aproximamos a meia légua, não quisemos atacá-los neste mesmo dia, porque estávamos cansados e, além do mais, chovia muitíssimo, assim que nos detivemos no bosque onde havíamos passado a noite.</p> <p>O dia seguinte, às 06 da manhã, nos pusemos em marcha com nossa gente, e às 07 chegamos a eles, e lutamos até às 10, quando tiveram que fugir e correram a um lugar, a 04 léguas, que se chama Froemidiere, que haviam fortificado. Na escaramuça morreram, do bando de nossos inimigos, cerca de 2000 homens, cujas cabeças foram levadas pelos jheperus. Por nossa parte morreram 10; os feridos foram levados para a cidade de Assunção. Logo perseguimos com todas</p>	<p>lam, ut ad rem perueniamus, IEPERRI & BACHACHEI isti, nobis auxilio venerunt, cum 1000 circiter armatis.</p> <p>Quo facto Dux noster assumptis 350 Christianis, ex civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION egressus est, & unicuique Christianorum tres Indianos in ministerium adiunxit. Peruenimus igitur itinere trium miliarium ad hostes nostros, qui in plano quodam campo aciem suam iam instruxerant, numero 15000 virorum. Cum ab ipsis dimidio miliari abessemus, requievimus in sylva, nolebamus enim pugnam isto die inchoare, propter tempestatem partim, partim quod ab itinere lassus eramus. Postero autem die circiter horam sextam eos aggressi, ad horam decimam usque, cum ipsis acriter pugnavimus, donec in fugam conversi, ad pagum quendam properarent, quatuor miliaribus inde distantem.</p> <p>In hac pugna, hostium 2000 interfecti sunt, quorum quidem capita leperij amputata secum sumserunt, Christianorum autem 10 occubuerunt, exceptis iis, qui vulnerati ad civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION remissi sunt. Caeterum nos eos ad pagum istum FROEMILIERE, insecuti</p>	<p>Já para que voltemos à coisa (ao assunto), estes IEPERRI e BACHACHEI vieram em auxílio a nós com cerca de 1000 soldados.</p> <p>Isto feito, nosso capitão tendo tomado 350 cristãos, saiu da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, e adicionou para cada um dos cristãos três indígenas em serviço. Chegamos, então, por um caminho de três milhas de nossos inimigos, que num certo campo plano já preparavam sua linha de batalha, num número de 15000 homens. Quando estávamos a meia milha de distância deles, paramos na floresta, na verdade não queríamos começar o combate neste dia, em parte por causa da tempestade, em parte porque estávamos exaustos da viagem. No dia seguinte, no entanto, quase às seis horas, os atacamos, até às dez horas, lutamos com eles com veemência, até que recuados em fuga, retornaram para uma aldeia quatro milhas de distância dali.</p> <p>Neste combate foram mortos 2000 dos inimigos, na verdade, cujas às cabeças decepadas os leperij levaram consigo, no entanto 10 dos cristãos morreram, exceto aqueles que regressaram feridos para NOSTER SIGNORA DESVMSION. Além disso, nós os perseguimos até esta aldeia</p>
--	---	---

<p>as tropas aos inimigos até seu povoado de Froemidiere, onde estava o chefe dos cários com seu povo. O povoado fortificado estava rodeado de 03 ordens de paliçadas, como se fosse uma muralha, com madeiras da grossura de um homem e da altura de 03 braças sobre o solo, fincados na terra, com a altura de um homem. Assim mesmo tinham preparados uns fossos, como os anteriormente descritos, e em cada fosso estavam cravadas 05 ou 06 estacas pequenas e afiadas como agulhas pontiagudas. Este lugar estava muito bem fortificado, e no mesmo havia grande número de guerreiros. Assim tivemos que sitiá-lo por 03 dias nos que não conseguimos fazer-lhes nada nem vencê-los. Mas com a ajuda de deus Todo Poderoso finalmente os vencemos. Fizemos grandes rodela dos couros das ovelhas chamadas “amidás”, que são bestas grandes, quase como mulas, de pelos cinza e com patas como vacas. De maneira geral se parecem a um asno, e são boas para comer. Destas há muitas neste país. O couro tem a grossura de meio dedo. De estas rodela fizemos cerca de 400.</p> <p>A alguns dos índios jheperus foi dada uma delas e a outros um machado, e entre cada 02 índios se colocava um arcabuzeiro. Logo voltamos a atacar o local por 03 lugares, o qual aconteceu entre as</p>	<p>sumus, ubi Dux CARIORVM erat, qui vocabatur MACHKARIA.</p> <p>Hunc pagum CARIiI tribus PALLAISATTE ex ligno, instar muri alicuius, factis cinxerant, quae ligna satis crassa altitudine alicuius viri in terram defossa, super terram ad tres ulnas¹⁰⁵ eminebant. Multas etiam occultas foveas fecerant lignis acutissimis formidabiles. Et ut breviter dicam, pagus hic admodum erat munitus, & ingenti multitudine fortissimorum virorum repletus, ita ut tribus diebus cum expugnare non possemus, sed tandem tamen Dei beneficio eum superavimus, fecimus enim ingentem BODELLE sive PABESSEN ex pellibus cervinis, & alterius cuiusdam animalis, quod vocante AMIDA¹⁰⁶, quod animal mulum magnitudine repraesentat, & per omnia asino simileest, exceptis pedibus, quos habet vaccarum similes, boni cibi est, & regio istis admodum abundat, cutem habet dimidium digitem crassam. Has PABESSE dedimus IEPERIIS, reliquis vero Indianis bombardas, cuilibet etiam sclopetario duos adiunximus Indianos, PABESSE vero eiusmodi 400 factae erant.</p> <p>Postea tribus locis impetū in pagum istum fecimus, post meridiem circiter hora secundam, & spacio trium horarum superatis istis PALLAISATTE, in pagum irrupimus, ubi ingentē multitudinem</p>	<p>FROEMILIERE, onde o chefe dos Carios estava, o qual era chamado de MACHKARIA.</p> <p>Os Carios cercaram esta aldeia com três PALLAISATTE feitas de madeira, estas madeiras bastante grossas sobressaíam, com a altura de um homem, enterradas na terra, e de três côvados sobre a terra</p> <p>Além disso, fizeram muitas armadilhas ocultas terríveis com madeiras terrivelmente afiadas. E digo brevemente que esta aldeia foi muito fortificada e repleta com uma enorme multidão de homens fortíssimos, de modo que por três dias não pudemos subjugar, porem enfim, com a ajuda de Deus, conquistamos a aldeia, fizemos na verdade um grande BODELLE ou PABESSEN de couro de viados e de um certo outro animal, que chamam AMIDA, o qual apresenta-se do tamanho de uma mula e é em tudo semelhante a um asno, exceto os pés, os quais têm semelhantes aos das vacas, é um bom alimento, e a região é abundante destes, têm a pele grossa de meio dedo. Demos essas PABESSE aos IEPERIIS, e de fato aos indígenas restantes canhões, também acrescentamos um arcabuzeiro a cada dois indígenas, desse modo, de fato, foram feitos 400 PABESSE.</p> <p>Depois, por três lugares, fizemos um ataque contra esta aldeia, depois do meio dia, cerca da segunda hora e no espaço de três horas. Tendo vencido essas PALLAISATTE, invadimos a aldeia, onde</p>
---	---	--

¹⁰⁵ Segundo Dicionário Oxford, a distância dos dois braços estendidos, de uma vara ou um côvado.

¹⁰⁶ Pela descrição que faz o autor possivelmente seja uma alpaca.

<p>02 e 03 da madrugada, e antes que se passassem 03 horas ficaram desbaratadas e conquistadas às 03 paliçadas. Entramos com muita gente no lugar e matamos a muitos, sem perdoar a vida dos homens, nem das mulheres e crianças. Entretanto, muitos deles escaparam e fugiram a outro lugar chamado Carayba, que está a 20 léguas de Froemidiere. Fortificaram também este lugar e voltaram a se juntar em grande número. O dito lugar se encontrava perto de um grande bosque para que, no caso de que os cristãos o conquistassem, poderiam tê-lo de refugio, como se verá mais adiante.</p> <p>Depois de que os cristãos, com nosso capitão geral Domingo de Irala e os ditos jheperus e batatheis, perseguíssemos os nossos inimigos os cários até este lugar, aonde chegamos por volta das 05 da tarde, fomos acampar em 03 lugares diferentes ao redor do mesmo, deixando oculto durante a noite um destacamento de vigilância no bosque. Nesse momento nos chegou de Assunção o socorro de 200 cristãos e 500 jheperus e batatheis, pois no mencionado lugar havia tido muitos feridos entre cristãos e índios, dos quais tivemos que fazer voltar, para que viesse gente fresca. Por fim, éramos 400 cristãos e 1300 jheperus e batatheis.</p> <p>Entretanto, nossos inimigos haviam fortificado Carayba com tantas paliçadas e fossos como nenhum outro lugar anterior. Também haviam construído uns artefatos, feitos como as armadilhas de ratos, e si estes tivessem caído</p>	<p>trucidavimus, sed maxima tamen pars fuga sibi maturè prospexerat, & ad pagum alium viginti hinc miliaribus distantem properaverat, qui vocatur KARIEBA. Hunc pagum similiter admodū firmārant, & situs erat propè sylvam quandam, in qua sese salvare possent si à Christianis superarentur, ut mox patebit.</p> <p>Ad hunc pagum eos unà cum Duce nostro MARTINO DOMINGO EIIOLLA, insecuri, tribus locis circa pagum istum castrametati sumus, cōstituentes quosdam qui in sylva excubias agerent. Advenerunt autem interea etiam ex civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION, 200 Christiani, & 500 IEPERII atque BACHACHEI, quos in locum eorum substituimus, qui in obsidione prioris pagi vulnerati in civitatem nostram remissi erant. Fuit igitur numerus Christianorum 450, & 1300 Indianorum ex IAPERIS & BACHACHEIS.</p> <p>Hunc pagum autem hostes PALLAISATTIS & fossis adeò firmārant, ut nullum antea tam firmum & munitum viderimus. Excogitaverant etiam novum armorum genus, quod vocant BLECHEYSSEN, simile muscipulis, quibus glires apud nos</p>	<p>trucidamos uma imensa multidão, mas a maior parte tinha previsto para si antecipadamente a fuga e tinha se apressado para a outra aldeia distante desta 20 milhas, que é chamada KARIEBA. Tinham fortificado muito esta aldeia da mesma forma e era situada perto de uma certa floresta, na qual poderiam se proteger se fossem vencidos pelos cristãos, como em breve será exposto.</p> <p>A esta aldeia os perseguimos junto com nosso comandante MARTINO DOMINGO EIIOLLA, acampamos em três lugares ao redor desta aldeia posicionando alguns que faziam a guarda na floresta, chegaram, no entanto, enquanto isso, também da cidade NOSTER SIGNORA DESVMSION, 200 cristãos e 500 IEPERII e BACHACHEI, os quais substituímos no lugar daqueles que, feridos no cerco da aldeia anterior, tinham voltado para a nossa cidade. Era, então, o número de cristãos 45 e 1300 dos indígenas IAPERIS & BACHACHEIS.</p> <p>No entanto, os inimigos tinham fortificado tanto esta aldeia com PALLAISATTIS e fossos como não tínhamos visto nenhuma tão fortificada e protegida. Tinham concebido um novo tipo de armas, que chamam BLECHEYSSEN, semelhante a</p>
---	--	---

<p>sobre nós, como eles pretendiam, cada um destes artefatos haveria aplastado a 20 ou 30 homens. E ainda que houvesse muitos, Deus Todo Poderoso se compadeceu impedindo, de modo que também lhes falhou este intento.</p> <p>Estivemos sobre este lugar 04 dias, sem que pudéssemos prever nada, até que se apresentou a traição que governa todas as coisas do mundo. Pois durante a noite veio a nosso acampamento e a nosso capitão geral Domingo Martínez de Irala um índio destes cários, que tinha sido cacique e a quem pertencia dito lugar, e pediu que não se queimasse nem devastasse seu povoado, e que além de dar-nos homens, nos indicaria a forma de tomá-lo. Nosso capitão geral lhe prometeu que não lhe faria nenhum dano. Então o dito cário nos mostrou 02 caminhos no bosque pelos os quais poderíamos chegar até o povoado, e quando pusesse fogo dentro do mesmo, teríamos que entrar nele.</p> <p>Assim, acontecendo tudo muito bem, entramos no lugar e matamos a muitíssimos. Os que fugiram caíram nas mãos dos jheperus, seus inimigos, que acabaram com a maioria deles. Desta vez não tinham consigo suas mulheres e filhos, senão que os tinham escondido a 04 léguas, em um grande bosque</p> <p>Os que escaparam desta escaramuça se refugiaram com outro índio chefe que tinha por nome Tabaré, e o lugar para onde fugiram se chamava Hieruquizaba, e está a 40 léguas de</p>	<p>capiuntur, quae quidem si pro ipsorum voto cecidissent 20 vel 30 viros uno ictu, prosternere potuissent, sed Deus clementer hoc malum avertit, cui sit laus & gratiarū actio.</p> <p>In obsidione huius pagi quadrivium fuimus, ita ut eum expugnare non possemus, donec tandē per prodicionem, cuius ubique exempla reperiuntur, veniret ad nos nocturno tempore Dux quidam CARIORVM cuius erat pagus iste. Hic rogabat nos ut parceremus pago suo, & eum igne non perderemus, velle se nobis viam & rationem monstrare, quomodo hoc pago facilè potiri possemus. Cumque Dux noster MARTINO DOMINGO EIOLLA fidem dedisset se pago parsurum, demonstrabat nobis duas vias in sylvā, quibus pagum intrare liceret, & constituto tempore dixit, se ignem in pago facturum, ut dum in eo extinguendo CARII occuparentur, nos subito pagum ingrederemur. Haec cum ordine fierent magnam CARIORVM multitudinem in hoc pago trucidavimus, qui vero fugere constituerant, inciderunt in manus IEPERORVM, à quibus maxima parte caesi sunt. Uxores & liberos suos tum temporis secum non habebāt, sed deduxerant eos in sylvam quandam, quatuor miliaribus à pago isto distantem.</p> <p>Caeterum qui in ista pugna remanserunt, ad alium quandam Indianorū ducem, THABERE, in pagum IVBERICH SABAIIE fugerunt. Hic pagus 140 miliaribus hoc CARIEBA distat. Quò quidem eos</p>	<p>ratoeiras, pelas quais os arganzes junto de nós são capturados, as quais certamente se caíssem, de acordo com o desejo deles, poderiam derrubar 20 ou 30 homens com um único golpe, mas Deus clemente mudou o rumo deste mal, ao qual seja louvor e ação de graças.</p> <p>Estivemos no cerco desta aldeia por quatro dias, de modo que não pudemos capturá-la, até que finalmente por meio de uma traição, cujos exemplos são encontrados por toda parte, veio até nós, no período noturno, um certo chefe dos Carios de quem era essa aldeia. Este nos pedia para que poupássemos a sua aldeia e não a destruíssemos com o fogo, (e pedia) que ele queria nos mostrar o caminho e a razão pela qual poderíamos capturar facilmente esta aldeia. E quando o nosso comandante MARTINO DOMINGO EIOLLA deu fé que ele pouparia a aldeia, mostrou a nós, dois caminhos na selva pelos quais era possível entrar na aldeia e, tendo dado tempo, disse que ele faria fogo na aldeia, enquanto os CARII estivessem ocupados com o fogo, nós subitamente entraríamos na aldeia. Quando estas coisas foram feitas com ordem matamos uma grande multidão de Carios nesta aldeia, aqueles que de fato tinham decidido fugir caíram nas mãos dos IEPERORVM, pelos quais a maior parte foram mortos.</p> <p>Não tinham consigo, naquele momento, as pessoas e seus filhos, mas os tinham levado para uma floresta distante quatro milhas desta aldeia.</p>
---	--	---

<p>Carayba. Não pudemos persegui-los até ali porque, quando passaram, devastaram tudo, para que não encontrássemos nada para comer. Por isso ficamos 04 dias em Carayba, curando aos feridos e para nos recompor.</p> <p>Capítulo 43 - Voltam a Assunção e se preparam para remontar o rio. Tomam Hieruquizaba. Tabaré é perdoado</p> <p>Assim voltamos a nossa cidade de Assunção, com ânimo de subir pelo rio e procurar o lugar de Hieruquizaba, onde vivia Tabaré, o cacique dos índios.</p>	<p>sequi non poteramus, erat enim regio planè devastata & nos cibo necessario non eramus instructi. Mansimus igitur quatuordecim diebus in pago isto KARIEBA, donec qui vulnerati erant, rursus sanarentur.</p> <p>Postea ad civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION reversi sumus, ut in flumine PARABOE pagum istum IVRICHASABAIIA investigare eò melius possemus.</p>	<p>Além disso aqueles que sobraram deste combate fugiram para um outro chefe de indígenas, THABERE, na aldeia IVBERICH SABAIE. Esta aldeia dista 140 milhas desta CARIEBA. Não pudemos segui-los para lá, pois a região estava completamente devastada e não estávamos providos do alimento necessário. Permanecemos, portanto, quatorze dias nesta aldeia KARIEBA, até que aqueles que estavam feridos se curassem de volta.</p> <p>Depois retornamos à cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, para que lá pudéssemos procurar melhor esta aldeia IVRICHASABAIIA.</p>
<p>A nosso regresso a Assunção, nos detivemos ali 14 dias para nos abastecer de toda classe de munições e provisões em tudo o que era necessário para a jornada. Nosso capitão geral pegou gente nova entre os cristãos e índios, pois muitos dos soldados haviam ficado feridos e doentes.</p> <p>Quando estávamos preparados, remontamos o rio Paraguai ao encontro de nossos inimigos em Hieruquizaba, com 09 bergantins, 200 canoas e 1500 índios jheperus. De nossa cidade Assunção até Hieruquizaba, onde se haviam refugiado nossos inimigos de Carayba, tem 46 léguas.</p> <p>Logo que nosso capitão juntou toda a gente, por terra e por água, prosseguimos até que chegamos a 02 léguas de Hieruquizaba. Então nosso capitão</p>	<p>Cap. XXVIII – In civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION, similiter quatuordecim diebus quievimus, pspicientes nobis de omnibus rebus ad iter necessariis, postea assumpsit Dux noster novum exercitū, & in flumine PARABOE, 9 navibus BERGENTIN, atq; 200 CANAEN in quibus, 1500 Indiani vehebatur, profecti sumus ad pagum IVBERICH SABAIE, quò hostes nostri confugerant, qui pagus 46 miliaribus à civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION abest.</p> <p>In itinere adiunxerunt sese nobis 1000 CARI, cum duce isto, qui nobis pagum CARIEBA prodiderat. Itaque Dux noster cum à pago isto IVBERICHA SABAIIA, duobus tantū miliaribus abessemus, missis duobus Indianis sive CARIIS hortabatur eos,</p>	<p>Cap. XXVIII – Na cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, da mesma forma paramos (descansamos) quatorze dias, provendo-nos de todas as coisas necessárias para o caminho, depois nosso comandante tomou um novo exército e no rio PARABOE com 9 navios BERGENTIN e 200 CANAEN, nos quais eram transportados 1500 indígenas partimos para a aldeia IVBERICH SABAIE, para onde nossos inimigos tinham se refugiado. Esta aldeia está distante 46 milhas da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION.</p> <p>No caminho juntaram-se a nós 1000, com este comandante, que tinha entregado para nós a aldeia CARIEBA. Assim, quando estávamos distantes apenas duas milhas desta aldeia IVBERICHA SABAIIA, nosso comadante, tendo</p>

<p>geral Domingo de Irala enviou a 02 índios aos cários do lugar, e lhes mandou informar que os cristãos lhes advertiam e requeriam que voltassem a sua terra, cada um com sua mulher e filhos, e que se submetessem aos cristãos e lhes servissem como antes haviam feito, e se não, que ele os expulsaria do país.</p> <p>A isto respondeu Tabaré o cacique dos cários, que notificassem a nosso capitão geral que ele não conhecia nem ele nem aos cristãos, que voltássemos de imediato senão nos matariam. Também espancaram nossos 02 emissários índios e lhes disseram que saíssem logo do acampamento, que lhes haviam de matar.</p> <p>Quando os cários voltaram a nosso capitão geral e lhe contaram o que haviam acontecido e a resposta que lhes havia dado, com isso levantou o real com toda a gente e marchamos com grande força contra esse tabaré e os cários, colocando-nos em ordem de batalha e distribuídos em 04 quadrilhas.</p> <p>Chegamos então a um rio que na língua índia se chama Xejuy, que é tão largo como Danúbio, e profundo como a metade de um homem, e em alguns lugares muito mais. Às vezes cresce tanto que inunda todo o país, e não se pode viajar.</p>	<p>ut redirēt in terram suam ad uxores & liberos suos, atq; Christianis, ut antea fecerāt, subjecti, sin minus velle se eos ex terra ista omnes profligare.</p> <p>Ad haec respondit CARIVS ille THABERVS, se Nec ducem nostrum nec Christianos unquam novisse, iussitq; duci nostro significari, ut veniret cum suis, si quid eos vellet, se vel ossibus nostros interfecturum atque profligaturum. Quin & legatos nostros verberibus ad necem usque tractavit, addita comminatione, ut mox descederent¹⁰⁷, si mortem evitare vellent.</p> <p>Cum legati hi, nostro Duci haec referrent, mox instructa acie ad hostes pgressi sumus, populo in quatuor partes sive turmas distributo.</p> <p>Pervenimus <i>aūt</i>¹⁰⁸ primo ad fluvium quendā, q vocatur STHVESIA, qui latitudine quidē Danubiū repraesentat, p̄funditate, vero non admodum magna est, sed ita ut transire sine periculo possit, certis tamē tēporibus adeò crescit ut terra undiq; repleat, nō sine, ingēti damno.</p>	<p>enviado dois indígenas, ou seja, CARII incitou-os para que voltassem para sua terra, suas esposas e filhos, e para que, como antes tinham feito, se sujeitassem aos cristãos, mas senão queriam que eles os esmagassem todos desta terra.</p> <p>A isso respondeu aquele CARIVS THABERVS que ele nunca conheceu nem o nosso comandante, nem os cristãos, e ordenou que fosse anunciado ao nosso comandante para que viesse com os seus se quisesse algo deles, ou ele mataria e esmagaria os nossos até os ossos. E, de fato, tratou os nossos emissários com chicotes até (causar) um grande dano, tendo acrescentado a ameaça, para que em breve partissem se quisessem evitar a morte.</p> <p>Quando estes emissários relataram essas coisas ao nosso comandante, tendo organizado rapidamente a frente de batalha, avançamos contra os inimigos, com o povo distribuído em quatro partes, ou seja, tropas.</p> <p>Chegamos, no entanto, em primeiro lugar a um certo rio, que é chamado STHVESIA, que apresenta, na verdade, a largura do Danúbio, a profundidade, em verdade, não é muito grande, mas de modo que é possível ultrapassar sem perigo, no entanto, em certos momentos cresce</p>
---	--	--

¹⁰⁷ Provavelmente um erro da editor, ou do tradutor, que trocou as letras i por e (*discederent* e não *descederent*).

¹⁰⁸ Interpretado como *autem*.

<p>Neste momento, quando tivemos que cruzar este rio, estando o acampamento de nossos inimigos no outro lado, resistiram e nos fizeram grandíssimo dano, assim que, sem a ajuda de Deus Todo Poderoso e sem nossa artilharia, ninguém dos nossos teria escapado com vida.</p> <p>Logo Deus Todo Poderoso permitiu que cruzássemos o rio e que subíssemos a outra margem. Quando os inimigos viram que havíamos cruzado o rio, se retiraram a seu povoado que está a meia légua do mesmo. E os perseguimos com tanta presteza que chegamos a seu povoado Hieruquizaba quase ao mesmo tempo que eles, e o cercamos, de modo que ninguém podia entrar nem sair. Logo nos armamos com rodela de pele de “amate” 18 e com machados, como antes se disse. E não estivemos diante do dito lugar mais que da manhã até a tarde, quando Deus Todo Poderoso quis que o vencêssemos e que ocupássemos seu povoado, matando muita gente.</p> <p>Entretanto, nosso capitão havia mandado antes que atacássemos, que não matássemos as mulheres e Crianças, senão que os fizéssemos prisioneiros. Assim o fizemos, e, conforme a sua ordem, matamos aos homens que pudemos alcançar. Entretanto, muitos escaparam. Nossos</p>	<p>Hunc fluvium traicere cogebamur, erant enim hostes nostri in altera fluminis parte cõgregati, & magna vi nobis in aqua haerentib. resistebant, ita ut nisi sclopetis & tormentis aliis probè instructi fuisset, & Deus nobis sua gratia adfuisset, omnes nos oppressissent.</p> <p>Sed Dei beneficio tandem flumen istud superavimus, quod videntes CARII statim ad pagum suum confugerunt, qui dimidio miliari à flumine distabat, sed nos strenuè eos insecuti sumus & pagum undiq; cinximus, bombardis & tormentis probè instructi. In obsidione ista non nisi diem unum fuimus, circa vesperam enim Dei beneficio pagum istum superavimus, & multos trucidavimus.</p> <p>Antequam autem eos aggredieremur, mandatum nobis dedit Dux noster, ut uxores & liberos non interficeremus, sed caperemus & in vincula coniiiceremus, quod etiam fecimus, sed virorum ingentem numerum occidimus, ita ut IEPERI qui nobiscum erant 1000 capita acceperint.</p> <p>His ita peractis, venerunt ad nos CARII qui evaserant cum duce suo THABERO, pacem rogantes, & promittētes, se imposterum amicos & subditos nostros, ad omnia servitia, ut ante, paratos futuros, dum modo in gratiam receptis, uxores & liberos redderemus.</p>	<p>tanto que a terra por toda parte se enche, não sem grande prejuízo.</p> <p>Fomos forçados a atravessar o rio, pois os nossos inimigos estavam reunidos na outra parte do rio e, com grande força, estando nós presos na água, resistiam, de modo que se não tivéssemos sido bem equipados com escopetas e outras armas de fogo, e Deus não estivesse presente com sua graça a nós, todos nos esmagariam.</p> <p>Mas, enfim, com o benefício de Deus atravessamos este rio, vendo isso os CARII logo fugiram para a sua aldeia que estava distante meia milha do rio, mas rapidamente nós os perseguimos e cercamos a aldeia por toda parte, bem providos de canhões e armas de fogo. Neste cerco estivemos somente um dia, pois próximo do anoitecer, com o benefício de Deus, vencemos esta aldeia e matamos muitos.</p> <p>No entanto, antes que os atacássemos, nosso comandante nos deu uma ordem para que não matássemos as esposas e crianças, mas capturássemos e lançássemos na prisão, o que também fizemos, mas matamos um grande numero de homens, de modo que os IEPERI que estavam conosco receberam mil cabeças.</p> <p>Assim concluídas estas coisas, vieram a nós os CARII que tinham fugido com seu chefe THABERO, pedindo a paz e prometendo que, dali em diante, eles estariam disponíveis como nossos amigos e súditos para todos os serviços como antes, desde que aceitos de bom grado, devolvêssemos as esposas e crianças.</p>
---	--	---

<p>amigos os jheperus, levaram consigo cerca de 1000 cabeças de seus inimigos cários. Depois do ocorrido, os cários que conseguiram escapar vieram com seu chefe a nosso capitão geral e pediram clemência e que lhes devolvêssemos a suas mulheres e filhos, que eles, em troca, queriam ser nossos amigos, como antes, e nos servir fielmente. Nosso capitão geral concedeu e os acolheu em paz. Dai em diante continuaram sendo nossos bons amigos em todo o tempo que eu estive nestas terras. A guerra contra eles durou um ano e meio, até 1546.</p>	<p>Recepit igitur eos Dux noster in gratiam, & imposterum nulla inter eos & nos, quamdiu ego quidem in regione ista commoratus sum, extitit contentio. Bellum autem hoc cum CARIIS istis sesquiannum duravit, anno nimirum Christi 1546.</p>	<p>Então nosso comandante os aceitou de bom grado e dali em diante nenhuma disputa existiu entre eles e nós, enquanto eu certamente permaneci nesta região. Esta guerra, no entanto, com estes CARIIS durou um ano e meio, sem dúvida no ano de Cristo 1546.</p>
<p>Capítulo 44 - Depois de voltar a Assunção se adentram na terra em busca de ouro</p>	<p>Postea ad civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION reversi, duos annos ibi commorati sumus. Interea temporis, cum nulla navis ex Hispania veniret, proponebat Dux noster MARTINO DOMINGO EIIOLLA populo, se cõstituisse, siquidem ita populo placeret, assumptis quibusdam militibus, regionem istam perlustrare, & experiri an aurum & argẽtum invenire possit. Hoc consilium cum populo placeret, cõvocatis 350 Hispanis, interrogat eos, an secum ire vellent, se daturum operam¹⁰⁹, nequid ipsis rerum, ad iter hoc necessariarum deesset, qui promptos sese & paratos exhibuerunt. Convocatis similiter etiam</p>	<p>Depois regressamos à cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, e ali permanecemos por dois anos. Dentro desse tempo, como nenhum navio veio da Espanha, nosso comandate MARTINO DOMINGO EIIOLLA propôs ao povo que ele decidisse, desde que assim agradasse ao povo, tendo tomado alguns soldados, percorrer essa região e tentar se pode encontrar ouro e prata. Como esta deliberação agradou ao povo, tendo sido convocados 350 espanhóis, interrogou-os se queriam ir com ele, ele cuidaria para que nenhuma das coisas necessárias a este caminho faltasse, os quais se mostraram prontos e dispostos. Tendo sido convocados da mesma forma os líderes dos</p>

¹⁰⁹ Segundo Dicionário Oxford, expressão *operam dara* que significa ser atencioso, prestar atenção, cuidar.

<p>capitão geral mandou juntar aos chefes dos cários, requerendo-lhes que o acompanhassem com 2000 homens, e também eles se ofereceram dispostos e obedientes.</p> <p>Em vista da boa vontade da gente, nosso capitão geral se pôs em marcha 02 meses más tarde, e no ano de 1548 subiu pelo rio Paraguai com 07 bergantins e 200 canoas. Os que não couberam nos barcos foram por terra com 130 cavalos, até que voltamos a nos reunir perto de um cerro alto e redondo chamado San Fernando com 50 espanhóis, deixando-lhes como capitão a Don Francisco de Mendonza. Deixou-lhes também provisões e outras coisas necessárias para 02 anos, e lhes ordenou que lhe esperassem até seu regresso e que tivessem cuidado que não lhes acontecesse o que lhes aconteceu com o bom senhor Juan de Ayolas morto pelos paiguás.</p>	<p>CARIORVM præfectis, 2000 viros ad hoc iter requisivit. Qui & ipsi suam operam sine ulla tergiversatione obtulerunt.</p> <p>Consentientibus igitur & Hispanis & Cariis, post duos menses Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLA, iter ingressus est, Anno Christi 1548 navigando, 7 navibus BERGENTIN, & 200 CANAEN in flumine PARABOE, equi vero 130 cum quibusdam, qui in navibus locum non habebant, terrâ nos insecuti sunt.</p> <p>Cumq; omnes convenissemus ad montem S.FERNANDO, ubi dicti isti PEIEMBAS habitant, remisit Dux noster ad civitatem NOSTER SIGNORA DESVMSION, 5 navibus BERGENTIN, duabus navibus BERGENTIN apud S.FERNANDO, una cû 50 Hispanis relictis, quibus praefectum dedit PETRVM DIESSE, & cibi quantû ad duos annos satis erat. Hos iubebat ibi reditum suum expectare, ne idem sibi quoq; accideret quod IOHANNI EIIOLLA antea acciderat, quem unâ cum suis PEIEMBAS isti miserè trucidârunt, ut antea dictum est.</p>	<p>Carios, pediu 2000 para este caminho, os quais mesmos ofereceram seu trabalho sem nenhuma hesitação.</p> <p>Estando consentindo, portanto, tanto espanhóis quanto Carios, depois de dois meses, nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLA iniciou o caminho, em 1548 d.C., navegando com sete navios BERGENTIN e 200 CANAEN pelo rio PARABOE, de fato, 130 cavalos com alguns que não tinham lugar nos navios e nos seguiam por terra. Quando todos nos encontramos no monte S.FERNANDO, onde habitam esses ditos PEIEMBAS, o nosso comandante mandou de volta para a cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION 5 navios BERGENTIN, tendo deixado 2 navios BERGENTIN junto de S.FERNANDO juntamente com 50 espanhóis, aos quais deu como prefeito PETRVM DIESSE, e o quanto de alimento era suficiente para dois anos. Ordenou a estes esperar ali o seu retorno e para que não acontecesse consigo também o mesmo que tinha acontecido antes com IOHANNI EIIOLLA, o qual juntamente com os seus, estes PEIEMBAS trucidaram miseravelmente, como antes foi dito.</p>
<p>Depois nosso capitão geral prosseguiu com 300 cristãos, 130 cavalos e 2000 cários, e caminharam 08 dias em que não acharam nenhuma nação. No nono dia encontramos uma nação cujos povos se chamam naperus, que não tem outra coisa para</p>	<p>Cap. XXV – Progressus est igitur Dux noster cum 300 Christianis, 130 equis, & 300 Cariis, continuis octo diebus, ut nationem nullam inveniremus, die nono invenimus populum qui vocatur NAPERVS, homines sunt fortes & proceri, nihil habent quod</p>	<p>Então o nosso comandante avançou com 300 cristãos, 130 cavalos e 300 Carios, por oito dias contínuos, como não encontramos nenhuma nação, encontramos um povo que é chamado NAPERUS. Os homens são fortes e altos, nada têm</p>

<p>comer que peixe e carnes. É um povo de pessoas robustas e altas. Suas mulheres cobrem suas partes.</p> <p>Do cerro San Fernando até lá há 36 léguas. Neste lugar ficamos para passar a noite. Logo empreendemos de novo a marcha e aos 04 dias chegamos a uma nação cujos povos se chamam maipais, que é uma nação muito populosa e os que lhes estão sujeitos tem que trabalhar para eles, pescar e fazer todos os demais trabalhos que são necessários, como nossos camponeses que estão sujeitos a um senhor nobre.</p> <p>Esta nação tem grande reserva de milho, mandiotin, mandioca-pepirá, mandioca-poropí, batatas, manícazabe, e outras raízes que servem para comer. Tem também cervos, ovelhas indianas, avestruzes, patos, gansos, galinhas e outras aves. Os bosques estão cheios de mel, do qual fazem vinho, e também serve para outras necessidades. Quanto mais se entra no país, tanto mais fértil é a terra. Assim tem todo o ano milho nas roças e as ditas raízes.</p> <p>As ovelhas, que se chamam “amida’ 19, e das quais há dois gêneros, as domésticas e as silvestres, as usam como bestas de carga e como montarias. Nesta jornada, eu mesmo, por estar doente de uma perna, andei mais de 40 léguas no lombo de uma destas ovelhas. No Peru se transportam sobre elas as mercadorias, como nós fazemos com os burros.</p>	<p>comedant praeter carnem & pisces, mulieres deformes sunt & circum pudenda velatae.</p> <p>Ad hanc nationem à monte S.FERNANDO, 36 miliaria numerantur. Mansimus ibi per noctē tantum, & postea 7 diebus progressi, pervenimus ad nationem MAIPAI, populus est admodum multus, & subditi suis dominis omnis generis servitia praestare coguntur, eodem modo quo apud nos rustici suis nobilibus subjecti sunt.</p> <p>Terra haec admodum fertilis est, & abundat frumento Asiatico, MANDEOCHADE, MANDEOCH PARPII, PADADES, MANDVES, BACHKEKV, & aliiis radicibus, ad cibū utilibus. Habent etiam cervos, oves Indicas, struthios, anates, anseres, gallinas, & id genus aves alias. Quin & in sylvis plurimum mellis reperitur, ex quo vinum conficiunt. Quò quis longius in ista regione progreditur, eò fertiliorem eam deprehendit, & quod mireris toto anno, frumētum asiaticum & radices iam dictae, in agris nascuntur. Ovibus¹¹⁰, (quas sylvestres & domesticas habēt) ad equitādum & vehendum, quem admodum nos equis, utuntur, & ego ipse aliquando, (non tamen in hoc itinere) 40 miliaria, in ove vectus sum, cū in pede laesus ire non possem.</p> <p>Apud PERVENSES, ovium istarum in transportandis mercibus usus est. Hi MAIIEAIL</p>	<p>que comer além de carne e peixes, as mulheres são feias e cobertas ao redor das partes pudendas.</p> <p>Do monte S.FERNANDO até esta nação contam-se 36 milhas. Permanecemos por uma noite apenas e depois de avançados 7 dias, chegamos à nação MAIPAI, o povo é muito grande, os súditos são forçados a prestar serviços de todo gênero (tipo) aos seus senhores, do mesmo modo pelo qual junto de nós os camponeses aos seus nobres são submetidos.</p> <p>Esta terra é muito fértil e abunda em trigo asiático, MANDEOCHADE, MANDEOCH PARPII, PADADES, MANDVES, BACHKEKV e outras raízes uteis para alimento. Têm também veados, ovelhas Índicas, avestruzes, patos, gansos, galinhas e outros tipos de aves. E, de fato, nas selvas muito mel é encontrado, do qual produzem vinho. Quanto mais longe nesta região alguém avança, mais fértil a descobre e com isso você ficaria admirado, todo ano trigo asiático e as raízes já ditas nascem nos campos. Usam ovelhas (as quais têm silvestres e domésticas) para montaria e carga, do mesmo modo que nós (usamos) cavalos, e eu mesmo certa vez (mas não neste caminho) fui carregado por milhas numa ovelha, quando ferido não podia ir em pé.</p> <p>Junto dos PERVENSES, o uso destas ovelhas é em transportar mercadorias. Estes MAIIEAIL são</p>
--	---	--

¹¹⁰ Possivelmente trata-se das lhamas, que eram sabidamente animais usados, neste período e nesta região, como animais de montaria e carga.

<p>Estes maipais são altos, elegantes e belicosos. Todos seus esforços e vontades estão fixos em coisas de guerra. Suas mulheres são formosas e cobrem suas partes. Não trabalham nas roças, já que o homem se ocupa do sustento, e elas em casa não fazem outra coisa que fiar e tecer algodão, cozinhar a comida e o que agrada ao marido, ou a outros bons companheiros, se são requeridas, mas não quero falar mais disso. Quem não acredita, que vá lá e veja, e não encontrará outra coisa.</p> <p>Quando nos aproximamos à meia légua desta nação, saíram de seu lugar, vindo a nosso encontro, em um pequeno povoado. A nosso capitão disseram que ficássemos ali durante a noite para descansar, que nos trariam toda classe de comida. Entretanto, o fizeram por velhacaria e engano, e para inspirar-nos mais segurança deram a nosso capitão geral 04 coroas de prata que se colocam na cabeça, além de 06 lâminas de prata, cada uma meio palmo de comprimento e outro de largura, que para enfeite se atam na frente, como já se disse. Também lhe presentearam com 03 mulheres que não eram velhas.</p> <p>E descansando neste lugar pusemos sentinelas depois de jantar, para que as pessoas estivessem seguras do inimigo, e fomos dormir. Pouco depois da meia-noite, nosso capitão geral havia perdido suas 03 moças, provavelmente porque não pode satisfazer as 03, pois era um homem de uns 60 anos. Talvez não tivessem escapado, se as tivesse</p>	<p>proceri sunt & bellicosi homines, omne studium in bellis collocant, mulieres habēt admodum formosas, circum pudenda velatas quae nullum in agro colendo laborem faciunt, virorum enim est de victu & rebus necessariis sollicitū esse, mulierum unicus hic labor est ut domi cibum praeparēt & ad usum alium marito & aliis id petētibus sese accommodēt, excepto tamen nendi & texendi labore cui per otium operam dare solent.</p> <p>Cum ab hoc populo dimidio tantum miliari abessemus, venerunt nobis obviam ad pagum quendam rogātes Ducem nostrum, ut istam noctem in pago isto maneremus, velle se nobis de omnibus rebus necessariis abundè prospicere, sed insignis dolus suberat, quem ut Dux noster eò minus metueret, offerebant ei 4 coronas argēteas quae capiti imponi possunt, & 6 argēteas PLEYNISCH quarum quaelibet, spithamam cum dimidia in longitudine habebat, & dimidiam spithamam lata erat.</p> <p>Hasce PLEYNISCH fronti praefigunt, loco ornamentis, ut supra diximus. Donabant praeterea Duci nostro tres puellas forma & aetate praestantissimas. Mansimus igitur in pago isto, & post coenam certis militibus in excubiis collocatis, nos somno & quieti dedimus. Porro circa noctis mediū, Dux noster puellas istas amisit quae clam</p>	<p>homens altos e belicosos, colocam toda a sua dedicação nas guerras, têm mulheres muito bonitas, com as partes pudendas cobertas, as quais não fazem nenhum trabalho em cultivar o campo, pois ser perturbado com alimentos e coisas necessárias é dos homens, das mulheres este único trabalho é que preparem a comida em casa e que se adaptem a outro uso pelo marido e a outros que a isso pediram, exceto entretanto pelo trabalho de fiar e de tecer, ao qual costumam dedicar-se no ócio.</p> <p>Quando estávamos apenas meia milha deste povo vieram a nós no caminho de uma certa aldeia pedindo ao nosso comandante para que ficássemos nesta noite nesta aldeia, que (eles) queriam nos prover abundantemente de todas as coisas necessárias, mas uma extraordinária intenção maliciosa estava no fundo. Para que nosso comandante desta forma temesse menos oferecerem a ele quatro coroas de prata que podem ser postas à cabeça e seis PLEYNISCH de prata as quais cada uma tinha uma spithamam e meia de comprimento e meia spithamam de largura.</p> <p>Prendem estas PLEYNISCH na frente, no lugar do ornamento, como dissemos acima. Além disso, deram ao nosso comandante três moças excelentes na forma (na beleza) e na idade. Permanecemos então nesta aldeia e, depois do jantar e tendo colocado certos soldados como guardas, nos demos ao sono e ao descanso. Depois</p>
--	--	--

deixado a nós os peões. Por isso houve um grande alvoroço no real, e tão logo amanheceu, nosso capitão geral mandou que nos apresentássemos todos com nossas armas em seu quartel.

Capítulo 45 - Dos povos maipais, chanés, tohonnas, peionas, maygennos, morrones, poronos e simenos

Então chegaram os índios maipais com 2000 homens e queriam nos atacar de surpresa, mas não conseguiram nada, sendo mortos nesta escaramuça cerca de 1000 dos seus. Depois fugiram e os perseguimos até seu povoado, onde não achamos nada nem ninguém, nem mulheres nem crianças. Então nosso capitão geral despachou a 150 arcabuzeiros 2500 índios cários e seguiu aos maipais a marchas forçadas durante 03 dias e 02 noites, e nunca descansávamos senão ao meio-dia, quando comíamos, e a noite repousávamos umas 4 ou 5 horas.

Desta maneira encontramos no terceiro dia aos maipais, homens, mulheres e crianças, congregados num bosque; mas não eram os que buscávamos, e sim amigos seus, e por isso não se inquietaram por nós, nem sabiam que os procurávamos. Tiveram que pagar inocentes pelos culpados, pois quando os alcançamos, matamos a muitos e prendemos homens, mulheres e crianças, até cerca de 3000 indivíduos. E se tivesse sido durante o dia e não de noite,

sese subdlexerant, fortasè propter eam rationem quod ipsis satisfacere non potuerit, erat enim aetatis non mediocris, nimirum 60 ferè annorum. Haec amissio ingentes turbas in nostro exercitu ea nocte, excitavit, ita ut simul atq; dies exoriretur, per tympanistam Dux noster mandaret, ut quisq; armis suis instructus, in loco sibi noto compareret.

Hoc factò, ecce MAIIEAIIES ingenti 20000 militum numero adveniunt, nos isto in pago oppressuri.

Sed parum obtinuerunt, siquidem in pugna ista ab illorum parte ultra 1000 caesi sunt, reliquis in fugam conversis, quos cum insequeremur, venimus ad pagum eorum, sed neminem ibi deprehendimus, nam & uxores & liberos secum abduxerant. Assumptis igitur sclopetariis 150 militibus, & 2500 CARIIS, insecuti sumus eos itinere trium dierum sine ulla intermissione.

Tandem invenimus MAIIAIOS in sylva congregatos viros nimirum cum uxoribus & liberis. Sed hi quidem priores isti non erant, interim tamen eos in sylva oppressimus, & caesa ingenti multitudine, captivos ferè 3000 abduximus, & si non nox prohibuisset proculdubio nullus eorum evasisset.

da meia noite, o nosso comandante dispensou essas moças, as quais se levantaram furtivamente talvez pela razão de que não tinha podido satisfazer as mesmas, pois era de idade avançada, evidentemente quase 60 anos. Esta dispensa despertou grandes turbas em nosso exército esta noite, de modo que assim que o dia surgiu, nosso comandante mandou pelo timpanista que cada um, provido de suas armas, comparecesse no lugar conhecido para si.

Isto feito, eis que os MAIIEAIIES vieram num enorme número de 20000 soldados, prestes a nos esmagar nesta aldeia.

Mas persistiram pouco, já que nesta batalha, da parte deles mais de 1000 foram abatidos, tendo os restantes dado meia volta em fuga, os quais quando perseguimos, viemos à aldeia deles, mas não encontramos ninguém ali, pois tinham levado tanto mulheres quanto crianças consigo. Tendo tomado, então, 150 soldados arcabuzeiros e 2500 CARIIS, os perseguimos pelo caminho de três dias sem nenhuma interrupção.

Enfim encontramos os MAIIAIOS reunidos na floresta, sem dúvidas homens com mulheres e crianças. Mas estes, na verdade, não eram estes primeiros (os anteriores), enquanto isso, no entanto, os esmagamos na floresta e, abatida uma imensa multidão, trouxemos quase 3000 cativos e se a noite não tivesse impedido sem dúvida nenhum deles teria fugido.

Eu, certamente, nesta batalha, recebi dezenove pessoas, homens e mulheres ainda no florescer da

<p>nenhum deles teria escapado com vida, pois havia muita gente reunida no cerro rodeado por um bosque. Nesta escaramuça recebi de prêmio, além de outras coisas, 19 homens e mulheres que não eram velhos, porque em todo o tempo dediquei especial atenção nos jovens e não nos velhos, e particularmente nas índias moças. Depois do acontecido voltamos a nosso acampamento, e ali descansamos 8 dias, já que tínhamos comida boa e suficiente.</p> <p>Até a nação dos maipais há 50 léguas desde o cerro San Fernando, onde deixamos os barcos, e 36 desde os naperus.</p> <p>Depois seguimos adiante e chegamos a uma nação chamada chané, que está sujeita aos ditos maipais, do mesmo modo que os camponeses na Alemanha a seus senhores. Pelo caminho achamos muitos campos de cultivo de milho, raízes e outros frutos mais; ali se encontra frutos e comida todo o ano. Quando uma colheita está madura e colhida, a outra está semeada. Assim ocorre que neste país se encontra comida fresca durante todo o ano.</p> <p>Depois disso chegamos a outro povoado. Mas seus habitantes escaparam quando nos viram. Ali descansamos 2 dias. Neste lugar, que está a 4 léguas dos ditos maipais, tivemos comida de sobra.</p>	<p>Ego quidem in hac pugna 19 personas, viros & mulieres florentis adhuc aetatis, acceperam, & res multas alias lucratus eram. Postea reversi sumus rursus ad castrum nostrum, & 8 dies ibi substitimus, ut vires recolligeremus, erat enim locus omnibus rebus necessariis abundans. Ad hanc nationem MAIIEAIER, à monte S.FERNANDO, ubi duas nostras naves reliquimus, 70 miliaria numerantur. Hinc progressi, pervenimus ad nationem aliam, quã vocant ZCHEMVOS. Hi populi prioribus MAIIAIS subjecti sunt, quemadmodum apud nos rustici suis nobilibus & dominis.</p> <p>In hoc itinere vidimus copiosam in agris segetem, frumenti scilicet Asiatici & radicum aliarum, quae quidem per totum annum in agris conspiciuntur, ita ut collectis hisce fructibus, statim alij germinent, quibus & ipsis collatis, in eorum locum semina rursus terrae mandantur. Hoc modo sit, ut ista regio per totum annum frugibus recentibus abundet.</p> <p>Pervenimus autem ad parvum quẽdam pagum istorũ ZCHENVOS, qui visis nobis in fugam statim conversi sunt. Mansimus igitur in isto pago duos dies, & satis ciborum ibi invenimus, abest hic pagus à MAIIAIS, 4 miliaribus.</p>	<p>idade, e tinha lucrado (ganhado) muitas outras coisas. Depois regressamos novamente ao nosso acampamento e ficamos ali por oito dias, para que recuperássemos as forças, pois era lugar abundante de todas as coisas necessárias. Do monte S.FERNANDO até essa nação, onde deixamos dois navios nossos, contam-se 70 milhas. Avançando para lá, chegamos a outra nação, a qual chamam ZCHEMVOS. Estes povos são submissos aos MAIIAIS anteriores, do mesmo modo que junto de nós os camponeses aos seus nobres e senhores.</p> <p>Neste caminho vimos copiosa terra arável nos campos, sem dúvida de trigo asiático e outras raízes, as quais certamente são encontradas por todo o ano nos campos, de modo que coletados estes frutos imediatamente outros germinam e recolhidos estes mesmos, no lugar deles, as sementes são atiradas novamente à terra. Por este modo é que esta região abunda em frutos frescos por todo ano.</p> <p>Chegamos, então, numa certa pequena aldeia destes ZCHENVOS, que tendo nos visto imediatamente deram meia volta em fuga. Permanecemos então nesta aldeia por dois dias e encontramos ali bastante alimentos, esta aldeia está longe dos MAIISIIS em quatro milhas.</p>
--	---	--

<p>Dalí fizemos 6 léguas em 2 dias, e chegamos a uma nação chamada tohonna. Não encontramos gente, mas sim muita comida. Estes povos estão também sujeitos aos maipais.</p> <p>Continuamos logo outros 4 dias durante os quais não achamos gente alguma pelo caminho. Entretanto, no sétimo dia encontramos uma nação cujos povos se chamam peionas, a 14 léguas dos ditos tohonnas. Havia muita gente reunida, e seu chefe veio a nosso encontro pacificamente com uma multidão e pediu a nosso capitão geral que não entrássemos no povoado, senão que ficássemos no lugar onde nos recebeu. Mas nosso capitão geral não quis consentir, e eles querendo ou não, entramos direto no povoado. Ali achamos suficiente comida e carnes, como galinhas, gansos, cervos, ovelhas, avestruzes, papagaios, coelhos, e outras coisas, assim como também tem milho, raízes e outros frutos, que havia em abundância neste país.</p>	<p>Ulterius progressi, pervenimus sex miliaribus ad nationem THOHONNA dictam ibi populum quidem non invenimus, sed cibum copiosissimum. Hic populus etiam MAIIAIS paret.</p> <p>Postea 6 diebus populum nullum invenimus, septimo [...] die pervenimus ad populum, PEITHONVS dictum, admodum copiosum. Primas eorum processit nobis obviã cum multa plebe, rogans nostrum Ducem, ut maneremus in loco isto, ubi tum eramus, neque pagum eorum ingrederemur. Verum Dux noster consentire nolebat, itaque rectà pagum istum ingressi sumus, quicquid etiam ipsi dicerent, ibi ciborum satis invenimus, abundat enim locus iste carnibus gallinarum, anserum, cervorum, ovium, struthiorum, psittacorum, cuniculorum, & similibus animalium.</p>	<p>Avançados mais adiante, chegamos seis milhas a uma dita nação THOHONNA, ali, com efeito, não encontramos povo, mas alimento muito abundante. Este povo também obedece os MAIIAIS.</p> <p>Depois de seis dias não encontramos nenhum povo, no sétimo [...] dia chegamos ao povo, dito PEITHONVS, muito abundante. O chefe deles avançou ao nosso encontro com muitas pessoas, pedindo ao nosso comandante que ficássemos neste lugar onde então estávamos, não fôssemos para dentro da aldeia deles. Ainda assim nosso comandante não queria consentir, desta maneira entramos diretamente nesta aldeia, não importava o que eles dissessem, lá encontramos bastante alimento, pois este lugar abunda em carnes de galinhas, gansos, veados, ovelhas, avestruzes, papagaios, coelhos e animais semelhantes.</p>
<p>Entretanto, não havia muita água, nem ouro nem prata. Tampouco queríamos fazer muitas perguntas, para que não fugissem as outras nações que queríamos percorrer ainda. Com estes peionas permanecemos 3 dias, e nosso capitão</p>	<p>Cap. XXVI – Sed cesso iam de frumento Asiatico & radicibus frugibusque aliis, quarum maximus ibi proventus est, plura dicere. Aquae parum isti habent, argenti vero & auri plane nihil, neque etiam multum de argento & auro quæsimus,</p>	<p>Mas cesso agora de dizer mais coisas sobre o trigo asiático e outras raízes e frutos, dos quais ali está o maior crescimento. Estes têm pouco de água, de prata e ouro, na verdade, completamente nada, e também não buscávamos muito de prata e ouro,</p>

<p>geral se informava por eles da natureza e condição do país.</p> <p>Partimos dos peionas e seguimos adiante com um intérprete que nos deram para que nos mostrasse o caminho e onde pudéssemos encontrar água, pois neste país há grande escassez dela. Quatro léguas a seguir chegamos a uma nação que se chama maygenos, que são pessoas solícitas e nos deram toda classe de comida. Ali nos detivemos e pegamos outro intérprete e guia.</p> <p>Depois continuamos outras 8 léguas e encontramos a uma nação cujos povos se chamam morronos. São muitas pessoas, e nos receberam muito bem. Com eles ficamos 2 dias e pegamos informação do país. De novo pegamos um intérprete para que nos guiasse.</p> <p>Dali avançamos 4 léguas mais e chegamos a uma pequena nação que se chama poronos, que são uns 4000 guerreiros. Não tem muito para comer. Ali descansamos um dia.</p> <p>Do dito lugar caminhamos 12 léguas e chegamos a outros povos que se chamam simenos, que reúnem grande número de gente. Seu povoado se encontra num alto cerro e está rodeado de uma espécie de bosque de espinhos, como uma muralha. Estes nos receberam com seus arcos e flechas e nos deram de comer cardos. Entretanto, sua soberbia durou pouco, e pronto tiveram que abandonar seu lugar, depois de que o queimassem. Mas nós achamos o suficiente para comer nas roças.</p>	<p>propter nationes alias, ne ipsę in fugam verterentur.</p> <p>Apud PETHONVS hosce tres dies mansimus, interim quaerebat Dux noster de terrae istius commoditatibus. A THOHONNIS ad eos numerantur 24 miliaria, cum vero ibi discederemus, assumpsimus quędam ex isto populo, qui linguae istius peritus nobis viam monstraret, ad fontes potissimum, magna est enim in ea terra aquae caritas.</p> <p>Postea ad 4 miliaria progressi, pervenimus ad populum MAIEGONAS, ubi unum diem substitimus, & assumpto rursus aliquo interprete discessimus. Hic populus promptus erat ad omnia necessaria nobis suppeditanda.</p> <p>Postea, octo miliaria confecimus, & ad nationem MARRONVS, pervenimus, populus admodum multus est, & nos liberaliter excepit. Mansimus apud eos duos dies, & assumpto rursus indice aliquo, progressi sumus quatuor miliaribus, ad nationem PARRONVS, cuius numerus ferę est trium vel quatuor millium virorũ, & mansimus ibi unicum tantum diem. Ab his progressi sumus 12 miliaribus ad populum SYMANNOS, qui magno numero in monte quodam habitant, & pagum habent sentibus & spinis instar muri alicuius septum. Hi nos hostiliter sagittis nimirum suis & TARDES exceperunt, sed statim in fugam coniecti, pagum suum igne perdidierunt, nos tamen satis ciborũ in agris invenimus, & tribus diebus ibi commorati sumus.</p>	<p>por causa das outras nações, para que as mesmas não retornassem em fuga.</p> <p>Junto destes PETHONVS permanecemos por três dias, enquanto isso nosso comandante perguntava sobre as conveniências desta terra. Dos THOHONNIS até eles contam-se 24 milhas, quando na verdade partimos dali, tomamos alguém deste povo, o qual perito desta língua, mostraria para nós o caminho, especialmente para as fontes, pois é grande nesta terra a carência de água.</p> <p>Depois de avançado 4 milhas, chegamos ao povo MAIEGONAS, onde ficamos um dia, e tendo tomado novamente algum intérprete, partimos. Este povo estava disposto a fornecer todas as coisas necessárias para nós.</p> <p>Depois, percorremos oito milhas e chegamos à nação MARRONVS, povo muito grande e nos recebeu com liberalidade. Permanecemos entre eles por dois dias e tendo tomado novamente algum guia, avançamos quatro milhas até a nação PARRONVS, cujo número é de quase de 3 ou 4 mil homens e permanecemos ali apenas um único dia. Destes avançamos 20 milhas até o povo SYMANNOS, que habitam com um grande número em um certo monte e têm a aldeia cercada de arbustos espinhosos e espinhos como algum muro. Estes nos receberam hostilmente sem dúvida com suas flechas e TARDES, mas imediatamente atirados em fuga, destruíram sua aldeia com fogo e nós, no entanto, encontramos bastante alimento nos campos e permanecemos ali por três dias.</p>
--	--	--

<p align="center">Capítulo 46 - Dos barconos, layonos, carconos, suboris e peisenos</p>		
<p>As 16 léguas destes povos, que caminhamos em 4 dias, chegamos a uma nação que se dizem barconos. Não perceberam nossa chegada; por isso não fugiram até que estivemos próximos ao seu povoado e não puderam escapar. Pedimos que nos dessem de comer, e se ofereceram para nos trazer galinhas, gansos, ovelhas, avestruzes, cervos e outros alimentos para comentar-nos. Ficamos com eles 4 dias pegando informações sobre a terra.</p> <p>Dali chegamos em 3 dias a uma nação, cujos povos se chamam layonos, que se encontram do lugar anterior a 12 léguas. Não tinham muito para comer, porque os gafanhotos haviam atacado haviam devastado os frutos. Ali passamos somente a noite. Logo marchamos 16 léguas em 4 dias, quando chegamos a uma nação chamada carconos. Os gafanhotos haviam atacado também ali, mas não haviam causado tantos danos como no lugar anterior. Com eles ficamos um dia pegando informações sobre a natureza do país. Disseram-nos que durante 24 ou 30 léguas não encontraríamos água alguma, até chegar a uma nação que se chama suboris.</p> <p>A estes suboris chegamos em 6 dias, morrendo de sede muita de nossa gente, a pesar de que os carconos nos haviam dado suficiente provisão de água.</p>	<p>Inde progressi quatuor diebus 24 miliaria confecimus & ad nationem BARCHKONOS, pervenimus. Hi de adventu nostro nihil solliciti erant, itaq; cum iam ad pagum ipsorum venissemus, fugam arripere volebant, sed effugere amplius nõ poterant, coacti sunt igitur nobis quae ad victum necessaria sunt, gallinas, anseres, oves, struthios & cervos suppeditare, commorati sumus autem ibi quatuor diebus, ut qualitatem loci istius probè disceremus.</p> <p>Ab his, tribus diebus, ad 12 miliari progressi, pervenimus ad nationem ZEYHANNOS. Hi inopia laborabant, cicadae enim fruges omnes apud eos consumpserant, itaque per noctem tantum apud eos fuimus, & porro quatuor diebus 20 miliaria cõfecimus, ubi pervenimus ad nationem quam KARCHKONOS vocant. His etiam damnum aliquod à cicadis erat illatum, sed non adeo magnum ut finitimis populis, mansimus ibi unicum saltem diem, & cum audiremus eos affirmare, 30 miliaribus nos aquam non reperturos, donec ad nationem SIBEROS pervenimus, assumpsimus duos ex hisce Indianis, qui in itinere nobis ministrarent, atque ita sex diebus, ad SIBEROS pervenimus, sed in hoc itinere multi ex nostris, licet aquam nobiscum haberemus, siti perierunt. Invenimus autem radicem in hoc itinere, quae</p>	<p>Dali avançado por quatro dias percorremos 24 milhas e chegamos à nação BARCHKONOS. Estes não estavam nada perturbados com a nossa chegada, de modo que viemos já até a aldeia deles, quiseram romper em fuga, mas não puderam mais fugir, foram forçados então a fornecer para nós as coisas necessárias para alimento, galinhas, gansos, ovelhas, avestruzes e veados. Permanecemos ali, no entanto, por quatro dias, para que aprendêssemos bem a qualidade deste lugar.</p> <p>Destes, avançadas 12 milhas em três dias, chegamos a nação ZEYHANNOS. Estes trabalhavam com escassez, pois as cigarras consumiram todas as colheitas entre eles, por isso, estivemos junto deles por uma noite apenas e adiante quatro dias percorremos 20 milhas onde chegamos a nação que chamam KARCHKONOS. A eles também foi infligido algum dano pelas cigarras, mas não tão grande (o dano) como aos povos limítrofes. Permanecemos ali um único dia apenas e quando ouvimos eles afirmar que não encontraríamos água por 30 milhas até chegar a nação SIBEROS, tomamos dois destes indígenas, os quais nos serviriam no caminho, e assim por seis dias chegamos aos SIBEROS, mas neste caminho muitos dos nossos morreram de sede, embora tivéssemos água conosco. Encontramos, no entanto, neste caminho uma raiz, a qual sobressaindo-se sobre a terra, tem folhas muito largas, nas quais a água é</p>

<p>Nesta jornada achamos em alguns lugares certas raízes que estão fora da terra, tem grandes folhas nas quais se conserva a água que não pode sair, nem mesmo se acaba muito rápido, como se estivesse num recipiente, havendo em cada uma como um quatrilha.</p> <p>Quando chegamos a estes suboris já eram 2 da manhã. Trataram de fugir com suas mulheres e filhos, mas nosso capitão geral lhes fez aclarar por meio do intérprete que ficassem em suas casas em paz e a salvo, e que não se preocupassem em absoluto por nós.</p> <p>Estes suboris tinham grandíssima escassez de água porque não tinha chovido em 3 meses. Entretanto preparavam uma bebida de uma raiz chamada mandioca-pepirá, e a fazem desta maneira: colocam estas raízes em um morteiro e as amassam. Então sai um zumo semelhante ao leite, e se tem água também pode se fazer vinho destas raízes.</p> <p>Neste lugar não havia mais que um poço, assim que foi preciso colocar uma sentinela que vigiasse a água para a mesma não fosse consumida totalmente. Fui mandado para vigiar o poço para que a cada um se repartisse a água segundo a medida que nosso capitão geral havia disposto. Ainda assim havia grande falta de água. Por isso se perguntou pouco pelo ouro e a prata, pois todo o mundo clamava somente por água. Neste posto</p>	<p>supra terram eminens, amplissima habet folia¹¹¹, in quibus aqua continetur, <i>non secus ac si</i>¹¹² in vase aliquo asservaretur, ut emanare facilè non possit, quin & ex radice dimidium saepe cantharum aquae expressimus.</p> <p>Tandem autem sub noctē ad dictos SIBEROS pervenimus, ipsi autem nostro adventu perterrefacti, cum uxoribus & liberis fugam dare cōstituerant, iussit igitur Dux noster per interpretem ipsis significari, ut nihil periculi timerent, sed in aedibus suis sese trāquille containerent. Erat etiam apud hosce SIBEROS ingens aquarum defectus, tribus enim diebus pluviam non habuerant, & nihil aliud quod biberent habebant, nisi liquorem quēdam ex radice MANDEPORE expressum, qui liquor colorem lactis habebat, potest etiā ex hac radice vinum praeparari, si aqua assumatur.</p> <p>In toto hoc pago unicus saltem fons erat, qui diligenter custodiebatur, ut certa mensura militibus aqua distribueretur, quae quidem mensura à Duce nostro ad hāc rem ordinata erat. Accidit igitur ut ego huic rei praefectus, apud universum populum, nobiles & ignobiles magnum favorem mihi conciliarem, qui aquam tum temporis prae auro & argento desiderabant, prudenter enim, commissum negotium</p>	<p>armazenada, exatamente como se fosse conservada em algum recipiente para que não possa escorrer facilmente, e de fato exprememos desta raiz, frequentemente, meio cântaro de água.</p> <p>Finalmente, no entanto, chegamos antes da noite aos ditos SIBEROS, os mesmos no entanto, muito assustados com a nossa chegada decidiram fugir com esposas e filhos, então nosso comandante mandou, por meio do intérprete, anunciar a eles que não temessem nenhum perigo, mas que se mantivessem tranquilamente em suas casas. Também havia junto desses SIBEROS uma grande falta de águas, pois por três dias não tinham chuva, não tinham nenhuma outra coisa que beber, exceto um certo líquido espremido da raiz MANDEPORE. Este líquido tinha cor de leite, dessa raiz pode também ser preparado um vinho, se for adicionada água.</p> <p>Em toda esta aldeia havia apenas uma única fonte, que era protegida diligentemente para que a água fosse distribuída aos soldados com a quantidade definida, esta medida, na verdade, tinha sido ordenada pelo nosso comandante para isso. Aconteceu, no entanto, que eu, encarregado a esta coisa, conquistei para mim um grande favor junto de todo o povo, nobres e plebeus, os quais naquele momento, desejavam mais água do que ouro e</p>
--	--	--

¹¹¹ Embora no fólho original pareça ser *Solia*, a palavra *Folia* faz mais sentido. Possivelmente o autor trata de um cactus.

¹¹² Expressão que significa **exatamente como se**.

<p>conquistei grandes favores, porque fazia vista grossa. Entretanto, devo acrescentar que não nos faltou água.</p> <p>De costa a costa deste país não há água viva, salvo a que tem nas cisternas. Esta é também a causa pela qual estes suboris estão em guerra com os outros índios.</p> <p>Permanecemos 2 dias com esta nação, e como não sabíamos o que devíamos retroceder ou seguir adiante, e saiu que prosseguíssemos. Então nosso capitão geral pegou informações sobre a terra e das condições que nela havia. Disseram-nos que teríamos que caminhar 6 dias, e que logo chegaríamos a uma nação cujos povos se chamam peisenos, e que no caminho encontraríamos 2 arroios com água boa para beber.</p>	<p>administravi, ita tamen ut mei ipsius non obliviscere. In ista regione non facilè vivos fontes & scaturigines invenias, sed homines aquis quas in cisternis habent contenti sunt, quin & cum aliis nationibus hi SIBERI pro aqua saepenumero bella gerunt. In hoc pago biduum commorati sumus, incerti planè quid facere, & utrū in itinere pergere deberemus nec ne, ita ut etiam sortem hac de remitteremus, sed cū Dux noster de qualitate istius regionis cum SIBERIS loqueretur, responderunt, nos itinere 6 dierum posse ad PEIIESSENNOS pervenire, in hoc vero itinere duos nos fontes aquae bonae & salutaris reperturos esse.</p>	<p>prata, de fato, prudentemente administrei a atividade quebrando a lei, de modo que, entretanto, de modo a não esquecer de mim mesmo. Nesta região não encontra-se facilmente fontes e nascentes pulsantes, mas as pessoas estão satisfeitas com as águas, as quais têm nas cisternas, de fato, estes SIBERIS fazem guerras com outras nações repetidas vezes por causa da água. Nesta aldeia permanecemos dois dias, completamente incertos do que fazer e se deveríamos prosseguir no caminho ou não, de modo que também lançamos a sorte sobre isso, mas quando o nosso comandante falou com os SIBERIS sobre a qualidade desta região, responderam que nós podíamos chegar aos PEIIESSENNOS por um caminho de 06 dias, neste caminho, de fato, nós encontraríamos duas fontes de água boa e saudável.</p>
<p>Então nos pusemos em marcha, levando-nos alguns dos suboris, que deviam mostrar-nos o caminho. Mas depois de que tivéssemos nos afastado 3 dias de seu povoado, fugiram de noite e não voltamos a ver nenhum. Assim tivemos que procurar o caminho nós mesmos e chegamos finalmente aos povos peisenos. Estes se opuseram e não queriam ser nossos amigos, mas não lhes serviu de nada. Com a ajuda de Deus foram vencidos, e quando alcançamos seu</p>	<p>Cap. XXVII – Assumptis igitur quibusdam SIBERIS, iter hoc ingressi sumus, sed cum adhuc trium dierum itinere a pago abessemus, subdixerunt sese SIBERI isti, ut imposterum eos amplius non videremus, soli igitur tandem ad PEIIESSENNOS istos pervenimus. Hi arma capientes amicitiam nostram recusârunt, sed non multum obtinuerūt, facili enim ratione eos devicimus, & expugnâvimus pagum ipsorum, in fuga autem ipsorum quosdam¹¹³ comprehendimus, qui nobis</p>	<p>Tendo recebido então alguns SIBERIS, entramos este caminho, mas quando ainda estávamos distantes da aldeia por um caminho de três dias, estes SIBERI se retiraram, para que não os víssemos mais dali adiante, sozinhos então finalmente chegamos a esses PEIIESSENNOS. Estes, segurando as armas, recusaram a nossa amizade, mas não persistiram muito, na verdade, os derrotamos de forma fácil e destruímos a aldeia deles, no entanto, capturamos alguns deles, os</p>

¹¹³ No fôlio, o S alongado não está muito legível, no entanto, pelo sentido, é possível perceber que trata-se mesmo da palavra *quosdam*.

<p>povoado, fugiram. Contudo, na escaramuça pegamos alguns que nos avisaram que haviam tido em seu povoado a 3 espanhóis, entre eles um chamado Jerónimo, que Juan de Ayolas havia deixado por estar doente quando entrou na terra com Don Pedro de Mendonza, como mais longamente foi contado no capítulo 25. A estes 3 espanhóis os haviam matado 4 dias antes que chegássemos, prevenidos pelos peisenos, o que tiveram que pagar muito caro. Assim estivemos 14 dias em seu povoado, e os procuramos por toda parte ao redor, até que os encontramos, estavam reunidos no bosque. Mas não estavam ali todos. Capturamos uma parte dos que encontramos e matamos a outra. Os que capturamos nos declararam todas as condições da terra.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 47 - Dos povos maygenos e corcoquis</p> <p>Quando nosso capitão geral tinha tomado as informações, tomando conhecimento pelos índios que tínhamos 4 jornadas ou 16 léguas até outra nação que se chama maygenos, nos pusemos a caminho e chegamos aos ditos povos maygenos. Opuseram-se também e não queriam nos receber como amigos. Seu povoado estava em um cerro rodeado por espinhal, que era</p>	<p>referebāt, se in pago suo habuisse tres Hispanos, in quorum numero unus nomine Hieronymus PETRI MANCHOSSAE quondam Tubicen fuerit, quos quidem Hispanos IOHANNES EIOLLAS piaie memoriae ibi propter infirmitatem reliquerat.</p> <p>Hos tres Hispanos PEIIESSENNI ibi quatuor diebus ante nostrū adventum interfecerāt, cum de adventu nostro à SIBERIS certiores facti essent, cuius quidem facti satis graves nobis poenas dederunt¹¹⁴, mansimus enim in pago ipsorū quatuordecim diebus, & diligenter eos quaesivimus, donec magna eorum multitudinē in sylva cōgregatam offenderemus, quam trucidavimus & comprehendimus, ita ut pauci admodum remanerent, qui capti, nobis qualitatem loci exposuerunt, addentes simul, nos itinere quatuor dierū, nempe 16 miliaribus abesse à populo, quē MAIGENOS vocant. Profecti sumus igitur ad eos, qui similiter arma capientes amicitiam nostram planè respuerunt, pagus ipsorū in mōte quodam situs erat, & dentissimis¹¹⁵ spinis tanq̃ aliquo muro undiq; septus, aggressi sumus igitur duobus locis hūc pagū, sed MAIGENOS isti, duodecim Christianos in pugna, & aliquot CARIOS, anteq̃ pagum istū expugnassemus trucidarunt.</p>	<p>quais responderam a nós que tiveram em sua aldeia três espanhóis, no número dos quais um, de nome Jerônimo, em algum momento foi trompetista de PETRI MANCHOSSAE. Na verdade, estes espanhóis o IOHANNES EIOLLAS, que Deus o tenha, tinham deixado para trás por causa desta doença.</p> <p>Os PEIIESSENNI tinham matado estes três espanhóis ali quatro dias antes de nossa chegada, quando ficaram mais seguros pelos SIBERIS da nossa chegada. Deste fato é certo que sofreram castigos suficientemente graves por nós. Permanecemos, de fato, na aldeia deles por quatorze dias e os interrogávamos cuidadosamente até que encontramos uma grande multidão deles reunida na floresta, a qual trucidamos e capturamos, de modo que muito pouco restaram, os quais capturados, expuseram a nós a qualidade do lugar acrescentando, ao mesmo tempo, que nós estávamos afastados, por um caminho de quatro dias, ou seja, 16 milhas, do povo que chamam MAIGENOS. Partimos então até eles, que da mesma forma, segurando as armas, recusaram totalmente a nossa amizade. A aldeia deles era situada num certo monte e cercada por todos os lados por espinhos muito afiados tais como algum muro. Atacamos então essa aldeia por dois lugares, mas esses MAIGENOS trucidaram</p>
--	--	---

¹¹⁴ Expressão *poena dare* significa sofrer um castigo.

¹¹⁵ Na falta de uma palavra melhor que traduza a idéia da palavra latina *dentissimis*, que vem de *dens*, *dentis* - dente, optou-se por traduzir como muito afiados.

<p>espesse e largo e tão alto como homem pode alcançar com a espada. Assim nós os cristãos juntamente com os cários atacamos este lugar por 2 pontos. Entretanto, os maygenos mataram na escaramuça a 12 cristãos e alguns de nossos cários, eles lutaram muito antes de que pudéssemos tomar o povoado. Contudo, quando viram que entravamos no povoado, o queimaram e fugiram. Alguns, tiveram que dar a pele, pagando por seus companheiros.</p> <p>Três dias depois, uns quinhentos cários se foram a escondidas e sem que soubéssemos, e marcharam com seus arcos e flechas a 2 ou 3 léguas de nosso real, e quando encontraram os maygenos fugidos, as duas nações brigaram de tal modo que morreram mais de 300 cários, e dos maygenos inumeráveis indivíduos, que não se pode descrever, pois eram tantos que ocuparam uma légua ao redor.</p> <p>Por fim os cários enviaram a pedir a nosso capitão geral que lhes socorresse, já que os maygenos os tinham cercados num bosque, e não podiam avançar nem retroceder. Quando nosso capitão geral soube, não demorou em reunir os cavalos e a 150 cristãos, assim como a 1000 cários, além disso, tinha que ficar gente no acampamento e protege-lo se por acaso os maygenos caíssem sobre ele em nossa ausência, fomos em socorro dos cários.</p> <p>Tão logo que os maygenos nos viram, levantaram o acampamento e fugiram, e ainda</p>	<p>Tandem cum viderent nos pagum istum superasse, supposito in edibus igne, aufugerūt. Sed post tres dies CARIORVM nostrorū quingenti, nobis insciis ad duo vel tria miliaria fugientes MAIGENOS persecuti, eos invenerūt, & tam acriter cum eis pugnārunt, ut magnam stragem fecerint, & infinitam MAIGENOS multitudinē trucidārunt, quamuis ex ipsis etiam trecenti ferē ceciderint. Cum vero MAIGENOS populi eos in sylva undique cinxissent, ita ut neq; progredi neque recedere possent, miserunt ad Ducem nostrum & rogārunt, ut sibi auxilio veniremus. Hoc audiens Dux noster nihil cunctatus, assumpsit equos quos habebat, & 150 Christianos, unā cum 1000 CARIIS, reliquo populo in castris relicto, qui Maigenis, si fortē reverterentur, resistere possent.</p> <p>Venimus igitur supra dictis CARIIS nostris auxilio, sed MAIGENI nobis visis fugā statim dederunt,</p>	<p>doze cristãos na batalha e alguns CARIOS antes que tomássemos esta aldeia.</p> <p>Enfim quando viram que nós conquistamos esta aldeia, tendo colocado fogo nas casas, fugiram. Mas depois de três dias, quinhentos dos nossos Carios, sem o nosso conhecimento, perseguindo os MAIGENOS por duas ou três milhas, os encontraram e lutaram com eles com tanto vigor que fizeram uma grande chacina e trucidaram uma infinita multidão de MAIGENOS, apesar de que destes também quase trezentos caíram. Quando de fato os povos MAIGENOS os cercaram na floresta por todos os lados, de modo que não podiam nem avançar e nem se retirar, enviaram (uma mensagem) ao nosso comandante e pediram que viéssemos ao seu auxílio. Ouvindo isso, nosso comandante sem nada hesitar tomou os cavalos que tinha e 150 cristãos, juntamente com 1000 Carios, tenho deixado o restante do povo no acampamento, os quais poderiam resistir aos Maigenis se talvez retornassem.</p> <p>Vimos então em auxilio aos nossos supraditos Carios, mas os MAIGENI tendo nos vistos</p>
---	---	---

<p>que os perseguíssemos apressados não pudemos alcança-los. O que aconteceu com eles, se dirá mais adiante.</p> <p>Quando chegamos nos admiramos muito de ver tantos cários e maygenos mortos. Os cários que ficaram com vida, ficaram muito contentes com a nossa chegada e com o socorro.</p> <p>Voltamos com eles ao acampamento e permanecemos ali 4 dias, pois no lugar dos maygenos achamos comida em abundância, assim como tudo o que necessitávamos. Então nos pareceu a todos que deveríamos retomar a marcha para terminar nossa viagem, já que neste tempo havíamos aprendido, além disso, o suficiente das condições da terra. Assim partimos e caminhamos 13 dias, percorrendo, na opinião dos que entendiam das estrelas, 52 léguas, e chegamos a uma nação cujos povos são chamados corcoquis.</p> <p>Durante os primeiros 9 dias da marcha chegamos a uma terra, que tinha 6 léguas de largura e de comprimento, na que não havia senão sal, puro e bom, como si tivesse nevado. Este sal se conserva bem no verão e no inverno.</p> <p>Nesta terra salina nos detivemos 2 dias, porque não sabíamos que caminho devíamos tomar para</p>	<p>neq; à nostris, quantumuis strenue eos insequentibus comprehendi potuerunt. Quid autem ipsis tandem cum ad civitatem nostram reverteremur acciderit, paulò post audiemus. Venimus igitur tãdem ad CARIOS nostros, & vehementer mirati sumus tot MAIGENOS ab ipsis trucidatos esse, ipsi vero ob adventum nostrum ingenti sunt laetitia perfusi.</p> <p>Postea reversi sumus ad castra, & ibi quadriduum permansimus, habebamus enim in pago isto cibi quantum satis erat.</p> <p>Interim conclusimus nos velle caeptum¹¹⁶ istud iter absolvere, maximè cū & de qualitate istius Regionis satis superq; essemus edocti. Iter igitur ingressi, continuis tredecim diebus ad 72, nostro quidẽ iudicio, miliaria progressi sumus, & ad nationẽ KARCHKOCKIOS pervenimus, sed in itinere, cū 9 diebus progressi essemus, venimus ad regionem sex miliaria latam, in qua nihil nisi salis tãtam copiam invenimus, quãta hyberno tempore nivis in hisce regionibus reperitur, & sal quidem istud, tam in aestate quam in hyeme ibi conspicitur¹¹⁷.</p> <p>In hac terra sale repleta, biduum commorati sumus, ignorantes quo nos vertere deberemus, ad</p>	<p>imediatamente se puseram em fuga e não puderam ser capturados por nós por mais que os perseguíssemos vigorosamente. O que, no entanto, aconteceu com eles finalmente quando voltamos a nossa cidade ouviremos daqui a pouco. Viemos então finalmente aos nossos Carios e ficamos intensamente surpresos que tantos MAIGENOS foram trucidados por eles, e eles em verdade foram imbuídos de enorme alegria pela nossa chegada.</p> <p>Depois voltamos ao acampamento e ali permanecemos por 4 dias, pois tínhamos nessa aldeia o quanto de alimento era suficiente.</p> <p>Enquanto isso definimos que nós queríamos começar a concluir este caminho, sobretudo já que estávamos mais que suficientemente informados sobre a qualidade desta região. Regressando ao caminho então, avançamos por 13 dias contínuos por 72 milhas de fato pelo nosso julgamento e chegamos à nação KARCHKOCKIOS, mas no caminho, quando tínhamos avançado nove dias, viemos a uma região de 6 milhas de largura, na qual encontramos nada além de tanta abundância de sal quanta neve, no tempo do inverno, é encontrada nestas regiões e este sal é visto, de fato, tanto no verão quanto no inverno nesse lugar.</p> <p>Nesta terra repleta de sal, permanecemos por dois dias, sem saber para onde nós deveríamos voltar</p>
--	--	--

¹¹⁶ Devido ao contexto, supõe-se que seja *coeptum* e não *caeptum*.

¹¹⁷ Possivelmente é a descrição de Salar de Uyuni, a maior planície de sal do mundo, no sudoeste da Bolívia.

<p>arrematar nossa viagem. Entretanto, com a ajuda de Deus Todo Poderoso achamos o caminho correto e assim, aos 4 dias, chegamos aos ditos corcoquís, e, estando a 4 léguas de seu povoado, nosso capitão geral enviou na frente 50 cristãos e 50 cários para que procurassem alojamento.</p> <p>Quando entramos no povoado, encontramos tanta gente reunida como não havíamos visto nunca em toda a viagem, o que amedrontou e fizemos voltar a um dos nossos para que contasse isso a nosso capitão geral, e para que por precaução viesse em nosso socorro.</p> <p>Uma vez que nosso capitão geral recebeu a mensagem, se pôs em marcha naquela mesma noite com toda a gente e se reuniu conosco entre as 3 e as 4 da madrugada. Os corcoquís, que não sabiam que éramos mais dos que estivemos ali, tiveram por certa sua vitória.</p> <p>Mas quando se deram conta e viram que nosso capitão geral nos havia seguido, se acovardaram. E por isso nos mostraram sua boa vontade, já que não puderam fazer nada e, além disso, temeram por suas mulheres e filhos, e por seu povoado. Por fim nos trouxeram carnes de veado, gansos, galinhas, ovelhas, avestruzes, patos, coelhos e outras carnes de caça e de aves, assim como milho, arroz e raízes que temem abundância neste país.</p>	<p>iter istud felicius continuandũ & ab solvendum, divino tamen beneficio, rectam viam ingressi, itinere quatuor dierum ad nationem KARCHKOCKIES pervenimus, cumque non procul à pago eorum abessemus, praemisit Dux noster quinquaginta Christianos & quingentos CARIOS, qui locum nobis & hospitium pararent.</p> <p>Hic cum in pagum istum venirent, deprehenderunt admodum ingentem hominum multitudinem, qualem toto hoc itinere nondum viderant, perterrefacti igitur, remiserunt aliquẽ ad Ducem nostrum, qui eum moneret, ut quam primum cum populo suo ad pagum properaret, ad quam monitionem Dux noster cum universo populo ista nocte progressus, hora matutina tertia sese supradictis, quos praemiserat, adiunxit. Et KARCHKOCKIES quidem isti ignorantes plures restare, sibi certo persuaserant, se facilẽ nos superaturos & oppressuros.</p> <p>Verum cum animadverterent, Ducem nostrum nobis subvenire, abjecto animo de uxoribus & liberis solliciti erant, atque cum nihil moliri auderent, omni nos humanitate & liberalitate amplexi sunt, afferentes nobis cervos, anseres, oves, struthios, anates, cunicuculos, & id genus feras, avesque plurimas, frumẽtum etiam asiaticum, oryzam & radices, quibus regio ista abundat, optimas.</p>	<p>para continuar e concluir esse caminho mais favorável, com o benefício divino, ingressados na via correta, chegamos por um caminho de 4 dias à nação KARCHKOCKIES, e quando estávamos não longe da aldeia deles, nosso comandante mandou adiante cinquenta cristãos e quinhentos CARIOS, os quais conseguiriam a nós, lugar e hospedagem.</p> <p>Quando estes vieram a esta aldeia, descobriram uma muito grande multidão de pessoas, o tipo da qual não tinham visto ainda por todo este caminho, então extremamente assustados, enviaram alguém de volta para nosso comandante, o qual o aconselhou para que retornasse com seu povo, para a aldeia, o mais cedo possível. A este aviso, nosso comandante, com todo o povo, avançou esta noite, às três da manhã, juntou-se aos ditos acima, os quais tinha enviado na frente. E estes KARCHKOCKIES, de fato, não sabendo que restavam mais, convenceram-se firmemente que eles facilmente nos superariam e dominariam.</p> <p>Quando perceberam, em verdade, que o nosso comandante veio em auxílio a nós, tendo abandonado a coragem, preocuparam-se por causa das mulheres e crianças e como nada ousaram fazer, em tudo nos aceitaram com humanidade e generosidade, trazendo para nós veados, gansos, ovelhas, avestruzes, patos, coelhos, e este tipo de animais, e muitas aves, também trigo Asiático, arroz e ótimas raízes, nas quais a região é rica.</p>
--	---	--

<p>Os homens ali trazem também em seus lábios uma pedra redonda e azul, e tão larga como pode ser uma ficha de jogo. Suas armas são dardos, arcos e flechas, além de rodela feitas da pele da “amida”.</p> <p>Sua mulheres têm um pequeno buraco nos lábios, no qual colocam um cristal verde ou cinza, e também levam uma túnica, que é feita de algodão, do tamanho de uma camisa, mas sem mangas. As mulheres são formosas. Não fazem outra coisa que costurar e cuidar da casa. Os homens, por outro lado, tem que se ocupar da lavoura e da comida.</p>	<p>Viri in labiis caeruleum gestant lapillum instar calculi lusorij, arma habent TARDES, arcus, sagittas, & PABESSA ex AMIDA factas sive RODELLA.</p> <p>Foeminae leviter perforatis labiis lapillum ex crystallo viridi vel fusco inserunt, & DIEPOR gestant, ex gossypio in formam indusij sine brachialibus factum, formae sunt elegantis, labori tantum domestico intentę sunt, rusticis operibus & agricultura viris per omnia¹¹⁸ relictis.</p>	<p>Os homens, nos lábios, usam uma pedrinha azul celeste como uma pedrinha de jogo, têm armas TARDES, arcos, flechas e PABESSA feitas de AMIDA ou RODELLA.</p> <p>As mulheres colocam nos lábios perfurados levemente uma pedrinha de cristal verde ou de cor escura e usam DIEPOR feito de algodão na forma de túnica sem as mangas, são de foma elegante, são atentas apenas ao trabalho doméstico, sendo deixados os trabalhos do campo e a agricultura em todos os aspectos aos homens.</p>
<p style="text-align: center;">Capítulo 48 - Do rio e do lugar Macasíes que está próximo do Peru; de como mandam a dois a Postosí e até Lima</p> <p>Dali saímos, levando alguns dos corcoquis para que nos mostrassem o caminho. Entretanto, aos 03 dias, também estes escaparam escondidos, entretanto, finalizamos nossa viagem. Chegamos a um rio chamado Macasíes 20, que tinha uma légua e meia de largura, e não conhecíamos nenhuma passagem segura para cruzá-lo. De todos os modos imaginamos a maneira de fazê-lo, a saber: de 2 em 2 homens armamos umas pequenas balsas de troncos e galhos e descemos a corrente até que chegamos ao outro lado da</p>	<p>Cap. XXVIII – Hinc ad MACHKOCKIES profecti sumus, assumptis quibusdam KACHKOKIES, qui iter nobis monstrarent, qui, cum dies tres in itinere fuisset, clam sese subdixerunt, nos tamen iter caeptum nihilominus absoluimus, & ad flumen quoddam pervenimus quod vocatur MACHKASIES miliare unum cum dimidio latum, hoc flumen ut traiceremus, colligatis lignis sive arboribus insedimus, atque ita superato flumine ad latus alterum pervenimus, quatuor tantum</p>	<p>Partimos dali em direção aos MACHKOCKIES, tendo tomado alguns KACHKOKIES, os quais mostrariam o caminho a nós, que, quando nós tínhamos estado na estrada por três dias, retiraram-se furtivamente, ainda que nós, não obstante, concluimos o caminho começado e chegamos a um determinado rio que é chamado MACHKASIES com uma milha e meia de largura. Para atravessarmos este rio, estávamos em cima de toras, ou melhor, árvores amarradas, e assim, ultrapassado o rio, chegamos ao outro lado. Tendo</p>

¹¹⁸ Segundo Dicionário Oxford, a expressão *per omnia* por ser traduzida como *em todos os aspectos*.

<p>água. Nesta travessia se afogaram 4 dos nossos. Este rio, que está a 4 léguas do povoado de Macasíes, tem bons peixes e na terra há muitos tigres.</p> <p>Quando nos aproximamos a uma boa légua dos Macasíes, estes vieram a nosso encontro e nos receberam muito bem, e começaram a falar em espanhol, o que nos assustou muito ao princípio. Perguntamos por isso a quem estavam sujeitos e que senhor tinham, ao que responderam que pertenciam a um fidalgo da Espanha que se chamava Pedro Anzures.</p> <p>Depois que entramos no povoado, vimos alguns homens e também mulheres e crianças que estavam cheios de bichos, que pareciam pulgas. Quando estes atacam alguém, se metem entre seus dedos do pé ou em outra parte do corpo e vão entrando e roendo, até que se convertem em vermes, como os que achamos nas avelãs. Se prevenido a tempo, não podem causar dano, mas se demora muito, comem a gente até os dedos do pé.</p>	<p>personis flumine submersis, quorum animis Deus propitius esto.</p> <p>Flumen hoc piscibus & Pantheris¹¹⁹ abundat, & tantum quatuor miliaribus à dictis MACHKOKIIS, distat.</p> <p>Cum à MACHKOKIIS hisce non ultra miliare unum abessemus ipsi obviam nobis venerunt, nosque admodum amicè acceperunt. Quin & hispanica lingua nobiscum loquebantur, unde perterrefacti, interrogavimus eos, cuius imperio parerent, qui respondebant se Ducem nostrum suum Dominum agnoscere, aliàs autem parere imperio cuiusdam Nobilis Hispani, nomine PETRVS ANSVELLES.</p> <p>Ingressi autem pagum ipsorum, invenimus ipsorum liberos & multos alios utriusq; sexus homines, quibus pisces adhaerebant. Hic piscis pulici similis est, & si quando gingivę, dentibus, vel aliis corporis partibus adhaerescit, perrupta cute in vermem mutatur, similem vermibus, qui in nucibus apud nostros reperiuntur.</p> <p>Sed potest tamen huic morbo in tempore occurri, si quis vero eum initio negligit, postea ingentes dolores & magnam calamitatem experiri cogitur, qua de re multa scribi possent, si instituti id nostri esset.</p>	<p>apenas quatro pessoas se afogado no rio, que Deus seja propício à alma delas.</p> <p>Abunda neste rio peixes e panteras e está distante apenas quatro milhas dos chamados MACHKOKIIS.</p> <p>Quando nos aproximamos destes MACHKOKIIS não mais do que uma milha estes vieram a nós no caminho e nos receberam com muita simpatia. E, de fato, falavam conosco na língua hispânica, dessa forma assustados, perguntamos a eles a que império se submetiam, os quais responderam que eles reconheciam nosso comandante seu senhor, além disso, no entanto, submetiam-se ao comando de um certo nobre espanhol, de nome PETRVS ANSVELLES.</p> <p>Entramos, no entanto, na aldeia deles, encontramos as crianças e muitas outras pessoas de ambos os sexos que estavam grudadas a peixes. Este peixe é semelhante a pulgas e quando se liga à gengivas, dentes ou outras partes do corpo, tendo a pele forçada transforma-se em um verme, semelhante aos vermes que são encontrados nas nozes junto dos nossos.</p> <p>Mas, no entanto, se pode resistir a esta doença em tempo, na verdade, se alguém negligencia-a no início, depois é forçado a experimentar enormes dores e uma grande calamidade, sobre esta coisa muito pode ser escrito, se isso for de nossa intenção.</p>
---	--	---

¹¹⁹ A palavra *pantheris* vem do grego e designa leopardos e outros grandes felinos com manchas. O autor, provavelmente, se refere a onça.

<p>Da nossa cidade de Assunção até este povoado tem por terra 370 léguas, segundo a conta dos astrônomos.</p> <p>Depois que descansamos ali uns 20 dias, chegou do Peru, de uma cidade chamada Lima, uma carta do supremo suplente de Sua Cesárea Majestade ou Presidente, que na ocasião era o licenciado [Pedro] de La Gasca. Este foi quem mandou cortar a cabeça de Gonzalo Pizarro com outros fidalgos e camponeses, enviando a galeras a outros. O teor da dita carta era este: que por ordem de Sua Cesárea Majestade nosso capitão geral Domingo de Martinez de Irala não passasse com sua gente, sob pena de morte, senão que ficasse com os macasíes esperando novas ordens.</p> <p>Mas isso se devia a que o governador desconfiava de que nós pudéssemos fazer uma rebelião contra ele e talvez nos juntar com aqueles que estiverem com Pizarro e escaparam fugindo. Se tivéssemos nos encontrado nos montes ou nos bosques, como poderia ter acontecido, sim o teríamos feito.</p>	<p>A civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION, ad pagū hunc MACHKASIES in terra numerantur 372 miliaria, secundum ALMERO.</p> <p>In hoc pago commorati sumus 20 diebus, interea redditae nobis sunt literae ex civitate quadam LIEME in PERV, ubi Caesareae Maiestatis Vicarius PRESENDE sive LICENTIATVS de CASCHA habitat, qui CONSAILLVM PISERE unà cū aliis nobilibus ignobilibusq; capitis supplicio affecerat, eam ob causam, quod dictus CONSAILLO PISERE huic LICENTIATO de CASCHA parere nollet, sed adversus Regiam Maiestatem insurgēs, seditionem in populo excitaret.</p> <p>Accidit profecto multis in locis, ut quis ultra mādatum Domini sui, in vindicta progrediatur, & sibi ex arrogātia plus sumat, quam facere merito debebat, non enim credo Regiam Maiestatem huic CONSAILLO PISERE vitam non donaturam fuisse, si suae Maiestati traditus & oblatu fuisset. Dolebat ei non immerito, suis bonis Dominum alium datum esse. Haec enim Regio PERV iure divino & humano ad dictum CONSAILLO PISERE pertinebat, cum ipse unà cum fratribus suis MARGOSSEN & ERNANDO PISSERON Insulam hanc ditissimam, primus repererit & sibi subiecerit.</p> <p>Haec Regio merito ditissima vocatur, omnes enim divitiae & opes Regiae Maiestatis proveniunt ex PERV, NOVA HISPANIA, & TERRA FIRMA. Sed tanta est huius mundi invidia, ut ea carere nemo facile possit. Hac igitur oppressus fuit & hic CONSAILLO</p>	<p>Da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION a esta aldeia MACHKASIES em terra contam-se 372 milhas, segundo ALMERO.</p> <p>Nesta aldeia permanecemos 20 dias, enquanto isso, uma carta foi entregue a nós de uma certa cidade LIEME, no PERV, onde mora o substituto da Cesárea Majestade PRESENDE ou LICENTIATVS de CASCHA, que tinha condenado à pena capital CONSAILLVM PISERE juntamente com outros nobres e plebeus. Por esta causa que o dito CONSAILLO PISERE, não quis obedecer a este LICENTIATO de CASCHA, mas levantando-se contra a Majestade Real, incitou a rebelião no povo.</p> <p>Acontece seguramente em muitos lugares que quem, contrariando a ordem do seu senhor, avança em vingança e toma para si de arrogância mais do que deveria fazer por mérito. Assim, não acredito que a Real Majestade não teria dado a vida a este CONSAILLO PISERE se ele tivesse se rendido e se entregado a Sua Majestade. Doía a ele não injustamente que outro senhor foi dado a seus bens. De fato esta região do PERV pertencia por direito divino e humano ao dito CONSAILLO PISERE, quando ele próprio juntamente com seus irmãos MARGOSSEN e ERNANDO PISSERON, pela primeira vez, descobriu e sujeitou a si esta ilha riquíssima.</p> <p>Esta região é chamada de riquíssima por mérito, pois todas as riquezas e recursos da Real Majestade provêm do PERV, NOVA HISPANIA e TERRA FIRMA. Mas tanta é a inveja deste mundo que ninguém pode facilmente ter falta dela. Por</p>
--	--	--

<p>Entretanto, o dito governador fez um pacto com nosso capitão geral e lhe mandou grandes presentes para que este tivesse contente, e ele salvasse a vida. Tudo o que se fez foi feito sem que os soldados soubessem, porque senão, teríamos atado seus pés e suas mãos e o mandado para o Peru.</p> <p>Logo nosso capitão geral mandou 4 companheiros ao Peru, ao governador. O primeiro foi um capitão, e se chamava Nufrio de Chaves, o outro [Pedro de] Oñate, o terceiro Miguel de Rutia e o quarto [Pedro de] Aguayo [de Córdoba]. Estes 4 companheiros chegaram ao Peru em um mês e meio, primeiro a Potosí, logo a Cuzco, a terceira</p>	<p>PISSERO, adeo ut licet potentissimus Rex fuerit, capitis tamen supplicium evitare non potuerit. Hac de re plura scribi possent, si temporis huius & loci essent.</p> <p>Caeterum dictis istis literis perscriptum erat, ut de mandato Regiae Maiestatis Dux noster MARTINUS DOMINGO EIIOLLA, cum militibus suis ulterius nõ progredetur, sed apud MACHKASIES istos, sub poena capitis, expectaret, donec, quid faciendum esset, deliberaretur. Haec in hunc finem perscripta erant, quod Governator iste timeret, ne seditionem & tumultum adversus ipsum excitaremus, conjunctis nobis qui capitis supplicium in terra ea effugerant, quod quidem etiam certe factum fuisset, si in istam regionem venissemus.</p> <p>Sed Governator iste, foedere cum Duce nostro inito, Maximo eum munere affecit, ut acquiesceret. Et hæc omnia quidem nobis insciis gesta sunt, si enim eorum noticiam habuissemus, statim ligatis manibus pedibusque Ducem nostrum ad Governatorem istum in PERV misissemus.</p> <p>Postmodum allegavit Dux noster ad Governatorem istum in PERV quatuor milites, unum centurionem, NVEFLE de SCHAIESES, & tres alios quorum nomina erant, VNGNADE, MICHAEL de RVELE, ABAIIE de RORCHVA, qui spacio sex septimanarum in regnum PERV venerunt, & primo quidem ad populum PODVESIES, postea ad</p>	<p>este modo então este CONSAILLO PISSERO foi oprimido de tal forma que, embora tenha sido um rei poderosíssimo, não pode evitar a pena capital. Sobre isso mais coisas podem ser escritas se forem deste tempo e lugar.</p> <p>Além disso, por esta dita carta estava escrito em detalhes que sobre ordem da Real Majestade o nosso comandante MARTINUS DOMINGO EIIOLLA, com os seus soldados, não avançaria mais, mas aguardaria junto destes MACHKASIES, sob pena capital, até ser aconselhado do que deveria ser feito. Esta foi escrita nesta finalidade que este governador temia que nós provocássemos rebelião e tumulto contra ele, tendo nos juntados com os quais fugiam da pena capital nesta terra, o que na verdade certamente teria sido feito se tivéssemos vindo desta região.</p> <p>Mas este governador, tendo entrado em aliança com nosso comandante, lhe concedeu um presente muito grande para que descansasse. E todas estas coisas, na verdade, foram executadas sem o nosso conhecimento, pois se tivéssemos notícia destas coisas, imediatamente, tendo amarradas as mãos e os pés, enviaríamos o nosso comandante a este governador no PERV.</p> <p>Logo depois nosso comandante enviou como representantes no PERV quatro soldados, um centurião NVEFLE de SCHAIESES e três outros cujos nomes eram VNGNADE, MICHAEL de RVELE, ABAIIE de RORCHVA, que no espaço de seis semanas vieram ao reino do PERV e, na verdade, primeiro ao povo PODVESIES, depois ao povo</p>
---	---	--

<p>cidade se chama La Plata e a quarta Lima, que é a capital.</p> <p>Quando os 4 companheiros chegaram à primeira cidade chamada Potosí, ficaram ali Miguel de Rutia e Aguayo porque estavam doentes. Os outros 2, Nufrio e Oñate, pegaram cavalos de posta e foram para Lima, ao encontro do Presidente. Este lhes recebeu muito bem e por eles foi informado sobre a natureza e condição do Rio da Prata. Mandou hospedá-los e trata-los da melhor maneira. E deu a cada um 2000 ducados. Depois o governador mandou a Chaves que escrevesse a seu capitão geral que aguardasse com a gente entre os macasíes, até nova ordem, que não causasse dano aos índios, não lhes tomando nada, salvo a comida. Nós, entretanto, sabíamos que tinham prata, mas como estava sujeitos e submetidos a um espanhol não podíamos lhes fazer nada nem lhes tomar coisa alguma.</p> <p>Entretanto, o correio do governador foi interceptado no caminho por um espanhol chamado Barnabé, por ordem de nosso capitão geral, já que estava preocupado de que pudesse vir do Peru outro capitão geral para governar a</p>	<p>populum RVESKEN, tertio ad civitatem RIO DELLA PLATA, & tandem quarto ad metropolin LIEME¹²⁰. Hae sunt quatuor potentissimae & opulentissimae civitates in regno Peru.</p> <p>Ex his quatuor militibus, duo, nempe MICHAEL de RVELE, & ABAIIE de RORCHVA, morbo correpti, in prima civitate PODVESIS in PERV, manserunt. Reliqui duo, NVEFLE & VNGNADE, in civitatem LIEME ad dictum Gubernatorem perrexerunt, à quo humanissimè & liberalissimè excepti, & interrogati sunt, de cõmoditatibus & qualitate regionis RIO DELLA PLATA. Postea iussit Gubernator iste hosce milites quam optimè tractari, & cuilibet 2000 coronatos, donavit.</p> <p>lussit praeterea Gubernator iste, NVEFLE de SCHAIIESES suo Duci scribere, ut apud MACHKASIES, resolutionem Regiae Maiestatis expectaret, & tamen populo isti molestus¹²¹ non esset, nec quicquam praeter cibum ab ipsis caperet. Nõ latebat autem nos, argento eos abundare, cum Hispano cuidam subiecti essent. Sed secundum hoc mandatum ipsis per omnia pepercimus.</p> <p>Hic tamen Gubernatoris legatus in itinere ab Hispano quodam nomine PARNAVVIE, interfectus est, idque de mandato nostri Ducis, qui verebatur alium Gubernatorem ex PERV missum iri, qui populo suo praeficeretur, quemadmodum</p>	<p>RVESKEN, terceiro à cidade RIO DELLA PLATA e finalmente em quarto à metrópole LIEME. Estas são quatro cidades muito poderosas e ricas no reino do Peru.</p> <p>Destes quatro soldados, dois, isto é, MICHAEL de RVELE, & ABAIIE de RORCHVA, tomados por uma doença, ficaram na primeira cidade PODVESIS no PERV. Os dois restantes, NVEFLE e VNGNADE, prosseguiram para a cidade de LIEME ao dito governador, pelo qual recebidos de uma forma muito humana e generosa, foram interrogados sobre as vantagens e a qualidade da região do RIO DELLA PLATA. Depois esse governador ordenou que esses soldados fossem tratados da melhor forma possível e deu a cada um 2000 coronatos. Este governador ordenou, além disso, que NVEFLE de SCHAIIESES escrevesse ao seu comandante para que aguardasse a resolução da Real Majestade junto dos MACHKASIES e, todavia, não fosse um incômodo para este povo, nem pegasse deles o que fosse além de alimento. Não nos estava escondido, no entanto, que eles eram ricos em prata já que estavam sujeitos a um certo espanhol. Mas segundo esta ordem os poupamos por tudo. No entanto este enviado do governador foi morto no caminho por um certo espanhol de modo PARNAVVIE. E isso de ordem de nosso comandante, o qual temia que outro governador fosse enviado do PERV, que fosse colocado no</p>
---	---	--

¹²⁰ Talvez o autor esteja fazendo uma gradação, da menor à maior cidade: *populum*, *civitatem* e *metropolin*.

¹²¹ A expressão *molestus esse* significa **ser um incômodo** ou **ser uma preocupação**.

<p>sua gente. Por isso nosso capitão geral mandou ao dito Barnabé que, se tivesse cartas, que as levasse consigo a terra dos cários, como assim ocorreu.</p>	<p>etiam alius quidam iam constitutus erat. Itaque emisso hoc Hispano PARNAVVIE mandavit, ut siquidem cum literis aliquem inveniret, interfecto legato, literas sibi afferret.</p>	<p>comando de seu povo, do mesmo modo que também um certo outro já tinha sido apontado. Desta maneira, tendo enviado este espanhol PARNAVVIE, ordenou que caso encontrasse alguém com uma carta, tendo matado o enviado, trouxesse a carta consigo.</p>
<p>Capítulo 49 - Da fertilidade da terra de Macasíes e de como voltaram ao ponto onde haviam deixado os barcos</p> <p>É necessário recordar que a terra dos macasíes é tão fértil que em toda a nossa viagem não achamos nem vimos outra igual. Porque, si um índio sai ao bosque e faz um buraco com um machado na primeira árvore que encontra, minam uns 5 ou 6 quartilho de mel, tão puro como nossa água-mel. As abelhas são muito pequenas e não picam. O mel se pode comer com pão ou com outra comida. Também fazem dela uma bebida ou vinho que tem sabor de água-mel, mas é melhor e mais agradável de beber. Neste tempo as maquinações de nosso capitão geral Irala eram tantas que fez com que as pessoas acreditassem que por razão das provisões não podíamos ficar por mais tempo com os macasíes, pois não havia comida para um mês 24. Mas, se soubéssemos que teríamos governador e</p>	<p>Cap. XXIX – Sed non potuimus apud MACHKASIOS diutius propter ciborum inopiam cōmorari, coacti sumus igitur ad KARCHKOKIOS reversi. Quod tamen non fecissemus, si scivissemus nobis gubernatorem alium fuisse constitutum, non enim tam facilè reversi fuisset, ex regione tam fertili atque foecunda, in qua nobis de victu necessario facilè prospicere potuissemus. Nam quod annotandum quoque fuerat, terra MACHKASIORVM tam fertilis est, ut similem ei nunquam viderim, si quis enim sylvam ingressus, in arbore quacunque foramen aliquod faciat, potest ex arbore ista quinq; vel sex mensuras mellis accipere, quod mel instar mulsu¹²² nostratis ab exiguis apibus neminem laedentibus conficitur. Hoc mel ad comedendum optimum est, & vinum inde suavissimum praeparatur.</p>	<p>Mas não pudemos permanecer por mais tempo entre os MACHKASIOS por causa da falta de alimentos, então fomos forçados a regressar aos KARCHKOKIOS. No entanto, não teríamos feito isso, se soubéssemos que outro governador tinha sido constituído para nós, de fato, não teríamos regressado tão facilmente de uma região tão fértil e também produtiva, na qual facilmente poderíamos prover-nos do alimento necessário. Pois isso também deveria ter sido relatado, a terra dos MACHKASIORVM é tão fértil, como semelhante a ela eu nunca vi. De fato, se alguém entrado na floresta faz algum buraco numa árvore qualquer, pode tomar desta árvore 5 ou 6 medidas de mel, este mel, como o hidromel de nosso país, é fabricado por abelhas muito pequenas que não</p>

¹²² *Mulsu*, - *i* designa uma bebida de água e mel ou de vinho e mel. Quanto à abelha citada, o autor está possivelmente estaria se referindo a pequena abelha *tetragonisca angustula*, conhecida popularmente por jataí.

<p>comida, não teríamos voltado, se já tivéssemos encontrado comida e provisões. Assim, pois, tivemos que regressar aos corcoquis. Quando chegamos a esta nação, todos haviam fugido com suas mulheres e filhos, já que desconfiaram de nós, ainda que tivesse sido melhor que ficassem em seu povoado. Nosso capitão geral enviou em seguida uns índios para lhes dizer que voltasse ao seu povoado, e que não tivessem receio, que não lhes causaríamos dano algum. Entretanto, não quiseram fazer caso; antes responderam que saíssemos de seu povoado, senão, nos expulsariam à força. Quando soubemos, nos pusemos em ordem de batalha e fomos contra eles. Contudo, houve entre nós alguns soldados que opinaram, e o fizeram saber a nosso capitão geral, que não marchássemos contra eles, porque traria grande prejuízo e dano ao país. Si queríamos ir do Peru até o Rio da Prata, não encontraríamos nenhuma provisão. Nosso capitão geral e a maioria, entretanto, não quiseram permitir, senão que insistiram em sua intenção, e assim fomos contra os ditos corcoquis. Quando nos aproximamos deles a meia légua, vimos que tinham seu acampamento na base de um monte, perto de um bosque, para poder escapar com mais facilidade se os vencêssemos. Mas não lhes foi de útil, pois todos aos que alcançamos tiveram que morrer, e pegamos nesta escaramuça cerca de 1000 indivíduos, fora os que matamos, entre homens, mulheres e crianças.</p>	<p>Cum autem ad dictos KARCHKOKIOS venissemus, omnes ex pago suo unà cum uxoribus & liberis aufugerant, rectius tamen fecissent, si in pago suo mansissent. Missis igitur ad eos quibusdam Indianis, iussit eis Dux noster significari, ut redirent in pagum suum, & nihil mali à nobis metuerent, sed ipsi sprete ista admonitione nobis renunciârunt, nos debere ex pago eorum discedere, sin minus, se nos summa vi inde profligaturos.</p> <p>Hoc audiêtes, instructa statim acie ad eos processimus, & quamvis quidam ex militibus Ducem monerêt, ut ab eis abstineret, quod bellum istud maximam parere inopiam, & rerum necessarium defectum posset, Dux tamen noster & assessores consiliorum perseverabant in sua sententia, ut contra dictos KARCHKOKIES proficisceremur. Cum igitur ad eos, veniremus, qui locũ sub duobus montibus nõ procul à sylva quadam, ad hanc pugnã elegerant, ut si fortè vincerentur, in sylva sese salvarent, benè multos trucidavimus, quos autem comprehendimus, eos in perpetuam servitutem redegitimus, ut mancipia nostra fierent, quorum quidem numero 1000 fuerunt.</p>	<p>ferem ninguém. Este mel é ótimo para comer e um vinho muito suave é preparado dele.</p> <p>Quando porém chegamos aos ditos KARCHKOKIOS, todos de sua aldeia, juntamente com mulheres e crianças, tinham fugido, mais corretamente no entanto teriam feito se tivessem permanecido na sua aldeia. Tendo enviado então para eles alguns indígenas, nosso comandante ordenou que fosse anunciado a eles para que voltassem a sua aldeia e não temessem nada de mal de nós, mas os mesmos tendo desdenhado este aviso, responderam que nós deveríamos sair da aldeia deles, mas senão eles nos emagariam dali com a máxima força.</p> <p>Ouvindo isso, tendo preparado imediatamente a linha de batalha, avançamos contra eles. Ainda que certos dos soldados tivessem aconselhado ao comandante para que ficasse longe deles pois esta guerra podia gerar uma muito grande escassez e falta de coisas necessárias, o nosso comandante e os assessores dos conselhos, no entanto, perseveravam em sua decisão que procedêssemos contra os ditos KARCHKOKIES. Quando então viemos a eles, os quais tinham escolhido um lugar sob dois montes não longe de uma certa floresta para esta batalha, para que se talvez fossem vencidos se protegeriam na selva, matamos muitos. No entanto, os que capturamos, os trouxemos de volta em escravidão perpétua para que fossem feitos nossos escravos, dos quais certamente foram em número de 1000.</p>
--	--	---

<p>Ficamos nesse povoado por 2 meses, que era tão grande como seriam 5 ou 6 dos outros juntos. Depois fomos a um lugar, perto do cerro San Fernando, onde havíamos deixado os 2 barcos, como se disse no capítulo quarenta e quatro.</p> <p>Nesta viagem gastamos um ano e meio, não fazendo outra coisa que uma guerra depois da outra, e aprisionamos uns 12000 índios entre homens, mulheres e crianças, que se converteram em nossos escravos. Eu por minha parte ganhei 50 indivíduos entre homens, mulheres e crianças.</p> <p>Quando chegamos aos barcos, a gente que havíamos deixado nos mesmos, perto do cerro San Fernando, nos contou o que tinha acontecido em nossa ausência entre o capitão chamado Diego de Abreu, que era de Sevilha, na Espanha, de uma parte, e Don Francisco de Mendonza, de outra, a quem nosso capitão geral Domingo Martinez de Irala havia deixado de capitão para que governasse a gente em seu lugar. Fizeram um grande alvoroço, porque o dito Diego de Abreu quis tomar o comando, ao que resistia Don Francisco de Mendonza, como capitão e substituto que era. Por fim se armou tal baile que terminou que Diego de Abreu ficou de dono do campo, mandando decapitar a Don Francisco de Mendonza.</p>	<p>Postea mansimus in isto pago duos menses, qui tantae erat magnitudinis, ac si quinque vel sex pagi conjuncti fuissent. Et porro ad eum locum reversi sumus, ubi duas naves nostras reliqueramus, ut supra dictum est.</p> <p>In itinere autem hoc sesquiannum fuimus, quo tempore perpetua bella gessimus, & 12000 utriusque sexus homines in servitute nostram redegitimus, ex quibus mihi quidem 50 personae attributae sunt.</p> <p>Cum ad naves nostras veniremus, indicabat nobis populus noster, quod in nostra absentia capitaneus quidam DIEGO ABRIGON, ex SIEVILLA, Hispaniae oriundus, cum altero capitaneo IOANNE FRANCISCO MANCHOSSA quem Dux noster MARTINVS DOMINGO EIIOLLA, navibus istis & populo praefecerat, ingētem tumultū excitasset, & maximas turbas dedisset, volēte DIEGO ABRIGON imperium per omnia sibi vindicare¹²³, IOHANNE vero FRANCISCO MANCHOSSA, ipsi cedere nolente, quod sibi expresse gubernatio ista esset demandata. Haec dum nobis ita narrantur, ecce Capitaneus iste DIEGO de ABRIGO, superatum in prēlio IOANNEM FRANCISCO MANCHOSSAM interficit, & excitato in populo ingenti tumultu, adversum nos arma sua dirigit, quin & occupata civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION ducē & nos intromittere, & sese</p>	<p>Depois ficamos nesta aldeia por dois meses, que era de tamanha grandeza como se fossem cinco ou seis aldeias juntas. E adiante voltamos para aquele lugar, onde tínhamos deixado dois navios nossos, como dito acima.</p> <p>Estivemos no caminho, no entanto, este ano e meio, tempo durante o qual realizamos guerras perpétuas e trouxemos de volta 12000 pessoas de ambos os sexos em nossa servidão, dos quais certamente 50 pessoas foram designadas a mim.</p> <p>Quando voltamos aos nossos navios, o nosso povo nos revelou que na nossa ausência um certo capitão DIEGO ABRIGON, oriundo de SIEVILLA, na Espanha, com outro capitão IOANNE FRANCISCO MANCHOSSA, o qual nosso comandante MARTINVS DOMINGO EIIOLLA tinha colocado no comando destes navios e do povo, provocou um grande tumulto, e causou uma confusão muito grande, querendo DIEGO ABRIGON reivindicar para si o controle de tudo, realmente IOHANNE FRANCISCO MANCHOSSA não querendo ceder a ele, porque a ele expressamente este governo tinha sido confiado. Enquanto essas coisas são assim narradas a nós, eis que este capitão DIEGO de ABRIGO, matou IOANNEM FRANCISCO MANCHOSSAM vencido numa luta e tendo provocado no povo um grande tumulto, dirigiu suas armas contra nós. De fato, estando ocupada a cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION recusa-</p>
---	---	---

¹²³ Trata-se do verbo *vindicare*, ou seja, um possível erro dos editores.

	imperio MARTINO DOMINGO EIIOLLA submittere planè recusat.	se totalmente a deixar entrar o comandante e nós e a submeter-se ao comando de MARTINO DOMINGO EIIOLLA.
<p style="text-align: center;">Capítulo 50 - O capitão Diego de Abreu se opõe ao capitão geral Domingo de Irala. O autor recebe carta da Alemanha</p> <p>Logo se levantou com o país, e, disposto a marchar contra nós, se fortificou em Assunção. Enquanto isso chegamos à cidade com nosso capitão geral Domingo Martinez de Irala, e Abreu não quis nos deixar entrar nem abandoná-la, e menos ainda reconhecer por seu senhor a nosso capitão geral.</p> <p>Logo de saber isto, nosso capitão geral fez um cerco a cidade de Assunção com muita força. E quando viram os que estavam dentro dela que vínhamos a sério, iam saindo todos os dias e pediam clemência a nosso capitão geral. O dito Diego de Abreu percebeu isto e, vendo que nós poderíamos cair de noite sobre a cidade e nos apoderar dela por traição (como poderia ter acontecido), se aconselhou com seus melhores companheiros e amigos, que eram uns 50 que ainda lhe apoiavam, e abandonou a cidade. Tão rápido como saiu, vieram os que ainda restavam dentro diante do nosso capitão geral e pediram clemência, a qual foi prometida, e juntos fizeram sua entrada.</p>	<p>Cap. XXX – Hoc cum Dux noster videret, venimus ad citatatem NOSTER SIGNORA DESVMSION, & eã obsidione cinximus, milites vero qui in civitate erant, cū serio rem agi viderent, subinde ad nos in campum egressi, pacem exorabant. Itaque Capitaneus iste DIEGO de ABRIEGO, animaduertens, populo se non posse fidere, & periculum esse, ne per prodicionem nocturno tempore in urbem introduceremur, quod sane etiam tandē factum fuisset, habito cum amicis & fidelibus suis cōsilio, egressus est ex civitate unā cum 50 armatis. Quo facto, reliqui ad Ducem nostrum venientes, tradita ei civitate, gratiam implorârunt, quam etiam facilè obtinuerunt. Itaque Dux noster civitatem ingressus est, sed dictus ille DIEGO de ABRIEGO cum 50 istis suis asseclis 30 miliaribus aufugerat, ita ut eos assequi non liceret. Fuit igitur inter hos duos Duces cōtinuum duobus annis bellum, ita ut pars una ab altera tuta nunquã esset, DIEGO enim de ABRIEGO in nullo loco diu manebat, sed modo hic modo¹²⁴ alibi oberrabat, nulli labori, ut nobis noceret,</p>	<p>Quando nosso comandante viu isso, viemos à cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION e sitiá-la com um cerco, na verdade, os soldados que estavam na cidade, quando viram ser feita seriamente esta coisa, imediatamente tendo saído do campo para nós, imploravam paz. Desta maneira, este capitão DIEGO de ABRIGO, considerando que ele não poderia confiar no povo e existia o perigo de sermos introduzidos na cidade no período noturno por traição, o que certamente também teria sido feito por fim, tendo tido um conselho com amigos e fiéis seus, saiu da cidade juntamente com 50 soldados. Isto feito, os restantes vindo ao nosso comandante, tendo entregue a cidade a ele, imploravam misericórdia, a qual também obtiveram facilmente. Assim o nosso comandante ingressou à cidade, mas aquele dito DIEGO de ABRIGO com 50 desses seus seguidores tinha fugido por 30 milhas, de modo que não convinha segui-los. Houve, então, entre esses dois comandantes, uma guerra contínua por dois anos, de modo que uma parte nunca estava</p>

¹²⁴ *Modo... modo*, segundo Dicionário Oxford, é a expressão que significa uma hora... outra hora

<p>O dito Diego de Abreu, entretanto, fugiu com 50 cristãos que a ele se haviam unido, a 30 léguas de nós, de modo que não pudemos lhe fazer nada. Ele, todavia, nos causava danos todos os dias. Assim estivemos brigando 2 anos, e não pudemos estar seguros nem eles nem nós, sobre principalmente porque o dito Diego de Abreu não ficava por muito tempo em um lugar; hoje aqui, amanhã ali, nos prejudicava onde podia, vivendo como ladrão de estradas. Em resumo, se nosso capitão geral queria viver tranquilo, tinha que fazer as pazes com Diego de Abreu, e encontrou o meio de fazê-lo, casando 2 filhas suas com 2 primos de Diego de Abreu, um que se chamava Alonso Riquelme e o outro Francisco de Vergara. Uma vez marcados os casamentos, tivemos paz. Neste tempo recebi uma carta da Espanha, de Servilha, a qual me remeteu Cristobal Raiser, feitor dos Fúcares, escrita por Sebastián Neithart por ordem de meu irmão Tomás Schmidl, que Deus o tenha, o teor da qual era que, se fosse possível, que me ajudasse a voltar a minha terra. O dito Cristobal Raiser não poupou esforços para que eu recebesse a carta, que recebi no dia 25 de julho de 1552.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 51 - O autor pede licença. Desce o rio Paraguai e remonta o Paraná</p>	<p>parcens, ut non immerito latroni similis haberetur. Tandem igitur, siquidem pace frui vellemus, deliberandum erat de viis ad amicitiam ducentibus. Fecit igitur Dux noster duabus suis filiabus nuptias, quas duobus cognatis DIEGO de ABRIEGO, in matrimonium dederat, qui vocatur ALBERNVNZO RICHKELL & FRANCISCUS FERGERE. Post hasce nuptias pulchra in quiete, pace & tranquillitate viximus, armis hostilibus ab utraque parte depositis.</p> <p>Interea temporis perlatę sunt ad me literae ex SIEVILLA Hispanię à procuratore FVGGERORVM qui vocatur CHRISTOPHORVS REYSER, quarum summa haec erat; praescriptum esse ad dictum CHRISTOPHORVM REYSER per SEBASTIANVM NEIDHARDT, de mādato & voluntate THOMAE SCHMIDLIN fratris mei piae memoriae, de me ex istis regionibus in patriam revocādo, seitaq; CHRISTOPHORVM REYSER me rogare, ut huic voluntati & monitis¹²⁵ locū darem. Has literas ex procuratione dicti CHRISTOPHORI accepi, anno 1552, die 25 Iulij, qui erat dies festus Iacobi.</p>	<p>segura da outra, pois DIEGO de ABRIGO não permancia por muito tempo em lugar nenhum, mas vagava uma hora aqui outra hora em outro lugar, não se abstendo de nenhum esforço para nos causar dano, que não imerecidamente é tido semelhante a um bandoleiro. Finalmente então já que queríamos desfrutar a paz, devia ser ponderado sobre as vias que levam à amizade. Fez então nosso comandante as núpcias de duas filhas suas, as quais tinha dado em matrimônio a dois parentes de DIEGO de ABRIEGO, que são chamados ALBERNVNZO RICHKELL e FRANCISCUS FERGERE. Depois destas núpcias, vivemos em excelente quietude, paz e tranquilidade, tendo as armas dos inimigos sido abandonadas por ambas as partes.</p> <p>Enquanto isso foi entregue a mim uma carta de SIEVILLA na Espanha pelo encarregado dos FVGGERORVM que é chamado CHRISTOPHORVS REYSER, cujo assunto era: estava escrito no cabeçalho por SEBASTIANVM NEIDHARDT ao dito CHRISTOPHORVM REYSER, por de ordem e vontade de THOMAE SCHMIDLIN, meu irmão, que Deus o tenha, chamado-me de volta destas regiões para a pátria. Desta forma, CHRISTOPHORVM REYSER me pedia para que eu desse lugar (acesse) a esta vontade e conselho. Recebi esta carta de responsabilidade do próprio CHRISTOPHORI no ano 1552, no dia 25 de julho, que era o dia santo de São Thiago.</p>
---	---	--

¹²⁵ Provavelmente um erro gramatical, em que o autor confundiu a segunda e a quarta declinação. O correto seria usar *monitibus*.

<p>Tão logo li a carta, pedi licença a nosso capitão geral Domingo Martinez de Irala, que não quis me dar ao princípio. Mas logo reconsiderou e me deu licença com grandes honras, quando teve que reconhecer meus longos e fatigosos serviços, os quais ele mesmo lembrava, como havia servido fielmente a Sua Cesárea Majestade todos estes longos anos, sofrendo grandes perigos e misérias, arriscando por ele muitas vezes meu corpo e minha vida sem ter lhe deixado jamais. Além disso, me deu cartas para Sua Cesárea Majestade informando-lhe de como iam as coisas nas terras do Rio da Prata, e do que havia acontecido nelas durante este tempo. Estas cartas as entreguei logo aos conselheiros de Sua Cesárea Majestade, dando-lhes também informações precisas destas terras.</p>	<p>His literis perlectis, dimissionem à Duce nostro MARTINO DOMINGO EIOLLA petij, qui primo id quidem recusabat, sed tandem tamen, cum consideraret quod tanto tempore Regiē Maiestati, in istis Regionibus fidelissimè serviendo, pro Duce MARTINO EIOLLA capitis saepe numero periculis memet exposuissem, & in nullis ei periculis defuissem, hoc inquam cum consideraret, placidè me dimittebat, datis mihi simul literis ad Regiam Maiestatem exaratis, quibus de omnibus scitu dignis, & de statu terrae sive regionis RIO DELLA PLATA, erat perscriptum. Hasce literas postmodum consiliariis Regiis in SIEVILLA Hispaniae obtuli, & multa coram de ista regione cum ipsis collocutus sum.</p>	<p>Entregue esta carta, pedi a demissão ao nosso comandante MARTINO DOMINGO EIOLLA, que primeiramente, na verdade, recusou isso, mas, enfim, entretanto, considerou por causa de tamanho tempo, que estivesse, nesta região, servindo a Real Majestade fidelissimamente, na presença do comandante MARTINO EIOLLA, muitas vezes, expondo minha própria cabeça ao perigo e não falhei em nenhum perigo com ele. Quando considerou isso que digo, demitiu-me gentilmente, tendo dado a mim, ao mesmo tempo, uma carta lavrada para a Real Majestade, na qual estava escrito sobre todas as coisas dignas de serem sabidas e sobre o estado da terra, ou melhor, da região do RIO DELLA PLATA. Mais tarde, entreguei esta carta para os conselheiros reais, em SIEVILLA, na Espanha, e juntamente com ela falei muito abertamente sobre esta região.</p>
<p>Mas antes de prosseguir, devo contar minha despedida. Logo que havia disposto todas as cosas para a viagem, me despedi de nosso capitão geral Domingo Martinez de Irala e de meus bons companheiros e amigos. Peguei 20 índios para que levassem minha bagagem e o que é necessário em uma viagem tão longa.</p>	<p>Cumque omnibus ad iter necessariis rebus, me instruxissem, salutato Duce MARTINO DOMINGO EIOLLA, & reliquis meis amicis atque commilitonibus, viginti CARIOS assumpsi, qui res meas & supellectilem in itinere portarent, & iter ingressus sum.</p>	<p>Quando me preparava com todas as coisas necessárias para a vigem, tendo saudado nosso comandante MARTINO DOMINGO EIOLLA e tendo deixado meus amigos e camaradas, tomei vinte CARIOS, os quais transportariam minhas coisas e utensílios na viagem e iniciei o caminho.</p>
<p>Entretanto, 8 dias antes de ir, vieram algumas pessoas do Brasil com a notícia de que havia chegado ali uma nave procedente de Lisboa, que era do senhor Juan Hilsen, um mercador de Lisboa que era feitor de Erasmo Schetz, de Amberes.</p>	<p>Octo autem diebus ante meum discessum, venit quidam ex PRESILIA, qui referebat navem quandam ibi nuper advenisse ex LYSEBONA Portugalliae, quæ esset Domini IOHANNIS ab HVLST, mercatoris in LYSEBONA, factoris vero sive procuratoris ERASMI SCHETZEN in ANTVERPIA.</p>	<p>No entanto, oito dias antes de minha partida, um certo alguém veio de PRESILIA, o qual informou que havia chegado ali recentemente um certo navio de LYSEBONA, Portugal, que era do senhor IOHANNIS de HVLST, mercador em LYSEBONA, de fato agente, ou melhor, administrador de ERASMI SCHETZEN em ANTVERPIA.</p>

<p>Depois de considerar a oportunidade, me pus a caminho, em nome de Deus, no dia de São Estevam, que era no dia 26 de dezembro de 1552. Parti do Rio da Prata, da cidade de Nossa Senhora de Assunção, com 20 índios, em 2 canoas. E ao final de 46 léguas chegamos a um povoado que se chama Hieruquizaba. Ali juntaram-se a nós outros 4 companheiros e 2 portugueses que partiam sem a licença de seu capitão. Dali fomos juntos e chegamos como a 15 léguas a um lugar que se chama Guaray.</p> <p>Em seguida fizemos 16 léguas em 4 jornadas, até um lugar chamado Gueguareté, e dali caminhamos 54 léguas em 9 dias a outro lugar que se chama Guareté, onde ficamos por 2 dias procurando provisões e canoas, já que tínhamos que subir cem léguas pelo Paraná. Depois chegamos a um lugar que se chama Guingui onde permanecemos 4 dias. Até ali, a terra, que antes era dos cários, pertence a sua Cesárea Majestade.</p>	<p>Itaque rebus hisce cognitis tandem, in nomine sacrosanctae Trinitatis, iter ingressus sum, anno Christi 1552, die 26 Decembris, qui erat dies S.Stephano sacra, egressus nimirum cum 20 Indianis, duabus navibus CANAEN, ex civitate RIO DELLA PLATA, NOSTER SIGNORA DESVMSION. Et principio confectis 26 miliaribus, pervenimus ad pagum IVBERICHA SABAIA, ubi quatuor meorum commilitonum duo Hispani, & duo Portugallenses sese mihi adiunxerunt, quamuis bona cum venia¹²⁶ dimissi non essent.</p> <p>Hinc solventes 15 miliaria confecimus, & ad pagum GABORETHA pervenimus, inde itinere quatuor dierum, confectis 16 miliaribus ad pagum BAREIA pervenimus, & inde novem diebus 54 miliaria conficientes, ad pagum BAREDA appulimus, ubi biduum cōmorati de cibo & novis CANAEN nobis prospeximus, erant enim nobis 1000 miliaria in flumine PARANAV conficienda, donec veniremus ad pagum GIENVGIA, ubi permansimus. Hactenus in regione CARIORVM versati sumus, quae subjecta est Maiestati Regiae.</p>	<p>Desta maneira, finalmente, tendo conhecidas estas coisas, em nome da Sacrosanta Trindade, iniciei a viagem, em 1552 d.C., no dia 26 de Dezembro, que era o dia santo de Santo Estevão. Em verdade, iniciei com 20 indígenas, dois navios CANAEN, da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION, RIO DELLA PLATA. E em princípio percorridas 26 milhas, chegamos a aldeia IVBERICHA SABAIA, onde quatro dos meus camaradas, dois espanhóis e dois portugueses, se juntaram a mim, embora eles não tivessem sido demitidos com a indulgência do chefe.</p> <p>Deste lugar percorremos 15 milhas e chegamos à aldeia GABORETHA, dali em quatro dias de caminho, percorridas 16 milhas, chegamos à aldeia BAREIA, e dali caminhamos por nove dias 54 milhas, aportamos na aldeia BAREDA, onde permanecemos por dois dias e nos provemos de comida e novos CANAEN. Na verdade, deveriam ser percorridas por nós 1000 milhas no rio PARANAV, até que chegássemos na aldeia GIENVGIA, onde permaneceríamos. Até então estávamos nos locomovendo na região dos CARIORVM, a qual é sujeita à Real Majestade.</p>
<p>Capítulo 52 - O autor Ulrico Schmidl deixa o rio Paraná e continua caminhando por terra, e o que aconteceu com os tupis</p>		

¹²⁶ *Cum bona vênia*, segundo Dicionário Oxford, é a expressão que significa **com a indulgência de (alguém)**.

<p>Então começam os territórios do rei de Portugal, ou seja, a terra dos tupis. Ali tivemos que deixar o Paraná e as canoas e caminhar durante 6 semanas através de selvas, serranias e vales, sem poder dormir por causa dos animais selvagens.</p> <p>Os índios desta nação comem seus inimigos, não fazem outra coisa que andar sempre em guerra, e quando vencem a seus adversários, os levam a seu povoado com um acompanhamento semelhante ao de nossos casamentos. Logo quando querem matar um prisioneiro ou sacrificá-lo, fazem uma grande festa. E enquanto está preso, dão a ele o que quiser e desejar, sejam mulheres para que se divirta com elas, sejam alimentos, até que chega a hora de morrer. Esta gente não tem outro entretenimento que guerrear continuamente, comer, beber e se embriagar dia e noite, e dançar. Em resumo: levam uma vida grosseira e desenfreada, que não se pode descrever. É, além do mais, uma ralé soberba e altiva. Fazem vinho de milho com o que se embebedam, como quem se embriaga com nossos melhores vinhos. Sua língua é, com pequenas diferenças, a mesma que a dos cários. Dali fomos a um lugar chamado Cariseba, onde vivem também os tupis, que estão em guerra com os cristãos, enquanto que aqueles são seus amigos.</p>	<p>Cap. XXXI – lam pervenimus in terra Regis PORTVGALLIAE, regionem nempe TAPIS. In pago supra nominato, coacti sumus naves CANAEN, deserto flumine PARANAV relinquere, & terra iter facere ad regionem TAPIS. Sex autē septimanis per deserta & in via loca vagantes, multo cum periculo & difficultate, ab isto pago GIENVGIA ad TAPOS dictos 126 miliaria confecimus. Hi populi TAPIS hostes suos devorant, assidua bella gerunt, & superatis hostibus, captivos in pagum suum deducunt, cum magna solennitate. Captivis nihil omnino denegant, sed pro libitu in omnibus gratificantur, etiam mulieribus ad libidinem ipsorum cōcessis, tandem vero constituto mactationis tempore solenne convivium instituunt & mactatos captivos cū amicis suis devorant. Omne suum studium in bellis collocant, vitam vivunt nunquā jejunam, sed semper ebriam saltando & potando sese subinde oblectāt, omnibus voluptatibus dediti sunt, & vitā plane Epicuream agūt. Homines sunt superbi & malitiosi, vinum ex frumento Asiatico cōficiunt, quo ita inebriantur, ac si praestantissimum nostrae regionis vinum biberent. Lingua ferè eadem cum CARIIS utuntur, parum enim inter hasce duas linguas est discriminis.</p> <p>Ab his pervenimus ad pagum KARIESEBA, in quo similiter & TAPI habitant, sed qui bellū cum Christianis gerunt, cum priores Christianorum sint amici.</p>	<p>Logo chegaremos na terra do Rei de Portugal, ou seja, dos TAPIS. Na aldeia antes mencionada, fomos forçados a deixar os navios CANAEN, tendo abandonado o rio PARANAV, e fazer a viagem por terra até a região TAPIS. No entanto, errantes seis semanas pelo deserto e locais inacessíveis, com muito perigo e dificuldade, percorremos 126 milhas desta aldeia GIENVGIA até os chamados TAPOS. Estes povos TAPIS devoram seus inimigos, fazem guerras constantemente e tendo vencido os inimigos, levam seus cativos à aldeia com grande solenidade. Não negam nada aos prisioneiros, mas mostram gentileza em tudo em (seus) desejos, assim tendo concedido mulheres para o prazer deles, finalmente, de fato, tendo constituído o momento solene do sacrifício, organizam um banquete e devoram, com seus amigos, os cativos sacrificados. Colocam toda a sua dedicação nas guerras, nunca vivem uma vida de miséria, mas sempre ébria, divertem-se dançando e bebendo constantemente, são dedicados a todos os prazeres e levam uma vida completamente epicúria. As pessoas são soberbas e maliciosas, fazem vinho do trigo asiático, pelo qual assim se embebedam, como se bebessem um excelente vinho de nossa região. Usam uma língua quase a mesma dos CARIOS, pois pouco é de diferença entre essas duas línguas.</p> <p>Destes chegamos à aldeia KARIESEBA, na qual moram similarmente os TAPI, mas que fazem guerra com os cristãos, enquanto os primeiros são amigos dos cristãos.</p>
---	---	---

<p>No domingo de Ramos, quando nos aproximamos a 4 léguas de um lugar, fomos avisados de que nos protegêssemos dos Cariseba. Naquele momento tivemos grande escassez de provisões, e, ainda que tivéssemos podido insistir, não pudemos conter a 2 companheiros, que foram ao povoado a pesar de nossas advertências. Prometemos a eles que os esperaríamos, como fizemos. Mas logo que entraram no povoado, foram mortos e comidos. Depois saíram uns 50 índios vestidos com as roupas dos cristãos e se aproximaram de nós 30 passos. Ali ficaram quietos e falaram conosco. Quando um índio destes para na frente de seu inimigo e fala com ele, não costuma ter boas intenções.</p>	<p>Ad hunc pagum dominica Palmarum pervenimus, cumque 4 miliaribus adhuc abessemus, intellexi ego periculū nobis ibi imminere, & propterea fugiendos eos esse, incepimus autem tum temporis victu necessario carere, itaque licet adhuc ulterius paulò progredi possemus, tamen duo ex nobis persuaderi non poterant, ut progredierentur, sed posthabitis meis admonitionibus precibusque pagum istum ingressi sunt, quibus quidem fidem dedimus, quod vellemus ante pagum eorum adventum expectare, sed pagum vix ingressi, interfecti sunt, & postmodum devorati, Deus ipsorū animis esto propitius, Amen. Postea Indianorū 50 ex pago isto ad nos pervenerunt, induti vestibus Christianorum, cumq; ad passus 30 venissent, substiterunt & nos allocuti sunt, in more autē apud Indianos positum est, ut si quando ad passus aliquot subsistāt, & aliquem alloquantur, nihil boni meditentur, sed semper sinistri quid alant.</p>	<p>Chegamos nesta aldeia no domingo de Ramos, quando nos aproximamos ainda 4 milhas, eu entendi que ali havia um perigo iminente para nós e por essa razão deveríamos ter fugido deles. No entanto, naquele momento, começamos a ter falta do alimento necessário, desta maneira, embora pudéssemos avançar ainda mais um pouco, entretanto, dois dos nossos não puderam ser persuadidos para que avançassem, mas tendo tratado como menos importantes minhas advertências e preces, entraram nesta aldeia. As quais certamente demos fé que queríamos esperar a chegada deles diante da aldeia, mas apenas entrados na aldeia, foram mortos e em seguida devorados. Que Deus seja propício às almas deles, Amem. Depois vieram até nós da aldeia 50 dos indígenas usando as vestes dos cristãos, quando ele chegaram a 30 passos, pararam e falaram a nós, no entanto, no costume dos indígenas é colocado que, quando param a alguns passos e falam com alguém, não planejam nada de bom, mas sempre alimentam algo de mal.</p>
<p>Por fim nos armamos o melhor que pudemos e lhes perguntamos onde teriam ficado nossos companheiros, e nos responderam que estavam no povoado, e que queriam que entrássemos também. Mas nós não quisemos entrar, pois nos demos conta de sua mentira e velhacaria. Então dispararam suas flechas contra nós e voltaram rapidamente ao povoado, saindo logo com 6000 homens. Por nossa parte não tivemos outra defesa que o bosque e 4 arcabuzes, assim</p>	<p>Itaq; nos assumptis, armis nostris, quaerebamus, ubi socij nostri essent, q respondebāt, eos in pago ipsorū esse, & nos debere eos sequi, sed nos intelligētes malitiam eorū nolimus pagum istum ingredi.</p> <p>Emissio igitur jaculo uno atque altero, in pagum suum reversi sunt, evocantes circiter sexcentos, qui nos opprimerent. Nos autem in isto periculo in</p>	<p>Assim tomamos nossas armas, perguntamos onde estavam nossos companheiros, o que responderam que eles estavam na aldeia deles e que nós deveríamos segui-los. Mas nós entendemos a maldade deles e não quisemos entrar nesta aldeia.</p> <p>Então tendo disparado um dado e outro, voltaram para a sua aldeia, chamando cerca de seiscentos, que nos oprimiam. No entanto, nós nos</p>

<p>como 20 índios cários que vinham conosco da cidade de Assunção. Contudo, os enfrentamos durante 4 dias, disparando sem cessar uns contra os outros. Logo, na quarta noite escapamos do bosque, porque não tínhamos muito que comer, e os inimigos eram cada vez mais fortes, e “muitos cães são a morte das lebres” como diz o dito popular.</p> <p>Dali seguimos 6 jornadas sem parar por uma selva como eu, que havia estado em muitos lugares, jamais havia visto. Também não tínhamos nada para comer, e para sair do apuro tivemos que nos contentar com mel e raízes onde as encontrávamos. E como não tínhamos certeza de que os inimigos não nos puderam seguir, também não tivemos tempo para procurar carne de animais silvestres. Por fim chegamos a uma nação que se chama viaza. Ali ficamos 4 dias e procuramos provisões, e não nos aproximamos do povoado porque éramos poucos.</p> <p>Nas terras desta nação há um rio chamado Uruguai, no qual vimos muitas cobras e serpentes que em espanhol se diz “Sche Eyba Tuescha” 25, de 14 passos de comprimento e duas braças de grossura no meio. Causam grandes danos, pois si um homem se banha no rio ou um animal que cruzá-lo a nado, estas serpentes vem e os envolvem com seu rabo, logo os metem debaixo</p>	<p>sylvam, quae non procul aberat, nos subduximus, sclopetis enim tantum quatuor & sexaginta Indianis instructi atq; muniti eramus, quos de CARIORVM populo, ex civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION, nobiscum sumpseramus. Et tamẽ quatuor diebus in ista sylva nos defendimus, donec tãdem nocte quarta ex sylva clam egressi, discessimus, parũ enim cibi supererat, & hostes praevalere videbantur, iuxta proverbium: Ne Hercules quidem adversus duos pluresve.</p> <p>Postea sex diebus in sylvis oberravimus tam horridis & periculosis, ut per omnem vitam iter magis horridum & incultum non videri, cumq; cibo omni destitueremur, radicibus & melle nos sustentavimus.</p> <p>Tandem pervenimus ad nationem aliquã, quae vocatur BIIESSIA, ibi quatrduum cõmorati sumus, sed appropinquare tamen ad pagum, propterea quod pauci nostrum essent, non audebamus.</p> <p>Apud hunc populum fluvius est VRQVAIA, in quo colubros sive serpentes vidimus, quos Hispani, sua lingua, SCHVEEIIIBA THVESCHA nominant. Hi longitudine sunt 14 passuum, latitudine vero duarum ulnarum seu octo cubitorum. Multum damni dare solent, capitibus enim semper super aquam eminent, & an aliquis in fluvio versetur, respiciunt, videntes vero aliquem fluvium istum</p>	<p>escondemos deste perigo na floresta, que não era longe, de fato, munidos com quatro armas (escopetas) e providos apenas com sessenta indígenas, os quais foram tomados do povo dos Cários conosco, da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION. E, assim, por quatro dias nos defendemos nesta floresta, até que, enfim, tendo saído secretamente na quarta noite da floresta, partimos. De fato, pouco sobrou dos alimentos e os inimigos pareciam prevalecer, de acordo com um provérbio: Nem mesmo Hércules contra dois ou mais.</p> <p>Depois vagamos por seis dias na floresta tão horrível e perigosa que não vi, por toda a minha vida, caminho mais horrível e agreste. Quando fomos privados de toda comida, nos sustentamos com raízes e mel.</p> <p>Finalmente chegamos a uma nação que era chamada BIIESSIA, ali permanecemos por 4 dias, mas, no entanto, não ousamos nos aproximar da aldeia porque nós éramos poucos.</p> <p>Junto deste povo está o rio VRQVAIA, no qual vimos cobras, ou melhor, serpentes, que os espanhóis, em sua língua, denominam SCHVEEIIIBA THVESCHA. Estas são de 14 passos de comprimento, a largura de fato de dois braços ou oito cotovelos. Costumam causar muito dano, na verdade, sempre ficam com a cabeça sobre a água e se por acaso algo tomba no rio, viram o olhar.</p>
--	--	---

<p>d'água e os comem. Por isso tiram sempre a cabeça fora da água, para ver si há um homem ou um animal que possa atacar.</p> <p>Dali seguimos caminhando um mês inteiro, percorrendo cerca de 100 léguas e chegamos a um lugar muito grande chamado Yerubatiba. Ali permanecemos 3 dias, porque estávamos muito cansados e, como não tínhamos outra coisa para comer do que mel, que era nosso melhor alimento, ficamos sem forças e fracos, pois durante muito tempo levamos uma vida de grandes perigos, pobreza e misérias, particularmente no que se refere a comida e a bebida, mas também ao descanso. Nossas camas, que cada um tinha que levar consigo, eram de algodão e pesavam 4 ou 5 libras cada uma. São feitas como uma rede, que se amarra a duas árvores; logo a gente se deita em cima no sereno.</p> <p>(OBS: Entre esses parágrafos encontra-se, na página 130, uma ilustração)</p> <p>Nas índias é preferível ficar nos bosques, do que entrar nos povoados dos índios e em suas casas, sobre tudo quando são poucos os cristãos que viajam.</p> <p>Fomos embora dali e chegamos a um lugar que pertencia aos cristãos cujo capitão era Juan</p>	<p>vel lavandi vel bibendi gratia accedere, statim adrepentes, cauda ipsum involutum, secum in aquam abstrahunt, & interfectum devorant.</p> <p>Hinc discedentes quatuor septimanis 100 miliaria progressi sumus, & ad pagum quendam pervenimus, qui vocatur SCHELEBETHVEBA, ibi mansimus tres dies, ut vires isto itinere amissas rursus colligeremus, parum enim cibi in isto itinere habueramus, melle nos maxima ex parte sustentantes, & potest quidem vel me tacente¹²⁷ quilibet intelligere, quantam miseriam tam longo itinere perpessi simus, cibo & potu, lectoq; carentes, lectus enim quem quilibet secum portabat, ex gossypio in formam retis factus erat, pondere quatuor vel quinque librarum. Dormire autem volentes lectum istum nostrum ab utraque parte ad arborem alligavimus, nam in India, si pauci terra iter faciant, satius est eos in sylva pernoctare & somnum capere, quam in pagis & aedibus Indianorum.</p> <p>Pervenimus postea ad pagum quendam qui Christianorū erat, in quo habitabat Dux quidam nomine IOHANNES REINMELLE qui tum temporis peregrè profectus erat, ad alium quēdam Christianorum pagum in VINCENDA, qui quodam foedere iuncti invicem erant. In his duobus pagis</p>	<p>Vendo na verdade que alguém se aproxima deste rio para lavar ou beber, imediatamente movendo-se furtivamente, envolve o mesmo com a cauda, puxam para dentro da água, matam e devoram.</p> <p>Saindo dali avançamos por quatro semanas 100 milhas e chegamos a uma certa aldeia que é chamada SCHELEBETHVEBA. Ali permanecemos por três dias, para que os <i>homens colhessemos novamente (recuperássemos)</i>¹²⁸ as perdas neste caminho, pois tínhamos tido pouco alimento neste caminho, sustentando-nos de mel na maior parte e certamente cada um pode perceber, é obvio, quanta miséria tínhamos sofrido por tão longo caminho, carentes de comida, bebida e leite. Na verdade, o leite que cada um carregava consigo era feito de algodão na forma de rede, de peso de quatro ou cinco libras. No entanto, querendo dormir, amarrávamos essa nossa cama a cada uma das partes numa árvore, pois na Índia se poucos fazem o caminho por terra, é mais adequado eles pernoitarem na selva e pegar no sono do que nas aldeias e casas dos indígenas.</p> <p>Chegamos depois a uma certa aldeia que era dos cristãos, na qual morava um certo comandante com o nome IOHANNES REINMELLE que naquele momento tinha partido em viagem, para outra certa aldeia dos cristãos em VINCENDA, as quais eram unidas mutuamente por uma certa aliança.</p>
---	---	---

¹²⁷ Aparentemente parece ser a expressão *vel me tacente* que significa **é obvio**.

¹²⁸ Trata-se de uma silepse, em que aparentemente acontece um erro de discordância, porém, a concordância não se faz com o termo expresso no texto, mas a com a ideia que os termos expressam.

<p>Ramalho. Por sorte nossa não estive na ocasião neste lugar, que me parecia uma cova de ladrões. O dito capitão se encontrava então com outros cristãos em São Vicente, para cumprir certos tratos que tinham entre eles. Os índios, entre os quais vivem 800 cristãos em 2 lugares, estão sujeitos ao rei de Portugal e em poder do dito Juan Ramalho, quem, segundo diz, vive 40 anos nas Índias, governando, guerreando e pacificando o país, pelo que, por justiça, deveria seguir governando com preferência a qualquer outro. E como não conseguiu, entram em guerra uns contra os outros.</p> <p>Este Ramalho pode reunir em um só dia 5000 índios, enquanto que o rei somente junta 2000; tão grande é o poder que tem neste país. Quando chegamos ao dito lugar, estava ali o filho do dito Ramalho, ao que tivemos que temoer mais que aos índios, por melhor que nos tivesse recebido. Mas como tudo nos saiu bem, demos graças a Deus Todo Poderoso, contentes por termos escapado sem perigo.</p>	<p>circiter 800 Christiani habitāt, Regi Portugaliae & dicto IOHANNI REINMELLE, subjecti, qui (ut ipse referre solitus est) quadringentis annis in India versatus, continua bella gessit, ut eam ob causam merito regionē solus gubernare deberet, sed cum hoc non fiat, subditi semper in armis esse coguntur. Hic IOHANNES REINMELLE uno die 500 Indianos congregare potest, cum Rex vix 2000 cogere possit, tãta est apud istum populum in autoritate.</p> <p>Huius REINMELLE filius tum temporis domi erat, qui nos benignè & humaniter excepit, sed non eramus tamen ab omni cura & metu liberi, & maius à Christianis eius loci quam ab Indianis metuendum nobis erat periculum. Deo autem Opt.Max. gratias ago, qui me tam clementer ab omni malo ubique protexit & conservavit.</p>	<p>Nestas duas aldeias moravam quase 800 cristãos sujeitos aos Rei de Portugal e ao dito IOHANNI REINMELLE, o qual (como ele mesmo está costumado a referir-se) tendo morado na Índia por 40 anos, tem feito contínuas guerras e por esta causa, deveria governar a região em merecimento, mas como isto não é feito, seus súditos são sempre forçados às armas. Este IOHANNES REINMELLE pode reunir em um dia 500 indígenas, enquanto que o Rei com dificuldade pode reunir 2000, tamanha é a autoridade entre este povo. O filho deste REINMELLE, neste momento, estava em casa, o qual nos recebeu benignamente e gentilmente, mas não estávamos no entanto livres de todo cuidado e medo e o perigo que devia ser temido por nós era mais os cristãos deste lugar do que os indígenas. No entanto, eu dou graças ao Deus Todo Poderoso que me protegeu e me conservou com tanta clemência de todo o mal em toda parte.</p>
<p style="text-align: center;">Capítulo 53 - Ulrico Schmidl chega ao Cabo de São Vicente, navega a Espanha, mas tem que voltar ao porto de Espírito Santo</p>	<p>Tandem ad oppidulum S.VICENDA, 20 miliaribus ab hoc pago distans pervenimus, die 13 Iulij, qui erat S.Antonio sacra, anno 1553. Ibi navem Portucalensem invenimus, saccaro, gossypio &</p>	<p>Chegamos finalmente à vilazinha de S.VICENDA, 20 milhas distantes dessa aldeia, no dia 13 de julho, que era consagrado a Santo Antônio, no ano 1553. Ali encontramos um navio português carregado de</p>

<p>açúcar, pau-brasil e algodão por Pedro Rössel, feitor de Erasmo Schetz, de Amberes, e consignada a Juan Hilsen, em Lisboa, que também é feitor do mesmo Schetz</p>	<p>aliis rebus onustam, quae ad ERASMVM SCHETZEN pertinebat. Procurator huius navis LYSEBONAE habitat, & vocatur IOHANNES ab HVLSSEN, qui substitutum procuratorem alium in VICENDA habebat, cui nomen erat PETRVS ROSSEL.</p>	<p>açúcar, algodão e outra coisas, o qual pertencia a ERASMVM SCHETZEN. O administrador deste navio habita em LYSEBONAE e é chamado de IOHANNES de HVLSSEN, e tinha outro administrado em VICENDA, cujo nome era PETRVS ROSSEL.</p>
<p>O dito Rössel me recebeu muito amistosamente e me fez grandes honras. Também intercedeu em meu favor junto aos marinheiros, recomendando-me muito a eles, o que se cumpriu com exatidão. Permanecemos ainda 11 dias na cidade de São Vicente, e nos apresentamos com todas as provisões que são necessárias no mar. Da cidade de Assunção até São Vicente havíamos viajado 6 meses, que são 346 léguas de caminho.</p> <p>Quando estávamos preparados para a viagem, zarpamos de São Vicente no dia de São João, que foi em 24 de junho de 1553, e estivemos 14 dias no mar, sem ter ventos favoráveis pelo contrário, continuas tempestades e uma grande tormenta, que, para dizer a verdade, não podámos saber</p>	<p>Cap. XXXII – In hac regione nominati Domini, ERASMVS SCHETZEN & IOHANNES ab HVLSSEN, multos pagos & vicos habent, in quibus toto anno saccarum consicitur.</p> <p>Hic admodum humaniter & amicè à PETRO RÖSSEL acceptus sum, qui mihi omnia humanitatis officia praestitit, & postea me commendavit nauclero sive gubernatori istius navis, petens, ut mihi nulla re deesset, quod etiam fidelissimè à gubertanore navis postmodũ factum est, qui me sibi commendatissimum habuit, mansimus adhuc II dies in civitate VINCENDA, quo tempore de rebus omnibus necessariis nobis prospeximus. A civitate NOSTER SIGNORA DESVMSION, ad hanc S.VICENDA in PRESILIA numerãtur 476 miliaria, quae totis sex mensibus confecimus.</p> <p>Cum rebus omnibus, instructi essemus, solvimus ex civitate S.VICENDA anno 1553, die 24 Iunij, qui erat dies S.Iohannis. Sed ventum adversum & ingentes tẽpestates totis 14 diebus, in mari habuimus, ita ut qua in regione versaremur nesciremus, donec tandẽ malo navis fracta¹²⁹, ad</p>	<p>Nesta região os senhores nomeados ERASMVS SCHETZEN e IOHANNES de HVLSSEN tem muitas aldeias e bairros, nos quais todo ano é produzido açúcar. Ali foi recebido muito gentilmente e amigavelmente por PETRO RÖSSEL, que prestou todos os deveres de gentileza, depois me recomendou ao capitão ou piloto deste navio, pedindo que nenhuma coisa faltasse para mim, o que também foi feito depois pelo piloto do navio muito fielmente, o qual me teve muito recomendado. Permanecemos ali 11 dias na cidade de VINCENDA, tempo durante o qual nos provemos de todas as coisas necessárias. Da cidade de NOSTER SIGNORA DESVMSION até esta S.VICENDA contam 476, as quais fizemos em 06 meses inteiros.</p> <p>Quando estávamos providos de todas essas coisas, partimos da cidade de S.VICENDA, no ano de 1553, no dia 24 de junho, que era o dia de São João. Mas tivemos ventos adversos e enormes tempestades, no mar, por 14 dias inteiros, de modo que não sabíamos em que região estávamos situados. Até</p>

¹²⁹ Possível erro de concordância, já que *malus*, *i* é masculino e *fractas*, se com este termo concorda concorda, também deveria estar no masculino.

<p>onde estávamos. E ainda nos quebrou o mastro da nave e tivemos que voltar a terra, e chegamos a um porto cuja cidade se chama Espírito Santo, no Brasil, que pertence ao rei de Portugal. Nesta cidade vivem cristãos com suas mulheres e filhos, que fazem açúcar e tem muito algodão, pau-brasil e outras muitas coisas.</p> <p>Nestas partes do mar, entre São Vicente e Espírito Santo, há muitíssimas baleias que causam grandes danos. Pois, quando se passa com pequenas naves de um porto a outro, estas baleias se aproximam em grandes manadas e brigam entre si, e quando vem próximas aos barcos, os fazem virar e afundar com toda a gente que vai meles. Estas baleias cospem sem cessar água, e cada vez tanta como pode caber num barril de Francônia. E isso o fazem a todo o momento, logo mentem a cabeça debaixo d'água e em pouco tempo voltam a tirá-la. Fazem isto dia e noite. Quem não as tenha visto, pensará que se encontram juntos muitos penhascos.</p>	<p>terram appellere cogere mur, ubi peruenimus ad portum civitatis quae vocatur SPIRITV SANCTO. Haec civitas sita est in PRESILIA Indiae, & Regi Portugaliae subjecta, habitatur à Christianis, qui cum uxoribus & liberis suis nihil aliud agunt, quam ut saccarum conficiant, abundant gossypio, ligno Presiliensi & mercibus eiusmodi aliis.</p> <p>In hoc mari à civitate S.VICENDA usque ad portum, SPIRITV SANCTO maxima reperitur balenarum copia, quae multū nocent praeter navigātibus, navem enim quam adoriuntur, suffocant, & quicquid in ea est perdit.</p> <p>Hae balenae assidue aquam expuunt, tanta copia, ut una effusione dolium Frācicum mediocris capacitatis explere possis. Et aquam quidem omnibus ferè momētis ita expuunt, capitibus ex mari exertis, ita ut rei istius ignarus, scopulū eo in loco extimescat. Reperiuntur autem ibi & multa alia monstra marina, quae omnia describi accuratè non possunt.</p> <p>Sunt & pisces ibi quos Hispani SVMERE hoc est, pileatos, sive SCHAVBHVT¹³⁰ vocant. Hi pisces tantae sunt magnitudinis & roboris, ut naves saepe ingētes subuertant. Quando enim mare placidum est, & nullae tempestates existunt, tunc tanta sepe vi ad navem feruntur, ut omnia in ea</p>	<p>que, enfim, quebrado o mastro do navio, fomos forçados a levar o navio para terra, onde chegamos ao porto de uma cidade que é chamada de SPIRITV SANCTO. Esta cidade está situada in PRESILIA da Índia e sujeita ao rei de Portugal. É habitada por cristãos que, com as esposas e filhos, não fazem outra coisa que fabricar açúcar, tem muito algodão, madeira brasiliense (pau-brasil) e outras mercadorias do mesmo modo.</p> <p>Neste mar da cidade de S.VICENDA até o porto do SPIRITV SANCTO foi encontrada uma abundância muito grande de baleias, que prejudicam muito contra os navegantes, pois o navio que atacam, esmagam, e destroem o que quer que esteja nele. Estas baleias continuamente esguicham água, tanta abundância, que com um único jato (tu) podes encher completamente um barril francês médio. E, na verdade, esguicham água desta forma em quase todos os momentos, tendo posto as cabeças para fora da água, de modo que ignorante desta coisa, assusta-se (pensando) que é um rochedo neste local. São encontrados ali também, no entanto, muito outros monstros marinhos, os quais não podem todos ser descritos com precisão. Existem também peixes que os espanhóis chamam chapelados, ou melhor, chamam SCHAVBHVT. Estes peixes são de tanta grandeza e robustez, que frequentemente viram navios imensos. De fato, quando, o mar está calmo e não surgem nenhuma tempestade, então, muitas vezes, são trazidos</p>
--	---	--

¹³⁰ Provavelmente o autor esteja se referindo ao tubarão martelo.

<p style="text-align: center;">CAPÍTULO 54 – Ulrico Schmidl sai do porto de Espírito Santo e chega a Terceira, das Ilhas Açores, e a Espanha. Embarca para os Países Baixos, mas tem que voltar a terra por causa de uma tempestade</p> <p>Por fim zarpamos do porto de Espírito Santo e, navegando 4 meses seguimos pelo mar, não voltamos a ver terra alguma desde que saímos de Espírito Santo.</p> <p>Logo chegamos a uma ilha chamada Terceira, onde pegamos provisões frescas de pão, carnes, água e outras coisas. Nesta ilha, que pertence ao rei de Portugal, ficamos 2 dias.</p> <p>Dali nos dirigimos a Lisboa, aonde chegamos ao final de 14 dias, que foi no dia 3 de setembro de</p>	<p>concutiantur. Itaque nautae hoc animadvertentes, mox dolium unum atque alterum in mare proiciunt, ut cum iis relictis naves sese oblectent.</p> <p>Sunt & pisces alij, quos PEISCHO SPAIDE, hoc est, cultros piscium vocant, pisces hi admodum formidabiles sunt, & aliis piscibus valde nocent. Certant enim cum aliis, ea ratione, qua apud nos, equi invicem certare solent, quod quidem iucundum praebet in mari spectaculum, quamvis hoc piscium certamen, plerunque magna tempestas sequi soleat.</p> <p>Reperiuntur ibi etiam pisces alij, quos Hispani POSCHE DESERRE vocant, nos serras nominare possumus. Hi admodum formidabiles sunt, & in pugna sive certamine aliis praevalent.</p> <p>Quin & pisces volantes, & alij, quos DOMINGEN vocant, ibi cernuntur, quos quidem omnes describere institui mei non est.</p> <p>Postea ex hoc portu SPIRITV SANCTO solventes, quatuor mensibus in mari oberravimus, ut terram nullam videremus, donec ad Insulam quandam appulimus, quae vocatur TESTE de TERZERO, & ad Regem Portugaliae pertinet. In hac insula biduum commorati sumus, & nobis de cibo rebusque aliis necessariis iterum prospeximus.</p> <p>Ab hac insula solventes, LYSEBONAM quatuordecim diebus pervenimus, anno nimirum</p>	<p>para o navio com tanta força, que sacodem tudo nele. Assim, os marinheiros percebendo isso, logo atiram um barril e outro no mar para que, com eles, se distraiam, deixando o navio.</p> <p>Existem também outros peixes, os quais chamam PEISCHO SPAIDE, isto é, facas de peixes. Estes peixes muito formidáveis e prejudicam muito os outros peixes. Lutam, de fato, com outros, razão pela qual, entre nós, os cavalos costumam lutar um contra o outro, o que certamente mostra um espetáculo agradável no mar, ainda que uma grande tempestade costume seguir esta luta de peixes na maior parte.</p> <p>Ali são encontrados também outros peixes, que os espanhóis chamam POSCHE DESERRE, que podemos nomear de serras. Estes são muito formidáveis e prevalecem contra os outros na luta ou competição.</p> <p>De fato, os peixes voadores e outros, que chamam DOMINGEN são distinguidos ali. Descrever estes todos não é de minha intenção.</p> <p>Depois partindo do porto SPIRITV SANCTO, vagamos no mar por quatro meses, de modo que não vimos nenhuma terra até que aportamos numa certa ilha, que é chamada TESTE de TERZERO e pertence ao Rei de Portugal. Nesta ilha permanecemos dois dias e nos provemos novamente de alimentos e outras coisas necessárias.</p> <p>Partindo desta ilha, chegamos a LYSEBONAM em quatorze dias, do ano evidentemente de 1553, no</p>
---	--	--

<p>1553. Ali fiquei 14 dias, e morreram 2 índios que haviam trazido daquelas terras. Então continuei a Sevilha, que são 42 léguas que percorri em 6 dias, e ali fiquei 4 semanas, até que se preparassem os barcos.</p> <p>Logo fui por água, e aos 2 dias cheguei a cidade de Sanlúcar [de Barrameda], onde passei a noite.</p> <p>Dali segui caminho por terra e cheguei em um dia a outra cidade que se chama Porto de Santa Maria, e dai, em outra jornada, caminhei até uma cidade que está a 4 léguas, as margens do mar, e se chama Cádiz. Ali estavam uns barcos holandeses que se preparavam a partir aos Países Baixos. Entre os 25 barcos grandes, que se chamam urcas, havia uma nave bela e nova que havia feito somente uma viagem de Amberes a Espanha. Os mercadores me aconselharam que eu embarcasse neste barco novo, cujo comandante se chamava Enrique Schetz, que era um homem justo e honrado. Tratei com ele para combinarmos a passagem, a comida e outras coisas que eram necessárias para esta viagem. Por fim me preparei aquela tarde e mandei levar ao barco minha pagagem, vinho, pão e outras coisas, assim como uns papagaios que trazia das Índias. Também havia combinado com o comandante</p>	<p>1553, die 30 Septembris qui erat dies S.Hieronymo sacra. In hac civitate commorati sumus 14 diebus, & mortui ibi sunt duo Indiani, quos mecum ex India adduxeram.</p> <p>Postea ego SEVILLAM veredo profectus sum, sex diebus iter 72 miliarium emensus. Quo loco quatuor septimanas cōmoratus sum, donec naves instruerentur.</p> <p>Postea mare iterum ingressus altero die, ad civitatem S.LVCAS perueni, ubi per noctem mansi.</p> <p>Hinc itinere unius diei, terra, ad civitatem profectus sum, quae vocatur PORTA S.MARIAE, & inde rursus itinere unius diei, ad civitatem KALLES, ubi 25 naves reperi, quas HVLCKEN vocant, Belgiam petere volentes.</p> <p>Inter eas una erat nova & pulchrè exornata, quae semel tantum ex ANTVERPIA in Hispaniam missa fuerat. Suadētibus igitur mercatoribus, ut hanc navem conscenderem, accessi nauclerū sive gubernatorem eius cui nomen erat HENRICVS SCHETZ hominem honestum & probum, cū hoc egi ut me secum sumeret, cumq; inter nos de precio convenisset, rebus meis in navi relictis, ad iter me praeparavi, & in hospitio meo expectavi, donec mihi significaretur quando solvere vellēt, dederat enim mihi fidē dictus nauclerus, se antequam solveret, mihi id significaturum & sine me non discessurum esse.</p>	<p>dia 30 de setembro, que era consagrado a São Jerônimo. Nesta cidade permanecemos por 14 dias e ali morreram dois indígenas que eu tinha trazido comigo da Índias.</p> <p>Depois eu parti a cavalo (de veredo¹³²) para SEVILLAM, tendo coberto em seis dias o caminho de 72 milhas. Permaneci neste lugar por quatro semanas, até que os navios fossem preparados.</p> <p>Depois de ingressado novamente no mar, no segundo dia, cheguei à cidade de São Lucas, onde permaneci por uma noite.</p> <p>Dali, por um caminho de um dia por terra, parti para a cidade que é chamada PORTA S.MARIAE e desde ali, novamente por um caminho de um dia, para a cidade KALLES, onde encontrei 25 navios que chamam HVLCKEN, querendo dirigir-se a Bélgica. Entre eles um era novo e belamente enfeitado, o qual tinha sido enviado uma única vez da Antuérpia para a Espanha. Tendo recomendado aos mercadores para que eu embarcasse neste navio, aproximei-me do comandante do navio, ou piloto dele, cujo nome era HENRICVS SCHETZ, homem honesto e íntegro. Com isto, fiz que me tomasse consigo e quando chegou num acordo sobre o preço entre nós, tendo deixado minhas coisas no navio, me preparei para o caminho e esperei nas minhas acomodações até que me fosse anunciado quando queriam partir, pois o dito comandante do navio tinha me garantido que</p>
---	---	--

¹³² Uma raça de cavalos.

<p>que me avisaria quando quisesse zarpar, e me prometeu sinceramente que não iria sem mim; antes me avisaria a tempo.</p> <p>Entretanto, aconteceu que aquela noite o dito comandante bebeu demais e, para minha sorte, me deixou esquecido e abandonado na pousada. Duas horas antes de amanhecer mandou ao piloto levar ancoras e zarpar. Quando procurei pelo barco muito cedo, ele já havia se afastado uma boa légua da terra. Por isso tive que procurar outro barco e satisfazer a outro comandante, ao que tive que dar tanto como ao primeiro.</p> <p>Por fim zarpamos com as outras 24 naves. Durante os 3 primeiros dias tivemos ventos favoráveis, mas logo ficaram mais fortes e foram tão contrários que não pudemos prosseguir a viagem, estando 8 dias em grande perigo a espera de bonança. No entanto quanto mais tempo Demorávamos no mar, mais ele ficava tempestuoso, de maneira que não pudemos seguir por mais tempo na água e tivemos que regressar pelo caminho por onde tínhamos vindo.</p>	<p>Sed nocte ea plus justo¹³¹ nauclerus ille biberat, & me in hospitio relicto, (quod quidem fato bono factum) secunda ante exortum solem hora, soluta navi discessit. Itaq; cum sequenti die navem iam integro miliari à terra abesse viderem, de alia mihi navi prospicere coactus sum, egi igitur cum nauclero alio, cui idem quod priori precium erat numerandum.</p> <p>Solvimus autem paulo post cum 24 navibus, & primis quidem tribus diebus secundum experti sumus ventum, sed postea tantae in mari tempestates ortae sunt, ut iter nostrum absolvere nō possemus, mansimus tamen summo cum periculo 5 diebus in mari, ventum meliorem expectantes, sed tandem tamen ventis ita urgentibus ad eundem, ex quo solveramus locum, reversi sumus.</p>	<p>antes que ele partisse, anunciaria isso a mim e sem mim não partiria.</p> <p>Mas, nessa noite, aquele capitão do navio bebeu além do limite e, tendo me deixado nas minhas acomodações (o que de fato foi feito pelo bom destino), na segunda hora antes do nascer do sol, tendo zarpado o navio, partiu. Assim quando vi no dia seguinte que o navio estava afastado da terra já uma milha inteira fui forçado a prover-me de outro navio, eu tratei com outro piloto ao qual deveria pagar o mesmo que o primeiro.</p> <p>Partimos, no entanto, pouco depois, com 24 navios e certamente nos primeiros três dias vento favorável, mas depois surgiram tantas tempestades no mar que não pudemos concluir o nosso caminho, ficamos no entanto com o máximo perigo por 5 dias no mar esperando um vento melhor. Mas, finalmente, no entanto, voltamos para o mesmo local que tínhamos partido com ventos assim empurrando.</p>
	<p>Cap. XXXIII – Solent hoc tempore nautę, Archithalassum quędam constituere, quem lingua Hispanica ALMIRANDA vocant. Hic imperium in omnes naves habet, omnes item naucleri & nautae ipsi, juramento ad praestandum obedientiam sese obligant, & sanctę promittunt,</p>	<p>Os marinheiros costumam, neste momento, instituir um certo Chefe do Mar, o qual chamam na língua espanhola ALMIRANDA. Este tem comando sobre todos os navios, todos indistantemente, os próprios capitães e marinheiros, se unem a ele por um juramento para prestar obediência e</p>

¹³¹ A expressão *plus justo* significa além da conta, além do limite.

<p>Entre os barcos que regressaram, ficou por último o de Enrique Schetz quem, como eu disse, tinha me esquecido e levava toda minha roupa. Quando nos aproximamos a uma légua de Cádiz, anoiteceu e o comandante geral da frota mandou colocar os faróis, para que as outras naves pudessem segui-lo. Quando chegamos a Cádiz, e ancoradas as naves, o comandante geral mandou guardar os faróis. Enquanto isso foi feita uma grande fogueira na praia, a qual, a pesar da boa intenção, resultou em um grande prejuízo para Enrique Schetz e sua nave. O fogo tinha sido feito perto de um moinho a um tiro de arcabuz de distância de Cádiz. O dito Enrique Schetz dirigiu sua nave diretamente ao fogo, acreditando que</p>	<p>quod ab invicem recedere & alter alterum deferere nolint. Nam de mandato Regiae Maiestatis, non pauciores quam viginti naves ex Hispaniain Belgiam navigare simul possunt, propter bellum, quod cum Gallorum Rege hoc tempore geritur.</p> <p>Porro & haec in mari consuetudo servatur, ut navis una ultra miliare unum ab altera non discedat, & vel sub occasum vel sub ortum solis, omnes congregentur, Archithalassumque seu ALMIRANDAM tribus vel quatuor tormenti ictibus, bis in die salutent.</p> <p>Archithalassi cõtra officium est, ut semper duas lucernas ferreas in puppi navis suae expositas habeat, quas ipsi FAROL vocãt, ut nocturno tempore reliquae naves ad lucem hanc sese dirigant, & nulla separatio navium fiat.</p> <p>Praeterea Archithalassus seu ALMIRANDA singulis noctibus, naucleris indicare solet, quem cursum petere velit, ut orta fortè tempestate aliqua, scire possint, quem cursum sive ventũ Archithalassus elegerit, atque ita ipsum sequantur.</p> <p>Cum autem cursum vertere cogemur ut supra dictum est, erat navis HENRICI SCHETZEN (in quam omnẽ meam substantiolam ego deposueram) omnium postrema, cumque adhuc uno tantum miliari a civitate KALLES abessemus exposuit propter densissimas noctis tenebras ALMIRANDA seu Archithalassus lucernas suas, ut naves reliquae ductum & cursum suum sequi possent.</p>	<p>prometem que não querem se afastar mutuamente e transportar um ao outro. Pois pela ordem da Real Majestade, podem navegar ao mesmo tempo da Espanha para a Bélgica não mais que vinte navios por causa da guerra que neste momento é travada com o rei dos franceses. Além disso, este costume é conservado no mar, que um único navio não se afasta de outro mais de uma milha e, ou no pôr ou no nascer do sol, todos são reunidos e cumprimentam Chefe do Mar ou ALMIRANDAM duas vezes ao dia com três ou quatro tiros de canhão. Em retorno, é dever do Chefe do Mar que tenha sempre expostas na popa de seu navio duas lâmpadas de ferro, as quais os mesmo chamam FAROL, para que no período noturno os navios restantes se dirijam para essa luz e nenhuma separação de navios ocorra.</p> <p>Além disso, o Chefe do Mar ou ALMIRANDA, a cada noite, costuma indicar aos pilotos qual curso quer se dirigir para que, tendo surgido alguma tempestade por acaso, possam saber qual curso ou vento o Chefe do Mar escolheu e assim segui-lo.</p> <p>Quando, no entanto, fomos forçados a voltar o curso como foi dito acima, o navio de HENRICI SCHETZEN (no qual eu tinha guardado todas as minhas posezinhas) era o último de todos e quando ainda estávamos a uma única milha da cidade de KALLES, o ALMIRANDA ou Chefe do Mar expôs as suas lanternas por causa das muito densas trevas da noite para que os navios pudessem seguir sua condução e seu curso.</p>
---	---	---

<p>eram os faróis da nave do comandante geral os que brilhavam. E quando quase chegou próximo do fogo, bateu com muita força contra as rochas que estavam debaixo d'água. Sua nave se fez em mil pedaços, e qntes que passasse um quarto de hora foi a pique com as pessoas e as mercadorias, e pareceram 22 pessoas, salvando-se somente o comandante e o piloto agarrados em um grande pedaço de madeira. Com isso se perderam 6 caixas de ouro e prata que pertenciam a Sua Cesárea Majestade, assim como muitas mercadorias, o que causou a ruína de muitos mercadores.</p> <p>Por isso dei graças a Deus Todo Poderoso que por sua clemência não permitiu que ei embarcasse nessa nave.</p> <p style="text-align: center;">CAPÍTULO 55 - Ulrico Schmidl navega outra vez de Cádiz a Antuérpia</p> <p>Depois do ocorrido estivemos por 2 dias em Cádiz, onde nos abastecemos, e no dia de Santo André voltamos a empreender viagem, rumo a</p>	<p>Et nos quidem cum ad civitatem KALLES appulissemus, emissis anchoris, naves firmavimus, & remotis lucernis in terra descendimus, ignemque ad molendinum quoddam non procul ab urbe extruximus, qui quidem exitio fuit dicto HENRICO SCHETZEN & navi eius</p> <p>Rectà enim hunc ignem HENRICUS SCHETZEN, quem lucernas esse Archithalassi putabat, sua navi petebat, cumq; nõ procul ab igne abesset, summa vi ad saxa & lapides ibi latentes allisus, navem fregit, ubi maxima exitit calamitas bonis non tantum, sed & hominibus qui in navi ista erant, omnibus miserè in aqua pereuntibus. Perierunt enim 22 personae, solo nauclero & gubernatore navis exceptis, qui trabi adhaerentes ad littus appulerunt. Submersae sunt etiam cum bonis mercatorum aliis, sex cistae, Auro & argento repletae, quae ad Maiestatem Regiam pertinebant.</p> <p>Non possum igitur Deo gratias satis magnas agere, quod & hac vice mihi adfuerit, & tam clementer prohibuerit, ne, ut constitutum quidem erat, navem istam ego ingrederer.</p> <p>Postea biduum ibi in KALLES commorati, die S.Andreae denuo solvimus Antuerpiam petaturi. Sed tãtam hoc itinere vim ventorum &</p>	<p>Quando nós aportamos na cidade de KALLES, tendo jogado as âncoras, firmamos os navios e, tendo removido as lanternas, descemos a terra. Erguemos uma fogueira num certo moinho não longe da cidade, o que certamente foi fatal para o dito HENRICO SCHETZEN e o navio dele.</p> <p>De fato, HENRICUS SCHETZEN se dirigia direto para o fogo com sua nave, ele julgava que eram as lanternas do Mestre do Mar, e quando não estava longe do fogo, com a maior força contra as rochas então despedaçou o navio nas pedras escondidas, onde houve a maior calamidade nem tanto de bens, mas de pessoas que estavam neste navio, tendo todos perecido miseravelmente neste navio. Seguramente morreram 22 pessoas, somente o piloto do navio e o comandante, que agarrando-se a uma viga, chegaram à praia. Afundaram também com outros bem dos mercadores e seis cestas cheias de ouro e prata, que pertenciam à Majestade Real.</p> <p>Então eu não posso dar tão grande graças a Deus que me conduziu e estava presente comigo neste momento e tão misericordiosamente proibiu que eu entrasse neste navio.</p> <p>Depois de permanecer dois dias ali em KALLES, partimos de novo em direção a Antuerpiam, no dia de Santo André. Mas experimentamos tanta força</p>
---	--	--

<p>Antuérpia. Nesta viagem tivemos também grandes tempestades e tormentas terríveis, que os marinheiros disseram e juraram que em 20 anos que estavam navegando não haviam visto tempestade tão horrível, nem ouvido que tivesse durado tanto.</p> <p>Quando chegamos à Inglaterra, a um porto chamado Wight, não restava em toda nossa nave nem cabos, nem mastro, nem a menor coisa. E se esta viagem tivesse durado uns dias a mais, nem um só barco dos 24 teria se salvado. Mas Deus Todo Poderoso nos concedeu a graça de nos livrar de tamanha desventura que estivemos a ponto de sofrer.</p> <p>Depois de tudo isso, no dia de Ano Novo de 1554, se perderam miseravelmente 8 barcos com todas as pessoas e as mercadorias, sem que se pudesse salvar um só homem. E este calamitoso naufrágio aconteceu entre a França e a Inglaterra.</p> <p>Assim ficamos 4 dias no porto de Wight, na Inglaterra, e depois de abastecidos o melhor que podíamos, zarpamos para Brabante e chegamos a Arnemuiden, que é uma cidade na Zelândia onde costumam se abastecer as grandes naves. Desta cidade, que está a 47 léguas de Wight, fomos outras 24 léguas a Antuérpia, aonde chegamos felizmente no dia 26 de janeiro de 1554.</p> <p style="text-align: center;">EPÍLOGO</p>	<p>tempestatem sumus experti, ut nautae omnes affirmarent, se viginti annis similem tempestatem non esse expertos.</p> <p>Cum igitur in Anglia ad portum quendam venissemus, qui vocatur VVYDT, neque vellum amplius nec restem, nec mallum, nec quicquam aliud in navibus nostris habebamus, ita ut si diutius in mari manēdum nobis fuisset, proculdubio naves omnes periissent, nisi Deus mirabiliter eas seruāsset.</p> <p>Nam & Calend. Ianuarij anno 1554, octo naves submersae sunt, omnibus & bonis & hominibus miserè extinctis, ita ut ne unus quidem evaserit, quorum animis Deus propitius esse velit. Accidit haec calamitas in itinere, cum Gallia superata, Angliam peteremus.</p> <p>In hoc autem portu Angliae VVYDT, ut dixi, commorati sumus quatridduum, & inde BRABANTVM solvimus, venientes die quarto ARMVIAM quae civitas est SELANDIAE, ubi naves appellere solent. Distat haec civitas à portu VVYDT 74 miliaribus. Hinc ANTVERPIAM rectà petivimus, quae aberat adhuc 24 miliaribus.</p>	<p>do vento e tempestade que todos os marinheiros afirmaram que em dois anos não tinham experimentado tempestade desta forma.</p> <p>Quando então chegamos a um certo porto, na Inglaterra, que se chamava VVYDT, e nem vela mais larga, nem [restem], nem mastro e nem qualquer outra coisa tínhamos em nossos navios, de modo que se nós tivéssemos permanecido por mais tempo no mar, sem dúvida, todos os navios teriam perecido, exceto que Deus por milagre as protegeu.</p> <p>Nas calendas de janeiro, no ano de 1554, oito navios afundaram, tendo destruído todos os bens e pessoas miseravelmente de modo que nem um único escapou, que Deus queira ser favorável com as almas. Aconteceu esta calamidade no caminho quando, tendo passado a França, nos dirigíamos à Inglaterra.</p> <p>No entanto, neste porto da Inglaterra, permanecemos por quatro dias. Dali partimos para BRABANTV, chegando no quarto dia a ARMVIAM, que é uma cidade da SELANDIAE, onde os navios costumam aportar. Desta cidade ao porto VVYDT são 74 milhas. Dali nos dirigimos direto a ANTVERPIAM, que estava distante dali 24 milhas.</p>
--	---	--

<p>Assim, depois de 20 anos, voltei, pela singular providencia de Deus Todo Poderoso, ao lugar de donde havia saído. Mas nesse tempo que andei entre as nações de índios, sofri e padeci não poucos perigos para o corpo e a vida, muita fome, miséria, aflições e angustias, como contém esta narrativa histórica. Louvado seja Deus todo Poderoso, que me ajudou a voltar felizmente ao lugar de onde havia saído 20 anos atrás.</p>	<p>Tandem igitur ANTVERPIAM salvi pervenimus 26 Ianuarij, anno 1554. Deo omnipotenti sit laus & gloria, qui comes mihi in hoc itinere semper adfuit, & ex maximis saepe periculis, me clementissimè eripuit.</p> <p style="text-align: center;">FINIS ITINERIS VLRICI FABRI</p>	<p>Finalmente, então, chegamos salvos a ANTVERPIAM, em 26 de janeiro, no ano 1554. A Deus todo poderoso seja o louvor e glória, que companheiro a mim, neste caminho, sempre foi e com muita clemência me resgatou dos máximos perigos.</p> <p style="text-align: center;">Fim da viagem de Ulrico Fabri (Schmidl)</p>
--	---	--

CAPÍTULO II

Até parece ser ficção...

Um soldado bávaro passou anos em uma expedição na América do Sul e, ao regressar à Europa, relatou suas impressões sobre essa terra e contou os principais acontecimentos por ele vividos no período. Essa poderia ser uma boa temática para uma narrativa de ficção. É, no entanto, o que relata Schmidl.

Ulrich Schmidl¹³³ teria sido um soldado bávaro alemão, natural de Straubing, que integrou a frota comandada pelo *adelantado* Pedro de Mendoza, e que permaneceu no sul da América por 18 anos (1535? - 1553). Os períodos anteriores e posteriores a sua passagem pela América são pouco documentados e os escassos indícios são conflitantes.

Alguns historiadores defendem que *Utz*¹³⁴, como é chamado por alguns pesquisadores argentinos, partiu para o Novo Mundo como agente dos banqueiros alemães e que sua obra teria sido escrita com a finalidade de informá-los sobre a situação econômica da região, embora isso nunca tenha sido confirmado. Sabe-se, no entanto, que o alemão se alistou voluntariamente como soldado, partindo de Cádiz para integrar uma das embarcações que compunham a frota de Pedro de Mendoza.

Durante os anos em que ficou na América, chegou a exercer o cargo de sargento-arcabuzeiro e alguns postos de confiança. Entretanto, na maior parte do tempo, foi soldado “lansquenete¹³⁵”. Ao retornar à Europa, teria renunciado ao catolicismo e adotado os princípios

¹³³ O nome do cronista causa conflitos, por vezes sendo usado como Schmiedel, Schmidt, Schmidl, Schnirdel e até Fabro, este último usado no texto em latim. Vale lembrar que *Schmied*, a raiz do sobrenome do autor, significa *ferreiro* em alemão e ao traduzir o nome para o latim torna-se Ulrico Faber, uma vez que Faber, em latim *faber, fabri*, é o *artista, artífice, carpinteiro, marceneiro, oficial que trabalha em metais*. (Saraiva, s/d)

¹³⁴ “Segundo uma assinatura encontrada no arquivo de Assunção, datando do ano de 1549, pesquisadores argentinos adotaram a forma de leitura: *Utz Schmidl*. Um seu contemporâneo, Juan de Salazar, abreviou o prenome para *Uz*, acrescentando o termo “alemão” no lugar no sobrenome” (KLOSTER & SOMMER, 1942, p.13).

¹³⁵ Segundo Freire (*apud* KALIL, 2008, p.32), essa expressão (derivada do alemão *Lands-Knetch*) era utilizada para denominar os soldados mercenários alemães que serviam à infantaria dos exércitos de diversas regiões europeias.

da Reforma Protestante, iniciada por Martin Lutero em 1517. Por isso, teria sido forçado a abandonar sua cidade natal e se estabelecer em Regensburg.

O relato se inicia com a partida da expedição, que passou por regiões pertencentes à Coroa Portuguesa, e chegou à foz do rio da Prata em fevereiro de 1536. No decorrer da obra, o autor descreveu os principais momentos do início da presença europeia na região sul da América do Sul, em muitos dos quais esteve presente¹³⁶. Narra os percalços pelos quais passaram os europeus até chegar à região do Prata, o contato conflituoso com os indígenas e descreve a fundação dos primeiros povoamentos espanhóis na região sul do Novo Continente. Esses povoamentos, anos mais tarde, integrariam países como Argentina, Paraguai e Brasil.

O autor apontou a busca por metais preciosos, sobretudo ouro, como sendo o principal objetivo dos europeus, além da expansão da fé católica e o fortalecimento de posições estratégicas como forma de tentar evitar a presença de navios de outras nacionalidades.

Schmidl narra desde episódios considerados míticos, como a busca pelo reino das Amazonas até episódios históricos e políticos, como a chegada do *adelantado* Pedro de Mendonza à região, seus feitos e os principais conflitos do período em que a região esteve sob seu comando; conta sobre a expedição comandada por Gonzalo de Mendoza a terras brasileiras em busca de alimentos e sobre a expedição comandada por Juan de Ayolas para o interior do continente a procura da *Sierra de La Plata*, e descreve ainda os conflitos e a disputa entre Domingo Martínez de Irala e o *adelantado* Alvar Núñez Cabeza de Vaca pelo comando da região. Conta também sobre a fundação das cidades de Assunção e Buenos Aires, bem como os percalços pelos quais passou esta última no conflito entre Irala e Cabeza de Vaca.

¹³⁶ Há de se ressaltar que, historicamente, os critérios que conferiam veracidade a um texto, no século XVI, são diversos dos adotados hoje. Sendo assim, os autores desse período não trabalhavam com uma noção de verdade factual. Já sob a luz da Retórica, o melhor seria pensar em verossimilhança por se trata de um texto de caráter literário.

Segundo Kalil (2008, p.152 – 153), em meados do século XIX, os países da América do Sul, sobretudo a Argentina, passaram a buscar elementos que auxiliassem na construção da legitimidade nacional, e, por isso, relatos coloniais, como a *Viaje al Río de la Plata*¹³⁷ e outros documentos do período ganharam relevo e notoriedade histórica, embora muito ainda se discuta sobre sua confiabilidade. No caso da crônica de Schmidl, em especial, as desconfianças aumentam sobremaneira devido ao grande número de edições do documento, inclusive em vários períodos e idiomas distintos.

O relato do soldado bávaro serve ainda como fonte para o estudo da relação estabelecida entre os europeus e os indígenas, mostrando o choque cultural existente, a imagem construída do indígena pelo colonizador naquele momento e a tentativa de catequização do Novo Mundo.

Já sobre Schmidl, no entanto, pouco se sabe de sua vida e de seus feitos, exceto sobre o período narrado por ele em que esteve na América. Ignora-se, inclusive, o ano de sua morte.

Kloster & Sommer (1942, p.18) dão a informação de que

Schmidl, sendo luterano, foi obrigado, no ano de 1562, a abandonar Straubing, transportando-se para a cidade livre de Ratisbona. Ali adquiriu ele casa própria e, gozando de grande consideração de seus concidadãos, desfrutou ainda vários anos de tranquilidade, repousando ali das lutas de sua vida. Ignora-se o ano de seu falecimento, e, com ele se extinguiu essa tradicional família da cidade de Straubing, a que ele pertencia.

Fato é que Ulrico Schmidl é considerado por alguns historiadores, inclusive pelo seu principal biógrafo, o general argentino Bartolomé Mitre, o primeiro historiador do Rio de Prata e seu Relato de Viagem tem sido traduzido, publicado e republicado amplamente, como um testemunho da colonização espanhola na América do Sul.

¹³⁷ Título pelo qual o Relato de Schmidl foi traduzido na Argentina e é amplamente conhecido.

Contexto de escrita do Relato de Schmidl

Para compreender a narrativa de Schmidl e os motivos que o levaram a esta escrita, é preciso antes conhecer um pouco como os espanhóis chegaram à América.

Antes desconhecida, a América é incorporada ao contexto histórico europeu na fase das Grandes Navegações, ocorridas no início da chamada Idade Moderna. Como é conhecido de todos, Espanha e Portugal foram os protagonistas no movimento das Grandes Navegações, sendo Portugal o pioneiro. Este país, no qual se formara uma estreita aliança entre o Estado e os grupos mercantis, tirava riquezas do mar, especialmente o sal e o pescado, foi compelido a se expandir, premido entre a Espanha e o oceano, optando por este último. Foram muitas as “descobertas” e, ao fincar o pé na África, os portugueses trataram de buscar escravos para as plantações de cana das ilhas atlânticas.

Em 1498, utilizando a rota descoberta por Bartolomeu Dias, Vasco da Gama chegou às Índias e assim revelou como atingir diretamente os entrepostos do Oriente. A tomada de posse do litoral brasileiro, dois anos depois, veio a ser o corolário da ambição lusitana de assegurar o controle da rota atlântica para a Ásia (LOPEZ, 1989, p. 14-15).

Já no caso da Espanha o grande complicador era a permanente rivalidade dos dois mais importantes reinos cristãos – Aragão e Castela. Nem mesmo o famoso casamento, ocorrido em 1469, de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, os chamados Reis Católicos, conseguiu transformar a Espanha absolutista num Estado completamente centralizado. De qualquer forma, depois da expulsão dos mulçumanos, em 1492, o novo Estado espanhol formado por Aragão e Castela se caracterizou por um absolutismo.

Neste cenário, em 1492, Cristóvão Colombo partiu do porto de Palos, na Espanha, para uma expedição que, tomando o rumo do Ocidente, pretendia atingir as Índias. Giucci narra a descoberta de Colombo com alguns detalhes.

Na noite de 11 de outubro de 1492 Colombo percebeu no horizonte uma luz que considerou sinal de terra. Horas mais tarde Rodrigo de Triana (...), marinheiro da Pinta, divisou a mesma luz e anunciou o “descobrimento” de terra com um tiro de

canhão. Ao amanhecer do dia 12 de outubro, (foi) data em que os tripulantes das caravelas espanholas avistaram pela primeira vez as terras da futura América (...), tudo indica ao genovês que ele aportara a uma ilha asiática (GIUCCI, 1992, p.102).

Colombo fez ainda outras três viagens à América, também com a mesma esperança que o motivara à primeira, de que, como seu ídolo, Marco Polo, pudesse encontrar o Grande Khan da China e suas terras orientais, apresentadas ao Ocidente “como um cofre de riquezas à espera do golpe certo dos comerciantes e aventureiros” (GIUCCI, 1992, p.112). Porém, sabe-se que jamais ele teria esse encontro.

Diante desse cenário, a Coroa Espanhola, na tentativa de que a tomada de posse do Novo Mundo não implicasse em ônus para o governo, delegou esse serviço à iniciativa privada. Sendo assim, todos aqueles que estivessem interessados na empreitada da “colonização” poderiam assinar contrato com a monarquia.

Nasceram as capitulações e o primeiro contrato do gênero foi o das Capitulações de Santa Fé, feitas entre Colombo e a Coroa. Foram elas que possibilitaram a descoberta da América, embora, ao ceder direitos a Colombo, a monarquia espanhola não imaginara a extensão dos interesses em jogo. Por isso, a falta de recursos do navegador e as ambições da Coroa terminaram por afastar o genovês, que, em 1506, morreria pobre e esquecido.

As próximas capitulações firmadas mostraram que a Coroa aprendera com a experiência de Colombo: os novos contratos deixavam claro seu caráter temporário. Desta forma, teve início uma nova fase da conquista, na qual aventureiros investidos com o título de *adelantado* devassaram o continente americano com o máximo de avidez, permitida por sua enorme liberdade de ação (LOPEZ, 1989, p. 20).

Segundo Kalil (2008, p. 28), há opiniões divergentes relativas ao que seria um *adelantamiento*, por isso o autor confronta o que dizem alguns historiadores sobre o assunto. Para o historiador Medardo Chávez, tratar-se-ia de uma expedição que visava fundar “*pueblos y comarcas, fuera de la búsqueda del oro y la plata*”. Já Lafuente Machain, ainda segundo Kalil

(2008), apontaria o inverso, dizendo que o principal interesse seria a obtenção de metais preciosos, o que refletiria na própria composição da armada. Contudo, Serge Gruzinski e Carmen Bernand (*apud* KALIL, 2008) defenderiam que o título de *adelantado* no Novo Mundo estaria mais relacionado com a conquista de um território ainda pouco explorado e disputado por diversos reinos europeus, sendo, por isso, concedido a comandantes como Cristóvão Colombo e Pedro de Mendoza.

Sendo assim, depois de várias expedições ao sul do continente americano e da “construção” da certeza de se encontrar ouro e metais preciosos nessa região, a Coroa Espanhola decidiu organizar uma expedição maior comandada por um *adelantado*. Segundo Kalil, muitos foram os candidatos, como, por exemplo, Pedro Fernández de Lugo, Sebastián Caboto e Diego García, entretanto, o escolhido foi Pedro de Mendoza.

Pajem de Carlos V e, provavelmente, participante do saque de Roma, Mendoza obteve, em 1534, uma capitulação outorgada pelo rei que lhe concedia um amplo território, que ia do *Rio de La Plata* até o *Mar del Sur*. (...) Mendoza foi também autorizado a levar 200 escravos além de médicos, boticários e, principalmente, religiosos (KALIL, 2008, p. 29).

O *adelantado* partiu da Espanha em setembro de 1535, chegando ao seu destino em fevereiro de 1536. Era um momento de laços estreitos entre Espanha e Alemanha, uma vez que Carlos I, da Espanha, foi coroado como Carlos V, na Alemanha. Esse vínculo possibilitou que, entre os navios que compunham a expedição se encontrasse um de propriedade de Sebastián Neithart e Jacobo Welser (banqueiros de Nüremberg), tripulado por cerca de 150 alemães, austríacos e holandeses, comandados por Heirich Paime. Partia para o Novo Mundo, também nesse navio, o soldado bávaro Ulrich Schmidl.

Aliás, o próprio Schmidl registra essa informação em seu relato

Ad dictam hanc civitatem CALLIS quatuordecim ingentes naves omnib. rebus necessariis instructae & probe munitae convenerant, RIO DELLA PLATA Indiae petiturae. Aderant simul ibi 2500 Hispani, & 150 Germani, ex superiori, partim & inferior Germania, partim ex Saxonia oriundi. Et supremus nostrū omnium praefectus PETRUS MANCHOSSA vocabatur.
Ex quatuordecim hisce navibus, una Domini SEBASTIANI NEIDHARD, & IACOBI WELSERI Norinbergensis erat, qui procuratorē suum HENRICUM PAEIME propter

*mercaturam RIO DELLA PLATA Indiae miserant. His ego me una cum aliis, superioris & inferioris Germanie 80 fermè, armatis adiunges, RIO DELLA PLATA profecti sumus*¹³⁸.

Após uma breve passagem por terras da Coroa Portuguesa (Brasil), ao chegar com sua expedição à foz do Prata, Mendoza fundou o *Puerto de Nuestra Señora Santa Maria del Buen Aire*. Esta fundação, após sofrer com os ataques de grupos indígenas e com a escassez de alimentos, acabou abandonada só sendo retomada décadas mais tarde.

Embora com saúde debilitada, Mendonza foi um *adelantado* ativo. Enviou expedições em várias direções e com diferentes objetivos, entre elas, a de Gonzalo de Mendoza, que partiu em direção às terras do Brasil em busca de alimentos, e a de Juan de Ayolas, que foi para o interior do continente a procura da *Sierra de la Plata*. Também fundou os fortes de *Corpus Christi* e o de *Nuestra Señora de la Buena Esperanza*. No entanto, com a piora de seu estado de saúde, o *adelantado* decidiu retornar à Europa. Embarcou na nau La Magdalena, em abril de 1537, mas não resistiu e acabou falecendo em alto mar.

Segundo KALIL (2008, p. 33-34)

Mendoza deixou instruções sobre como a expedição deveria prosseguir: mandou um grupo de espanhóis para encontrar e ajudar Ayolas (escolhido por ele como o próximo governante do Prata), aconselhou seu sucessor a fazer amizade com Almagro e Pizarro e pediu que os metais preciosos fossem enviados para ele à Espanha assim que encontrados, para que pudessem, de alguma forma, diminuir os prejuízos que teve na América.

Ou seja, a certeza da existência de riquezas permanecia inalterada e seu encontro continuava sendo considerado apenas uma questão de tempo.

¹³⁸ Nesta dita cidade de CALLIS reuniram-se 14 imensos navios construídos e munidos de todas as coisas necessárias para se dirigir ao Rio da Prata nas Índias. Estavam lá juntos 2500 hispanos e 150 germanos, em parte oriundos da Germania Superior e Inferior, e em parte oriundos da Saxonia. E o supremo chefe dentre nós todos se chamava PETRUS MANCHOSSA.

Destes 14 navios, um era dos senhores SEBASTIANI NEIDHARD, & IACOBI WELSERI Norinbergensis, os quais enviaram, ao Rio da Prata, nas Índias, seu procurador HENRICUM PAEIME por causa de negócios. Com eles, eu, tendo-me incluído em outros aproximadamente 80 soldados da baixa e alta Germânia, partimos para o Rio da Prata (tradução nossa).

Já o paradeiro de Ayolas permaneceu desconhecido por um longo período. Sendo assim, Domingos Martínez Irala, encarregado de esperar em um local combinado até o regresso do futuro governante, decidiu retornar a Assunção. É o próprio Schmidl quem narra que, segundo informações obtidas através de alguns indígenas sobreviventes, a expedição de Ayolas, durante sua viagem de volta para o litoral, não encontrou o reforço dos homens de Irala e todos acabaram sendo atacados e mortos pelos nativos.

Caeterum NAPERII & PEIEMBAS, consilio inito concluderant, Ducem nostrū IOHANNEM EIIOLLAS cum suis interficere, quod etiam fecerunt, cum enim Dux noster IOHANNES EIIOLLAS unà cum suis à NAPERIIS ad PEIEMBAS proficisci vellet, & mediū iam iter confecisset praeter expectationem in sylva, per quam Christianis eundum erat, à NAPERIIS & PEIEMBAS canum instar furentibus, oppressus, & cum omnibus quos secum adhuc habebat Christianis, miserè trucidatus est, ita ut ne unus quidē effugerit, quorum animis Deus propitius esse velit¹³⁹.

Após a morte de Mendonza e do sucessor por ele indicado foi necessário escolher outro comandante e, segundo Kalil (2008, p.34), até hoje se trata de um assunto conflitante para a historiografia.

O abandono da expedição de Ayolas e a eleição para o novo governador são dois acontecimentos muito discutidos pela historiografia que aborda a região do Prata no início da colonização, sendo usados por alguns como argumento tanto para atacar o governo de Irala, quanto para defendê-lo, mas sempre contrapondo-o ao período em que a região foi comandada por Alvar Núñez Cabeza de Vaca.

Durante seu primeiro período como governante, Irala tomou atitudes polêmicas, como a despovoação de Buenos Aires, em 1540, efetuada contra a vontade dos moradores, e a concentração do poder na cidade de Assunção, fundada três anos antes por Juan de Salazar.

¹³⁹ Quanto aos demais NAPERII e PEIEMBAS, tendo deliberado tinham concluído matar nosso comandante IOHANNEM EIIOLLAS com os seus, o que assim fizeram quando, com efeito, nosso comandante IOHANNEM EIIOLLAS, junto com os seus, quis partir dos NAPERIIS aos PEIEMBAS, e já tinha atravessado metade do caminho, além da expectativa na floresta pela qual os cristãos deveriam passar, (o comandante) foi encurralado e miseravelmente trucidado com todos os cristãos, que tinha junto consigo, pelos NAPERIIS e PEIEMBAS, furiosos como cães, de modo que nenhum fugisse, na verdade, que Deus queira ser favorável com as almas (tradução nossa).

Para alguns autores, o fato de Assunção ficar mais próxima de *Sierra de La Plata* foi elemento decisivo para a decisão sobre a transferência da “sede” da expedição.

No entanto, Irala foi surpreendido pela notícia da organização de uma nova expedição, já que depois da morte de Pedro de Mendoza, das incertezas quanto ao destino de Juan de Ayolas e de dois anos sem receber notícias da região do Prata, a Coroa Espanhola decidiu organizar uma nova expedição para a região, a qual deveria ser comandada por Cabeza de Vaca. Ao mesmo tempo, as histórias sobre a riqueza da região do Prata continuavam circulando pela Espanha e alguns homens continuavam a pedir autorização para partirem em direção a essa região. Entre eles estava Alvar Núñez Cabeza de Vaca, um dos quatro sobreviventes da trágica expedição comandada por Pánfilo de Narváez rumo à atual região da Flórida.

Kalil explica que (2008, p.36)

Cabeza de Vaca desembarcou no Novo Mundo na ilha de Santa Catarina e decidiu dividir seus homens em dois grupos, um que continuaria navegando, e outro, do qual fazia parte, que seguiria para o Prata por terra. Chegou a Asunción no início de março de 1542, trazendo consigo uma carta de Carlos V, que o colocava no comando da expedição caso a morte de Ayolas fosse confirmada.

Após tomar posse como o segundo *adelantado*, Cabeza de Vaca tentou repovoar Buenos Aires, sem sucesso. Organizou várias expedições ao interior do continente, em busca das riquezas da região do Prata, entre elas, podemos citar a que foi comandada por Hernando Ribera. Essa expedição, na qual esteve presente Schmidl, foi marcante para os rumos da região, tanto pelos seus objetivos, quanto pelos confrontos ocorridos durante seu retorno a Assunção. Nesta expedição, os europeus tomaram conhecimento das Amazonas, grupo de índias guerreiras, às quais *Utz* faz referências.

Foeminae AMAZONES, unam tantum habent mamillam, viros suos ter vel quater in anno ad se admittunt, atque ubi gravidae infantem masculum pariunt, eum post partum viro vel patri transmittunt.

Foemellam vero si enitantur, eam apud se retinēt, & dextram ei mamillā exurunt, ita ut renasci amplius non possit, cuius rei causam habent ut capiendis armis & arcubus aptiores siant, bellatrices enim foeminae sunt & maximaadversus hostes suos bella gerunt.

Foeminae hae in Insula habitant satis magna, & aqua undiquaque cincta, ad quam non nisi istis CANAEN navibus, accedi potest. Atqui in hac insula AMAZONES aurum & argentum non habent, sed in TERRA FIRMA, quae régio est ubi viri habitant,

máximas habent divitias. Natio est ingens & populosa, & Regem habent nomine IEGNIS¹⁴⁰.

Tanto a busca pelo reino das Amazonas quanto o tema do Príncipe Dourado/Eldorado, inseparáveis segundo Sérgio Burque de Holanda, são exemplos da crença na existência de riqueza no interior do continente (HOLANDA, 1969, 28-38).

Apesar de não terem encontrado as Amazonas e suas riquezas, o soldado bávaro afirma que a viagem foi lucrativa para os europeus, sobretudo pelo comércio clandestino. Mas devido a esse comércio, ao encontrarem com Cabeza de Vaca, foram informados de que deveriam permanecer dentro do barco. O *adelantado* ameaçou enforcar Ribera e apreender todos os objetos comprados dos índios. Ao saberem disso, os soldados da expedição se rebelaram. Esta passagem indica claramente a tensão que havia entre Cabeza de Vaca e a maioria dos europeus por ele governados.

Após a expedição frustrada ao interior do continente, Cabeza de Vaca retornou enfermo para Assunção. Aproveitando-se dessa situação, os soldados e os oficiais reais, que desde o início se opunham ao seu governo, invadiram sua residência e o prenderam. Apesar de tentar não se mostrar como líder dos revoltosos, Irala logo foi escolhido como o novo governante. O antigo governador permaneceu encarcerado por mais de um ano, mesmo com algumas tentativas de libertação por parte daqueles poucos que lhe eram leais. Após esse período, foi

¹⁴⁰ As mulheres AMAZONES têm apenas uma única mama, elas recebem seus homens três ou quatro vezes ao ano e quando as grávidas dão à luz uma criança do sexo masculino, elas enviam-no depois do parto para o homem ou pai. Se, na verdade, dão à luz uma menina, mantem-na junto de si e queimam a mama direita da menina para que não possa renascer maior, elas tem por motivo disso para que se tornem mais aptas para segurar as armas e os arcos, pois são mulheres guerreiras e fazem muito grandes guerras contra seus inimigos. Estas mulheres vivem numa ilha bastante grande e rodeada por água por todos os lados, a qual apenas pode-se chegar com esses navios CANAEN. Mas nesta ilha as AMAZONES não tem ouro e prata, porém em TERRA FIRMA, que é a região onde viviam os homens, tem as maiores riquezas. A nação é grande e populosa e tem um rei de nome IEGNIS. (tradução nossa)

enviado à Espanha, julgado e condenado¹⁴¹. Schmidl demonstra, ao longo de seu relato, não ser simpatizante de Cabeza de Vaca e narra como foi o fim do comandante nesta expedição.

Noster vero hic Dux neminem audiebat, & nullo personarum vel respectu vel delectu habito, in omnibus superbie & fastui suo satisfieri cupiebat. Communi igitur consilio tandem ab omnibus tam nobiles quam ignobilibus, decretum est, ut Dux iste ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA, captivus ad Maiestatē Regiam transmitteretur, & Maiestas Regia edoceret de virtutibus, quibus instructus, populo prae fuerit hactenus, & de fortibus ipsius factis, praeclarisque facinoribus hactenus in India praestitis¹⁴².

Após a prisão e expulsão de Cabeza de Vaca, a Coroa espanhola decidiu enviar uma nova expedição à região. O escolhido foi Jaime Rasquín, um dos homens que trouxeram o segundo *adelantado* preso de volta à Europa. Organizada às pressas e com poucos recursos, a expedição, logo depois de partir, foi obrigada a retornar devido aos estragos causados por um temporal. Apesar de querer tentar novamente, Rasquín perdeu a autorização para Juan de Sanabria. Alguns historiadores, como Julian Maria Rubio (*apud* KALIL, 2008, p.45), afirmam que a expedição de Sanabria tinha um caráter muito mais colonizador do que as expedições anteriores.

O rei apressou a partida da expedição por ter informações de que os portugueses também se organizavam para explorar o Prata. Mas os preparativos foram interrompidos com a morte de Sanabria e a autorização acabou sendo transferida para seu filho Diego, que partiu em abril de 1550. A expedição de Diego Sanabria enfrentou diversas dificuldades durante a travessia do Atlântico e acabou se desviando de sua trajetória inicial. Foi devido a essas mudanças que Diego acabou percorrendo várias partes da América, embora nunca tenha conseguido alcançar a região

¹⁴¹ O conturbado governo de Cabeza de Vaca e sua subsequente prisão e expulsão do Novo Mundo formam um dos assuntos mais abordados pelos autores do período, segundo Kalil (2008, p. 41), e também será abordado no relato de Schmidl.

¹⁴² Na verdade, este nosso comandante não ouvia ninguém, e não tendo nenhum respeito ou escolha das pessoas, ele desejava ser satisfeito em todas as coisas por seu orgulho e soberba. Portanto, foi decretado por assembleia comum enfim, por todos tão por nobre quanto por não nobres, que este comandante ALBERNVNZO CAYESCA de BACHA seria transportado cativo a Majestade Real, e a Majestade Real seria informada sobre as virtudes, das quais equipado esteve encarregado do povo e sobre seus bravos feitos e seus famosos atos expostos na Índia. (tradução nossa)

do Prata (KALIL, 2008, p. 46). Vale lembrar que entre os tripulantes dessa viagem de Sanabria, em 1550, estava Hans Staden em sua segunda viagem ao Novo Mundo.

Apesar das disputas, Irala decidiu realizar uma expedição ao interior do continente em busca das reservas de ouro indicadas pelos índios. Partiu em direção ao Peru, mas ao chegar lá seus homens não conseguiram ter acesso às minas e retornaram à região do Prata. Mesmo assim, a crença na existência de grandes reservas de metais continuou a existir. Essa foi, no entanto, a última expedição de que Schmidl participou, pois, ao retornar a Assunção, recebeu uma carta de seu irmão pedindo para que voltasse à terra natal. Tomás Schmidl era senhor do castelo de Alzburg e estava doente, por isso solicitava o retorno do irmão Ulrico.

O próprio cronista narra que Irala a princípio se negou a autorizar sua viagem, mas depois de considerar sua lealdade, autorizou. Além da autorização, o comandante ordenou que Schmidl levasse uma carta para a Coroa Espanhola com informações sobre a situação do Prata.

Interea temporis perlate sunt ad me literae ex SIEVILLA Hispanie à procuratore FVGGERORVM qui vocatur CHRISTOPHORVS REYSER, quarum summa haec erat; praescriptum esse ad dictum CHRISTOPHORVM REYSER per SEBASTIANVM NEIDHARDT, de mādato & voluntate THOMAE SCHMIDLIN fratris mei piae memoriae, de me ex istis regionibus in patriam revocādo, seitaq; CHRISTOPHORVM REYSER me rogare, ut huic voluntati & monitis locū darem. Has literas ex procuratione dicti CHRISTOPHORI accepi, anno 1552, die 25 Iulij, qui erat dies festus Iacobi.

His literis perlectis, dimissionem à Duce nostro MARTINO DOMINGO EIIOLLA petij, qui primo id quidem recusabat, sed tandem tamen, cum consideraret quod tanto tempore Regiē Maiestati, in istis Regionibus fidelissimè serviendo, pro Duce MARTINO EIIOLLA capitis saepe numero periculis memet exposuissem, & in nullis ei periculis desvissem, hoc inquam cum consideraret, placidè me dimittebat, datis mihi simul literis ad Regiam Maiestatem exaratis, quibus de omnibus scitu dignis, & de statu terrae sive regionis RIO DELLA PLATA, erat perscriptum. Hasce literas postmodum consiliariis Regiis in SIEVILLA Hispaniae obtuli, & multa coram de ista regione cum ipsis collocutus sum¹⁴³.

¹⁴³ Enquanto isso foi entregue a mim uma carta de SIEVILLA na Espanha pelo encarregado dos FVGGERORVM que é chamado CHRISTOPHORVS REYSER, cujo assunto era: estava escrito no cabeçalho por SEBASTIANVM NEIDHARDT ao dito CHRISTOPHORVM REYSER, por de ordem e vontade de THOMAE SCHMIDLIN, meu irmão, que Deus o tenha, chamado-me de volta destas regiões para a pátria. Desta forma, CHRISTOPHORVM REYSER me pedia para que eu desse lugar (aceitasse) a esta vontade e conselho. Recebi esta carta de responsabilidade do próprio CHRISTOPHORI no ano 1552, no dia 25 de julho, que era o dia santo de São Thiago. Entregue esta carta, pedi a demissão ao nosso comandante MARTINO DOMINGO EIIOLLA, que primeiramente, na verdade, recusou isso, mas, enfim, entretanto, considerou por causa de tamanho tempo, que estivesse, nesta região, servindo a Real Majestade fidelissimamente, na presença do comandante MARTINO EIIOLLA, muitas vezes, expondo minha própria cabeça ao perigo e não falhei em nenhum perigo com ele. Quando considerou isso que digo, demitiu-me gentilmente, tendo dado a mim, ao mesmo tempo, uma carta lavrada para a Real Majestade, na qual estava escrito sobre todas as coisas dignas de serem sabidas e sobre o estado da terra, ou melhor, da região

Após chegarem informações à região do Prata de que havia em São Vicente uma embarcação que partiria para a Europa, Schmidl decidiu partir de Assunção levando consigo cerca de vinte índios CARIOS. Além dos indígenas, o cronista relatou que foi acompanhado por quatro desertores (dois portugueses e dois espanhóis) e seus índios.

Schmidl chegou a São Vicente em meados de junho de 1553, e partiu rumo à Europa alguns dias depois, na embarcação de Juan Von Hielst, levando consigo um grupo de indígenas que morreram assim que desembarcaram em Lisboa. O próprio Schmidl narra, nas últimas páginas de seu relato, as dificuldades que, já na Europa, ele enfrentou para retornar à sua terra natal, entre elas, conta que escapou de um naufrágio e perdeu seus pertences em uma embarcação.

Com o fim de sua viagem ao Novo Mundo, as informações sobre Schmidl diminuem drasticamente e as dúvidas sobre os últimos anos de vida do cronista estão relacionadas com sua adesão ou não ao protestantismo e se essa mudança teria ocorrido antes ou depois da escrita da obra.

Duas histórias que se confundem: manuscrito e traduções

As muitas edições de um mesmo Relato.

As páginas anteriores narram o que (supostamente) Utz vivenciou em sua viagem (1535? - 1553), ao sul do continente americano e o que ele teria registrado desta viagem.

É possível considerar, então, que esse registro é, na verdade, um gênero literário definido por Carrizo Rueda (2008, p.10 – 11) como Relato de Viagem. A discussão sobre a definição deste gênero, no entanto, deve perpassar as páginas a seguir. Afinal, trata-se de

do RIO DELLA PLATA. Mais tarde, entreguei esta carta para os conselheiros reais, em SIEVILLA, na Espanha, e juntamente com ela falei muito abertamente sobre esta região.

debater uma questão complexa e central nesta pesquisa. Mesmo assim, é preciso considerá-la já inicialmente.

Relatos de viajes se refiere a la categoría en la que se inscriben memorias que proporcionan una serie de informaciones sobre un recorrido por ciertos territorios (...), es un género de naturaleza dual e indivisible (...), puede representarse através de la que es propia de los mitos de la hibridación.

A primeira edição desse Relato de Viagem foi lançada em alemão, em 1567, e depois disso o texto foi reeditado, muitas vezes, inclusive em outras línguas, como latim e espanhol. No entanto, toda história contada e recontada várias vezes tem a tendência a ser alterada.

Segundo as lições da Crítica Textual

...um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão... a cada cópia que se faz de um texto, a constituição deste muda – seja por ato involuntário, seja por ato voluntário de quem o copia (CAMBRAIA, 2005, p.1)

Sendo assim, por tratar-se de um documento de notória relevância histórica, sem falar dos estudos linguísticos possíveis, a história de transmissão deste relato vem sendo investigada por vários pesquisadores interessados em compreendê-la.

O intuito destas páginas, portanto, não é estabelecer um *stemma* deste documento, conforme prescreve a Crítica Textual, mas contribuir para o estabelecimento de uma breve história de transmissão, sobretudo, ao registrar as versões em português existentes do relato e que não se encontram contempladas em outros estudos realizados até o momento, e para situar o leitor quanto à complexidade desta história e do *status quo* da versão latina do Relato de Schmidl, este sim objeto desta tese.

Não é possível realizar um trabalho efetivo de Crítica Textual de acordo, por exemplo, com os pressupostos lachmannianos, uma vez que, como se verá a seguir, não se trata, neste caso, apenas de cópias de um documento, mas na verdade, do conjunto de traduções.

Sendo assim, por motivos já expostos, a escolha feita para essa pesquisa é da edição do Relato de Schmidl de 1599, em latim, impressa pela Casa de Bry. Mesmo assim, é inegável que

o ponto de partida para compreender a história de transmissão de um documento seria a busca de seu original.

Segundo o historiador Luis Guilherme A. Kalil (2008, p. 59) existem três manuscritos do relato em questão nas cidades alemãs de Hamburgo, Stuttgart e Munique e grande parte dos pesquisadores que se dedicou ao seu estudo considerou o manuscrito de Stuttgart como sendo o único escrito pelo próprio autor, ou seja, o único testemunho autógrafa. Ainda segundo Kalil, um dos pesquisadores, Joahannes Mondeschein, descreveu o manuscrito considerado original.

La Real Biblioteca Publica en Stuttgart conserva en la sección destinada a manuscritos históricos en cuarto bajo el número 153 un cuaderno de papel en cuarto pequeño (Klein-Quart) que sobre ciento veinte hojas contiene el primero borrador de su viaje de letra de Ulrico Schmidel. Este se compone de cuatro partes ligadas bajo una tapa de pergamino para la cual fue usada el fragmento de un necrologio. Tras una hoja sin numeración siguen las fojas 1-87, luego a causa de una lectura equivocada 83-87 por duplicado, tras esta 88-113. Entre las hojas 101 y 102 se ha cosido una hoja en cuarto menor con la descripción de una serpiente. La letra es grande y fuerte, bonita y bien legible (...) El manuscrito proviene del capítulo Komburgo cerca de Schwaebisch-Hall y como la mayoría de los manuscritos comburguenses existentes en la Biblioteca de Stuttgart, formó probablemente en tiempos pasados parte de la biblioteca fundada por el erudito humanista de Franconia Erasmus Neustaetter, nombrado Stuermer (1522 - 1595), coetáneo de Schmidel (In KALIL, 2008, p.59)

Corroborando a afirmação de que o manuscrito de Stuttgart seria o testemunho autógrafa, o editor argentino Edmundo Wernicke, em sua tradução do relato para o espanhol, apresentou o argumento que, segundo ele, comprovaria definitivamente a autenticidade deste manuscrito, a comparação de sua caligrafia com a de um requerimento assinado por Schmidl enquanto esteve na América (KALIL, 2008, p.59).

Há ainda relatos isolados de que Levinus Hulsius, um dos primeiros editores da obra de Schmidl, possuía uma quarta versão, mas isso não chegou a ser confirmado.

Todavia, é necessário destacar que há alterações significativas entre os textos dos diferentes manuscritos, como, por exemplo, a exclusão de trechos considerados repetidos ou truncados, a divisão da obra em capítulos, a introdução de expressões religiosas e de citações de autores clássicos, entre outras. Tais diferenças permitem perceber com maior clareza o processo de escrita da obra e também permitem observar como ela foi lida por alguns copistas

que tentavam corrigir e alterar o texto de Schmidl para adaptá-lo ao que consideravam ser o esperado pelo público leitor de relatos de viajantes, gênero bastante comum naquele momento.

Os pesquisadores Kloster & Sommer (1942, p.18), no estudo que realizaram sobre a passagem de *Utz* por terras pertencentes à Coroa Portuguesa, hoje Brasil, explicam que:

O manuscrito original encontra-se hoje em Stuttgart. Dele foram tiradas várias cópias que divergem umas das outras. Wernicke, com o fim de distinguir o valor de autenticidade das cópias primitivas e das publicações subsequentes, deu o grau 100 para o original, sendo, entretanto, certo que já a primeira cópia impressa em Francfort sobre o Meno, em 1567, só recebeu o grau 75. Seguem-se os manuscritos de Munich e Hamburgo com o grau 70, e finalmente, o manuscrito Nuremberg, que Hulsius utilizou (supostamente) para a sua tradução latina, avaliada, apenas, em 50.

Embora sempre exista a possibilidade de duvidar, pela pesquisa realizada, parece ser consenso entre os estudiosos que o manuscrito original e autógrafo é o de Stuttgart. A história do soldado bávaro começa a ser contada e recontada com a primeira edição do Relato de Viagem que foi lançada, em alemão, por Martín Lechler, sem preâmbulo e sem epílogo, em 1567, na feira do livro da cidade de Frankfurt, como parte integrante de uma coleção de viagens organizada por Sigmund Feyerabend e Simon Hüters e a qual, segundo Wernicke, já teria perdido cerca de 25% da fidelidade em relação ao texto original.

O Relato de Viagem de *Utz* foi mais uma vez publicado em alemão quando, em 1597, integrou a sétima parte das *Grands Voyages*¹⁴⁴. As *Grands Voyages* formavam um material heterogêneo que o editor buscou adaptar a um público formado majoritariamente por protestantes. Essa adaptação não contou apenas com a inclusão de ilustrações, mas, também, com outros meios, como a inclusão de prefácios e a omissão de trechos. Historiadores como Janice Theodoro defendem que os grandes temas dessa coleção eram a denúncia e o combate à

¹⁴⁴ Encorajado pelo editor inglês Richard Hakluyt e a partir das obras de Thomas Hariot e Jacques Le Moyne de Morgues, obtidas através do apoio do mesmo Hakluyt, Theodore de Bry iniciou, em 1590, na Feira do livro da cidade de Frankfurt, a publicação de seu principal projeto editorial, que recebeu o título de *Thesaurus de Viagens* ou *Collectiones Peregrinatorum in Indiam Occidentalem et Indiam Orientalem*, mas ficou mais conhecida pela divisão feita na coleção entre as “*Grands Voyages*” (formato *in-folio* e dedicada às narrativas sobre a América) e as “*Petit Voyages*” (formato menor e referente às Índias Orientais). Editadas durante mais de quatro décadas, as *Grands Voyages* foram concluídas em 1634, por Mattäus Merian e Guillaume Titzer (genros dos filhos de Theodore), compondo um total de treze volumes em latim e quatorze em alemão. (KALIL, 2008, p. 113)

intolerância, e que o editor buscava em seus volumes uma interlocução com alguns setores do catolicismo.

Já a edição em latim da *Viaje al Río de la Plata* foi publicada pela primeira vez em 1599, pela casa impressora da família De Bry, comandada, naquele momento, por Johan Theodor e Johan Israel, filhos de seu fundador – Theodore de Bry -, que havia morrido no ano anterior, sendo reeditada posteriormente pelos de Bry no início do século XVII (1625).

A Viaje al Río de la Plata integrou a sétima parte das *Grands Voyages*. Publicada em alemão, em 1597, e em latim dois anos depois, sua obra foi reeditada pelos de Bry no início do século XVII (1625). Seis anos depois, a crônica de Schmidl foi novamente retomada, sendo incluída na *Historia Antipodum oder Neue Welt*. Obra idealizada por Mattäus Merian e executada pelo compilador Johann Ludwig Gottfried, que resumiu e reuniu diversas narrativas sobre o Novo Mundo em um único volume, com quase duas centenas de gravuras já presentes em livros anteriores (KALIL, 2008, p.116).

Essa primeira tradução para o latim foi realizada, em 1597, a pedido da Casa de Bry, pelo professor Gotthard Arthus, conforme explicação do prólogo da edição inglesa:

The first translation was done into Latin by Professor Gotard Arthus, for Theodore de Bry's *Collection of Voyages*, 1597, and when Levinus Hulsius prepared his collection, in 1599, he found so many defects in it, that, instead, of adopting it, he preferred translating it afresh (Dominguez, 1891, p.22-23)¹⁴⁵.

Ainda em 1599, Levinus Hulsius, amigo da família De Bry, dedicou o 4º volume da sua coleção de crônicas ao relato de Schmidl. Por não concordar com a tradução de Arthus e julgá-la ruim, ele optou por realizar uma nova tradução para o latim. Sua coleção foi editada na cidade de Nuremberg, depois republicada em 1602 e, posteriormente, em 1612.

A essa edição latina de Levinus Hulsius foram adicionadas 18 imagens, incluindo um mapa da região sul da América. Essas imagens possuem, em sua maioria, o nome dos locais e grupos indígenas retratados, além do número do capítulo em que cada ilustração se baseou. Acredita-se que essa tenha sido a versão que teve o maior número de edições e marcou a

¹⁴⁵ A primeira tradução para o Latim foi feita pelo professor Gotard Arthus, para a Coleção de Viagens de Bry, 1597, e quando Levinus Hulsius preparou sua coleção, em 1599, ele encontrou tantos defeitos nela que, em vez de adaptá-la, ele preferiu traduzi-la novamente (tradução nossa).

recepção do livro, devido, em parte, às gravuras que a acompanhavam e que, provavelmente, caíram no gosto dos leitores da época, ávidos por notícias e imagens sobre o Novo Mundo.

Observe-se que o próprio Hulsius escreveu uma advertência a seus leitores, informando que a obra de Schmidl teria sido corrigida a partir da comparação com outros relatos de viajantes, isso para que tivesse certeza de que seu conteúdo estava em conformidade com aquilo que diziam os historiadores espanhóis, italianos e franceses sobre as terras do Novo Mundo.

Foi ainda essa edição latina, feita por Levinus Hulsius, que serviu de base para a tradução para a língua espanhola, feita em 1737, por Andreas Gonzalez de Barcia¹⁴⁶, publicada em Madri, na *Coleccion de Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, e depois reproduzida em Buenos Aires, cerca de século depois, compilada e editada por Pedro de Angelis¹⁴⁷ do manuscrito do cônego argentino Dom Saturnino Segurola¹⁴⁸.

From the same collection of Hulsius the work of Schmidt was translated from Latin into Spanish by Dr. Andreas Gonzalez de Bacia, and published with his insignificant and incorrect notes in Madrid, 1737, in his Coleccion de Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales. This is the version reproduced at Buenos Ayres a century later by Don Pedro de Angelis, compiler and editor of the manuscripts of the Argentine Canon, Don Saturnino Segurola (Dominguez, 1891, p.23)¹⁴⁹.

Até o início do século XVII, a crônica de Schmidl foi reeditada diversas vezes, tanto em latim quanto em alemão. Acredita-se na existência de 17 publicações entre 1567 e 1655. No entanto, o interesse inicial pela obra, concentrado especialmente na região alemã, não se manteve. No século XVIII foram realizadas traduções também para o holandês (1706) e para o espanhol (1731 e 1749) e, ao longo do século XIX, versões em francês (1837) e em inglês

¹⁴⁶ Andreas Gonzalez de Barcia Carballido e Zúñiga (1673 – 1743) foi um político, bibliógrafo, historiador e dramaturgo espanhol e um dos membros fundadores da Real Academia Espanhola.

¹⁴⁷ Pedro de Angelis (1784 – 1859) foi considerado um dos primeiros historiadores da Argentina.

¹⁴⁸ Saturnino Segurola (1776 – 1854) foi um sacerdote e historiador argentino, que apoiou e impulsionou a vacinação contra a varíola e foi diretor da Biblioteca Nacional da República da Argentina.

¹⁴⁹ Da mesma coleção de Hulsius o trabalho de Schmidl foi traduzido para o Espanhol por Dr. Andreas Gonzales de Bacia, e publicada com suas insignificantes e incorretas notas em Madrid, 1737, em sua Coleção de Historiadores primitivos das Índias Ocidentais. Esta é a versão reproduzida em Buenos Aires um século depois por Don Pedro de Angelis, compilador e editor de manuscritos do Cãnone Argentino, Don Saturnino Segurola (tradução nossa).

(1841). O historiador paraguaio Efraim Cardozo identificou 42 publicações do relato de Schmidl até meados do século XX. (KALIL, 2008, p.150) e, na maioria das vezes, as traduções foram feitas a partir da versão latina do relato de Hulsius.

Sobre as traduções para o português.

Embora Schmidl tenha andado por terras pertencentes naquele momento à Coroa Portuguesa, em virtude, sobretudo, da viagem que fez de Assunção a São Vicente para regressar à Europa e tenha registrado isso em seu Relato de Viagem, até recentemente poucos estudos existiam sobre ele em língua portuguesa e, na verdade, nenhuma tradução do texto, na íntegra, de fato conhecida.

Um dos poucos estudos realizados a partir do texto de Schmidl e lançado ao público, em língua portuguesa, é o estudo geográfico realizado por W. Kloster e F. Sommer (1942), além de alguns textos acadêmicos, que circulam de forma um pouco mais restrita. Neste estudo, os autores buscaram explicar quais foram as regiões pelas quais *Utz* andou no Brasil, com quais tribos indígenas ele teve contato e, principalmente, quais as características geográficas destas regiões por onde ele passou. Para auxiliar seus leitores, Kloster e Sommer confeccionaram, inclusive, mapas que ajudam a compreender a narrativa que o alemão faz de suas andanças em solo brasileiro.

No entanto, embora esse seja um estudo importante para os interessados em compreender melhor a aventura de Schmidl, ele pouco contribuiu para a história de transmissão do documento, uma vez que os autores publicaram apenas o final do relato em língua portuguesa (capítulos 50 – 53), parte que os interessava por narrar justamente a viagem de Assunção a São Vicente.

Para facilitar o acesso dos falantes ao documento e que desejam conhecer o texto de *Utz*, recentemente, duas traduções de seu Relato de Viagem foram publicadas na íntegra: uma em 2006 e outra em 2011.

A publicação de 2006 é do pesquisador Mário Sérgio Lorenzetto, que ao lançar seu livro *Cabeza de Vaca e os mitos de seu tempo* (2006), nele publicou um anexo com a tradução para o português do Relato de Schmidl. Embora nenhuma menção seja feita neste livro sobre qual seja a sua fonte, isto é, qual teria sido o texto de que se originou esta tradução, quando procurado e questionado, o autor relatou, com exclusividade, que desconhecia qualquer edição do texto de Schmidl em latim e que a tradução, por ele próprio realizada, advinha de um exemplar em espanhol, sem dar maiores detalhes.

Como o próprio nome do livro indica, o objetivo de Lorenzetto é mostrar o mundo e a América em que viveu Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, narrar e comentar sua história e principalmente seus feitos, dentro da visão de mundo daquela época. Como Schmidl é contemporâneo de Cabeza de Vaca e estiveram juntos na expedição à região do Rio da Prata, o texto do soldado bávaro aparece no livro como um apêndice, um documento histórico fundamental que registra as realizações de Cabeza de Vaca, neste período, na região do Prata.

Por este motivo, além de ser um documento traduzido e anexado à obra, ao longo de suas páginas o Relato é apenas nela citado, sem nenhum estudo específico.

Ulrico Schmidl, soldado alemão, tomava parte nessa expedição e a descreve com letras carregadas por enorme curiosidade, montando um relato que em muito se aproxima de um texto jornalístico atual, mas ainda sob o domínio das inverdades das relações de sucessos, textos comuns dessa época, com as quais estavam acostumados (...). Esse livro foi traduzido e adicionado à secção de Documentos (LORENZETTO, 2006, p.317).

Percebe-se, então, que o interesse pelo texto de Schmidl é com relação aos seus aspectos históricos, em nenhum momento se importando com seus aspectos literários. Mesmo assim, um curto comentário feito pelo autor parece ser relevante.

Causa espanto um soldado daquele século escrever um tão longo relato, era raro encontrar alguém de qualquer posição social que soubesse ler e escrever, já que mesmo os mais cultos apenas ditavam seus pensamentos aos escribas (LORENZETTO, 2006, p.317).

Isso nos leva a questionar se teria o relato sido mesmo escrito por Schmidl. Seria mesmo ele apenas um soldado sem instrução? Questões inquietantes que só poderiam ser respondidas por meio de um estudo minucioso do texto original em alemão. Embora este não seja o objeto desta pesquisa e nem o foco desta discussão, isso serve como alerta para pensar o Relato em latim, em sua edição feita pela Casa de Bry, traduzido por Gotthard Artus.

Já em julho de 2011, integrou o terceiro box da *Coleção Documentos Históricas de Mato Grosso do Sul*, a republicação do estudo geográfico realizado por W. Kloster e F. Sommer (1942) e a tradução do texto de Schmidl, esta sim na íntegra, assinada por Klaus Wagner. Essa coleção, de iniciativa do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, e organizada pelos Professores Gilson Rodolfo Martins (UFMS), Paulo Roberto Cimó Queiróz (UFGD) e pelo Ex-Secretário da Fazenda de Mato Grosso do Sul, Mário Sérgio Lorenzetto, foi elaborada para apresentar ao público textos/documentos importantes para a História e Memória do Estado de Mato Grosso do Sul.

Criada pelo governo do Estado com o intuito de resgatar e valorizar a história deste estado, o trabalho consiste em selecionar livros antigos e raros (a maioria com publicação esgotada), editá-los e torná-los disponíveis para o público. Cada caixa da coleção contém três volumes, organizados por temas, momentos e lugares diferentes que contemplam a história de estado de MS.

A primeira caixa da coleção foi lançada em 2010, com três livros: *Anais do Descobrimento, Povoação e Conquista do Rio de La Plata*, do espanhol Ruy Diaz de Guzman; *Oeste – Ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, de Néelson Werneck Sodré e *Pantanais Mato-Grossenses*, do cuiabano Virgílio Correa Filho.

No segundo lançamento, ocorrido em junho de 2010, outras três publicações integraram a coleção: *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*, de Jaime Cortesão, que reúne documentos dos séculos XVII e XVIII sobre a bacia platina (1951); *Oeste de São Paulo, Sul de Mato-Grosso*, de autoria de Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa (1909); e *Episódios históricos da formação geográfica do Brasil*, escrito por Mário Monteiro de Almeida (escrito na década de 50).

Já a terceira caixa foi lançada em julho de 2011, com reedições dos volumes: *Ulrico Schimidl no Brasil Quinhentista*; *Na Era das Bandeiras*, de Affonso Taunay e *À Sombra dos Hervaes*, de Virgílio Correa Filho. As obras retratam Iguatemi, a região dos Ervais e a região do Rio da Prata.

E por fim uma quarta caixa foi lançada recentemente, em dezembro de 2014, com a publicação de obras que narram momentos históricos do século XVIII e XIX. São elas *Jaraguá – Romance da Penetração Bandeirante*, de Alfredo Ellis Júnior, de 1932, que apesar de ser um romance, relata acontecimentos reais e expõe a região de Camapuã no século XVIII; *Urubupungá Jupia-Ilha Solteira*, de Enzo de Oliveira, que fala sobre o momento em que começaram a ser pensadas e projetadas as usinas hidrelétricas do rio Paraná, na década de 50 do século passado; e a obra *A Civilização Material das Tribos Tupi-Guarani*, de Alfredo Métraux, publicada em Paris, 1929, em sua primeira versão traduzida para o português.

A publicação do texto de Schmidl na coleção se justifica, desta forma, porque *Utz*, em sua passagem em solo brasileiro, andou pelas terras do que hoje se conhece como terras sul-mato-grossenses e os autores Kloster e Sommer reservaram em seu estudo um capítulo só para analisar a peregrinação de Schmidl por essas terras.

Essa edição é composta por uma apresentação feita por Mário Sérgio Lorenzetto, um índice geral que apresenta os capítulos da obra de Schmidl, um Prólogo escrito pelo suposto tradutor Klaus Wagner, o texto de Schmidl em português e a republicação do livro de W. Kloster e F. Sommer (1942).

Na apresentação, Lorenzetto, um dos organizadores do livro, faz uma apreciação geral sobre o Relato de Viagem de Schmidl e o sobre o assunto que o viajante trataria. Faz alguns comentários que merecem destaque:

Ainda que o preconceito dos estudiosos não diplome, a narrativa do soldado alemão Ulrico Schimidel é um verdadeiro estudo antropológico (...). Um texto desprovido de adornos literários quase obrigatórios na época. Uma mescla de termos militares, vocábulos espanhóis e termos dos povos autóctones da América Platina levados ao alemão (MARTINS *et alii*, 2011, p.11).

É indiscutível o valor histórico e antropológico do Relato, sobretudo, no que diz respeito ao registro dos costumes, da alimentação, da moradia, etc., dos povos indígenas da região do Prata, com os quais Schmidl teria se encontrado. Trata-se, portanto, de um registro que, independentemente da discussão a respeito da veracidade dos fatos, deve ser (e é) analisado pelos especialistas que desejam conhecer e saber mais sobre essa região neste período determinado.

Quanto ao fato de ser “desprovido de adornos literários”, abre-se espaço para uma discussão que será realizada posteriormente (*cf.* capítulo 4), mas que, sem dúvida, gera polêmica e tem sido relegada ao segundo plano nos estudos feitos a respeito do documento até o momento.

Essa opinião do organizador é corroborada pelo (suposto) tradutor do texto, Klaus Wagner, quando escreve no Prólogo

... em nenhum momento percebemos pretensões de caráter literário, sejam de conteúdo, sejam de estilo. As poucas digressões cultas são evidentemente acréscimos eruditos de seus editores. Entretanto, em sua maneira de comunicação, com suas constantes repetições, em especial dos nomes de seus capitães e de outros personagens destacados e com as insistências nos fatos, parece indicar em grande medida o discurso característico do épico (MARTINS *et alii*, 2011, p.11).

Muito há de se considerar sobre a obra antes de classificá-la em um determinado gênero literário, e é o que essas páginas pretendem fazer como fruto deste trabalho de doutoramento. Fato é que não se pode afirmar que se trata de um texto épico apenas pelo “tom” empregado pelo autor ou por suas repetições. Pensando especialmente no documento em latim, sabe-se que

determinadas características, como, por exemplo, algumas repetições, são específicas do latim tardio usado no período.

Além do mais, essa temática da viagem dá possibilidade para pensar em várias narrativas de famosos viajantes conhecidos da Literatura, como, por exemplo, as consagradas epopeias de Homero, Dante e Camões. Todavia, ao dizer que esses grandes textos da Literatura Universal são épicos, sabe-se que não estão sendo consideradas apenas suas temáticas, mas um conjunto de características estéticas e formais. Portanto, pode-se afirmar que é temerário insinuar que o *Relato de Viagem de Schmidl* é um épico, baseado apenas em algumas poucas páginas de um prólogo, como faz Klaus Wagner, sem antes realizar uma análise mais aprofundada. Por este motivo, o objetivo deste trabalho é justamente discutir o caráter literário desta narrativa para investigar quais são as características que possibilitam afirmar que o texto de Schmidl é um *Relato de Viagem*, gênero literário bastante específico.

A grande surpresa, entretanto, está nessa tradução assinada por Klaus Wagner e desconhecida, até agora, da maioria dos estudiosos sobre o assunto em língua portuguesa. Em nota, o tradutor explica apenas ter se baseado na edição de Levinus Hulsius, de 1602. Quando consultados, os organizadores da coleção também não souberam dar informações a respeito deste tradutor, sendo cogitada, até mesmo, a possibilidade de ser um pseudônimo.

Vale lembrar que, em ambas as traduções recentemente publicadas em português, o que está em evidência é uma história de transmissão do documento que descende da tradução de Levinus Hulsius. A primeira foi feita a partir da tradução espanhola, e, como já visto, as traduções em espanhol foram feitas depois de 1737, realizadas a partir da publicação de Hulsius; e a segunda, expressamente dita pelo tradutor, foi realizada a partir da edição de 1602 de Hulsius, que é, na verdade, uma republicação da tradução publicada em 1599.

Nos dois casos, embora a edição de 2011 até faça alguns comentários sobre o valor literário do documento, a preocupação delas é sempre com seu valor histórico. As páginas que seguem, deste modo, procuram privilegiar a abordagem literária do documento.

A escolha da edição em latim e a sua tradução.

A filologia moderna tem sua origem na Alemanha e Karl Lachmann é considerado seu maior teórico. Embora precedido por outros, ele foi o primeiro que propôs um método de edição crítica, com o objetivo de eliminar a subjetividade do editor na reconstrução do texto original. Na realidade, ele nunca escreveu, de maneira sistemática, os seus princípios de Crítica Textual em forma de manual ou compêndio. O que mais se aproxima de uma exposição dos seus critérios metodológicos está no prefácio à edição de Lucrécio feito por Lachmann. Deve-se, no entanto, a única explicação sistemática do chamado método lachmanniano a outro filólogo clássico alemão, Paul Maas.

Em síntese, porém, a tarefa da Crítica Textual é a reconstituição de um texto, que se aproxime o mais possível do original perdido, o que se chama *constitutio textus*. Para cumprir essa tarefa, os princípios fundamentais, defendidos pelo filólogo alemão e pela geração de filólogos da época, basicamente, são: a) com relação à Bíblia, a recusa da vulgata como texto-base; b) a desconfiança dos manuscritos da época humanista; c) a reconstrução da história do texto e precisamente das relações genealógicas que existem entre os testemunhos possuídos e d) a formulação de critérios objetivos, que permitam determinar qual é a lição do original – ou pelo menos, do arquétipo – de maneira mecânica; e é a partir destes princípios, então, que se confeccionaria um *stemma* (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p. 30-31). Estema (latim *stemma*) é a “árvore genealógica que se constrói graficamente para representar a relação entre os testemunhos de um dado texto” (CAMBRAIA, 2005, p.137).

Fato é, no entanto, que por não ser objetivo deste estudo realizar um trabalho elaborado de Crítica Textual do Relato de Schmidl, uma vez que esse método não versa, por exemplo, sobre traduções, a inspiração para o trabalho realizado está assentada na concepção de Joseph Bédier.

Joseph Bédier foi um escritor, estudioso e historiador da França Medieval, que viveu entre o final do século XIX e início do século XX, e durante cerca de vinte anos aplicou rigorosamente o método lachmanniano aos seus trabalhos ecdóticos. Segundo ele, entretanto, depois de testar amplamente o método de Lachmann,

o original não é atingível (...), o método de edição aconselhável é, talvez, em última análise, o que responde aos critérios de prudência, desconfiança e máximo conservantismo: uma vez escolhido um bom manuscrito, é preciso – diz Bédier – reproduzi-lo fielmente, sem nenhuma intervenção (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p. 49).

A indicação, então, feita por Bédier é de que se faça a escolha de apenas um manuscrito, e nele se introduzam apenas as emendas mínimas e indispensáveis (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p. 49), sobretudo quando se tratar de erros incontestáveis.

Sendo assim, diante da complexa história de transmissão do documento em questão e suas várias traduções, a partir das lições da Crítica Textual Moderna e, sobretudo, de Joseph Bédier, optou-se pelo uso, nesta pesquisa, da primeira edição em latim feita do documento, considerando o esquecimento que esta edição sofreu na tradição e sua proximidade com o original.

Esta versão em latim seria, segundo o que ensina Bédier, o “ bom manuscrito”. Ou seja, uma versão confiável sobretudo pelas suas boas condições de leitura. Além de ser uma versão de fácil acesso¹⁵⁰ e ter uma proximidade com o (suposto) manuscrito original, já que é

¹⁵⁰ O texto encontra-se disponível, na íntegra e digitalizado, na página da Livraria do Congresso dos Estados Unidos (Library of Congress)
[http://international.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbdk&fileName=d031//rbdkd031.db&recNum=191&itemLink=r?intldl/rbdkbib:@field\(NUMBER+@od1\(rbdk+d031_0180\)\)&linkText=](http://international.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbdk&fileName=d031//rbdkd031.db&recNum=191&itemLink=r?intldl/rbdkbib:@field(NUMBER+@od1(rbdk+d031_0180))&linkText=)

considerada a primeira tradução feita da versão alemã, ela encontra-se em bom estado de conservação, sem rasuras ou borrões. Por isso não há necessidade de emendas, como prescreve a Crítica Textual.

No entanto, por consequência a esta escolha, nasceu a necessidade de transcrição e de tradução do documento para a língua portuguesa, conforme já se explicitou anteriormente, para uma divulgação e apreciação segura do documento (*cf.* Capítulo I).

CAPÍTULO III

O que seria um Relato de Viagem?

Sair de sua terra, visitar novos lugares, conhecer pessoas, ter novas experiências, e depois registrar essa experiência pela escrita ou oralmente, contando tudo o que viveu. Essa seria a resposta de qualquer pessoa se questionada sobre o que seria um Relato de Viagem, poderia, assim, ser considerada esta uma definição de sentido *lato* do termo.

Numa busca rápida à etimologia do termo, entretanto, verifica-se que RELATO vem do latim *relatus*, um particípio que denota a ação de fazer um relatório, apresentar uma proposta, a ação de relatar ou de referir (SARAIVA, p. 1017). Esta forma vem do verbo *refero, fers, retuli, relatum, referre*, que dentre seus muitos significados, pode denotar a ação de relatar, oferecer, reviver, referir, contar, expor, dizer ou até mesmo trazer de novo e fazer reviver (SARAIVA, p. 1012). Já a palavra VIAGEM vem do adjetivo latino *viaticum, -a, -um*, aquilo que é relativo à viagem, mais especificamente às provisões de uma viagem (SARAIVA, p. 1273), um adjetivo que se forma a partir da palavra *via, -ae*, um substantivo feminino que designa caminho, estrada, via (SARAIVA, p. 1272).

Sendo assim, é possível pensar que aquele que faz um Relato de Viagem - o viajante - é quem, após percorrer um longo caminho, vai reviver a sua história, trazendo de novo a experiência por ele vivida e oferecendo uma narrativa ao seu leitor e/ou ouvinte. Essa narrativa pode ter as mais variadas formas, desde um testemunho escrito, pensando nas histórias dos grandes viajantes da literatura universal, até testemunhos mais modernos feitos por diversos meios de comunicação.

Levando em consideração essa forma básica e ampla de pensar um Relato de Viagem, é possível dizer que ao sair da Baviera, viajar para o região do Prata, na América do Sul, conhecer indivíduos com hábitos tão diversos dos seus e um mundo que lhe proporcionou experiências tão peculiares, ao regressar e fazer um registro de tudo isso que viveu, Ulrico

Schmidl faz um Relato de Viagem. Porém, se pensada *stricto sensu*, a questão é bem mais complexa e necessita de vários outros argumentos para que se possa afirmar que a narrativa em questão é um Relato de Viagem.

A viagem e suas várias possibilidades.

“O que *não* é uma Viagem?” Essa pergunta faz Todorov (2006, p.231), logo no início de seu artigo, publicado na *Revista de Letras*, em 2006, justamente para discorrer sobre a amplitude e a complexidade do termo. Ela serve muito bem para incitar à reflexão sobre as possibilidades de compreensão da palavra que, segundo o autor, está associada à vida e ao tempo.

Por menos que se dê um sentido figurado a esse termo – e jamais pudemos deixar de fazê-lo – a viagem coincide com a vida, nem mais, nem menos: o que é esta, além de uma passagem do nascimento à morte? O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz, diz mudança. O relato também se alimenta da mudança; nesse sentido, viagem e relato aplicam-se mutuamente (TODOROV, 2006, p.231).

A viagem simboliza uma passagem, trata de um deslocamento no tempo e no espaço que pode ser um deslocamento físico ou não, mas que sempre pressupõe uma mudança e está associada à descoberta do novo e à exploração do desconhecido, na maioria das vezes.

A relação do leitor com a passagem e com a mudança e seu desejo de conhecer novos mundos são antigos e, por isso, a prática de relatar uma viagem vem também de longa data. Basta lembrar as grandes viagens mencionadas na Literatura como, por exemplo, a *Odisséia* de Homero, ou viagens um pouco mais recentes como a de Marco Polo, no início do século XIV, no *Livro das Maravilhas*. Mas não são apenas essas longas e maravilhosas viagens que interessam aos leitores, interessam também aquelas menos aventureiras e mais interiores, como, por exemplo, em *Ulisses* de James Joyce.

É por isso que Todorov defende que há vários tipos de viagens, ou talvez várias categorias que permitam caracterizar as viagens particulares, e explica que “a oposição mais

comum, e que se impõe primeiramente, é a dos planos espiritual e material, ou, se preferir, do interior e do exterior” (TODOROV, 2006, p.233).

Para explicar essa distinção ele toma dois exemplos de célebres relatos medievais: a *Viagem de Ultramar*, de Mandeville, e *A busca do Santo Graal*.

O primeiro descreve duas viagens (compostas de elementos reais e imaginários; mas podemos deixar essa distinção de lado, por enquanto), na Terra Santa e no Extremo-Oriente, lugares onde o autor descobre, para grande prazer de seus leitores, todas as espécies de seres maravilhosos, e ainda por cima o próprio Paraíso terrestre! O segundo descreve as aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda, da corte do rei Artur, que partem em busca de um objeto misterioso e sagrado, o Graal; mas pouco a pouco esses cavaleiros descobrem que a busca em que estão envolvidos é de natureza espiritual, e que o Graal é uma entidade impalpável; por isso só os mais puros, Galaad e Perceval, podem alcançá-lo (TODOROV, 2006, p.233).

Em ambos os casos, existe uma busca que, de uma forma ou de outra, acaba sendo espiritual, mas com características distintas. Para o autor, com a oposição entre o material e o espiritual não se estabelece uma categoria que pressupõe incompatibilidade. Pelo contrário, elas estão quase sempre presentes simultaneamente, variando somente as proporções e as hierarquias.

Assim, o autor explica que o livro de Mandeville é lido, antes de qualquer coisa, como um relato de aventuras, mas não deixa de ser uma “obra edificante”, enquanto *A busca do Santo Graal* é um exemplo de reinterpretação e de recuperação espiritual de lendas que inicialmente não possuíam esse significado, isto é, os novos leitores tem a liberdade de dar um sentido espiritual ao que antes não possuía.

Se, portanto, esta oposição entre material e espiritual não permite estabelecer uma classificação dos relatos, há outra categoria que constitui oposição capaz de indicar características do que venham a ser relatos de viagem interior e relatos de viagem exterior.

A relação entre viagem interior e viagem exterior vai da cumplicidade à hostilidade: eis a nova antítese. Isso quer dizer que em nossa civilização, que privilegia o espiritual em detrimento do material (mas não é a única a fazê-lo), a viagem real será, algumas vezes, exaltada, como encarnação ou prefiguração da viagem espiritual, e outras, denegrida, na medida em que é necessário preferir o interior ao exterior (TODOROV, 2006, p.234-235).

Todorov esclarece que para compreender essa distinção é preciso antes entender que a religião cristã favoreceu, em sua origem, ao estabelecimento de uma relação metafórica entre viagem exterior e viagem interior. Mas como as coisas sempre mudam, desde a instituição do cristianismo, começa-se a valorizar o deslocamento no espaço para privilegiar a busca imóvel.

O autor exemplifica dizendo que em *Aventuras de Telêmaco*, classificadas por ele como uma variante cristã da *Odisséia*. Fénelon parece esquecer que está fazendo um Relato de Viagem, mesmo que imaginário, e é no interior mesmo das viagens materiais que acaba por estigmatizá-las. Explica, ainda, sobre o caso da China, onde Lao Tsé teria designado “apenas e tão somente o caminho”, com a desvalorização do deslocamento no espaço e privilegiando as viagens ao interior de si mesmo. Ao final, o autor instrui que, nos dias atuais, as culturas entraram em contato e já não seria mais possível distinguir com precisão entre as diferentes fontes, orientais e ocidentais, desse misticismo que, em nome da superioridade, do interior sobre o exterior, deprecia as viagens (TODOROV, 2006, p.235 - 236).

Entretanto, essas tradições, que podem ser consideradas dominantes, não são as únicas. Há outras nas quais a viagem é louvada, não porque a viagem material seja preferível à espiritual, mas porque a relação entre as duas pode ser harmoniosa. Todorov lembra, por exemplo, da sabedoria árabe que ensina que “Se a água de um lago fica imóvel, torna-se estagnada, lamacenta e fétida; fica clara somente quando se move e corre. O mesmo acontece com o homem que viaja” (2006, p.237).

Mas a articulação entre viagens espirituais e viagens materiais só se modificou, de fato, com o advento dos tempos modernos. E isso fica evidente ao partir não de categorias preestabelecidas, porém da massa de relatos existentes. Seria possível dizer então que a oposição usual diz respeito mais ao *emprego* que se faz deles do que de sua própria *natureza*. Para Todorov essa mudança está de acordo com a subjetivação crescente do mundo em que

vivemos. Sublinhe-se, no entanto, que o ponto alto da reflexão do pensador está no argumento de que

A existência dos outros ao nosso redor não é um puro acidente, os outros não são simplesmente sujeitos solitários, comparáveis ao *eu* mergulhado em sua meditação; também fazem parte dele: o *eu* não existe sem um *tu*. Não se pode chegar ao fundo de si excluindo-se os outros. O mesmo se dá com os países estrangeiros, com as culturas diferentes: aquele que só conhece o seu corre sempre o risco de confundir cultura e natureza, de instituir o hábito como norma, de generalizar a partir de um exemplo único: ele mesmo (TODOROV, 2006, p.238).

É possível pensar que este argumento do autor justifica a viagem e, conseqüentemente, o seu relato. O ser humano sempre precisou (e precisará) estabelecer contatos com o outro, devido à sua natureza social, ao mesmo tempo em que precisa mergulhar em si mesmo. Em ambos os casos, a viagem é fonte de conhecimento, revelação e exploração. Narrar essa experiência é uma consequência, na maioria das vezes, necessária e inevitável, já que a experiência pessoal, quer seja pela viagem exterior, quer seja pela viagem interior, vai instruir e orientar a coletividade.

Porém, é necessário lembrar que os relatos de viagem também podem revelar opiniões e impressões. Todorov explica que para o primeiro caso, por ele chamado de alegórico, a viagem é apenas um pretexto do autor para exprimir suas opiniões. Já no segundo caso, tratando-se de relatos não alegóricos, argumenta que o melhor seria falar em relato impressionista, pois esta categoria é historicamente atestada e sugere bem que o viajante se contenta apenas em comunicar suas impressões, sem procurar o ensino de “outra coisa”. Para melhor compreensão, dá um exemplo bastante elucidativo.

Esse escritor (Chateaubriand) realizou de fato duas grandes viagens, ou, como ele próprio diz, peregrinações ao Ocidente e ao Oriente. Jovem, vai à América do Norte; traz dali um diário de viagem e, sobretudo, uma epopéia, *Os Natchez*, da qual extrai dois fragmentos que lhe trarão a glória: *Atala* e *René*. Quinze anos mais tarde, parte na direção oposta: Atenas, Jerusalém, Egito e Tunísia; o relato de viagem intitula-se agora *Itinerário de Paris a Jerusalém* e fornece o protótipo de inúmeros relatos posteriores. O próprio Chateaubriand procurou formular a relação entre suas duas viagens: é a natureza oposta à cultura, diz ele às vezes, ou ainda: a civilização do futuro e a do passado. Mas, de nosso ponto de vista, a oposição mais expressiva está no gênero dos dois relatos: o da América é alegórico, o do Oriente, impressionista (TODOROV, 2006, p.239).

Enquanto o primeiro submete as observações do viajante a um desenho preconcebido que elas estão destinadas a ilustrar; o segundo negligencia o mundo e se concentra no eu, do qual relata as impressões sucessivas.

Nos tempos atuais, entretanto, é necessária, ainda, outra distinção não mencionada por Todorov, a distinção entre a viagem tradicional e a do turismo contemporâneo. O pensador alemão Hans Magnus Enzensberger, evocado por Luís Antônio Contatori Romano (2013, p.33)¹⁵¹, faz uma diferenciação bastante pertinente ao distinguir aquele que ele chama de “viajante tradicional” do chamado “turista” a partir da intenção que motiva cada um.

A intenção passa a distinguir o turismo da viagem tradicional. O viajante tradicional se deslocava, principalmente, por necessidade, em função de atividades de Estado, comerciais ou de crenças religiosas. O turista coloca, em primeiro lugar, motivações pessoais, a viagem como aventura, distinção social ou lazer, torna-se um fim em si mesmo; é sua vontade e curiosidade que o motivará a percorrer os caminhos (In: ROMANO, 2013, p. 34).

Para Enzensberger, a viagem seria uma modalidade de deslocamento espacial e cognitivo, específica de um período histórico determinado, cuja prática se estendeu desde a Antiguidade até o início do século XIX. A motivação deste tipo de viagem é a sua finalidade prática. Esta finalidade permite uma divisão em três subcategorias: a) para cumprir razões do Estado e os registros de missões diplomáticas da Antiga Pérsia existentes nas paredes do Palácio de Persépolis seria um bom exemplo disso; b) por motivos religiosos, como foi o caso da ida de Édipo a Delfos para consultar o Oráculo e c) para fins comerciais como, por exemplo, na jornada descrita por Marco Polo no *Livro das Maravilhas*.

Já “o turismo é uma forma relativamente recente de viajar”. O chamado turista contemporâneo pode ser considerado um produto do período posterior à Revolução Industrial e as condições que possibilitaram sua existência estão ligadas às conquistas trabalhistas, principalmente a partir do fim do século XIX. Os deslocamentos do turista teriam apenas

¹⁵¹ Romano cita em seu artigo o pensador alemão Hans Magnus Enzensberger e seu artigo “Uma teoria do turismo” de 1958.

motivações pessoais, como o lazer, a distinção social e a viagem enquanto aventura. A motivação seria, portanto, a principal diferença no que diz respeito ao deslocamento espacial, embora não seja a única, conforme explica Romano.

Enquanto o viajante tenta, diante da obra de arte ou do lugar contemplado, recriar imaginariamente o mundo da tradição em que o objeto está inserido e por isso pode evocar uma infinidade de referências intertextuais, o turista provoca o deslocamento deste para o seu próprio mundo (ROMANO, 2013, p. 34).

Portanto, é necessário explicitar que a concepção de viajante utilizada doravante nas páginas que se seguem não é esta de um turista moderno e romântico que sai em busca de uma pausa relaxante ou de uma aventura descompromissada, apresentada por Romano. O viajante em questão está comprometido com uma causa ou missão, é um narrador que viveu experiências intensas, como o caso de Hans Staden, por exemplo, que experimentou o cárcere, e narra com uma superioridade, na maioria das vezes, que contribui para uma visão particular e caricata do mundo relatado. São eles, nas palavras de Todorov (2006, p.242),

“soldados conquistadores, mercadores, missionários, isto é, os representantes de três formas de colonialismo, militar, comercial, espiritual; ou então se trata de exploradores que se colocam a serviço de uma ou outra dessas três categorias”.

No caso de Schmidl, essas categorias propostas por Todorov a respeito da missão se confundem. Ao mesmo tempo que Utz é um soldado e sua expedição tem um caráter conquistador, também não se pode descartar a intenção mercantil, uma vez que eles estavam a procura de riquezas na região, e ainda a intenção missionária que, embora mais velada, perpassa toda a narrativa.

A definição do gênero Relato de Viagem

Após a compreensão inicial do que sejam a viagem e o viajante, é preciso sair do “senso comum” para refletir sobre o Relato de Viagem. Quando se fala em Relato de Viagem de que

tipo de narrativa está se tratando? Quais as características que lhe são peculiares e lhe definem? É preciso, então, compreender melhor o aspecto literário dessa questão.

Segundo os formalistas russos¹⁵², a ciência da literatura deve estudar aquilo que confere a uma obra sua qualidade literária, aquilo que constitui o conjunto de traços distintivos do objeto literário. Influenciados pelos significativos avanços da Linguística, eles pretendiam conferir à crítica literária um caráter científico e bem definido, atribuindo-lhe um objeto de estudo bem específico e um método próprio, a fim de cessar a confusão entre os diversos domínios do conhecimento.

Embora bastante criticados, principalmente por objetivarem a “descrição científica de um texto literário” (TODOROV, 2013, p.31) a partir de sua forma, os formalistas inauguraram uma nova maneira de ver a Literatura e as obras literárias em si. Eles defendiam que o papel da Crítica Literária era entender como os textos funcionavam, quais leis, estruturas e mecanismos deveriam nortear o estudo das obras, por isso seu método foi considerado altamente descritivo. Todorov defende que “é preciso considerar antes de tudo a obra mesma, o texto literário, como um sistema imanente” (TODOROV, 2013, p.30).

A discussão dos erros e acertos deste movimento, do valor de suas concepções e de seu método tem sido o objeto de muitos trabalhos contemporâneos, embora não seja, no entanto, o objetivo deste trabalho. O que está em pauta e causa particular interesse, neste caso, é a relevante e indiscutível contribuição que os formalistas russos dão à noção de gênero literário, que por muito tempo gozou de uma visão negativa.

... há mais de dois séculos se faz sentir uma forte reação, nos estudos literários, a contestar a própria noção de gênero. Escreve-se ou sobre a literatura em geral ou sobre uma obra; e existe uma convenção tácita segundo a qual enquadrar várias obras num gênero é desvaloriza-las. Essa atitude tem uma boa explicação histórica: a reflexão literária da época clássica, que tratava mais dos gêneros do que das obras, manifestava também uma lamentável tendência: a obra era considerada má se não obedecia suficientemente às regras do gênero. Essa crítica procurava, pois, não só descrever os

¹⁵² O formalismo russo, também conhecido por crítica formalista, foi uma influente escola de crítica literária que surgiu na Rússia no início do século XX. Tinha como principal objetivo o estudo da linguagem poética enquanto tal. Os membros do movimento são considerados os fundadores da crítica literária moderna.

gêneros, mas prescrevê-los; o quadro dos gêneros precedia à criação literária ao invés de segui-la (TODOROV, 2013, p.93-94).

Para o pensador, a teoria dos gêneros, por motivos históricos, acabou sendo vista como uma forma de desvalorizar a obra literária. Ele defende que na época clássica o não enquadramento de uma obra num gênero faria com que ela fosse desvalorizada, ou seja, a classificação em gêneros não permitiria a liberdade do ato criador e tolheria a criatividade e a literariedade, valorizando apenas aqueles que seguissem (ou superassem) o modelo. Por isso, os românticos teriam recusado a teoria dos gêneros e ela pouco teria se desenvolvido até meados do século XX.

Percebe-se, logo, uma crítica dos formalistas russos à noção de modelo que vigorava na época clássica. Essa noção, no entanto, parece não ter sido completamente abolida pela nova forma de pensar a Literatura e seus gêneros, proposta pelos formalistas russos. Perrone-Moisés explica, na Apresentação que faz à obra de Todorov, que para o formalismo “cada grande obra literária supera o modelo anterior de seu gênero e estabelece outro, à luz do qual serão examinadas as obras seguintes; e assim por diante. O modelo, portanto, nunca é definitivo” (PERRONE-MOISES, 2013, p.11). O modelo ideal seria, portanto, aquele que tem alguns pilares, mas ao mesmo tempo também tem flexibilidade, para poder revelar, no momento da aplicação e análise, tanto o repetido quanto o novo.

É por isso que Todorov defende que as grandes obras criam, de certo modo, um novo gênero, e ao mesmo tempo transgridem as regras até então aceitas. Comenta também, com certa dose de ironia, que “enquanto não se souber descrever a estrutura das obras, será preciso contentar-se com comparar elementos que se sabe medir, como o metro” (TODOROV, 2013, p.94). O gênero serve, então, como um padrão de estabelecimento de valor, uma base de comparação consagrada como modelo, porém, não significa imutabilidade e rigidez.

É a partir dessa concepção de gênero que Todorov irá pensar o Relato de Viagem.

Se perguntarmos hoje ao leitor desprevenido o que espera de um Relato de Viagem, certamente terá dificuldades em dar-nos uma resposta detalhada; e entretanto essa expectativa existe e constitui uma das vertentes do que chamamos de gênero literário (TODOROV, 2006, p.239).

Embora não seja o único a pensar sobre as características do Relato de Viagem, Todorov pode ser considerado o pioneiro nesta empreita. Ele defende que o Relato de Viagem pode ser considerado um gênero literário justamente quando a narrativa apresenta determinadas características. A primeira delas é a tensão.

A primeira característica importante do relato de viagem, tal como imagina – inconscientemente – o leitor de hoje, parece-me ser uma certa tensão (ou um certo equilíbrio) entre o sujeito observador e o objeto observado. É o que designa, a seu modo, a denominação “relato de viagem”: relato, isto é, narração pessoal e não descrição objetiva, mas também viagem, um marco, portanto, e circunstâncias exteriores ao sujeito. Se só um dos dois ingredientes figurar, deixamos o gênero em questão para passarmos a um outro (TODOROV, 2006, p.240).

O autor defende o equilíbrio entre o sujeito observador e o objeto observado, afinal, os relatos, como o próprio nome diz, são a exposição da experiência vivida por um viajante, logo não estará isenta da subjetividade do narrador, embora o objetivo deste narrador, em consonância com o desejo do leitor, seria a “suposta” fiel descrição do objeto observado, no caso, o mundo novo visitado e explorado. O equilíbrio destes dois pontos de vista geraria a referida tensão e seria o responsável pelo sucesso deste tipo de narrativa.

Há ainda outra característica, segundo Todorov, de igual importância no Relato de Viagem. É “a localização das experiências contadas pelos relatos no tempo e no espaço” (TODOROV, 2006, p. 240).

No espaço, o “verdadeiro” relato de viagem, do ponto de vista do leitor atual, narra a descoberta dos *outros*, selvagens de regiões longínquas ou representantes de civilizações não européias, árabe, hindu, chinesa etc (TODOROV, 2006, p.240).

Ora, que valor teria um Relato de Viagem que não apresentasse um mundo desconhecido? Qual seria o mérito de uma narrativa que contasse uma viagem a Paris ou a Roma. Segundo o autor isso “não dá um relato de viagem”. Embora seja possível narrar uma viagem dessas, faltaria algo essencial para essa categoria que é o sentimento de alteridade em

relação aos seres e às terras evocados. O autor típico deste gênero não é um profissional, é alguém que se sente impelido a narrar porque se vê diante de uma experiência excepcional. Além disso, é preciso lembrar da possibilidade de muitos relatos serem escritos de forma anônima ou com pseudônimos.

Para Todorov, a localização temporal talvez seja mais difícil de ser estabelecida, mas não menos real.

Hoje em dia, escrevem-se relatos de viagem e o próximo folhetim do *Monde* bem poderia ser uma deles. Entretanto, nota-se uma diferença entre os livros publicados nas coleções usuais de relatos de viagem e esses textos estritamente contemporâneos. É que falta neles uma certa distância (não somente nos meios financeiros exigidos pela empreitada) entre o autor da narração e seu leitor (TODOROV, 2006, p.241).

Desta forma, além da relação de alteridade existente entre o narrador e o objeto, há outra, talvez um pouco mais branda, entre o leitor e o narrador que, segundo Todorov “não devem participar exatamente do mesmo quadro ideológico”. Existiria, então, um processo de imitação do leitor para o narrador, afinal, a descoberta que o narrador faz do outro, o leitor repetiria em relação ao narrador, ou seja, “o conteúdo do relato é uma viagem no livro”. Ele explica ainda que essa distância entre narrador e leitor não pode ser determinada com exatidão, mas ele sugere que seja, pelo menos, de uma geração. Mas haveria um limite máximo de tempo entre essas gerações?

E no máximo? Os relatos de viagem desde sempre... ou pelo menos desde Heródoto. Entretanto, aqui também percebo um limite. O primeiro “verdadeiro” relato de viagem (sempre do ponto de vista do leitor de hoje) parece-me ser o de Marco Pólo; e não vejo um acaso no fato de esse livro desempenhar um papel decisivo na partida de Cristóvão Colombo, ele próprio inspirador de tantos outros viajantes (TODOROV, 2006, p.241).

Para o pensador, existiram outros viajantes que relataram suas experiências antes de Marco Pólo, como na Antiguidade e na Idade Média, mas eles agora já não são mais estrangeiros (pelo menos não mais tão estrangeiros). E aí está, para o autor, uma característica essencial deste gênero: o narrador deve ser diferente de leitor, mas não muito diferente. Ele defende a ideia de que o narrador típico dos Relatos de Viagem deve ser, portanto, um europeu

pertencente ao longo período que vai do Renascimento até aproximadamente 1950. Para Todorov, essas características definem o olhar de alteridade do europeu em relação ao território ainda não conhecido, preenchendo com seus relatos, o imaginário de seus leitores.

Todorov ressalta, inclusive, a importância do Colonialismo desta época, na Europa Ocidental, sugerindo até mesmo que se trate esse gênero pela nomenclatura de “relatos de viagens coloniais”. E garante que “para assegurar a tensão necessária ao relato de viagem, é preciso determinar a posição específica do colonizador: curioso com o outro e seguro de sua própria superioridade” (TODOROV, 2006, p. 242).

Embora Todorov seja precursor e referência na definição deste gênero, há ainda outros pensadores que contribuíram para a definição e compreensão do gênero Relato de Viagem. Cristóvão (2002, p.35) também discorre sobre o assunto e considera a Literatura de Viagem como um subgênero literário, no sentido de ser uma modalidade, interdisciplinar, do gênero narrativo.

Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de caráter composto, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocamento, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã (CRISTOVÃO, 2002, p.35).

Fernando Cristóvão dá então uma grande contribuição à discussão e à delimitação do gênero ao pensá-lo num aspecto amplo, que pressupõe diálogo entre várias áreas do conhecimento, sobretudo, Literatura, História e Antropologia.

Há ainda outra contribuição notória dada por Cristóvão. Ele defende que os editores e os leitores tiveram papel fundamental no desenvolvimento deste gênero, já que o amplo leque de leituras oferecidas pelos editores, durante os séculos das grandes viagens, a um público curioso, não deve surpreender, afinal, esses editores pretendiam não só apaziguar, mas também

estimular. Com estas finalidades, segundo o autor, o estilo narrativo se tornou cada vez mais grandioso e as ilustrações eram cada vez mais abundantes e detalhadas. E cita, inclusive, uma das edições da coleção De Bry para comprovar quão apelativas se tornaram as edições.

É desse tipo de inspiração o pomposo e apelativo título atribuído à série americana da coleção De Bry, no décimo terceiro e último volume, editado em Frankfurt, em 1634, que quase esgota o vocabulário dos engrandecimentos ao afirmar-se obra “exactíssima”, “admirável”, “vastíssima”, “incrível”, “belíssima”, “útil”, narrativa de coisas “horríveis” também, prometendo ao leitor grandes novidades sobre os índios e suas idolatrias, descrições de oceanos, rios, frutos da terra e “tudo o mais que o leitor desejar” (CRISTOVÃO, 2002, p.33).

Merece particular atenção, no entanto, as explicações de Carrizo Rueda sobre o assunto. A autora, apoiada na visão formalista, faz uma proposta de definição do gênero Relato de Viagem a partir do método dos formalistas russos, ou seja, por meio da análise formal de um modelo¹⁵³, estabelece categorias que ajudam a defini-lo.

Na opinião da autora, inicialmente o gênero Relato de Viagem parece não precisar de categorias que o definam devido ao óbvio de sua denominação, mas adverte que a questão não é tão simples.

Indudablemente, es imposible aprehender tal carácter si no se atiende a su constitución bifronte, a la inescindible conjunción de lo documental con una serie de rasgos que se reconocen como propios dela literaturidad. Pero además se plantea outro problema. Géneros como las crónicas o las biografías históricas también presentan éste carácter dual. El desafío por lo tanto va más lejos, pues también consiste en llegar a distinguir los libros de viajes de sus parientes cercanos; el hecho de que guarden con ellos estrechas relaciones no significa que pueda confundirselos (CARRIZO RUEDA, 1997, p.2)

Para Carrizo Rueda uma questão fundamental, e ainda não privilegiada nas discussões sobre esse gênero, é o seu caráter dual. O Relato de Viagem tem uma característica documental acentuada. Portanto, seu papel histórico é bem marcado, mas, ao mesmo tempo, possui traços

¹⁵³ A autora faz um trabalho de análise do *Tratado de Andanças y Viajes*, de Pero Tafur, escrito por volta de 1454 e estabelece categorias descritivas a partir deste modelo.

próprios de literariedade. Esses dois aspectos jamais poderão ser dissociados numa análise e para ilustrar isso, ela se refere ao deus Jano¹⁵⁴.

Pero, la característica esencial, que en todas las instancias hay que tener presente, es que se trata de uno de esos géneros que evocan incesantemente a Jano, ya que no se puede ignorar ninguna de sus dos caras: la documental y la literaria. El proceso analítico requiere detenerse alternadamente en una o en otra; pero siempre, partiendo del hecho básico de que forman parte de una unidad indivisible (CARRIZO RUEDA, 1997, p.X).

Outros estudiosos do assunto, segundo a autora, já teriam realizado estudos sobre o tema na tentativa de elaborar um histórico desse gênero e delimitá-lo. Essas tentativas frustradas teriam acontecido pela predominância indevida de um ou outro aspecto. Mesmo assim, a autora reconhece o mérito dessas tentativas em sua obra e admite que distinguir esse tipo de narrativa do que ela chama de seus “*parientes cercanos*” não é nada fácil, um verdadeiro desafio.

Carrizo Rueda explica, então, que para chegar a uma distinção é necessário constituir uma “*morfología del género*” (CARRIZO RUEDA, 1997, p.3):

Mis objetivos, dentro de tal estado de la cuestión, son intentar dilucidar en qué premisas formales se asienta la especificidad de este tipo de discurso, qué elementos y qué sistema de relaciones propios lo instituyen y cómo pueden reconocerse los márgenes que lo separan de aquellos otros con los cuales comparte la referencia al viaje como motivo o tema (CARRIZO RUEDA, 1997, p.6).

A autora explica que ao se debruçar sobre os Relatos de Viagem, além de perceber que se tratava se um gênero “marginalizado”, pois não era privilegiado pelos estudos literários, percebeu também que existia um traço formal relevante e pertinente em todos eles: a descrição. “*Me refiero a la descripción, cuyo estudio teórico durante décadas permaneció desatendido*” (CARRIZO RUEDA, 1997, p.7).

A descrição seria então o ponto central desta “morfología do gênero” elaborada pela pesquisadora não apenas por ser orgânica à narrativa e conduzir a um nível teórico para começar a se elaborar propostas sobre a especificidade deste tipo de discurso, mas, segundo a autora,

¹⁵⁴ Jano foi o deus romano das mudanças e das tradições. Sua figura é associada a portas (entrada e saída), bem como a transições. A sua face dupla também simboliza o passado e o futuro. Jano é considerado o deus dos inícios, das decisões e das escolhas.

sobretudo, porque *“he podido comprobar, el mismo relato asume una configuración particular que lo acerca mucho más a las técnicas descriptivas que a un proceso narrativo”* (CARRIZO RUEDA, 1997, p.8).

Para Carrizo Rueda, nos Relatos de Viagem, as ações podem adquirir um valor adjetival, ou seja, os verbos podem assumir uma função específica de definir as personagens e as situações. Para elucidar a questão que parece bastante complexa, ela dá o exemplo da *Odisséia* de Homero em que o “fio narrativo” aviva as expectativas do leitor a respeito do herói. São as atitudes de Odisseu, apresentadas ao leitor ao longo da narrativa, que irão defini-lo, ou seja, suas atitudes irão descrevê-lo e essa descrição não acontece, necessariamente, por meio de uma sequência de adjetivos, mas também por meio da narração, realizada com uma sequência de verbos.

Para a autora,

Si recurrimos a la terminología de la retórica clásica, podemos decir que en la “literatura de viajes”, la función de las descripciones no puede superar la de ancilla narrationis¹⁵⁵, la de estar permanentemente al servicio de la narración (CARRIZO RUEDA, 2008, p.19).

Sendo assim, as descrições são de fundamental importância neste gênero, e podem ser realizadas de várias formas, trabalhando em função da narração e caracterização da própria viagem. Assim, em virtude desta peculiaridade formal, Carrizo Rueda definirá Relato de Viagem como:

un discurso narrativo-descriptivo en el que predomina la función descriptiva como consecuencia del objeto final, que es la presentación del relato como un espectáculo imaginario, más importante que su desarrollo y su desenlace. Este espectáculo abarca desde informaciones de diversos tipos hasta las mismas acciones de los personajes (CARRIZO RUEDA, 1997, p.14).

Na concepção da autora, e também deste trabalho, o Relato de Viagem é, portanto, um gênero literário específico com algumas particularidades, sobretudo, formais. Essas

¹⁵⁵ Em latim “serva das descrições”.

particularidades, descritas a seguir, são as responsáveis por distinguir este gênero narrativo dos demais.

As características do gênero literário Relato de Viagem

O gênero literário Relato de Viagem, segundo Carrizo Rueda, tem características específicas, mesmo assim, distingui-los dos demais gêneros é um trabalho difícil.

Para ajudar nesta tarefa, a autora ensina que

... una ley universal del relato es que siempre implica proyectos humanos con diversas posibilidades de mejoramiento y empeoramiento, podemos ampliar la mencionada caracterización diciendo que tales proyectos ocupan el primer plano en los relatos de peripecias existenciales durante un viaje, mientras que se subordinan a la configuración del espectáculo en los libros que nos ocupan (CARRIZO RUEDA, 1997, p.14).

Sendo assim, embora o viajante seja uma personagem importante na narrativa e sua experiência seja singular e responsável por criar a tensão (expectativa) mencionada por Todorov, as personagens são subordinadas à viagem, que será sempre a figura central do relato. Segundo a autora, é usual que a descrição de certas condutas e a inclusão de pequenas histórias de personagens, inclusive da literatura oral e local, figurem neste tipo de narrativa. Porém, essas figurações também desempenharão uma função descritiva com o propósito último de proporcionar novos elementos e novos matizes para complementar o mundo espetacular narrado.

Devido ao papel preponderante da descrição, Carrizo Rueda defende também que no Relato de Viagem as expectativas em torno do “desenlace” estão completamente ausentes. Durante a viagem, e sua consequente narrativa, as tensões não se desencadeiam de forma a suscitar no leitor uma apreensão por uma resolução final, pelo contrário, os episódios vão se apresentando e se resolvendo e na continuidade se abre uma nova sequência (CARRIZO RUEDA, 2008, p.19).

Neste sentido, a autora explica que

Podemos decir entonces que en el “relato de viajes” la falta de relevância del desenlace produce una verdadera inversión en el funcionamiento del discurso y, como consecuencia, las narraciones terminan asumiendo un comportamiento que me atrevo a designar como de ancilla descriptionis, es decir, de eficientes servidoras del señorío de la descripción (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 21)

Ao ler uma narrativa com uma grande predominância descritiva, mesmo que essa descrição seja feita por episódios narrativos, em que o leitor vai “passeando pela obra, quadro a quadro”, como a pesquisadora defende ser este tipo de narrativa, poderia ocorrer-lhe ficar entediado, esperando por um “clímax”. No entanto, segundo Carrizo Rueda (2008, p.23),

Ocorre que de las dos caras de un relato de viajes, la literária y la documental, es esta última la que potencia todo lo relativo a su inscripción en un sistema complejo de expectativas, imaginários, códigos socioculturales y otros aspectos que caracterizan a aquellos receptores a quienes se dirige el autor.

Pelo caráter dual deste tipo de narrativa, caberia ao seu aspecto documental criar as expectativas para o leitor e povoar o seu imaginário. Já ao caráter literário, caberia o “modo” de fazer isso, ou seja, quanto mais habilidoso e engenhoso for o viajante no trabalho com a linguagem, mais sucesso obterá em sua empreita.

Embasada por uma visão formalista, no intuito de formular uma “*morfología del género*”, Carrizo Rueda elaborou uma proposta de análise para a narrativa medieval *Tratado de Andanças y Viajes*, de Pero Tafur, com algumas categorias de análise, que ela chamou de isotopias. Essa narrativa, segundo a autora, foi que lhe permitiu analisar e exemplificar uma a uma, todas as questões levantadas em relação aos elementos constitutivos de um texto dessa natureza. Ao mesmo tempo, permitiu também testar o desempenho analítico do modelo.

As cinco categorias de análise contituidas foram: *I) Andanzas de un hidalgo ingenioso, II) Casas gentiles y hospitales para reyes, III) Los elementos descriptivos y la plurivocidad, IV) El imaginario de la naturaleza e V) las multiples relaciones y el esquema de “red”.*

No entanto, acreditando que, segundo Todorov, o modelo nunca está pronto, mas pode sempre ser (re)avaliado e (re)adaptado, diante das peculiaridades do Relato de Viagem de Ulrico Schmidl e acreditando que as categorias III e V estão diluídas nas demais, uma vez que

apenas pormenorizam a forma de descrever, optou-se por reelaborar três categorias de análise, a partir das cinco citadas e propostas por Carrizo Rueda, as quais serão brevemente descritas a seguir. Depois de devidamente ajustadas, elas serão suficientes, portanto, para uma descrição formal satisfatória da narrativa em questão, o que acontecerá no capítulo IV.

a) *Andanzas de un hidalgo ingenioso.*

Nesta primeira categoria, Carrizo Rueda buscou realizar uma investigação, de acordo com as premissas tradicionais, tratando de averiguar que proveito se poderia obter do relato de Tafur enquanto documento historiográfico. A autora averiguou, então, o que chamou de “riesgo narrativo”. Ela buscou os elementos, sobretudo descritivos, que denotariam o momento histórico da narrativa.

No caso na narrativa de Tafur, a autora explica que

La situación de “riesgo narrativo” surgida del contexto histórico que sirve de transfondo a esta aventura arquetípica, es el conflicto entre el Papa Eugenio IV y los partidários de sustraer a los Pontífices su poder legislativo para otorgárselo a los Concilios, auténticas asambleas internacionales de momento (Carrizo Rueda, 1997, p.93).

Na adaptação feita desta categoria narrativa, cujo nome dado foi **Referência a elementos históricos**, à semelhança do que fez a autora, busca-se encontrar nos elementos formais da narrativa as marcas que denunciem o contexto histórico da época, ou seja, desnudem a face documental do Relato de Viagem de Schmidl.

b) *Casas gentiles y hospitales para reyes.*

Esta segunda categoria descritiva de análise pode ser considerada o cerne da “morfologia do gênero” elaborada pela autora. No caso de seu viajante medieval, há uma rica descrição das condições de vida em geral das pessoas e das civilizações com as quais Tafur entrou em contato. São descrições pormenorizadas de lugares, edifícios, casas e templos

sagrados. Essas descrições, além de contarem com estratégias literárias que enriqueceram a narrativa, também significaram mais uma forma de documentar a época, portanto, certificar a viagem.

A descrição que Tafur, por exemplo, das “casas próprias”, segundo a autora, es um importante fenómeno sociocultural dentro de los grandes câmbios que el occidente europeo experimenta en esse período, durante el cual se va extinguiendo un modelo de vida, al que genéricamente denominamos “medieval” (Carrizo Rueda, 1997, p.102).

Por tratar-se de um Relato de Viagem que Todorov chamaria de “colonial” esta categoria foi adaptada para **Descrição de povos e de lugares**. Nela serão observadas as descrições, sobretudo, dos povos indígenas, de seus hábitos e costumes.

c) *El imaginario de la naturaleza.*

Esta terceira categoria, estabelecida por Carrizo Rueda, tem a preocupação de averiguar como os elementos da natureza estão presentes na narrativa. Normalmente esses elementos servem tanto como *locus amoenus*, onde o viajante encontra sossego e repouso, como para demonstrar como a natureza é desafiadora e assim comprovar a coragem e o destemor do viajante. São, portanto, elementos não apenas descritos diante da realidade encontrada, mas muito vezes “imaginados”. Tafur, por exemplo, descreve varios elementos milagrosos (ou maravilhosos!), segundo a autora.

Esta terceira categoria estabelecida por Carrizo Rueda é, sem dúvida, a mais compatível com o Relato de Viagem de Schmidl e será adaptada como **O imaginário sobre a natureza**.

Lançadas as diretrizes para a compreensão do *gênero* Relato de Viagem e reveladas suas principais características, nesta tese, é necessário distinguir a diferença entre Relato de Viagem e Literatura de Viagem em que termos literários.

Relato de viagem X literatura de viagem

Há inúmeras narrativas na literatura universal que tratam do tema da viagem. A tradição greco-latina conta com viajantes inesquecíveis e que influenciaram, e ainda influenciam, as narrativas do Ocidente. É o caso, por exemplo, de Odisseu/Ulisses, Enéias, Teseu e Jasão, na literatura pagã e Abraão e Moisés, na literatura cristã.

Todos esses personagens podem ser considerados personagens míticos, já que possuem caráter lendário, fabuloso e heroico e, de uma forma ou de outra, figuram numa tradição. São, assim, grandes e indiscutíveis personagens literários. A pergunta, no entanto, é se todas essas famosas narrativas que envolvem personagens viajantes e heroicos podem ser consideradas relatos de viagem.

Segundo Kappler (*apud* CARRIZO RUEDA, 2008, p.10)

Es inútil preguntarse si el libro de viajes constituye un género literario: desde la Odisea hasta la novela de sciense-fiction del siglo XX [...], la abundante literatura de viajes reales e imaginarios responde a nuestras necesidades. A lo largo de la historia del hombre, el viaje, el libro de viajes, son vehículos ideales de sueños y mitos. ¿Cómo pues, ignorar sus aspectos estéticos?

Sem dúvidas, a temática da viagem, seja ela real ou imaginária, é recorrente na Literatura e satisfaz uma necessidade humana de visitar e conhecer novos mundos, afinal, quem nunca deu a volta ao mundo sentado no sofá de casa com um livro nas mãos? Isso porque há elementos míticos e simbólicos que, juntamente com outras características, conferem valores estético e literário às obras.

No entanto, há uma diferença entre o conjunto de características de um livro como *O livro das Maravilhas*, de Marco Polo, e a *Odisséia*, de Homero. Em ambos os casos se aborda a temática da viagem, porém, em cada um dos casos essa viagem é abordada de forma diferente pelos autores, já que no primeiro caso ela é o foco da obra, enquanto no segundo, ela serve apenas como pano de fundo.

Este é um dos motivos pelos quais a autora Carrizo Rueda afirma que há uma distinção entre o que se chama de Relato de Viagem e a Literatura de Viagem.

Relatos de viajes: se refiere a la categoría en la que se inscriben memorias que proporcionan una serie de informaciones sobre un recorrido por ciertos territorios, tal como lo ejemplifican los textos citados de Marco Polo, Pigafetta y Darwin.
Literatura de viajes: abarca aquellas obras caracterizadas por complejos procesos ficcionales, donde cualquier referencia al itinerario se subordina a vicisitudes de la existencia de los personajes, como en los mencionado casos canónicos de Homero, Virgilio y Jonathan Swift (CARRIZO RUEDA, 2008, p.10).

Sendo assim, no primeiro caso, tratar-se-ia de um Relato de Viagem, já que a obra proporciona ao seu leitor um conjunto de informações específicas sobre um determinado lugar. No caso de Marco Polo o foco da narrativa está na descrição de suas memórias, que incluem a descrição dos lugares por onde andou e o que encontrou nas novas terras que conheceu, da mesma forma que também faz Hans Staden, o qual pelo fio narrativo da memória dá informações sobre o território do Brasil, conta sobre sua gente, seus costumes, e sobre tudo o que ali (supostamente) viveu.

Já no segundo caso, da conhecida *Odisséia*, tratar-se-ia de Literatura de Viagem, uma vez que, embora o tema da viagem esteja presente, Homero o faz apenas como um pano de fundo da narrativa. A obra grega é caracterizada, assim, por um complexo processo ficcional, em que as referências ao itinerário estão sempre subordinadas às personagens, sobretudo a Odisseu. Neste caso, o que importa de fato são as aventuras, sucessos e insucessos de suas personagens.

Mesmo assim, é complexa a diferenciação entre o Relato de Viagem e Literatura de Viagem uma vez que as coisas estão imbricadas e, por isso mesmo, esse ainda é um tema muito discutido pelos críticos. Quais seriam então os limites? Carrizo Rueda, porém, lança algumas luzes sobre essa questão ao afirmar que

... la “literatura de viajes” tiene como referente primordial una ficción, mientras que el “relato de viajes propiamente dicho” es un género mixto, en el que no se puede separar de ningún modo, lo documental de los recursos atribuidos a la “literariedad” (CARRIZO RUEDA, 2008, p.11).

Embora toda narrativa esteja inserida numa determinada sociedade e seja pertencente a uma determinada época, muitas vezes evocando efeitos de sentido ligados à História, a literatura não tem compromissos com o verdadeiro e com o factual, apenas com o verossímil. Mesmo que Enéias carregue consigo traços do povo romano, não há registro de que o indivíduo Enéias tenha existido e seus feitos não são reais, muito menos existem os lugares por onde ele passou e as personagens com quem cruzou. Já Marco Polo existiu de fato e as viagens que relata realmente aconteceram, os lugares por onde passou existem e servem como registro documental em muitos casos. A viagem de Polo tornou-se um feito que entrou para a História da Humanidade, enquanto Enéias é um personagem que entrou para o mundo literário.

Embora o factual esteja para o Relato de Viagem da mesma forma que o ficcional está para a Literatura de Viagem, isso não quer dizer que não haja um traço ficcional nos Relatos de Viagem. Não é possível afirmar que Marco Polo tenha vivido exatamente tudo que narrou, basta lembrar sobre o que ensina Giucci (1992, p.89) na construção do maravilhoso neste tipo de narrativa “o relato do viajante deve satisfazer as expectativas do leitor. E torna-se compreensível para o receptor ao ser integrado à convenção literária do maravilhoso”.

Não é possível, portanto, associar o Relato de Viagem a uma narrativa desprovida totalmente de ficção e imaginação, sobretudo nos Relatos dos navegadores que deveriam dar notícias do Novo Mundo. Havia uma preocupação em povoar o imaginário dos leitores com figuras e cenários pitorescos, de forma que o novo fosse também atrativo, quer seja pela beleza, quer seja pela curiosidade diante do fantástico e surpreendente. Desta forma, são muitos os elementos envolvidos na construção do maravilhoso, que muitas vezes foi construído a partir da ignorância, dentre outros.

Marco Polo relata em seu livro de viagens pela Ásia que, na saída da cidade de Cambalu, a caminho de Catai, havia um grande monte onde se encontravam pedras negras que ardiam como madeira. Quando bem acesas, de acordo com a narração do viajante veneziano, elas mantinham o fogo de um dia para o outro (*Milione*, LXIJ). Representava para o leitor medieval um exemplo das maravilhas do Oriente, uma prova suplementar de sua natureza prodigiosa. Para o leitor moderno essa pedra negra, de supostas qualidades excepcionais, transformou-se, desvirtuando-se, nesse ínterim, em carvão (GIUCCI, 1992, p.14).

Por esse exemplo é possível perceber que o maravilhoso se apoia no desconhecimento ou na falta de hábito. Mas não exige necessariamente concordância entre o objeto e o narrado. Muitas vezes ainda o maravilhoso se movimenta entre a realidade e o mito, apropriando-se de ambos, é o caso, por exemplo, das várias narrativas de conquistadores que falam das riquezas do Novo Mundo ou de sua fauna e flora.

Giucci faz uma lista de princípios que caracterizam o maravilhoso, tomado em seu conjunto (GIUCCI, 1992, p.16)

- 01 – Aparentemente autárquico, não possui governo próprio.
- 02 – Apresenta-se como plenamente formado, embora esteja sujeito a ascensões e declínios e sofra mutações ou hibridações contínuas.
- 03 – Situa-se fora do familiar.
- 04 – Suas zonas geográficas privilegiadas são os interiores desconhecidos ou vislumbrados.
- 05 – É nômade, mas, junto a cada deslocamento territorial, integram-se ao antigo modelo traços inovadores ou formulam-se novas versões do mesmo. O deslocamento territorial do modelo conhecido é sempre maior que a transcrição da representação anterior depositada nas novas regiões.
- 06 – Magnifica o que toca, forjando frequentemente, por meio da interposição sistemática de um ouropel de excessos, uma imagem empobrecedora da alteridade.
- 07 – É relativo, pois adquire vida em função do sujeito que percebe.
- 08 – Revela mais sobre a ideologia que o engendra e consome do que sobre a realidade que declara reproduzir.
- 09 – Inesgotável enquanto sistema de representação, é perecível enquanto formulação histórica específica.
- 10 – Ao gerar expectativas ou desejos, expressa-se como circunlocução ou ausência de intimidade; quando deixa de gerá-los, como pura ficção ou excessiva familiaridade.
- 11 – Uma vez esgotada sua formulação conjuntural, esta não é suscetível de ser efetivamente reatualizada.

Esse mundo maravilhoso, construído a partir dos princípios formulados, não são privilégio apenas dos Relatos de Viagem, mas são características literárias de muitos outros gêneros. O remoto e o maravilhoso se entrelaçam, por exemplo, na epopéia homérica, já que as regiões desconhecidas para a civilização helênica estão povoadas de seres mágicos e fantásticos. São ninfas sedutoras que transformam os humanos em porcos, ciclopes que devoram seus visitantes, sereias de canto mortífero, lestrigões robustos e temíveis, monstros que ameaçam interromper a trajetória retorno do herói a sua pátria. Mas Odisseu não recua diante do perigo monstruoso. Ao contrário, o desafio o incentiva, aumentando sua curiosidade

em conhecer as terras e os costumes dos ciclopes (*Odisséia, IX*) e em ouvir o canto mortal das sereias (*Odisséia, XII*).

Os dois episódios mencionados (*Odisséia IX e XII*) testemunham a presença de seres fabulosos no remoto desconhecido; ou melhor, testemunham a projeção do imaginário de uma sociedade que gera prodígios nos espaços distantes a seu próprio entorno (GIUCCI, 1992, p.25).

O maravilhoso não serve, deste modo, como um elemento de distinção propriamente entre o Relato de Viagem e a Literatura de viagem, já que brincar e explorar o imaginário do leitor, criando figuras e explorando mitos, é um lugar comum nas narrativas que envolvem o tema da viagem.

Carrizo Rueda, ainda discutindo as características de um Relato de Viagem, adverte que é preciso recordar que a categoria Relato de Viagem permaneceu durante muito tempo considerada somente como um material informativo para historiadores, sociólogos e antropólogos. Explica que isso aconteceu porque suas características estão no limite entre a ficção e o documental e dá uma definição que possibilita compreender as particularidades desta categoria narrativa. *“El “relato de viajes” es un género de naturaleza dual e indivisible que según pienso, puede representarse a través de la que es propia de los mitos de la hibridación”* (CARRIZO RUEDA, 2008, p.11).

Aquilo que por longa data pareceu estranho à Crítica Literária e o motivo pelo qual ele foi “esquecido” por muito tempo – a natureza dual do relato – na verdade, é o que o define. Essa natureza dúbia que o caracteriza como um gênero híbrido é algo particularmente valorizado pelo pensamento da segunda modernidade.

Esteves adverte que até parece fácil de resolver a questão da distinção entre Relato de Viagem e Literatura de Viagem ao pensar no que seria próprio do campo da história, da literatura e da ficção, mas alerta que esses próprios limites são difíceis de serem definidos.

Com a proliferação de uma série de gêneros híbridos, ou fronteiraços, todos eles de alguma forma associados com os relatos de viagem, fica cada dia mais difícil dizer o que é a “realidade” em si e o que é a representação dessa realidade através de um

relato, por exemplo, como no caso da ficção (*apud* ESTEVES e ZANOTTO (orgs.), 2010, p.23).

Embora com limites tênues, Carrizo Rueda defende que a distinção entre os gêneros deve ser *formal* e não estaria na temática, já que ambos tratam da viagem. Nas palavras de Esteves, em consonância com a autora, um dos principais elementos que permitiriam estabelecer diferenças entre as duas modalidades seria o uso particular da descrição. Não sua presença em si, constante em todos os textos do gênero, mas na função que ela desempenha na narrativa. No caso da “literatura de viagem”, as descrições cumprem um claro papel de estar a serviço da narração. Ao contrário, nos “relatos de viagem”, as descrições não dirigem o leitor para um desenlace, porque ele nem mesmo ocorre. Cada um desses fragmentos descritivos constitui uma espécie de friso e cada um deles tem interesse por si mesmo, sem que apareçam elementos que os vá entrelaçando com o objetivo de abrir e de manter expectativas que se direcionam para uma conclusão. Nos relatos de viagem, não há outro final além da decisão do viajante de não continuar escrevendo sobre suas experiências (*apud* ESTEVES e ZANOTTO (orgs.), 2010, p.23-24).

Portanto, definidas as distinções entre Relato de Viagem e literatura de viagem, assume-se, a partir de agora, a demonstração e a defesa da leitura segundo o olhar literário sobre a obra de Ulrico Schmidl.

CAPÍTULO IV

ADAPTAÇÃO E APLICAÇÃO DAS CATEGORIAS DE CARRIZO RUEDA AO ESTUDO DO TEXTO DE ULRICO SCHMIDL

A autora Carrizo Rueda, baseada no método estruturalista desenvolvido pelos Formalistas Russos, faz uma proposta de análise para o Relato de Viagem de Pero Tafur, como já mencionado anteriormente, fundamentada, sobretudo, na descrição.

A proposta das páginas a seguir é demonstrar como o registro de Schmidl é um Relato de Viagem pelo seu valor histórico e pelo seu valor documental, resultante do processo de transmissão do texto, utilizando para isso três categorias de Carrizo Rueda, ajustadas ao texto de Utz e descritas na seção anterior. Para cumprir esta finalidade, foram selecionados alguns pontos considerados importantes para a compreensão deste tipo de narrativa como um texto de valor literário.

Carrizo Rueda defende que os critérios para estudar e definir os Relatos de Viagem devem ser formais, do contrário, qualquer estudo está fadado ao fracasso.

...los conceptos referidos a los “relatos de viajes” y pone relieve la necesidad imperiosa de comenzar a fijar ciertas pautas básicas para su utilización. Son estas convicciones las que me han llevado a desarrollar la investigación que expongo... A esta altura de los estudios sobre distintas facetas del discurso resulta evidente que una investigación de tal tipo tiene que apoyarse en criterios morfológicos sustentados por la teoría literaria. Cualquier otro punto de partida, condicionado por la variabilidad de las circunstancias de emisión y recepción, como por ejemplo los asuntos relatados, está condenado de antemano a la parcialización y en definitiva a la frustración (CARRIZO RUEDA, 2008, p.IX).

A autora critica aqueles que, ao estudarem os relatos de viagem, usam como critério para determinar este gênero apenas o assunto, ou seja, seu caráter histórico. Explica, inclusive, que no passado, as tentativas frustradas de investigação, devem-se a esse procedimento. Para Carrizo Rueda, embora história e literatura, neste caso, sejam duas facetas de um mesmo texto, a conjunção dos critérios formal/literário é a única chave para compreender o gênero.

É necessário, portanto, relativizar esta afirmação da autora. As categorias literárias, ou melhor, as categorias retóricas e poéticas ajudam na composição do texto, posto que no século XVI elas vigoravam como modelos na escrita. Esse uso provoca a confusão na linguagem do relato de viagem, que é marcada por um ornato próprio do poeta e um conteúdo histórico, afinal, o homem dos séculos XV e XVI é um conhecedor dos preceitos retóricos e poéticos de escrita.

Sendo assim, é importante lembrar dos ensinamento aristotélicos, que evidenciam que

... não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato do primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (...) Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. Por tal motivo a poesia é filosófica e de caráter mais elevado que a História, porque a poesia permanece no universal e a História estuda apenas o particular (ARISTÓTELES, s/d, p.252).

Nesta distinção feita por Aristóteles entre o poeta e o historiador, em que cabe ao primeiro tratar do universal e verossímil e ao segundo do particular e histórico, é possível ter mais clareza quanto à confusão que se opera no estudo dos Relatos de Viagem.

Trata-se de um gênero marcado justamente pela mistura entre a voz do poeta e do historiador. Este último, neste caso, conhece o ofício do poeta, mas não o assume no ato de relatar. Por isso, as páginas que se seguem buscam demonstrar o estilo de narrar poético/retórico de Schmidl ao relatar uma matéria que é do campo de atuação do historiador, e que, na maioria das vezes, é quem predomina.

Sendo assim, a proposta de reelaboração das categorias de análise, para a narrativa de Schmidl, a partir desta perspectiva, justifica-se uma vez que, no caso da narrativa de Tafur, tratava-se de um Relato de Viagem Medieval e, no caso do soldado bávaro, de um Relato de Viagem Moderno, cuja adesão ao estilo vigente nos anos Quinhentos e Seiscentos, confere ao texto um olhar da retórica que orienta as produções da época.

A partir desta perspectiva foram selecionadas três categorias, propostas por Carrizo Rueda e que devem ser reelaboradas: a referência aos elementos históricos, a descrição de povos e de lugares e o imaginário sobre a natureza.

4.1. Referência a elementos históricos.

O Relato de Viagem, na concepção de Carrizo Rueda e deste trabalho, tem duas faces indivisíveis: a documental e a literária. Essa dualidade, além de ser motivo para este tipo de narrativa ser considerado híbrido, é também o que o distingue das demais narrativas.

Nesta primeira categoria, o intuito é buscar, à semelhança do que faz a autora ao analisar o Relato de Viagem de Tafur, os elementos da narrativa que comprovam o momento histórico vivido e registrado pelo viajante. Trata-se de averiguar que proveito se pode obter do relato enquanto documento historiográfico. A autora explica que na leitura da obra de Tafur se podem perceber claramente seus propósitos fundamentais, que eram peregrinar pelos lugares santos e conhecer outras terras (CARRIZO RUEDA, 1997, p.95).

No Relato de Schmidl seus propósitos, que eram conquistar a nova terra e buscar riquezas, dentre outros, também ficaram explícitos ao longo da narrativa e são perceptíveis ao leitor justamente pelos trechos destacados e comentados a seguir. Schmidl é um soldado bávaro, a mando de mercadores da Germânia, que integra uma embarcação a serviço do reino católico espanhol com o intuito de explorar a região do Rio da Prata, no sul do continente americano.

Após seu regresso à Europa, registra os acontecimentos vividos numa viagem que ocorreu, supostamente, no início do século XVI, impulsionada pelo movimento das grandes navegações, que tinha como protagonistas os Reinos de Portugal e Espanha. O objetivo deste tipo de viagem era a conquista e a colonização, ambas tanto de cunho econômico e político, como também religioso e tudo isso irá marcar a narrativa.

4.1.1 O registro do contexto sociopolítico.

A marca desse contexto histórico e do objetivo conquistador perpassa toda a narrativa.

Logo no início, já se encontram postos os elementos que denunciam o contexto histórico do texto¹⁵⁶.

Principio cum Antuerpia Hispaniam petiturus, ad civitatem nomine CALLIS, ad quā 400 miliaria in mari numerāt (...) Ad dictam hanc civitatem CALLIS quatuordecim ingentes naves omnib. rebus necessariis instructae & probe munitae convenerant, RIO DELLA PLATA Indiae petiturae. Aderant simul ibi 2500 Hispani, & 150 Germani, ex superiori, partim & inferior Germania, partim ex Saxonia oriundi. Et supremus nostrū omnium praefectus PETRUS MANCHOSSA vocabatur.

Ex quatuordecim hisce navibus, una Domini SEBASTIANI NEIDHARD, & IACOBI WELSERI Norinbergensis erat, qui procuratorē suum HENRICUM PAEIME propter mercaturam RIO DELLA PLATA Indiae miserant. His ego me una cum aliis, superioris & inferioris Germanie 80 fermè, armatis adiunges, RIO DELLA PLATA profecti sumus.

Cum eo venissemus, postmodum, autore dicto nostro praefecto vel Capiteano, cū quatuordecim navibus SYVILLA, eodem anno, die Bartholomaei solvimus, & ad civitatem Hispaniae appulimus, cui nomen est S.LUCAS. Civitas haec à SYVILLA viginti miliaribus distat, ubi propter nimias tempestates ad primum usque Septembris, eiusdem anni commorati sumus 157.

a) O ano da viagem: Schmidl registra, logo no início, de onde sai a expedição, qual o seu destino e quem é seu comandante - Pedro de Mendonça. Infelizmente, porém, não está posta com clareza a data em que partiram os navios rumo à América. Como visto pela citação do texto em latim, o autor não menciona o ano exato em que partiram. Entretanto, é necessário destacar que outras edições do Relato registram 1534 como sendo o ano da partida da expedição. É o caso da edição espanhola que traz uma introdução, não existente na edição em latim de 1599 traduzida por Gottard Arthus, com o seguinte registro.

¹⁵⁶ A tradução na íntegra do texto em latim para o português encontra-se anexo. Lá estão também todas as notas filológicas e linguísticas relativas ao trabalho de tradução e seu aparato.

¹⁵⁷ Inicialmente, quando me dirigindo de Antuérpia para Espanha, aportei numa cidade de nome CALLIS, a qual se contam 400 milhas no mar (...). Nesta dita cidade de CALLIS reuniram-se 14 imensos navios construídos e munidos de todas as coisas necessárias para se dirigir ao Rio da Prata nas Índias. Estavam lá juntos 2500 hispanos e 150 germanos, em parte oriundos da Germania Superior e Inferior, e em parte oriundos da Saxonia. E o supremo chefe dentre nós todos se chamava PETRUS MANCHOSSA. Destes 14 navios, um era dos senhores SEBASTIANI NEIDHARD, & IACOBI WELSERI Norinbergensis (Sebastião Neihart e Welser James em Nuremberg), os quais enviaram, ao Rio da Prata, nas Índias, seu procurador HENRICUM PAEIME por causa de negócios. Com eles, eu, tendo-me incluído em outros aproximadamente 80 soldados da baixa e alta Germânia, partimos para o Rio da Prata. Mais tarde, quando viemos com ele, sob a ordem do nosso comandante, ou melhor, nosso capitão (Mendonza), com 14 navios de Sevilha, no mesmo ano, no dia de São Bartolomeu zarpamos e aportamos numa cidade da Espanha, cujo nome é São Lucas. Esta cidade (S.Lucas) dista de Sevilha 20 milhas, onde por causa de abundantes tempestades permanecemos até 1º de setembro do mesmo ano (tradução nossa).

INTRODUCCIÓN

Donde se trata de la ruta y del viaje que yo, Ulrico Schmidl, de Straubing, en el año 1534 A.D. partiendo el dos de agosto desde Amberes he arribado per mare hacia España y más tarde a Las Indias por la voluntad de Dios. También de lo que ha ocurrido y sucedido a mí y a mis demás compañeros como se cuenta después.

1534

Quando he partido... (SCHMIDL, 2007, p. 21)

O subtítulo “1534” e a narração que o segue são semelhantes à encontrada em latim, embora ele não figure no texto latino. A versão traduzida para o português por Lorenzetto tem esta mesma estrutura.

Prefácio

Sabendo da rota e da viagem que eu, Ulrico Schmidl, de Straubing, no ano de 1534 d.C. partindo em dois de agosto desde Amberes consegui chegar por mar na Espanha e mais tarde nas Índias pela vontade de Deus. Também o que ocorreu e sucedeu comigo e com meus companheiros como narro em seguida.

1534

Quando parti de Amberes... (LORENZETTO, 2006, p.5)

A edição de MARTINS *et alii* (2011) traduzida para o português, embora estruturada de outra forma, sem prefácio, também registra a partida no ano de 1534.

Capítulo 1

Viagem por mar, da Antuérpia à Espanha.

No ano 1534 empreendi viagem da Antuérpia a Espanha. Ao final de quatorze dias... (MARTINS *et alii*, 2011, p. 43).

Essa semelhança das edições se explica porque, conforme já exposto no Capítulo I, as traduções para o espanhol, e consequentemente para o português, fazem parte de um mesmo ramo da história de transmissão do texto, ou seja, elas descendem da mesma edição em latim de Levinus Hulsius de 1599.

Já o historiador Kalil (2008) refere-se, em seu trabalho, a uma viagem que Schmidl teria feito ao Rio da Prata de 1536 a 1553 e explica que:

Pajem de Carlos V e, provavelmente, participante do saque de Roma, Mendoza obteve, em 1534, uma capitulação outorgada pelo rei que lhe concedia um amplo território, que ia do *río de la Plata* até o *mar del Sur* (...) O *adelantado* conseguiu partir da Espanha em setembro de 1535. Alguns historiadores, como Paul Groussac, apontaram que sua expedição foi formada por apenas onze embarcações. Entretanto, a informação mais recorrente (indicada por autores como Ruy Díaz de Guzmán, Edmundo Wernicke e Enrique de Gandía) é de que dos dezesseis barcos que partiram, um se perdeu na costa do Brasil e outro (“*La Marañona*”) seguiu em direção a Santo Domingo, tendo o restante chegado, em fevereiro do ano seguinte, à foz do rio da Prata (KALIL, 2008, p. 29-30).

Antes de tudo, é preciso lembrar-se das lições da Crítica Textual e levar em consideração as alterações que um texto pode sofrer no seu processo de transmissão e também de tradução. Sendo assim, fica a dúvida a respeito de qual seria a data de partida da expedição. Para que se tenha certeza, só mesmo se se empreender a análise do documento original, em alemão, o que não é o foco desta pesquisa. Sendo assim, diante desta polêmica, nesta pesquisa é feita a opção por referir-se à chegada de Utz, ao Rio da Prata, apenas como início do século XVI.

b) Composição política: O trecho do texto em destaque serve para atestar os estreitos laços existentes entre os espanhóis e alemães naquele momento histórico.

Segundo Kalil:

Entre os navios que compunham a expedição encontrava-se um de propriedade de Sebastián Neihart e Jacobo Welser (banqueiros de Nüremberg), tripulado por cerca de cento e cinquenta alemães, austríacos e holandeses comandados por Heirich Paime. Os laços entre as regiões espanhola e alemã eram muito fortes no período, o que fica evidente através da coroação de Carlos I da Espanha, que também possuía o título de Carlos V da Alemanha – forma pela qual ficou conhecido. Entre as casas comerciais alemãs que prosperaram, as principais foram os Függer (enriquecidos pela exploração de metais na Europa central) e os Welser (comerciantes de tecidos e especiarias) que, juntas, financiaram sua ascensão ao trono (KALIL, 2008, p. 30).

Embora não existisse ainda um Estado alemão no século XVI e a região fosse composta por diversos reinos, Kalil explica que era possível falar de uma Alemanha, neste período, no aspecto cultural, e o próprio Schimdl vai fazer menção a sua terra, ao longo de sua narrativa, como Alemanha. Essa região, que pode ser chamada de Alemanha, tinha estreitos laços com a Espanha, justamente pela coroação de Carlos I na Espanha, conhecido também, em terras germânicas, como Carlos V. Carlos era o herdeiro de três das principais dinastias europeias: da Casa de Habsburgo, da Monarquia de Habsburgo, da Casa de Valois-Borgonha dos Países Baixos Borgonheses e da Casa de Trastâmara das coroas de Aragão e Castela. Como neto de Maximiliano I, Sacro Imperador Romano-Germânico, e de sua esposa Maria de Borgonha por via paterna, Carlos tornou-se o Sacro Imperador Romano-Germânico, com o título de Carlos V, a partir de 1519. Neto dos Reis Católicos por via materna tornou-se Rei

da Espanha com o título de Carlos I, já que a 30 de maio de 1516, ao falecer o seu avô materno Fernando II de Aragão e com o apoio econômico dos banqueiros da família Fugger (conhecidos em Espanha como os *Fúcares*), foi proclamado rei de Espanha em Madrid.

Sublinhe-se, assim, que os banqueiros mencionados por *Utz* – Sebastián Neithart e Jacobo Welser – já mantinham então negócios com a Espanha. Antes de enviarem um navio acompanhando a expedição comandada por Pedro de Mendoza, os Welser – antiga família de Augsburgo que, em 1473, fundou uma casa de comércio – já tinham se unido com os Függer durante a expedição de Sebastián Caboto. Graças a seu apoio na ascensão de Carlos V ao poder, os Welser obtiveram, em 1528, uma grande concessão de terras na região venezuelana. Contudo, os ataques indígenas, a escassez de homens, de água e de alimentos e a conversão ao protestantismo – que levou a Coroa alemã a retirar o seu apoio – acabaram forçando a casa alemã a abandonar a região em 1555 e, anos depois, a decretar sua falência (KALIL, 2008, p.30). Há especulações de que Schmidl seria um comerciante da Antuérpia que teria se aventurado na expedição como agente dos banqueiros alemães, com o intuito de informá-los sobre o Novo Mundo. Sobre isso, no entanto, nada ficou provado até o momento.

c) Catolicismo: Particular atenção se deve ainda à orientação católica presente na narrativa e demonstrada no trecho em destaque. Afinal, o autor faz questão de registrar que eles saem de Sevilha e aportam em São Lucas no dia de São Bartolomeu.

Segundo a tradição católica, o dia de São Bartolomeu é comemorado em 24 de agosto, data de sua morte. São Bartolomeu teria sido um apóstolo de Jesus Cristo. Até seu primeiro encontro com Jesus, São Bartolomeu era cético e, às vezes, irônico com relação à religião. Porém, depois de convertido, tornou-se um dos apóstolos mais ativos e presentes na vida pública do Mestre. Depois de Pentecostes, São Bartolomeu foi pregar o Evangelho e, segundo a tradição da Igreja, ele teria ido evangelizar as regiões da Índia, Armênia Menor e Mesopotâmia.

Para isso, ele teria superado dificuldades de idioma e de cultura e, na Armênia, depois de converter muitas pessoas, inclusive o rei Polímio e sua esposa, ele teria sofrido o martírio, motivado pela inveja dos sacerdotes pagãos, os quais insuflaram Astiages, irmão do rei, e conseguiram uma ordem para matar o apóstolo. São Bartolomeu foi esfolado vivo e, como não morreu, foi decapitado no dia 24 de agosto de 51.

Assim essa menção ao dia de São Bartolomeu pelo autor denota sua formação católica. São Bartolomeu é aquele que ultrapassa fronteiras, inclusive linguísticas e culturais, e chega até as Índias para Evangelizar. Sendo assim, ele poderia ser tomado como um patrono da missão, já que a expedição teria o mesmo desafio e tinha, mesmo que em segundo plano, a intenção de catequizar. Assim como no mundo antigo os escritores invocavam as musas para a grande e árdua tarefa na escrita de uma obra literária, e até alguns escritores do mundo cristão, como Dante e Camões, também assim o fizeram com a finalidade de atestar erudição, essa poderia ser considerada uma forma de invocação cristã para o sucesso da missão, ou até mesmo, quem sabe, para o êxito da narrativa.

É importante lembrar também que ao regressar à Europa, Schmidl se converte ao protestantismo. Os poucos registros existentes sobre o autor, relatam que ele regressou a Straubing, sua cidade natal, em 1554, onde herdou a propriedade de seu irmão, mas em 1562 teria se mudado para Regensburg, numa espécie de exílio, justamente por ter se convertido ao protestantismo. Provavelmente morreu naquele local, em 1579.

As citações exercem uma função documental na narrativa, marcando orientação católica do pensamento do governo e, ao mesmo tempo, cumprindo uma função de delimitar a narrativa historicamente.

4.1.2 O papel das *grandes navegações*¹⁵⁸ na viagem de Ulrico Schmidl.

O caminho feito pela expedição e o reconhecimento da autoridade da coroa espanhola nas Ilhas Canárias demonstram claramente o espírito das grandes navegações.

Hinc soluentes, ad tres insulas non procul ab inuicem distantes peruenimus, quarum nomina sunt DEMERIEFFE, KUMERO, PALMAN. Hae insulae à civitate S.LUCAS distant 20 ferè miliaribus, in quibus navium partitio facta est. Caesaream Maiestatem agnoscunt, & meris Hispanis habitantur saccari parandi peritissimis. In PALMAN quidem insulã tribus nauibus peruenimus & nobis, cum quatuor septimanis ibi fuissetus, de rebus necessariis iterum prospeximus¹⁵⁹ (grifos nossos).

a) Ilhas Canárias: Schmidl registra então a primeira parada da embarcação que foi nas Ilhas Canárias, de propriedade do governo espanhol. As Ilhas Canárias, na verdade, são um arquipélago constituído por sete ilhas principais e outras pequenas ilhas. São conhecidas desde a Antiguidade. Porém, depois de um período de isolamento, resultado da crise e queda do Império Romano do Ocidente e das invasões dos povos bárbaros, as ilhas foram redescobertas e novamente visitadas com regularidade por embarcações europeias a partir de meados do século XIII. A sua redescoberta é reivindicada por Portugal em período anterior a agosto de 1336, mas a sua posse, entretanto, foi atribuída ao reino de Castela pelo Papa Clemente VI, o que suscitou inclusive um protesto diplomático de Afonso IV de Portugal.

A conquista das Canárias, portanto, foi antecedente à conquista do Novo Mundo e se baseou na destruição quase completa da cultura indígena, na rápida assimilação do cristianismo e na miscigenação entre nativos e colonizadores. Uma vez concluída a conquista das ilhas, elas

¹⁵⁸ Entende-se por *grandes navegações* o período histórico que compreende os séculos XV e XVI em que os europeus, sobretudo Portugal e Espanha, lançaram-se aos oceanos em busca de uma nova rota marítima para as Índias e, conseqüentemente, de novas conquistas. Entende-se também como um período que acarretará grandes modificações geográficas, políticas e históricas no mundo conhecido da época e todas essas alterações ecoaram na narrativa em questão.

¹⁵⁹ Tendo zarpado dali chegamos a três ilhas não muito distantes uma das outras, cujos nomes são DEMERIEFFE, KUMERO, PALMAN (Tenerife, Gomera e Palma – as ilhas canárias). Estas ilhas estão distantes quase 20 milhas da cidade de São Lucas, nas quais foi feita a divisão dos navios. As ilhas reconhecem a Cesárea Majestade, e são habitadas absolutamente por espanhóis muito habilidosos na preparação de açúcar. Na verdade, em Palma, chegamos com três navios, enquanto estivemos nesse lugar durante quatro semanas, novamente nos abastecemos das coisas necessárias (tradução nossa).

passaram a depender do reino de Castela, impondo-se um novo modelo econômico baseado na monocultura, primeiro da cana-de-açúcar e, posteriormente, do vinho. As Canárias tornaram-se ponto de escala nas rotas comerciais com a América e a África.

Sendo assim, neste trecho da narrativa, que documenta esse papel de “ponto de parada” das ilhas, merece particular atenção o verbo *agnoscunt*. O verbo latino *agnosco*, *-is*, *-ovi*, *agnitum*, *agnoscere* significa reconhecer, confessar, admitir, ter ou considerar como e é usado pelo autor para se referir ao reconhecimento da autoridade espanhola.

Nas outras versões do texto, em espanhol e em português, registra-se apenas que as ilhas “pertenciam” à Coroa Espanhola. “Pertencer” e “reconhecer” são verbos com significados bastante distintos. Enquanto o primeiro denota apenas um sentido de propriedade, o segundo denota identificação e a admissão da uma autoridade com legitimidade e quase agradecimento. No texto em latim, o autor expressa, por meio dessa escolha verbal, que os habitantes dessas ilhas aceitavam passivamente a autoridade espanhola. Há, portanto, um registro claro da dominação espanhola sobre os seus territórios “conquistados”.

A dominação e a exploração espanholas são corroboradas pelo trecho que narra a atividade de produção de açúcar. Os espanhóis que ali habitavam não só reconheciam a autoridade espanhola, mas para ela trabalhavam, produzindo açúcar com muita habilidade. O uso do superlativo absoluto¹⁶⁰ latino para designar a produção de açúcar “*saccari parandi peritissimis*¹⁶¹”, registrado apenas nessa edição da Casa de Bry de 1599, indica que a habilidade daqueles habitantes da ilha em produzir um bom açúcar era incomparável, o que resultaria, portanto, num açúcar de grande qualidade e altamente rentável. É conhecido por todos que as colônias ibéricas acabaram, entre outras coisas, sendo grandes produtoras de cana e

¹⁶⁰ “Quando se indicar que um sujeito possui uma qualidade em grau elevado, mas não faz comparação com outro sujeito, usa-se o superlativo absoluto” (RAVIZZA, 1956, p.248).

¹⁶¹ Superlativo absoluto formado a partir da forma latina do participio passado de *perior* – *peritus*, *-a*, *-um* que significa aquele que sabe por experiência, instruído, douto, sábio, hábil, inteligente, perito.

consequentemente de açúcar. Trata-se, portanto, de mais um registro histórico da importância e influência das Grandes Navegações feito por *Utz* em sua narrativa.

O grupo que viajava para a região do Prata também passou por terras de domínio português e Schmidl registrou como eram os habitantes do lugar.

Postea reparata navi nostra, insulam quandam petiimus cui nomen est S.JACOBO, vel hispanicè SANCT IAGO. Haec insula ad Regem Portugallensem pertinet, subiectos sibi habet Aethiopes nigros, & 300 miliaribus ab insula PALMAN distat. Hic commorati sumus per dies quinque & nobis de cibo potu atque aliis ad navigationem necessariis rursus prospeximus¹⁶² (grifos nossos).

b) Cabo Verde: O autor faz referência também aos negros da Ilha de Santiago, de propriedade da Coroa Portuguesa. A ilha hoje é considerada a maior e mais populosa ilha do arquipélago de Cabo Verde e é historicamente conhecida como uma das primeiras conquistas portuguesas, no período das grandes navegações, e serviu estrategicamente ao tráfico negreiro. A descoberta de Cabo Verde se deu no século XV, mais precisamente em 1460, e a colonização portuguesa começou logo após a sua descoberta, sendo as primeiras ilhas a serem povoadas as de Santiago e do Fogo. Para incentivar a colonização, a corte portuguesa estabeleceu uma carta de privilégio aos moradores de Santiago, relativa ao comércio de escravos na Costa da Guiné. Em Ribeira Grande, na ilha de Santiago, estabeleceu-se a primeira feitoria, que serviu como ponto de escala para os navios portugueses e para o tráfico e o comércio de escravos, que começava a crescer por essa época.

Desta forma, quando Schmidl faz menção aos negros etíopes sujeitos ao monarca português, corroborando a existência de negros naquela ilha e sublinhando que eles eram “propriedade” da Coroa Portuguesa, ele confirma um episódio histórico, ou seja, a existência da escravidão negra, amplamente usada nas colônias portuguesas e consequência das Grandes Navegações.

¹⁶² Depois de nosso barco reparado, dirigimo-nos a uma ilha cujo nome é S. IACOBO, ou em espanhol Ilha de Santiago. Esta ilha pertence ao rei português, tem negros etíopes sujeitos a si e está distante 300 milhas da ilha de Palma. Ali permanecemos por cinco dias e nos provemos, mais uma vez, de comida e bebida e outras coisas necessárias para a navegação (Tradução nossa).

Saindo da Ilha de Santiago, a frota parte rumo à América (Índias para os espanhóis naquele momento) e chega mais uma vez a terras portuguesas.

Postea hac insula discedentes ad aliã peruenimus, RIO GENNA dictam, quae 500 miliaribus à superiori distat, & Regi Portugalliae paret. Haec est insula RIO GENE in India, & istius loci Indiani, vocantur TOPPIS, ubi commorati sumus 14 diebus¹⁶³.

c) Rio de Janeiro: Em toda a narrativa de Schmidl, em latim, os topônimos são confusos. Na maioria das vezes, quando esses topônimos são comparados aos encontrados nas edições em espanhol e em português, tem-se a impressão de que o autor (ou talvez até mesmo o tradutor) tentou transcrever aquilo que ouvia. É comum aparecerem nomes ou palavras que, numa possível escrita fonética, misturaram elementos das línguas indígenas, do espanhol e até do alemão. Por isso, quando no trecho selecionado aparece o topônimo RIO GENNA acredita-se, inclusive em comparação com as outras edições e dentro do contexto da obra, que se trata de RIO DE JANEIRO.

Desta forma, Schmidl estaria fazendo referência a uma parada que a frota fez no Rio de Janeiro. Porém, a cidade do Rio de Janeiro não teria sido fundada posteriormente por Estácio de Sá em 1565?

Segundo Carvalho (1990, p. 23)

Em janeiro de 1504, entrou pela primeira vez na baía de Guanabara, o navegante português Gonçalo Coelho. Julgou o descobridor ter aportado na foz de um largo rio, e daí o nome dado então à região.

É também Carvalho quem explica que alguma nau da frota de Cabral talvez já tivesse anteriormente avistado a baía, mas coube provavelmente a Gonçalo Coelho o primeiro desembarque com tentativas de ocupação e de relações com os índios. Isso explicaria a versão popular do descobrimento da Baía de Guanabara, à margem da qual a cidade foi fundada pelo

¹⁶³ Mais tarde, saímos desta ilha e chegamos a outra chamada RIO GENNA que dista 500 milhas da maior e obedece ao Rei de Portugal. Esta é a ilha de RIO GENE na India, e os indigenas deste lugar são chamados TOPPIS, é onde permanecemos por 14 dias (Tradução nossa).

explorador português Gaspar de Lemos em 1 de janeiro de 1502. Segundo essa versão, Lemos teria comandado um dos navios da frota de Pedro Álvares Cabral e, ao confundir a baía com um rio, deu-lhe o nome de Rio de Janeiro. Deve-se ressaltar também que embora se afirme que o nome "Rio de Janeiro" tenha sido escolhido em virtude de os portugueses acreditarem se tratar a baía da foz de um rio, na verdade, à época, não havia distinção de nomenclatura entre rios e baías - motivo pelo qual foi o corpo d'água designado como rio.

Entretanto, em 1519, segundo o mesmo Carvalho (1990, p.23), já se achava abandonada a baía quando Fernão de Magalhães, de passagem por ela, deu-lhe o nome de baía de Santa Luzia. Só em 1560 os portugueses conseguiram, sob o governo de Mem de Sá, expulsar os franceses que ali se instalaram devido ao abandono da região pela Coroa Portuguesa, implantando definitivamente o domínio lusitano na baía de Guanabara. Reinava então em Portugal D. Sebastião quando desembarcou, em começo de 1565, ao pé do Pão de Açúcar, Estácio de Sá e lançou os fundamentos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Dentro desse contexto, é possível compreender o motivo pelo qual Schmidl fala em Rio de Janeiro por volta de 1534 /1535. Provavelmente, embora a cidade só tenha sido fundada anos depois, naquela época, a região já era conhecida por esse nome. Trata-se, portanto, de um importante registro histórico feito pelo soldado bávaro em sua narrativa. Schmidl registra ainda que naquela região habitavam os TOPPIS, ou seja, o povo tupi. Assim eram conhecidos os povos indígenas da região, provavelmente os tamoios, também conhecidos por tupinambás, já que utilizavam uma língua do tronco linguístico tupi.

4.1.3 A fundação das cidades de Buenos Aires e Assunção.

a) A primeira fundação de Buenos Aires

Finalmente, em 1535, a frota chega ao Rio da Prata e às suas margens é fundada a cidade de Buenos Aires. Trata-se, portanto, do registro de um fato histórico bastante relevante e ainda lembrado pelos argentinos.

Tandem igitur divina gratia in RIO DELLA PLATA pervenimus, venimus Anno Christi 1535 (...) Iubebat postmodum Dux noster PETRUS MANCHOSSA, populum navibus rursus imponi, & ad alterum latus fluminis istius PARANAV traduci, ubi octo tantum miliaria in latitudine habebat. Ibi civitatem condidimus, & eam BONAS AEIERES vocavimus, hoc est, bonum aerem¹⁶⁴ (grifos nossos).

Buenos Aires é hoje a capital e a maior cidade da Argentina. Está localizada na costa ocidental do estuário do Rio da Prata, costa sudeste do continente. Segundo Coggiola (1997), a primeira fundação da cidade aconteceu em 1536, pelo *adelantado* Pedro de Mendoza, enviado pelo rei Carlos. Lá ele teria fundado a cidade de *Nuestra Señora del Buen Ayre*. Já a sua segunda e definitiva fundação aconteceu em 1580, pelo também espanhol Juan de Garay, e só a partir de então a cidade teria começado a crescer e se desenvolver.

Segundo Kalil (2008, p. 28-29), vários foram os candidatos a virem à região do Prata, mas o escolhido foi Pedro de Mendonza, futuro fundador de Buenos Aires.

Após várias embarcações serem enviadas à região e, mesmo não encontrando os metais preciosos, retornarem aos portos europeus trazendo informações sobre locais que possuíam imensas riquezas, a Coroa espanhola decidiu organizar uma expedição maior, comandada por um “*adelantado*”. Com as notícias que chegaram à Europa através dos sobreviventes da expedição de Diego García, tornou-se urgente o envio de outras embarcações para a região. No final de 1530, o comendador Miguel de Herrera foi autorizado a organizar uma esquadra que partisse para o Prata, porém, por razões desconhecidas, ela jamais foi concretizada. Outros homens também buscaram permissão junto à Coroa para partir rumo àquela região, entre eles, don Pedro Fernández de Lugo (*adelantado* das ilhas Canárias), e os recém chegados Sebastián Caboto e o próprio Diego García. Entretanto, o nome escolhido pelo rei foi o de Pedro de Mendoza. Pajem de Carlos V e, provavelmente, participante do saque de Roma, Mendoza obteve, em 1534, uma capitulação outorgada pelo rei que lhe concedia um amplo território, que ia do *rio de la Plata* até o *mar del Sur* onde teria duzentas léguas ao longo da costa que começa onde acaba o governo de D. Diego de Almagro (...) Mendoza também foi autorizado a levar duzentos escravos, além de médicos, boticários e, principalmente, religiosos.

¹⁶⁴ Finalmente, então, pela graça divina chegamos ao RIO DELLA PLATA, viemos em 1535 d.C., (...) Nosso comandante PETRUS MANCHOSSA ordenava posteriormente, colocar o povo novamente nos navios e atravessar para o outro lado deste rio PARANAV, onde tinha apenas oito milhas de largura. Neste lugar estabelecemos uma cidade, e a chamamos de BONAS AEIERES, isto é, bom ar (Tradução nossa).

Pedro de Mendonza era então o homem de confiança do rei Carlos. No entanto, o *adelantado* não conseguiu completar sua missão. Por volta de 1537, já muito doente, Mendonza decidiu regressar à Europa, mas morreu a caminho. Schmidl documenta esse fato.

In hoc pago cōmorati sumus quatuor annis, sed Dux noster generalis PETRUS MANCHOSSA q̄ propter varios cōtinuosq; morbos, manus pedesq; loco movere amplius non poterat, & in hac navigatione 40000 coronatos consumpserat, non poterat diutius in hoc pago sese continere, rediit igitur cum duabus PARCHAKADIENES in BONAS AEIERES, ad superstites quatuor naves ibi relictas, ubi acceptis duabus navibus, & 50 viris Hispaniam repetere constituit, sed cum in medio ferè esset itinere, morbo graviori correptus, miserè periit, cui Deus quietem aeternam largiatur¹⁶⁵.

b) O conflito com a população indígena e a destruição de Buenos Aires.

Schmidl é considerado o primeiro cronista a registrar fatos sobre a missão de Mendonza e a fundação inicial do povoado de Buenos Aires. Ao longo da sua narrativa, como se pode constatar nos trechos em destaque a seguir e também ao longo da tradução anexa, ele não só narra a fundação de Buenos Aires, como registra todas as dificuldades dos espanhóis, por ele chamados de “cristãos”, no trato com os indígenas, que por várias vezes atacaram a cidade.

Os chamados CARENDIES, povo indígena que habitava a região onde foi fundada Buenos Aires, no início pareciam amigáveis aos olhos dos espanhóis, porém, não tardou que se rebelassem e que a luta armada pela conquista começasse.

Isthic loci pagum quendam Indicum invenimus, quem Indorum circiter 3000 cū uxoribus & liberis, in habitabant CARENDIES vocati, vestes easdem habent cum superioribus quos ZECHVRIAS nominari diximus, illam inter umbilicū & genua corporis partem tegentes. Cibum nobis attulerunt pisces & carnes¹⁶⁶.

¹⁶⁵ Nesta aldeia ficamos por quatro anos, mas nosso comandante geral PETRUS MANCHOSSA que por causa de várias e contínuas doenças, não podia mover mãos e pés por muito tempo e nesta viagem tinha gasto 40000 coronatos, ele não podia por mais tempo se manter nesta aldeia, ele voltou, portanto, com duas PARCHAKADIENES para BONAS AEIERES, para os 04 navios restantes ali abandonados nesse lugar, onde tendo sido recebidos 02 navios e 50 homens, ordenou para retornar à Espanha, mas quando estava quase no meio da viagem, tomado por uma doença mais grave, morreu miseravelmente, a quem Deus conceda descanso eterno (tradução nossa).

¹⁶⁶ Aí neste local encontramos uma aldeia indígena na qual habitavam os chamados CARENDIES, cerca de 3000 índios com esposas e filhos e que tem as mesmas vestes que os superiores que dissemos chamar ZECHVRIAS, cobrindo aquela parte do corpo entre o umbigo e o joelho. Trouxeram comida, peixes e carnes para nós (tradução nossa).

O povo CARENDIE era um povo numeroso. Este povo parecia amistoso inicialmente para os espanhóis porque supria as suas necessidades, trazendo-lhes peixes e carnes. Ou seja, a relação entre colonizador e colonizado estava estabelecida, os indígenas eram considerados bons à medida que serviam seus senhores. Mas nem sempre foi assim.

Hi CARENDIES nobis per quatuordecim continuos dies victum suppeditarunt pisces & carnem. Accidit autem ut uno quodam die non venirent, statim igitur Dux noster PETRUS MANCHOSSA, iudicem quendam qui vocabatur IOHANNES PABON unum cum duobus ministris, ad CARENDIES, qui tum quatuor miliaribus, à castris nostris aberant, ablegavit. Qui cum eo venissent, ita eos allocuti sunt, ut ab incolis fustibus excepti sint, & bene fustigati ad nostros redierint.

Quod ex relatione iudicis istius cum intellexisset PETRUS MANCHOSSA, admodum iratus, germanum suum fratrem DIEGO MANCHOSSA cum 300 peditibus & 30 equitibus probe armatis, quibus & ego aderam, emisit, praecipiens ut dictos illos CARENDIES omnes interficeremus aut caperemus, & pagum ipsorum igne subuerteremus. Cum autem ad eos venissemus, erant eorum 4000 in uno loco congregati, si quidem & socios & amicos suos omnes accersierant.

Itaque cum eos aggredi vellemus, tam fortiter sese nobis opposuerunt, ut toto isto die satis nobis negotij fecerint. Nã & ipsum DIEGO MANCHOSSAM, & sex nobiles alios interfecerunt, & tam acriter nobiscum pugnarunt, ut eorum virtutem satis experiremur & viginti ex nostris caderent, quamvis interim ab ipsorum parte 1000 vel plures interfecti sint¹⁶⁷.

Quando os indígenas pararam de fornecer alimentos aos europeus a tensão se instalou. O colonizador não percebeu a invasão de espaço que realizava e se achou no direito de cobrar os colonizados, que demonstraram resistência neste episódio inusitado de açoimento dos europeus. A crise entre espanhóis e indígenas, que foi culminar com a invasão e a destruição do povoado de Buenos Aires, instaurou-se neste momento.

¹⁶⁷ Estes CARENDIES forneceram alimento para nós, peixes e carne, por 14 dias consecutivos. Aconteceu, no entanto, que um certo dia eles não vieram, então logo nosso comandante PETRUS MANCHOSSA enviou, até os CARENDIES, que estavam distante de nosso acampamento quatro milhas, um certo juiz chamado IOHANNES PABON junto com dois assistentes. Quando estes chegaram, à medida que falaram a eles, foram recebidos pelos habitantes com varas, e bem açoitados voltaram aos nossos.

Quando PETRUS MANCHOSSA soube, a partir do relato deste juiz, bastante irado deixou partir seu legítimo irmão DIEGO MANCHOSSA com 300 soldados de infantaria e 30 cavaleiros bem armados, nas quais eu estava presente, recomendando que matássemos ou capiturássemos todos aqueles ditos CARENDIES e destruíssemos a aldeia deles com fogo. Mas quando chegamos a eles, eram 4000 deles reunidos em um lugar, já que certamente convidaram todos os seus amigos e companheiros.

Assim quando nós quisemos atacá-los, eles se opuseram a nós tão fortemente, que nos causaram suficiente dificuldade durante todo este dia. De fato, mataram o próprio DIEGO MANCHOSSAM e outros seis nobres, e combateram conosco tão energeticamente que provaram suficientemente sua virtude e 20 dos nossos sucumbiram, se bem que, enquanto isso, da parte deles 1000 ou mais foram mortos (tradução nossa).

Instaura-se, então, uma matança de indígenas a partir deste episódio e a violência dos espanhóis estava posta. Afinal, os chamados cristãos estavam bem armados (*probè armatis*) e apenas 20 europeus pereceram, enquanto do lado indígena o número beirou 1000. A primazia da arma de fogo foi declarada.

Mas Schmidl considerava, como bom “cristão”, a vitória sobre os indígenas e a tomada de sua aldeia uma dádiva divina, apenas se ressentia pelos espanhóis não terem conseguido capturar as esposas e filhos daquele povo.

*Tandem tamen Deus suam nobis gratiam largiebatur, ut consequuta victoria, pago ipsorum potiremus, neminem tamen ex illis capere poteramus, quin & uxores & liberos ex pago isto ante pugnam in alium locum deduxerant*¹⁶⁸.

Os espanhóis começaram a construir então o povoamento de Buenos Aires efetivamente, sob o comando de Pedro de Mendonza. Schmidl narrou com detalhes esse processo e registrou, além da luta armada pela conquista, a forma de vida dos europeus na América do Sul, inclusive seus momentos de dificuldades e fome.

*Postquam ad castra reversi eramus, partitio populi facta est, separatis illis qui ad arma sumenda apti erant, ab illis qui ad labores alios sustinendos erant magis idonei. Quo facto civitatem condere coepimus cingentes eam muro luteo dimidiam hastam alto & tres pedes lato in civitate ista arcē seu propugnaculum benè munitum extruximus in gratiam Ducis nostri. Verum opus non procedebat satis feliciter, cum enim populus non haberet unde sese sustentaret & famem pelleret, accidit ut multis, fame pereuntibus, multipliciter opus illud impediretur. Tandem autem ingens exorta est inter nos calamitas. Nam & equis absumtis mures & serpentes inquisivimus, quin & calceos, corium & alia à quibus natura abhorret prae nimia fame comedimus*¹⁶⁹.

A fome assolou o acampamento e um fato curioso foi registrado pelo cronista.

Tres quidam Hispani equum surreptum clam comederant, quod cum aliquo modo innotuisset, criminaliter isti examinati sunt, donec rem omnem confiterentur. Facta

¹⁶⁸ Contudo, enfim, Deus concedeu sua graça para nós, para que alcançada a vitória, tomássemos posse da aldeia deles, embora não pudéssemos capturar nenhum deles porque levaram, desta aldeia, tanto as mulheres quanto as crianças, antes da batalha, para outro lugar (tradução nossa).

¹⁶⁹ Depois que regressamos para o acampamento, foi feita a divisão do povo, separados aqueles que eram aptos para pegar em armas, do que daqueles que eram mais apropriados para estarem encarregados de outros trabalhos. Isto feito, começamos a fundar uma cidade fortificando-a com muralha feita de barro de meia lança de altura e três pés de largura. Nesta cidade construímos uma cidadela, ou melhor, uma defesa bem protegida sob o reconhecimento de nosso Comandante. Ao mesmo tempo, a obra não procedia com sucesso suficiente, com efeito, quando o povo não tinha de onde se sustentar e lutava contra a fome, aconteceu que aquela obra foi obstruída de muitas maneiras pelos muitos que pereciam de fome. Finalmente, porém, surgiu uma grande calamidade entre nós. Realmente, tendo perecido os cavalos, procuramos ratos e serpentes, de fato, diante de tamanha fome, comemos sapatos, couro e outras coisas das quais por natureza se afasta com horror (tradução nossa).

autem confessione ad supplicium patibuli condemnati sunt & suspensi. Sequenti nocte tres alij Hispani patibulum accedentes, crura suspensis amputarunt, & carnis aliquot frustra ad depellendam famem secum domum portarunt. Quin & fratrem suum Hispanus aliquis comedit, qui mortuus erat in civitate BONAS AEIERES¹⁷⁰.

Em alguns outros momentos da narrativa Schmidl vai fazer referência também ao canibalismo praticado pelos indígenas, embora isso pareça não lhe causar tanto espanto. Já os espanhóis, referidos pelo cronista como “cristãos”, parecem ter cometido falta maior ao praticar canibalismo¹⁷¹.

Mas os conflitos entre europeus e indígenas continuavam a acontecer. Os índios lutavam contra a dominação da forma que podiam, embora sempre acabassem em desvantagem e dominados. O caso, porém, da destruição de Buenos Aires que foi narrado por Schmidl chama a atenção.

Mensem igitur unum adhuc in civitate BONAS AEIERES substitimus, magna in paupertate, donec naves rursus instruerentur. Interea Indiani magna vi & copia nos adoriuntur in civitate nostra BONAS AEIERES, quorum numerus erat 23000, & in his quatuor nationes erant, quas vocamus CARENDIES, ZECHVRIAS, ZECHVAS, & DIEMBUS. Horum mens erat nos ad unum omnes interficere, sed Deus tamen Opt. Max. maximā partem conservavit, cui sit laus & gloria seculis infinitis. A nostra enim parte, 30 tantum personae ceciderunt.

Cum ad civitatem BONAS AEIERES primo venissent, quidam muros concutere & conscendere visisunt, quidam ignita tela in civitatem miserunt, quibus aedifica nostra succensa sunt, erant enim omnia stramine contecta, exceptis Ducis nostri aedibus, quae tegulis erant contectae, itaq; civitatem nostram funditus delerunt. Tela autem eorum ex arundine facta erant, quae in extremitatibus accendebantur.

Habent etiam peculiare aliquod lignum, ex quo tela parare solent, quae si accensa emittantur, non extinguuntur, sed quicquid corripiunt, maximē si stramineum id sit, simul accendant.

Quin & naves quatuor tum exurebantur, quae in mari, ad dimidium miliare à nobis aberant. Populus autē qui in navibus istis erat, cum tormentis & armis destitueretur, tumultum q; hunc Indianorum videret, relictis hisce quatuor navibus, in alias tres non procul ab istis sitas, confugit, in quibus bombardae & alia instrumenta bellica continebantur.

Cum igitur viderent Christiani naves ab Indianis esse accensas, emiserunt in eos tormenta ista & instrumenta bellica.

¹⁷⁰ Três certos espanhóis tinham comido às escondidas um cavalo roubado, quando isto se tornou conhecido de algum modo, estes (três) foram examinados criminalmente até que confessassem a coisa toda. No entanto, tendo sido feita a confissão foram condenados ao castigo de forca e suspensos. Na noite seguinte, três outros espanhóis que subiram na forca, cortaram as pernas dos suspensos, e levaram consigo para casa alguma quantidade de carne para afastar a fome sem sucesso. De fato, algum outro espanhol comeu seu irmão que tinha morrido na cidade de BONAS AEIERES (tradução nossa).

¹⁷¹ Embora não seja um fato historicamente documentado por outras fontes, o canibalismo europeu mencionado por Schmidl, neste episódio, tradicionalmente é mencionado pelos autores que se debruçam sobre o tema nesta obra. O historiador Luis Guilherme Assis Kalil discute o tema em seu referido trabalho de mestrado e, consequentemente, em vários artigos.

Hoc audientes & videntes Indiani, statim in fugam versi sunt, Christianis relictis. Haec omnia acciderunt festo S.Ioannis die Ano 1535172.

A tensão entre colonizados e colonizadores estava instaurada e depois do uso da arma de fogo pelos espanhóis contra os CARENDIES, e da morte de quase mil deles, os indígenas resolveram se juntar a outros três povos - ZECHVRIAS, ZECHVAS, e DIEMBUS – para atacar o povoado espanhol, isto é, Buenos Aires.

Neste ataque os indígenas utilizaram da técnica que dispunham e dominavam e que, para a surpresa dos espanhóis, causou grande dano. Os indígenas usaram os conhecimentos que possuíam sobre a confecção e o lançamento de flechas acesas, ou seja, com fogo nas pontas, o que acarretou grande dano à cidade, já que as casas, segundo o relato de Schmidl, eram cobertas de palha (*stramine contecta*), exceto a casa do comandante, e foram facilmente incendiadas. A cidade ficou destruída e alguns navios também foram incendiados. Segundo o autor, os indígenas estavam em grande número e só se retiraram depois que os espanhóis lançaram contra eles “canhões e instrumentos bélicos” (*emiserunt in eos tormenta ista & instrumenta bellica*).

O soldado bávaro registrou que esse confronto e destruição da cidade aconteceram no dia de São João, no ano de 1535. Segundo a tradição da Igreja Católica, a festa de São João

¹⁷² Portanto permanecemos ainda um mês na cidade de Buenos Aires, em grande pobreza, até enquanto as naves eram construídas novamente. Enquanto isso, os indígenas com grande força e abundância nos atacam na nossa cidade de Buenos Aires, cujo número era 23000, e nestes haviam quatro nações CARENDIES, ZECHVRIAS, ZECHVAS, e DIEMBUS. A intenção deles era matar-nos todos um a um, mas apesar disso Deus Todo Poderoso conservou a maior parte, ao qual seja louvor e glória por infinitos séculos. Pois de nossa parte, apenas 30 pessoas pereceram (tradução nossa).

Quando vieram pela primeira vez a cidade de Buenos Aires, alguns foram vistos abalando e escalando os muros, alguns atiravam flechas com fogo para a cidade, pelas quais nossas edificações foram incendiadas, pois eram todas cobertas de palha, exceto a casa de nosso comandante, a qual era coberta com telhas, desta forma, destruíram a nossa cidade até o chão. As flechas deles, porém, eram feitas de cana (caniço), que eram acesas nas pontas. Eles têm ainda alguma madeira peculiar, a partir da qual estavam acostumados a preparar as flechas, que quando são lançadas acesas, não se apagam, mas qualquer coisa que atingem, especialmente se estas forem de palha, acendem da mesma forma. De fato, queimavam, naquele momento, 04 navios, os quais estavam no mar distantes de nós meia milha. O povo, porém, que estava nestes navios, quando deixou canhões e armas, e viu este tumulto dos índios, tendo deixado esses 04 navios, refugiou-se nos outros 03 posicionados não longe destes nos quais continham canhões e outros instrumentos bélicos (tradução nossa).

Quando, portanto, os cristãos viram os navios serem acesos pelos indígenas, lançaram contra eles esses canhões e os instrumentos bélicos.

Os índios ouvindo e vendo isso, bateram em retirada, tendo deixado os cristãos. Todas estas coisas aconteceram no dia de São João no ano de 1535 (tradução nossa).

acontece no dia 24 de junho, quando se celebra o nascimento de João Batista, um profeta que previu a advento do Messias na pessoa de Jesus Cristo e o batizou.

Schmidl faz assim dois registros de grande importância. O primeiro é a destruição da primeira fundação de Buenos Aires. Atualmente ele é considerado o primeiro cronista a relatar com detalhes os episódios de fundação e destruição da cidade, garantido, portanto, um lugar na História. Até hoje seu relato tem sido fonte de estudos para aqueles que desejam compreender melhor a História não só da cidade, mas também do país e, sobretudo, a do sul da América do Sul.

Já o segundo registro, também de igual relevância, trata da forma violenta e armada que os colonizadores utilizaram para conquistar a região do Prata. Schmidl relata os episódios de confronto com os indígenas e o uso da violência e das armas com naturalidade, demonstrando que os europeus não reconheciam seu papel de invasores e agressores. Quando não eram tratados como uma ameaça e combatidos com armas de fogo, os indígenas eram ludibriados em favor dos interesses europeus.

Os objetivos de conquista e de exploração fizeram com que os espanhóis estabelecessem uma relação de troca bastante interessante com os habitantes da terra.

Solventes itaque à portu BONESPERANSO cum dictis nostris octo PARCHKADIENES navibus, primo die quatuor miliaria conficientes venimus ad populum CVRANDA, carne & piscibus vescentem (...) Cōmunicabant nobiscum pro paupertatula sua pisces, carnes & pelles. Nos ipsis contra, vitra, corallia, specula, pectina, cultellos & hamos quibus pisces capiuntur reddimus. Mansimus apud eos biduum integrum, postea donarunt nobis duos CARIOS qui erant ipsorum captiui, ut iter nobis monstrarent, & in lingua nos iuarent¹⁷³.

Após a morte de Pedro de Mendonza, Schmidl explica, em sua narrativa, que a mando da Coroa Espanhola chegaram à região do Prata, em 1539, dois navios com suprimentos para

¹⁷³ Deste modo partindo do porto de BONESPERANSO com nossos 08 pequenos navios ditos PARCHKADIENES, no primeiro dia, tendo feito 04 milhas, chegamos ao povo CVRANDA, e que se alimentam com carne e peixes (...) Repartiam conosco, em virtude de sua pobreza, peixes, carnes e peles. Nós mesmos, ao contrário, demos em troca vidros, corais (pedras decorativas), espelhos, pentes, facas e anzóis aos quais peixes são pegos. Ficamos com eles 02 dias inteiros, depois deram para nós 02 CARIOS que eram prisioneiros dos mesmos, para mostrar o caminho, e nos ajudar com a língua. (Tradução nossa)

dois anos e mais 200 espanhóis sob o comando de Alonso Cabrera. Quando chegaram, esses dois navios se juntaram ao restante dos que estavam sob o comando de Juan de Ayolas, na ilha dos THYEMBUS. Ayolas enviou um navio à Europa para dar notícias à Coroa do que se passava na região.

Esses dois comandantes, junto de 400 soldados e 08 pequenos navios, entraram no rio PARANAV (Paraná) em busca de outro rio, que chamavam de PARABOE (Paraguai), e encontraram com o povo CVRANDA. O autor registra o estabelecimento dessa troca interesseira com esse povo, uma barganha entre os espanhóis e os indígenas em troca de comida. Embora *Utz* registre a troca por comida, sabe-se que havia muito mais envolvido, como, por exemplo, a intenção de conquistar a simpatia dos indígenas, obter seus serviços e conseguir deles informações sobre a região, usando para isso a curiosidade dos nativos por objetos que nunca tinham visto antes.

c) A fundação da cidade de Assunção.

Depois de entrar em contato com vários outros povos percorrendo o rio Paraná, já no rio PARABOE (Paraguai) os espanhóis entraram em contato com os povos CARIOS. Após descrever os hábitos de vida deste povo, Schmidl relatou que eles viviam num amplo território, costumavam viajar muito e eram ótimos soldados.

Este povo tinha uma pequena cidade fortificada com fossos e madeira a sua volta, o que causou grande interesse aos conquistadores.

Civitates & pagi ipsorum ad flumen PARABOE eminentes cernuntur, & pagus ipsorum olim dictus est LAMBERE.

Civitas ipsorum cum duobus PALLASITE, ex lignis extracta est, quorum singula latitudinem viri, aequat.

Et una PALLASITE ab altera 12 passibus distat, ligna in terram defossa, eminēt super terram tanta altitudine, quantam quis gladio assequi potest.

Habuerunt etiam propugnacula fossis & moenibus undiq; cincta, praeterea etiam ad passus 15 ab istis moenibus foveas multas fecerant benè profundas, in quibus hastas ligneas admodum acutas, quæ tamen non prominerent, occultarant, has foveas stramine & ramusculis arborum contexerant, terra herbida super imposita, in hunc finem, ut si fortè Christiani CARIOS persequerentur, vel civitatem ipsorum impugnarent, in foveas istas caderent.

*Sed hasce foveas sibi ipsis parârant, nam & ipsi tandem in eas sunt prolapsi*¹⁷⁴.

Os CARIOS já esperavam pelo ataque dos espanhóis e por isso se anteciparam no preparo de armadilhas. Segundo Schmidl, os espanhóis marchavam sob o comando de Juan de Ayolas e empunhavam arcabuzes, enquanto os indígenas apenas arcos. Eles pediram para que Ayolas e seus soldados se retirassem de suas terras e em troca eles lhes forneceriam o quanto de alimento necessitassem. Mas isso não aconteceu.

Sed nobis, ut hoc faceremus persuadere nō poterant, placebat enim nobis admodum regio ista, & cibus quo homines isti utebantur, maximè cum quatuor annis integris nihil panis habuissemus, sed tātum piscibus & carne vixissemus.

Arreptis igitur arcubus & armis suis CARIi, nos venientes hostiliter excipiebant, nos vero parcere ipsis volentes, ter denunciavimus, ut pacem seruant, futuros enim nos ipsorum amicos nō hostes, sed ipsi hãc denunciationem planè spernebant, nondum enim sclopeta bombardas & arma nostra gustãrant.

*Itaque cum propius accessissemus, tormenta nostra in ipsos emisimus, qui audientes sonum istum, & videntes populum in terram prolabi, nulla tamen vel sagitta vel globo sed vulnere tantum in corporibus deprehenso, admirati sunt valde, & attoniti fuga sibi consulere statuebant. Properabant igitur quam maximè poterant ad pagum suum, & inter properandum festinandumque ducenti ferè CARIi in supra dictas foveas sunt prolapsi*¹⁷⁵.

Schmidl argumenta que os espanhóis não retrocederam, conforme o pedido dos indígenas, porque gostaram da região e da comida. Demonstrando naturalidade e certa insatisfação com a reação dos CARIOS, ele explica que os indígenas foram hostis e violentos

¹⁷⁴ As cidades e as aldeias deles são vistas acima do rio PARABOE e a aldeia deles há muito tempo é chamada LAMBERE. A cidade deles é construída de madeira com 02 PALLASAITES, os quais atingem cada um a largura de um homem. E uma PALLASAITES dista de outra 12 passos, com madeira enterrada na terra, se destacam sobre a terra a tanta altura quanto alguém pode alcançar com uma espada. Além disso, fizeram defesas com fossos e cercadas com fortificações por todos os lados, em seguida, também tinham feito muitas armadilhas (covas) bem profundas com 15 passos a partir destas fortificações, nas quais tinham ocultado lanças de madeira muito afiadas, no entanto, que não estavam salientes, encobriram essas armadilhas com palha e galhos de árvore, tendo colocado sobre (o local) terra gramada, com este fim, para que se talvez os cristãos perseguissem os CARIOS, ou atacassem a cidade deles, caíssem nestas armadilhas. Mas tinham preparado estes buracos eles mesmos para si próprios, pois, no entanto, foram eles mesmos que caíram neles (tradução nossa).

¹⁷⁵ Mas como não puderam persuadir a nós a fazermos isto, de fato foi muito agradável para nós esta região e a comida que estes homens estavam consumindo, especialmente quando não tivemos nada de pão por 04 anos inteiros, mas vivemos apenas com peixes e carne.

Tendo agarrado, então, seus arcos e armas, os CARIi acolheram com hostilidade a nós que vínhamos, com certeza estávamos desejosos de conter a nós mesmos, 3 vezes anunciamos para manterem a paz, pois nós seríamos amigos deles não inimigos, mas eles sem dúvida desprezaram esta declaração, já que ainda não provaram nossos arcabuzes, canhões e armas. Quando então atacamos mais de perto, atiramos com nossos canhões neles, que ouvindo este som, e vendo o povo cair na terra, contudo, sem nenhuma flecha ou bala, mas apenas com ferida apanhada nos corpos, ficaram muito admirados, e assustados decidiram considerar consigo mesmos a fuga. Então eles correram para sua aldeia o máximo que puderam, e entre a corrida e a pressa quase duzentos Carios caíram nas armadilhas mencionadas acima (tradução nossa).

ao recebê-los com seus arcos e suas armas. *Utz* demonstra a ideia vigente entre os europeus na época de que tomar e se instalar na terra de alguém, no caso dos indígenas, seria normal.

Os espanhóis, que empunhavam arcabuzes e atiraram com canhões contra este povo, ironicamente pediram a paz por três vezes, alegando que desejavam a amizade dos CARIOS. Ora, que relação de amizade é esta baseada em armas e em tomada de território?

Schmidl constrói uma narrativa que, além de documentar a forma violenta de tomada da região, coloca ainda os indígenas como vilões. Afinal, a ideia que ele tenta passar ao seu leitor é de que se os indígenas não tivessem sido hostis na recepção aos espanhóis o massacre não teria ocorrido, ignorando a intenção de servidão que estava subjacente à tomada da terra. O cronista constrói, desta forma, um cenário em que os espanhóis não atacam, mas apenas se defendem.

Com medo das armas, não só dos ferimentos, mas também do barulho, os CARIOS correram desesperadamente e acabaram caindo em suas próprias armadilhas, aquelas que haviam feito para se protegerem do invasor. Depois desse episódio, percebendo que não tinham chances de vencer, este povo indígena se rendeu aos espanhóis e prometeu em tudo servi-los. Estes, por sua vez, atacaram a aldeia deles e tomaram de vez o seu território.

Provavelmente motivados pelo medo, os CARIOS resolveram fazer uma oferta de paz, mas o cronista tenta convencer seus leitores de que era um desejo dos indígenas que os espanhóis permanecessem com eles. Nesta oferta estavam animais e mulheres.

*Adducebant etiam Duci nostro IOHANNI EIIOLLAS, sex mulieres, quarum maxima natu, erat annorum octodecim.
Afferebant ei etiam sex cervos, & feras alias, rogantes ut cum ipsis maneremus, adiungebant etiam cuilibet militi duas mulieres, quae ipsi lavando & coquendo inseruient.
De victu nobis & rebus necessariis aliis abundè prospiciebant¹⁷⁶.*

¹⁷⁶ Trouxeram também para nosso comandante IOHANNI EIIOLLAS seis mulheres, das quais a mais velha tinha 18 anos.

Ofereceram-lhe também 06 veados e outras feras, rogando para que permanecêssemos com eles, além disso, acrescentaram duas mulheres para cada um dos soldados, as quais serviriam lavando e cozinhando para eles. Eles nos proveram abundantemente de comida e de outras coisas necessárias (tradução nossa).

Os primeiros, além de servirem de comida, também tinham um valor de mercadoria. Já as mulheres desempenham uma papel importante no chamado *cuñadazgo*, sistema de consórcios entre conquistadores espanhóis e mulheres guarani. Assim, ao colocar a parentela indígena à disposição dos cunhados brancos se fundamentou a colonização espanhola no Paraguai. Os indígenas teriam então cunhados poderosos e os espanhóis tinham nisso a intenção de chegar às minhas de Prata¹⁷⁷.

Sendo assim, fazer uma oferta de paz, que incluía comida, animais e também mulheres parece ser um hábito comum entre os indígenas para cativar aquele que até então era visto como inimigo. Isso pode ser comprovado pelo que escreveu Santa Rita Durão, no Canto II do seu poema épico *Caramuru* (2000), registrando que quando os nativos estavam convencidos de que Diogo Álvares era um enviado supremo ofertaram-lhe “mulheres, caça, peixe e carne humana”¹⁷⁸.

Neste contexto de tomada de terras e servidão indígena, a cidade de Assunção é fundada em 1539, segundo relatou Schmidl.

Sic igitur inter nos & hostes nostros CARIOS pax firmata est, quo facto cogebantur nobis propugnaculum seu arcem probe munitam ex lapidibus terra & lignis extruere, ut si fortè eos rursus tumultum excitare accideret, esset unde nos tueri possemus. Pagum hunc CARIORUM, die NOSTER SIGNORA DESVMSION expugnauimus, Anno 1539, quam ob causam adhuc hodiè nomen hoc NOSTER SIGNORA DESVMSION, obtinet¹⁷⁹(grifos nossos).

O cronista explica que depois do episódio tão conflituoso a paz foi firmada (*pax firmata est*) entre os espanhóis e os CARIOS, considerados inimigos até aquele momento. No entanto,

¹⁷⁷ Para maior aprofundamento no assunto, indica-se a consulta a MARTÍNEZ, Cecilia. *De Paraguay al piedemonte, de amigos a adversarios: Ñuflo de Chaves y los guaraníes en la conquista de Santa Cruz de la Sierra*. In: COMBÈS, Isabelle; PEÑA, Paula. *Santa Cruz la Vieja*. Ediciones del Gobierno Municipal de Santa Cruz de la Sierra. Santa Cruz de la Sierra, 2012

¹⁷⁸ “Se d’além das montanhas cá te envia/ O grão Tupã (lhe diz), que em nuvem negra/ Escurece com sombrao claro dia./ E manda o claro Sol, que o mundo alegra;/Se vens donde o sol dorme e se à Bahia/ De alguma nova lei trazes a regra,/ Acharás, se gostares, na cabana,/ Mulheres, caça, peixe e carne humana” (DURÃO, 2000, p.52-53).

¹⁷⁹ Assim então a paz foi firmada entre nós e nossos inimigos CARIOS, isto feito, foram forçados a empilhar para nós uma defesa, ou melhor, uma cidadela bem munida, empilhada com pedra, terra e madeira, de modo que se talvez acontecesse de um tumulto suscita-los novamente, seria onde poderíamos nos proteger. Tomamos esta aldeia dos Cários no dia de Nossa Senhora de Assunção, Ano 1539, por este motivo até hoje é mantido este nome Nossa Senhora de Assunção (tradução nossa).

logo a seguir, há uma contradição, afinal, se viviam em paz porque os CARIOS foram forçados a edificar uma fortificação (*cogebantur nobis propugnaculum*)¹⁸⁰?

Os objetivos da construção dessa fortificação são igualmente conflitantes, já que a preocupação dos espanhóis era a construção de uma fortaleza para o caso de um novo tumulto do povo CARIO, ou seja, os indígenas construíram a fortificação contra eles próprios, o que corrobora o ambiente de tensão existente.

É nesse contexto que a cidade de Assunção foi fundada, ou melhor, “tomada”, no ano de 1539, no dia de Nossa Senhora de Assunção. Segundo a tradição católica, a Festa da Assunção, ou seja, a celebração do corpo da Virgem Maria levado ao céu ao final de sua vida terrestre, acontece tradicionalmente em 15 de agosto. Essa seria a data da fundação da cidade de Assunção, que tem este nome até hoje por causa desta celebração católica.

4.2. Descrição de povos, lugares e costumes.

A proposta de organizar uma “poética” dos Relatos de Viagem de Carrizo Rueda está pautada na descrição. Para a autora o ato de descrever é uma forma de narrar e “*las descripciones de lugares son, junto con el itinerario y las noticias políticas, los aspectos más importantes del relatos de viajes*” (CARRIZO RUEDA, 1997, p.7).

Neste caso, a autora compreende ser de grande importância as descrições que Pedro Tafur fez dos lugares e, sobretudo, das casas por onde o viajante passou e os quais ele descreveu com grande riqueza de detalhes. São essas descrições que, segundo a autora, além de denotarem o estilo de Tafur, retrataram a nobreza da época, seus costumes e funções.

É preciso destacar, porém, que enquanto o viajante medieval da narrativa analisada pela autora é um fidalgo, o viajante moderno Ulrico Schmidl é um soldado e representante das

¹⁸⁰ O verbo latino *cogebantur* é uma flexão de forma passiva do verbo *cogo*, *-is*, *coegi*, *coactum*, *cogere*, que significa constranger, obrigar, violentar. Esses significados são conflitantes com os significados da palavra *pax* (paz) escrita anteriormente e tão bem compreendida por todos que dispensa descrições de sentido.

grandes navegações. Enquanto o tema do primeiro é a nobreza, o tema do segundo é a conquista. Por isso, enquanto o primeiro descreve fidalgos e casas suntuosas, o segundo descreve indígenas e aldeias.

As descrições dos indígenas e suas moradas, feitas por Schmidl em sua narrativa, são bastante ricas. Ele descreve com detalhes como e onde essas pessoas viviam, o que comiam, como se vestiam, como se defendiam com as técnicas que desenvolveram. Essa descrição dos indígenas está amalgamada, na maioria das vezes, à descrição dos lugares, afinal, o lugar onde habitam, isto é, sua terra, serve como um traço de identidade às nações indígenas.

Embora comentadas sob o ponto de vista da linguagem, essas descrições podem servir também para estudos históricos, etnográficos e antropológicos.

4.2.1 Os ZECHVRIAS e os CARENDIES: povos que andam nus.

Ao chegar ao sul do continente americano e se deparar com os indígenas, os espanhóis identificaram vários hábitos diferentes daqueles praticados por eles na Europa. A nudez é um deles e Schmidl faz esse registro.

Tandem igitur divina gratia in RIO DELLA PLATA pervenimus, venimus Anno Christi 1535, ubi pagum quendam Indicum conspeximus in quo 2000 ferè viri habitabant, quos ZECHVRIAS nominant. Hi nihil aliud cibi habent quam pisces & carnes, cumq; de nostro adventu audivissent, relicto pago cum uxoribus liberisq; fugam dederunt, ita ut reperiri amplius non potuerint. Huius loci homines plane nudi incedunt, nisi quod mulieres pudenda linteolo gossypino ab umbilico ad genua usque protenso tegant¹⁸¹ (grifos nossos).

Os ZECHVRIAS¹⁸² foram um dos primeiros povos que os espanhóis conheceram ao chegar à região do Prata. Schmidl fala então da fuga desse povo ao entrar em contato com os

¹⁸¹ Finalmente, então, pela graça divina chegamos ao RIO DELLA PLATA, viemos em 1535 d.C., onde observamos uma aldeia indígena onde moravam quase 2000 homens que se chamam ZECHVRIAS. Estes nada tinham de comida além de peixes e carnes, e quando souberam da nossa chegada, fugiram (renderam-se a fuga) com suas esposas e crianças deixando a aldeia de modo que não poderiam mais ser encontrados. As pessoas deste lugar caminham completamente nus, exceto as mulheres que com panos de algodão esticado cobrem as partes pudendas do umbigo até os joelhos (tradução nossa).

¹⁸² Assim como acontece com os topônimos, no caso dos nomes das tribos indígenas parece existir o mesmo esforço do autor em realizar uma escrita fonética, passando para o papel aquilo que ele ouvia dos indígenas. Sendo

brancos e menciona o que eles comiam, mas dá ênfase à nudez. Demonstra sua indignação com este hábito dos nativos ao usar o advérbio latino *plane* que pode ser traduzido por totalmente, completamente. *Utz* explica ainda que só as mulheres usavam um pequeno pano de algodão do umbigo até os joelhos.

Durante toda a narrativa reiteradas vezes o cronista falou dessa nudez dos povos indígenas. Toda vez que os espanhóis entravam em contato com uma nova etnia, ele descrevia seus hábitos e sempre dava ênfase a ela. Quando os espanhóis encontraram os CARENDIES, a “indecência” deste povo chamou a atenção de Schmidl tanto quanto sua vida nômade.

Isthic loci pagum quendam Indicum invenimus, quem Indorum circiter 3000 cū uxoribus & liberis, in habitabant CARENDIES vocati, vestes easdem habent cum superioribus quos ZECHVRIAS nominari diximus, illam inter umbilicū & genua corporis partem tegentes.

Cibum nobis attulerunt pisces & carnes. Hi CARENDIES sedes & habitationes certas non habent, sed in regione ista passim vagantur & oberrant instar TARTARORUM apud nos vagantium¹⁸³.

Estes CARENDIES, da mesma forma que os ZECHVRIAS, têm o hábito de andar nus e apenas as mulheres cobrem as suas partes pudendas com um pequeno pedaço de algodão. Isso parece ser comum entre os indígenas e pode ser explicado pelo clima tropical em que viviam. Os europeus parecem não achar esse hábito muito aceitável e normal naquele contexto e a reiteração quanto a este hábito atesta o choque cultural. Este conflito talvez possa ser explicado em partes pela visão cristã dos espanhóis sobre a nudez atrelada ao pecado, mas que também contribuiria para que eles vissem o nativo como bestial e pouco civilizado, afinal, só animais não usavam roupas na Europa.

Como a maioria dos povos encontrados na região do Prata, os CARENDIES comiam peixes e carnes, mas o que chamou mesmo atenção do soldado bávaro foi o fato de não terem

assim, optou-se por manter as formas encontradas do texto, que são sempre grafadas em caixa alta, e posteriormente confeccionar um pequeno glossário com algumas explicações.

¹⁸³ Aí neste local encontramos uma aldeia indígena na qual habitavam os chamados CARENDIES, cerca de 3000 índios com esposas e filhos e que tem as mesmas vestes que os superiores que dissemos chamar ZECHVRIAS, cobrindo aquela parte do corpo entre o umbigo e o joelho.

Trouxeram comida, peixes e carnes para nós. Estes CARENDIES não têm moradas e habitações fixas, mas vagam aleatoriamente por esta região e andam errantes como os tártaros vagantes entre nós (tradução nossa).

moradas fixas. Para descrever e explicar essa vida nômade, Ulrico Schmidl recorreu à comparação e citou os tártaros.

Embora Tártaro¹⁸⁴ tenha um significado específico na mitologia grega, como Schmidl usou a palavra latina no genitivo plural (*tartarorum*) ele designa um povo, o povo tártaro, que eram os antigos habitantes da Tartária. A Tartária era o nome utilizado pelos europeus desde a Idade Média até o século XX para designar uma grande extensão territorial da Ásia Central e Setentrional que se estendia do Mar Cáspio e das Montanhas Urais até o Oceano Pacífico. Esse território era habitado pelos turcomanos e mongóis, genericamente chamados tártaros. Originalmente os tártaros habitavam o nordeste do deserto de Gobi, no século V, e, após dominarem os citanos, durante o século IX, migraram para o sul. No século XIII foram conquistados pelo Império Mongol, liderado por Gengis Khan. Durante o reinado de seu neto, Batu Khan, deslocaram-se para o oeste em direção às planícies da Rússia¹⁸⁵.

Hoje a Rússia é o lar da maioria dos tártaros, mas por muito tempo eles vagaram. Provavelmente no início do século XVI, quando Schmidl escreveu seu Relato de Viagem, os povos tártaros ainda eram uma referência de povo nômade, por isso, são citados na comparação. Para o cronista, os CARENDIES eram os tártaros do Prata.

4.2.2 Os CARIOS e os CVRANDAS: seus hábitos alimentares e seus adornos.

Os hábitos alimentares dos indígenas são retratados também com frequência.

His ita peractis, Duces isti, cum 400 armatis, octo naviculis PARCHKADIENES, fluvium PARANAV rursus ingressi sunt, & alium fluvium quaesiverunt, quem vocant PARABOE, cui adhabitant CARIOS populi, apud quos triticum turcicum invenitur, & radix nomine MANDEOCHADE, cum aliis multis, ut sunt PADADES, MANDEOCH PARPIE, MANDEOCH MANDAPORE, & c. Radix PADADES pomum repraesentat forma & sapore, Radix MANDEOCH PARPIE castanearum saporem habet. Ex radice vero MANDEPORE vinum conficitur, quod Indiani bibunt. Hi CARIOS abundant

¹⁸⁴ Na mitologia grega, o Tártaro é personificado por um dos deuses primordiais, nascidos a partir do Caos. Suas relações com Gaia geraram as mais terríveis bestas da mitologia grega, entre elas o poderoso Tifão. Assim como Gaia é a personificação da Terra e Urano a personificação do Céu, Tártaro é a personificação do Mundo Inferior. Nele estão as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis do reino de Hades, o mundo dos mortos, para onde todos os inimigos do Olimpo são enviados e onde são castigados por seus crimes. Lá os Titãs são aprisionados por Zeus, Hades e Poseidon.

¹⁸⁵ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tártaros>. Acesso em 17/02/2015, 15h

*piscibus & carne, habent etiam oves mulorum nostratium magnitudinem equantes. Quin & apros & struthios aliasque feras permultas habent, nec non gallinarum & anserum copiam maximam*¹⁸⁶ (grifos nossos).

Às margens do rio PARABOE, onde moravam os povos CARIOS, os espanhóis encontraram alguns alimentos, sobretudo raízes. Esses alimentos serviam para a sua nutrição e a maioria deles é citada em outras partes da narrativa como alimentação também de outros povos.

O trigo turco (*triticum turcicum*) parece corresponder a alguma variedade de milho que os nativos cultivavam, com o qual o autor deve ter encontrado semelhança com o existente no Velho Mundo, afinal, em algumas regiões da Europa o milho é conhecido como “trigo da Turquia”. Já os outros alimentos também são registrados com uma escrita fonética como acontece com os topônimos. Porém, enquanto a edição em português de Martins *et alii* (2011, p.58) é omissa com relação a todos esses nomes, registrando simplesmente que os “indígenas tinham frutas e raízes de que faziam vinho”, a edição em língua portuguesa de Lorenzetto (2006, p.11) registra, respectivamente, mandioca (*MANDEOCHADE*), batatas (*PADADES*), mandioca poropí (*MANDEOCH PARPIE*) e mandioca pepirá (*MANDEOCH MANDAPORE*).

E mais uma vez Schmidl vai utilizar a comparação ao dizer que a raiz *PADADES* se parece com um fruto em forma e sabor (*PADADES pomum repraesentat forma & sapore*) e a raiz *MANDEOCH PARPIE* tem o sabor de castanhas (*Radix MANDEOCH PARPIE castanearum saporem habet*). No caso da comparação das *PADADES* com um fruto, a edição de Lorenzetto (2006, p.11) entra em divergência com a edição latina da Casa de Bry (1599), já

¹⁸⁶ Assim concluídas estas coisas, estes comandantes, com 400 soldados, 08 pequenos navios *PARCHKADIENES*, entraram novamente no rio *PARANAV* e procuraram outro rio, que chamam *PARABOE*, ao qual moram perto o povo *CARIOS*, junto dos quais é encontrado trigo turco, e uma raiz de nome *MANDEOCHADE*, com muitas outras, como *PADADES*, *MANDEOCH PARPIE*, *MANDEOCH MANDAPORE*, e etc. a raiz *PADADES* se parece um fruto em forma e sabor, a raiz *MANDEOCH PARPIE* tem o sabor de castanhas. De fato, dessa raiz *MANDEPORE* é preparado o vinho, que os indígenas bebem. Estes *CARIOS* têm abundancia de peixes e carnes, tem também ovelhas equivalentes em tamanho às mulas de nosso país. E, de fato, (eles) tem javalis e avestruzes e muitos outros animais selvagens, mas não muita abundância de galinhas e gansos (tradução nossa).

que registra que “a raiz de batata se parece com uma maçã e tem o mesmo gosto”. Em latim a palavra utilizada para a comparação é o substantivo neutro *pomum*, *-i* que significa apenas fruto.

Segundo Schmidl os nativos faziam vinho da mandioca e explica que os CARIOS, assim como outros povos no decorrer da narrativa, têm abundância de peixes e carnes.

Esta é também uma boa oportunidade para descrever um pouco da fauna da região. *Utz* faz uma descrição comparativa e imagética do que parecem ser as lhamas: “tem também ovelhas equivalentes em tamanho às mulas de nosso país” (*habent etiam oves mulorum nostratium magnitudinem æquantes*).

As duas edições em língua portuguesa do Relato de Viagem nada versam sobre esse animal, mas como as lhamas são animais originários da América do Sul, de pelagem longa e lanosa e são domesticadas para a utilização no transporte de carga, elas são perfeitamente compatíveis com a descrição do cronista.

Schmidl registra ainda a abundância de animais selvagens como os javalis e avestruzes, embora registre a escassez de galinhas e gansos.

Ao encontrar o povo CVRANDA, mais uma vez os espanhóis constatam que peixes e carnes abundavam entre os nativos.

Solventes itaque à portu BONESPERANSO cum dictis nostris octo PARCHKADIENES navibus (...) venimus ad populum CVRANDA, carne & piscibus vescentem. Numerus eorum est 12000 virorum idoneorum ad bellum. Populus hic priori per omnia similis est, THYEMBIS nimirum, nam & stellulas in naribus habent & procero sunt corpore, mulieres habent deformes, omnes tam iuenculas quam vetulas facie lacerata & sanguine semper foedata. Vestimentis etiam iisdem, quibus THYEMBUS utuntur, linteolo nimirum gossypino ab umbilico ad genua dependēte, ut supra dictum ¹⁸⁷.

Ao entrar em contato com um novo povo eram sempre velhas constatações e novas descobertas feitas pelos europeus. No caso do contato com os CVRANDAS, eles constataram

¹⁸⁷ Deste modo partindo do porto de BONESPERANSO com nossos 08 pequenos navios ditos PARCHKADIENES (...) chegamos ao povo CVRANDA, e que se alimentam com carne e peixes. Era 12000 o número de homens deles apropriados para a guerra. Este povo é semelhante em tudo ao anterior, seguramente aos THYEMBIS, e, de fato, eles têm estrelinhas no nariz e são de corpo alto, tem mulheres feias, todas, tanto as jovens quanto as velhas, de rosto dilacerado e sempre sujo de sangue. Usam também as mesmas vestimentas que as THYEMBUS, sem dúvida um pano de algodão pendente do umbigo aos joelhos, como dito acima (tradução nossa).

que seus hábitos alimentares eram os mesmos dos demais povos e se vestiam (ou não) da mesma forma, mas eles usavam um adorno diferente: uma estrelinha no nariz (*stellulas in naribus*). Ao longo da narrativa é possível perceber que essa descoberta também se torna uma constatação, os indígenas tinham o hábito de usar adornos dos mais variados e por diversos motivos e, muitas vezes, inclusive, pintavam seus corpos.

4.2.3 Os KVEREMAGBAS e os CARCHKAREISSO: povos curiosamente “humanos” e brancos.

A descrição que Schmidl faz de cada novo povo indígena encontrado é repetitiva, pois seus costumes são muitos semelhantes. No entanto, a cada descrição o cronista sutilmente acrescenta uma informação.

Hinc discedentes, octo dierum spacio ad fluvium PARABOR peruenimus. Hunc fluvium ingressi plurimam turbam invenimus qui vocatur KVEREMAGBAS. Hi quod comedant praeter pisces & carnem non habent, abundat etiam regio ista siliquis vel foeno graeco, ita ut vinum etiam inde conficiant quod bibunt.

Hic populus admodum humanum sese nobis praebuit attulitque omnia quae nobis ad victum necessaria fuerant, homines sunt corpore procero & robusto tam viri quam mulieres.

Mares exiguum aliquod foramen in naribus habent, in quod interdum plumulam aliquam psittacorum pro ornamento inserere solent, mulieres faciem caerulei coloris lineolis illustrare solent, quae nunquam postmodum deleri possunt, pudenda linteolo gossypino ab umbilico ad genua usque demisso, contegunt¹⁸⁸.

O povo KVEREMAGBAS, ao contrário dos demais, segundo o soldado bávaro, não tem muitos peixes e carnes, mas tem alguns outros alimentos peculiares. Segundo ele, nesta região abundava alfarroba ou feno grego (*siliquis vel foeno graeco*), e disso é que os nativos faziam vinho¹⁸⁹.

¹⁸⁸ Saindo dali chegamos ao rio PARABOR num espaço de 08 dias. Subindo este rio encontramos uma grande multidão que era chamada de KVEREMAGBAS. Estes não têm o que comer além de peixes e carne, abunda também nesta região alfarroba ou feno grego, do mesmo modo daí também fazem o vinho que bebem.

Este povo, muito humano, nos ofereceu e nos trouxe todas as coisas que eram necessárias para nosso alimento, as pessoas são de corpo alto e robusto tanto os homens quanto às mulheres.

Os machos tem um pequeno furo no nariz, no qual às vezes eles costumam inserir uma pequena pena de papagaio como ornamento, as mulheres costumam ornar a face com umas pequenas linhas de cor azul, as quais depois nunca podem tirar, cobrem as partes íntimas com um modesto pano de algodão do umbigo aos joelhos (tradução nossa)

¹⁸⁹ Embora ambas sejam vagens leguminosas e tenham origem mediterrânea, essas vagens são bem diferentes entre si em tamanho e coloração. No entanto, o uso da conjunção latina *vel* (ou) denota que Schmidl não soube

O que chama a atenção neste trecho da narrativa é caracterização que Schmidl faz deste povo - *populus admodum humanum*. O uso do advérbio latino *admodum* (muito) e do adjetivo *humanus, -i* (humano) para caracterizar o substantivo *populus, -i* (povo) destaca uma qualidade que só se usaria normalmente para um animal. *Utz* ficou surpreso com o comportamento hospitaleiro, que julgou “muito humano”, dos indígenas ao trazerem aos europeus alimentos. Ora, isso não seria normal entre a raça humana? Qual seria a surpresa em alimentar seus pares? Até aquele momento ele não via os indígenas como humanos? Eram vistos como animais pelos espanhóis?

Essa expressão *admodum humanum* é o registro da visão bestial que o europeu tinha dos indígenas que encontraram no sul do continente americano, naquele momento, e talvez esse seja mais um dos tantos motivos que os tenha feito achar que podiam tomar posse de uma terra que “não era de ninguém”.

Ainda de acordo com a citação de Schmidl, este grupo de corpos robustos também mostra como eram diversos os ornamentos que os nativos usavam. Enquanto os homens colocavam uma pequena pena de papagaio no nariz, as mulheres ornavam a face com pequenas linhas de cor azul.

Schmidl registrou que os espanhóis entraram em contato com o povo PEIEMBA e questionaram sobre os CARCHKAREISSOS. Foram então os primeiros quem deram as informações seguintes sobre os segundos, entretanto, o cronista confirmou que ao entrarem em contato com os CARCHKAREISSOS os espanhóis atestaram que era verdade todas informações dadas pelos PEIEMBAS.

*Referebant interim etiã CARCHKAREISSO esse homines albos, sicut & nos Christiani, abundare cibo, frumento Asiatico, MANDEOCH, MANDVIS, PADADES VVACHEKEV, MANDEOCH PARPII, MANDEOCHADE, MANDEPARE, & aliis radicibus, carnibus item de Indianis ovibus (...) Nos tamen postmodum rem omnem cognovimus & experti sumus*¹⁹⁰ (grifos nossos).

diferenciá-las e as outras edições no Relato também não ajudam nisso. O fato é que os nativos não faziam vinho apenas de mandioca.

¹⁹⁰ Enquanto isso, também anunciavam que os CARCHKAREISSO seriam homens brancos como nós cristãos, que tinham em quantidade comida, milho, MANDEOCH, MANDVIS, PADADES VVACHEKEV, MANDEOCH

Numa região de clima tropical, com temperaturas altas e pessoas que andam nuas, seria de se esperar que elas tivessem a pele morena de sol. Schmidl em nenhum outro ponto da narrativa mencionou a cor da pele dos indígenas. Somente neste trecho o soldado bávaro demonstrou sua surpresa em encontrar nativos brancos como cristãos (*homines albos, sicut & nos Christiani*). Ressalte-se que na edição em língua portuguesa de Martins *et alii* (2011, p. 69) apenas se registra que os indígenas “eram gente entendida como os cristãos” e a edição também em língua portuguesa de Lorenzetto (2006, p.16) fala que “eram gente ruborizada como nós cristãos”. Sendo assim, o confronto de edições causa mais questionamentos do que ajuda a compreender o que o autor queria dizer. Mesmo assim, percebe-se que há uma comparação entre a cor da pele dos “cristãos” (europeus) com os nativos e uma surpresa por eles serem de pele mais alva, afinal, as duas das edições, a de 1599 que registra o adjetivo *albos* (brancos) e a de 2006 que registra a palavra reborizada, denotam que essas pessoas tinham uma pele clara, portanto, uma semelhança que surpreende Schmidl e seus companheiros. Ora, que criaturas são essas encontradas nas “Índias” que até parecem humanas e tem pele clara?

4.3. Imaginário sobre a natureza.

Andanzas y Viajes, de Pedro Tafur, o Relato de Viagem analisado por Carrizo Rueda, é considerado pela autora um livro essencialmente urbano. Mesmo assim, a ela explica aos seus leitores que a natureza tem um papel fundamental nessa narrativa.

Os elementos da natureza não são um simples acompanhamento ou uma voz secundária, mas eles têm um papel importante na narrativa, pois apontam para um mundo diverso que tem o papel de seduzir. Ela explica que “*Detrás de todo este proceso está esa serie de conocimientos, creencias, experiencias y actitudes que constituyen lo que denominamos*

PARPII, MANDEOCHADE, MANDEPARE, e outras raízes, também carnes de ovelhas indianas (...) Nós, no entanto, depois tomamos conhecimento dessas coisas e provamos (experimentamos).. (tradução nossa).

“*imaginario*” (CARRIZO RUEDA, 1997, p.117). Esse imaginário sobre a natureza simultaneamente tem a função de seduzir e de dar a dimensão das aventuras pelas quais passou o viajante, isto é, a natureza se constituiu, muitas vezes, num desafio que deve encantar o leitor e deve também atestar a coragem e a bravura do viajante.

Segundo Carrizo Rueda, a natureza pode oferecer um pleno caminho para o descanso do viajante, um lugar onde ele possa recobrar suas forças. Mas não será sempre assim, alguns caminhos constituem verdadeiros desafios e só serão vencidos com o engenho do viajante.

Há também os episódios chamados de “milagrosos”, nas palavras da autora, ou “maravilhosos”, nas palavras de Giucci. Neles a natureza adquire um caráter simbólico e fantástico e a ideia de uma narrativa sedutora é acentuada.

No caso do Relato de Viagem de Schmidl há um fator especial e determinante. Trata-se de alguém que, após viajar ao Novo Mundo, precisa voltar à Europa e relatar esse mundo da forma mais sedutora possível e compatível com o que se espera, inclusive ressaltando as belezas, os perigos e a bravura dos espanhóis, o que faz com as descrições desses elementos da natureza ganhem ainda mais tintas em seus contornos.

4.3.1. O contato com uma fauna fantástica

O primeiro parágrafo, logo no início da viagem, é reservado à descrição de seu curioso encontro com uma baleia e já mostra o quanto ele valorizará, ao longo da narrativa, os elementos naturais.

Principio cum Antuerpia Hispaniam petiturus, ad civitatem nomine CALLIS, ad quã 400 miliaria in mari numerãt, spacio quatuordecim dierum appulisse, in portu civitatis ingentem balaenam 35 videlicet passuum vidi, cuius adipe 30 vasa, eius magnitudinis, quibus haleces huc asportantur, repleta sunt¹⁹¹.

¹⁹¹ Inicialmente, quando me dirigindo de Antuérpia para Espanha, aportei numa cidade de nome CALLIS, a qual se contam 400 milhas no mar, no espaço de 14 dias, no porto da cidade eu vi uma enorme baleia de 35 passos evidentemente, com cuja gordura foram preenchidos 30 barris do tamanho dos que transportam molho de peixe (Tradução nossa).

Ao sair de Antuérpia, um dos mais bem-sucedidos centros comerciais do Velho Continente, em direção à Espanha, Schmidl aportou no Porto de CALLIS (Cádiz), cidade do sul da Espanha, banhada pelo oceano Atlântico, onde se organizou a expedição e de onde ela partiu. Foi ali que ele contou ter visto uma enorme baleia (*ingentem balaenam*).

Em latim, embora o adjetivo *ingens*, *-entis* seja habitualmente traduzido por grande, alto, corpulento ou enorme, ele também pode significar em contextos literários monstro enorme. Nos Relatos de Viagem, segundo Carrizo Rueda, a natureza desempenha um papel, na maioria das vezes, fantástico e maravilhoso. Neste caso, é impossível não associar à baleia mencionada por Schmidl com o “grande peixe” que engole o profeta Jonas¹⁹² e pensar, numa leitura que associe a orientação cristã do autor a essa simbologia, que o autor da narrativa se vê responsável por uma missão importante também, mas ao cruzar com o monstro enorme, talvez por que não estivesse em estado de negação como Jonas, tenha saído ileso diante do animal.

Schmidl também mencionou neste trecho a extração da gordura da baleia. Embora seja um documento posterior ao do soldado bávaro, o registro que fez Sebastião da Rocha Pita, em sua *História da América Portuguesa* (1976), sobre a pesca da baleia, permite compreender o quanto esse animal, além de fantástico e exuberante, também tinha uma importância econômica na época colonial.

É a baleia estupendo parto das ondas, útil monstro do mar, têm as verdadeiras setenta (*sic*) palmos de comprimento, vinte e seis de largura e dezoito de alto; sendo peixe, todo o seu corpo é toucinho e carne; (...) A fábrica de casas, armazéns, tanques, formas para recolher azeite, tachos para o cozer, e outros instrumentos, assim sua majestade como dos contratadores, vale mais de quarenta mil cruzados. (...) O consumo que este gênero tem, de que resulta a ganância que dá, é porque da baleia se fazem carnes, de que os escravos se sustentam: os moradores que possuem muitos, assim nas casas como nas lavouras, as mandam beneficiar em pipas e barris, que lhes duram de uma a outra safra, e delas consta a matalotagem da gente marítima que serve nas embarcações que vão para a costa da África e para outros portos; e também porque da imensa inundação de azeite que se tira deste peixe, se alumiam todas as casas, fábricas e oficinas do Brasil (ROCHA PITA, 1976, p.34-35).

¹⁹² Segundo o que ensina a simbologia bíblica, o profeta Jonas teria recebido um chamado de Deus para ir, em missão, à Nínive. Ao desobedecer e tomar direção contrária causou uma grande tempestade e foi atirado ao mar. Engolido por um “grande peixe” passou três dias e três noites no estômago dessa criatura em reflexão. Ao ser cuspidado na praia retomou seu caminho segundo o chamado de Deus.

Dentre os animais marinhos a baleia é, portanto, um dos que mais chama a atenção. Isso se deve tanto pelo seu tamanho quanto pelo seu valor econômico na época. Sebastião da Rocha Pita dedica então alguns parágrafos para descrevê-la e registrar como é feita a sua pesca. Ele também fala do quão abundante é a extração de sua carne e de seu óleo, corroborando o registro de Schmidl.

Ao final do Relato, quando Schmidl já está na nau Portuguesa partindo de São Vicente para a Europa, ele encontra mais uma vez as baleias e torna a ficar maravilhado.

In hoc mari à civitate S.VICENDA usque ad portum, SPIRITV SANCTO maxima reperitur balenarum copia, quae multū nocent praeter navigātibus, navem enim quam adoriuntur, suffocant, & quicquid in ea est perdunt.

Hae balenae assiduè aquam expuunt, tanta copia, ut una effusione dolium Frācicum mediocris capacitatis explere possis. Et aquam quidem omnibus ferè momētis ita expuunt, capitibus ex mari exertis, ita ut rei istius ignarus, scopulū eo in loco extimescat. Reperiuntur autem ibi & multa alia monstra marina, quae omnia describi accuratè non possunt¹⁹³.

A surpresa de Utz com a fauna é reitera várias vezes. Os chamados peixes “voadores” merecem particular atenção.

Conjectae tunc adhuc erant omnes nostrae, dictae nimirum quatuordecim naves, quibus per duos menses in mari navigantes, ad insulam quandam appulimus, in qua nihil praeter ingentem avium multitudinem conspeximus, quas quidem etiam baculis ferire poteramus. Insula haec sex miliaribus suo ambitu continet, nullis habitatur hominibus, & 1500 miliaribus à superiori insula S.IAGO distat.

In mari circa insulam hanc reperiuntur pisces volantes, & plurima monstra marina, ut Balenae, & alii pisces quos SCHAVBHVT vocant, propterea quod in fronte rotundum quendam orbem habeant, quo aliis piscibus bellum movere solent, sunt enim pisces ingentes & formidabiles. Reperiuntur & alii pisces in dorso cultellum osseum gestantes, quos Hispani sua lingua PESCHEPATE nominant quin & serram osseam in quorundam dorso conspicias, & id genus piscium admodum formidabile est, Hispanis PESCHEDEFERRE dictum. Neque propositum mihi est, omnium monstrorum quae in mari isto reperiuntur nomina & formã pluribus hoc loco persequi¹⁹⁴ (grifos nossos).

¹⁹³ Neste mar da cidade de S.VICENDA até o porto do SPIRITV SANCTO foi encontrada uma abundância muito grande de baleias, que prejudicam muito contra os navegantes, pois o navio qual atacam, esmagam, e destroem o que quer que esteja nele.

Estas baleias continuamente esguicham água, tanta abundância, que com um único jato (tu) podes encher completamente um barril frâncico médio. E, na verdade, esguicham água desta forma em quase todos os momentos, tendo posto as cabeças para fora da água, de modo que ignorante desta coisa, assusta-se (pensando) que é um rochedo neste local. São encontrados ali também, no entanto, muito outros monstros marinhos, os quais não podem todos ser descritos com precisão (tradução nossa).

¹⁹⁴ Depois disso, foram reunidos todos os nossos seguramente 14 navios já referidos, os quais navegaram por dois meses no mar, chegamos a uma certa ilha, na qual não observamos nada além de uma enorme multidão de aves,

Schmidl registrou também que após passarem pela ilha de Santiago, ou seja, Cabo Verde, a expedição chegou a uma ilha bem desabitada em que abundava uma grande multidão de aves (*ingentem avium multitudinem*). Segundo ele, eram tantas aves que podiam ser caçadas (ou feridas como sugere o verbo em latim) com uma vara (*baculis ferire poteramus*). Embora a hipérbole possibilite criar uma imagem exuberante, a descrição seguinte é ainda mais intrigante.

Possivelmente após passar por Cabo Verde e antes de chegar ao Rio de Janeiro, a expedição deve ter feito uma parada na ilha de Fernando de Noronha e, embora não tivesse esse nome naquela época, ela já era conhecida desde o início do século XVI, afinal, Américo Vespúcio foi o primeiro a descrevê-la numa expedição realizada entre 1503 e 1504.

Kalil (2008, p.33) também defende a ideia de que Schmidl pode ter passado por essa ilha.

A crônica de Schmidl praticamente se inicia com a partida da expedição de Mendonza, que passou por regiões pertencentes à Coroa Portuguesa (como Rio de Janeiro e, provavelmente, a ilha de Fernando de Noronha) e chegou à foz do Rio da Prata em fevereiro de 1536.

Essa ilha parece ter uma vida marinha profusa e complexa. Primeiro Schmidl descreveu que existiam peixes voadores (*pisces volantes*) e monstros marinhos como a baleia (*plurima monstra marina, ut Balenae*). Embora realmente exista um peixe conhecido como peixe voador (*Exocoetus volitans*), que habita a água salgada e é encontrado em todos os oceanos, não é

que, na verdade, também podíamos atingir com varas. Essa ilha, não habitada por homens, tem seis milhas de fronteira (de extensão) e dista 1500 milhas da parte superior da ilha de Santiago.

No mar que cerca a ilha são encontrados peixes voadores, e muitos outros monstros marinhos, como baleias, e outros peixes que chamam SCHAUBHUT, pelo fato de que tinham sobre a cabeça um grande disco, que costumam mover para a guerra com outros peixes, são realmente peixes enormes e formidáveis. E foram encontrados outros peixes que carregam uma navalha de osso no dorso, que os espanhóis em sua língua chamam de fato PESCHEPATE e se vê no dorso de alguns um osso em forma de serra, e este tipo de peixe é muito temível, os espanhóis dizem PESCHEDEFERRE. Meu propósito não é perseguir (procurar) os nomes e a forma de todos os monstros que são encontrados nesse mar e há muitos deles neste lugar (Tradução nossa. A parte sublinhada foi adaptada para o português para um melhor entendimento).

possível afirmar que Schmidl esteja descrevendo este tipo de peixe especificamente, assim como da mesma forma não é possível saber de quais “monstros” eles fala além da baleia. Seu relato, neste aspecto, é vago e pode ser considerado fantasioso.

Ele fala ainda de outros peixes, como o SCHAUBHUT, o PESCHEPATE e o PESCHEDEFERRE. Em todos os casos se trata, mais uma vez, da escrita fonética. No primeiro caso, possivelmente, trata-se de uma escrita fonética do alemão que pode ser interpretada como “chapéu-casaco”. A tradução para a língua portuguesa de Lorenzetto (2006, p.6) registra como “peixes de chapéu de sol”, já a edição de Martins *et alii* (2011, p. 47) registra a mesma forma que a edição latina em questão, mas coloca uma nota de fim com a explicação que “com Schaubhut (“peixe chapéu”) o autor quer assinalar a rêmora”. A rêmora possui de fato uma barbatana dorsal transformada numa ventosa, com a qual se fixa a outros animais, como, por exemplo, tubarões. A descrição do cronista não é científica e, embora possa ser possível encontrar alguma semelhança com este peixe, não há condições necessárias para afirmar que ele estivesse descrevendo uma rêmora.

Já no segundo caso, o qual Schmidl chamou de PESCHEPATE, em catalão existe PEIX BADA e ficaria a dúvida se a partir daí o autor teria feito uma escrita fonética. Neste caso, Lorenzetto (2006, p.6) registra como “peixes de espada” e a edição de Martins *et alii* (2011, p. 47) registra “pez espada” com o parênteses explicativo a seguir (peixe espada). Com a falta de cientificidade da descrição não é possível dizer se o que o autor chama de “peixe espada” é o que se conhece como peixe espada hoje.

Quanto ao terceiro, o PESCHEDEFERRE, o que Schmidl disse ser muito temível, parece ser o peixe serra. Tanto a edição de Lorenzetto (2006, p.6) como a edição de Martins *et alii* (2011, p. 47) registram como “peixe de serra”. Assim, como nos casos anteriores, não é possível afirmar de que peixe exatamente o autor estava falando.

Esses peixes serão, novamente descritos, no final do Relato, o que denota o quão maravilhado Utz ficou.

Sunt & pisces ibi quos Hispani SVMERE hoc est, pileatos, sive SCHAVBHVT vocant. Hi pisces tantae sunt magnitudinis & roboris, ut naves saepe ingêtes subuertant. Quando enim mare placidum est, & nullae tempestates existunt, tunc tanta sepe vi ad navem feruntur, ut omnia in ea concutiantur. Itaque nautae hoc animadvertentes, mox dolium unum atque alterum in mare proiciunt, ut cum iis relictis navi sese oblectent. Sunt & pisces alij, quos PEISCHO SPAIDE, hoc est, cultros piscium vocant, pisces hi admodum formidabiles sunt, & aliis piscibus valde nocent. Certant enim cum aliis, ea ratione, qua apud nos, equi invicem certare solêt, quod quidem iucundum praebet in mari spectaculum, quamvis hoc piscium certamen, plerunque magna tempestas sequi soleat.

Reperiuntur ibi etiam pisces alij, quos Hispanis POSCHE DESERRE vocant, nos serras nominare possumus. Hi admodum formidabiles sunt, & in pugna sive certamine aliis praevalet.

Quin & pisces volantes, & alij, quos DOMINGEN vocant, ibi cernuntur, quos quidem omnes describere instituti mei non est¹⁹⁵.

O que é certo, entretanto, é que, além dessa farta descrição ser mais um argumento que possa corroborar a hipótese de Schmidl e sua expedição terem passado por Fernando de Noronha, um verdadeiro santuário natural, ela comprovaria a importância que a natureza tem no Relato de Viagem como defende Carrizo Rueda. A natureza ocupa, e ao mesmo tempo concretiza, o imaginário do viajante e, conseqüentemente, neste caso, do colonizador.

4.3.2 A serpente que “engole gente”.

Outro episódio de pitoresca descrição da natureza que pode envolver imaginação e fantasia é o da serpente que engole gente.

¹⁹⁵ Existem também peixes que os espanhóis chamam chapelados, ou melhor, chamam SCHAVBHVT. Estes peixes são de tanta grandeza e robustez, que frequentemente viram navios imensos. De fato, quando, o mar está calmo e não surgem nenhuma tempestade, então, muitas vezes, são trazidos para o navio com tanta força, que sacodem tudo nele. Assim, os marinheiros percebendo isso, logo atiram um barril e outro no mar para que, com eles, se distraiam, deixando o navio.

Existem também outros peixes, os quais chamam PEISCHO SPAIDE, isto é, facas de peixes. Estes peixes muitos formidáveis e prejudicam muito os outros peixes. Lutam, de fato, com outros, razão pela qual, entre nós, os cavalos costumam lutar um contra o outro, o que certamente mostra um espetáculo agradável no mar, ainda que uma grande tempestade costume seguir esta luta de peixes na maior parte.

Ali são encontrados também outros peixes, que os espanhóis chamam POSCHE DESERRE, que podemos nominar de serras. Estes são muito formidáveis e prevalecem contra os outros na luta ou competição.

De fato, os peixes voadores e outros, que chamam DOMINGEN são distinguidos ali. Descrever estes todos não é de minha intenção (Tradução nossa)

Cum ibi quatrimum fuissemus, invenimus in littore fluminis serpentem ingentis magnitudinis, 25 pedes longum, crassum vero instar alicuius viri, colore nigro e flavo, quem tormētis nostris bellicis interfecimus. Itaq; Indiani valdè mirati sunt, nunquam enim antea serpentē tantae magnitudinis viderant.

Hic serpens, ut referebant, Indianis multum damni intulit, lavantes enim in flumine cauda circumvoluit, & secū abductos in aquam, devoravit, plurimos enim periisse affirmabant ut ignotum sit quò devenerint.

Ego serpentem hunc diligēter intuitus & mensus sum, ut longitudinem & latitudinem eius probè sciam.

Hunc serpentem postea Indiani praepararunt in cibum, & carne eius assam elixamque in aedibus suis comederunt¹⁹⁶ (grifos nossos).

Schmidl narra que, às margens do rio PARANAV, em meio ao povo MACHKVERENDAS, os espanhóis encontraram uma serpente de enorme tamanho (*serpentem ingentis magnitudinis*). Segundo o autor, ela era grossa como um homem (*crassum vero instar alicuius viri*), de cor preta e amarela (*colore nigro e flavo*) e foi morta por suas armas de guerra (*quem tormētis nostris bellicis interfecimus*). Neste caso, Lorenzetto (2006, p.12) registra que a serpente era “salpicada de preto e amarelo” e a edição de Martins *et alii* (2011, p. 60) registra que a serpente tinha “manchas negras e amarelas”, ambas afirmando que a serpente tinha a grossura de um homem.

Essa serpente, além de ser enorme, pela descrição dos indígenas que é recontada ao leitor por *Utz*, teria causado muitos prejuízos àquela tribo porque os habitantes da região julgavam que ela enrolava a cauda naqueles que se banhassem no rio, os levava para o fundo e os devorava, e assim eles nunca mais eram vistos.

Há motivos, então, que denotam que essa serpente possa ser a sucuri da planície pantaneira. Em primeiro lugar, ressalte-se que já é comprovado histórico e geograficamente que Schmidl andou pelas terras que hoje são de Mato Grosso do Sul. Neste trecho da narrativa,

¹⁹⁶ Quando lá estivemos por 04 dias, encontramos na margem do rio uma serpente de enorme tamanho, com 25 pés de comprimento, de fato grossa como um homem, de cor preta e amarela, a qual matamos com nossas armas de guerra. Assim os indígenas ficaram muito admirados, realmente nunca até agora eles nunca tinham visto uma serpente tão grande.

Esta serpente, como relataram, causou muito prejuízo aos indígenas, na verdade, ela enrolou a cauda naqueles que se banhavam no rio e os levou para a água consigo, (os) devorou, de fato muitos pereceram, afirmavam que muitos tinham morrido como não sabiam para onde tinham ido. Eu mesmo atentamente olhei e medi esta serpente para saber bem o comprimento e a largura dela.

Depois os indígenas prepararam esta serpente como comida e comeram a carne dela assada e cozida em suas casas (tradução nossa).

antes de chegar ao MACHKVERENDAS, quando os espanhóis deixaram o povo GVLGAISEN e navegavam pelo rio PARANAV, Schmidl narrou com curiosidade o fato de encontrar um rio que fluía no meio da região (*postea reperto flumine, in mediam regionem labēte*). Talvez esse não fosse exatamente um rio, mas resquícius da cheia pantaneira. Isso pode ser mais um indício que comprovaria essa possibilidade de andanças pela região.

Quanto à serpente, a descrição feita é muito compatível com a descrição da sucuri, que é uma cobra típica da região. As manchas pretas e amarelas e o suposto tamanho “enorme” também são fatores que corroboram essa hipótese.

Há ainda o fato da serpente “engolir gente”. A sucuri é considerada a maior serpente do mundo e pode viver por muitos anos, mas há muitas histórias e lendas que envolvem esse animal. São muitos os “causos” pantaneiros e as lendas contadas sobre ela, inclusive a respeito de engolir pescadores às margens do rio e animais dos fazendeiros da região, o que faz da sucuri um ícone folclórico do Pantanal.

Segundo Câmara (2007, p. 95)

A sucuri (*Eunectes murinus*) é uma cobra reconhecida por suas grandes dimensões. Ela não é venenosa, mas quando captura a vítima, aperta-a até quebrar os ossos; ela mata por constrição. Em seguida engole todo o animal e dorme até a digestão ser concluída, operação que, às vezes, se estende por vários meses. Os exageros dessas histórias referem-se ao tamanho do animal, que assume um aspecto monstruoso.

Desde as narrativas bíblicas, com Adão e Eva, a serpente é apresentada como um animal cruel e traiçoeiro, que ataca de repente e em muitos casos de maneira fatal. Assim também é na cultura pantaneira. É verdade que outras cobras encontradas na região podem representar um perigo muito maior, como, por exemplo, a cascavel ou a jararaca, mas as histórias com certeza ficam em torno da sucuri. Isso pode ser explicado pelo lugar que essa serpente ocupa no imanimágio coletivo das pessoas da região, e conseqüentemente na literatura oral local, pelo seu tamanho e pelo caráter quase mágico que foi ganhando ao longo do tempo. Afinal, embora não

seja uma serpente venenosa, o seu poder é baseado na habilidade de comer animais grandes, como, por exemplo, vacas, capivaras, dentre outros.

O fato de que a sucuri “engole gente” parece não ter uma comprovação científica, pelo menos não da forma que as histórias são contadas. Em decorrência da grande dimensão dessa cobra, porém, é comum o aumento nas descrições das presas capturadas por ela. Esse caráter fantástico, mítico e hiperbólico na descrição das sucuris é uma das razões, por exemplo, para muitos “causos” pantaneiros contados na região.

Os “causos” pantaneiros são as histórias contadas pelos habitantes do Pantanal, em suas animadas rodas de conversa, na maioria das vezes regadas à tereré e ao som de uma boa moda de viola. Elas fazem parte de uma rica cultura local e uma profícua literatura oral que vem sendo estudada por muitos pesquisadores.

Há ainda lendas indígenas sobre a sucuri, também chamada de anaconda em alguns lugares. Uma delas, por exemplo, é a do mito fundador de Kaxinawá. Teria existido então um homem, Yube, que, ao se apaixonar por uma mulher-anaconda, transformou-se em anaconda também e passou a viver com ela no mundo profundo das águas. Nesse mundo, o indígena descobriu uma bebida alucinógena, com poderes curativos e que lhe proporcionaria acesso ao conhecimento pleno. Um dia, sem avisar a esposa anaconda, Yube decide voltar à terra dos homens e retomar a sua antiga forma humana. O mito explicaria, dessa forma, a origem do cipó que serve de bebida alucinógena tomada ritualisticamente pelos Kaxinawá.

A verdade é que existem grandes serpentes em toda a América Latina, mas no Pantanal parece que o encontro com esses animais e os mitos sobre as cobras tentar juntar realidade e ficção numa forma em que é difícil separá-las nitidamente. E esse parece ser bem o papel da natureza, a que se repete Carrizo Rueda, nos Relatos de Viagem, e que Schmidl parece ter recorrido com maestria em sua narrativa.

CONCLUSÃO

O gênero Relato de Viagem é um gênero dual. Se por um lado tem uma face histórica que busca registrar os fatos que viveu o viajante e, desta forma, faz um registro do contexto sócio-histórico e político da época. Por outro, lado demonstra uma faceta literária em que a forma de narrar esses fatos ganha importância significativa.

No caso da narrativa de Ulrico Schmidl, seu valor histórico tem sido amplamente divulgado e explorado ao longo da tradição do documento, fazendo com que seu autor seja considerado, inclusive, um dos primeiros historiadores da região do Prata. O relato seria utilizado em estudos históricos importantes, como, por exemplo, para atestar a primeira fundação de Buenos Aires, por Pedro de Mendonza, dentre outros.

Numa visão míope de alguns estudiosos, entretanto, esse valor histórico teria ofuscado importantes registros de um fazer que busca modelos no texto literário. A versão em língua portuguesa da narrativa de Martins *et alii* (2011, p.11) afirma que a narrativa é “desprovida de adornos literários”, o que a leitura feita e os trechos em análise comprovam que não é verdade.

É preciso ressaltar que não se trata de uma narrativa que se dá com a objetividade de um relatório. Schmidl não se coloca frente à narrativa como um indivíduo que dá notícias de forma jornalística e imparcial sobre um fato. Pelo contrário, o mundo que o leitor conhece é resultado de seu olhar de historiador conciliados com sua pena de escritor/poeta (na concepção aristotélica). O novo mundo tem as formas, cores e sabores que ele lhes atribui, para isso, a utilização de recursos poéticos/retóricos.

Um dos recursos literários utilizados por Schmidl é a comparação. Com essa figura de linguagem o autor utiliza um conectivo e aproxima o primeiro termo do segundo. É o caso da explicação que ele dá sobre os CARENDIES nômades como os tártaros (*oberrant instar TARTARORUM apud nos vagantium*), PADADES que parecem um fruto em forma e sabor (*PADADES pomum repraesentat forma & sapore*), MANDEOCH PARPIE que tem sabor de

castanhas (*Radix MANDEOCH PARPIE castanearum saporem habet*). Assim é possível Utz explicar de modo ilustrativo ao seu leitor que não conhecia certas coisas que conheceu no Novo Mundo, tornando sua narrativa mais ornada e apreciável.

Ao descrever as lhamas, além de usar a comparação, o autor escolhe palavras que permitem ao leitor criar um “quadro” imaginário do que seja esse animal “tem também ovelhas equivalentes em tamanho às mulas de nosso país” (*habent etiam oves mulorum nostratium magnitudinem equantes*). A pelagem longa e lanosa das ovelhas e o tamanho das mulas permitem ao leitor criar uma imagem aproximada do que seja uma lhama. Trata-se, assim, de uma comparação, mas não apenas dela. Neste caso, trata-se também de *ut pictura poesis*, que quer dizer “a poesia como a pintura”, isto é, a intenção do autor é “pintar com palavras”, um preceito do poeta latino Horácio, a partir do princípio de similaridade entre a pintura e a poesia. Por acreditar que as duas artes são imitação da natureza, ele busca aproximá-las e, através de uma descrição elaborada, o autor deve criar uma tela imaginária ao leitor. Schmidl usa esse recurso, sobretudo, quando deseja descrever a natureza. Quando a expedição saiu da ilha de Santiago, Cabo Verde, e chegou a uma ilha desabitada em que “abundava uma grande multidão de aves” (*ingentem avium multitudinem*) que podiam ser caçadas (ou feridas como sugere o verbo em latim) com uma vara (*baculis ferire poteramus*) e que existiam peixes voadores (*pisces volantes*) e monstros marinhos (*plurima monstra marina ut Balenae*). O leitor consegue imaginar um belo e exuberante quadro, sobretudo, com ajuda de outra figura de linguagem, a hipérbole, a conhecida figura do exagero.

A descrição da serpente, porém, é seu melhor “quadro”. Ao usar esse recurso na descrição da serpente, Schmidl é tão preciso e engenhoso que não deixa dúvidas que se trata da sucuri (*serpentem ingentis magnitudinis, 25 pedes longum, crassum vero instar alicuius viri, colore nigro e flavo, quem tormētis nostris bellicis interfecimus*).

Assim, numa sequência que oscila entre poucos momentos narrativos e muitos momentos descritivos, o autor segue criando “quadros” que se sucedem sem que haja um clímax em sua narrativa, como acontece, por exemplo, nos romances. O leitor acompanha o movimento do texto, quadro a quadro, e a viagem é, desta maneira, a sua grande personagem, não apenas o “pano de fundo” ou pretexto, como acontece nos textos de Literatura de Viagem. Essa viagem só tem um fim porque Schmidl precisa voltar a Europa, ou seja, ela é interrompida, do contrário, ele poderia continuar criando outros quadros. A expectativa em torno do desenlace é completamente ausente.

Além disso, é preciso destacar que, segundo Carrizo Rueda, o ato de descrever é uma forma de narrar e *“las descripciones de lugares son, junto con el itinerario y las noticias políticas, los aspectos más importantes del relatos de viajes”* (CARRIZO RUEDA, 1997, p.7). Schmidl descreve com primazia ao longo de toda a narrativa, com escolhas lexicais que contribuem para o ornato de sua narrativa.

Quando escolhe as palavras *admodum humanum* (muito humanos) para qualificar os indígenas, por exemplo, e opta por reiteradas vezes descrever sua nudez, ao contrário do que pensa Klaus Wagner, essas escolhas lexicais denotam uma capacidade do autor de articulação da linguagem e garantem à narrativa uma qualidade estética. O olhar do poeta sobressai, neste caso, ao olhar do historiador, afinal, a nudez das mulheres não é descrita de forma objetiva, ela é descrita de forma poética/retórica, motrando uma apreciação do autor em dizer que tratavam-se de mulheres feias ou mulheres bonitas.

Observe-se que o próprio Hulsius advertiu seus leitores, informando que a obra de Schmidl teria sido corrigida a partir da comparação com outros relatos de viajantes, isso para que tivesse certeza de que seu conteúdo estava em conformidade com aquilo que diziam os historiadores espanhóis, italianos e franceses sobre as terras do Novo Mundo. Isto é, existia uma visão preestabelecida sobre o Novo Mundo, e o autor devia relatar de forma a agradar seu

leitores. Essa preocupação em deleitar o leitor é do ofício do escritor/ poeta e já era prevista por Aristóteles em seus ensinamentos sobre Retórica e Poética. Usar comparações, hipérboles, lançar mão do recurso *ut pictura poesis* e outras figuras de linguagem são recursos estilísticos previstos pelo ornato da Retórica.

É preciso explicitar que quando Lorenzetto, no prefácio à tradução existente, apresentada no Capítulo I, faz uma breve “apreciação literária” do texto de Schmidl e diz que trata-se de um texto épico apenas pelo “tom” empregado pelo autor ou por suas repetições, além de desconsiderar as características linguísticas do documento (sobretudo as repetições específicas do latim tardio usado no período), ele desconsidera as concepções de escrita da época, na qual o conteúdo histórico e o conteúdo literário do texto confluem para um mesmo modelo.

Assim, pelo seu modo de ver, desaparece do texto o valor do “ornato”, cabível tanto no texto dito épico, quanto no Relato de Viagem. Neste último tipo, *a viagem é o elemento mais evidente do texto*, que se consolida como relato descritivo, exatamente pela sucessão de quadros que apresenta ao leitor.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. *Os causos: uma poética pantaneira*. Tese doutoral. Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de Barcelona. Barcelona, 2007.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARRIZO RUEDA, Sofia M. *Escrituras del viaje: construcción y recepción de “fragmentos de mundo”*. 1ª. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.

_____. *Poética del relato de viajes*. Kassel: Reichenberger, 1997.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História da Cidade do Rio de Janeiro*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Biblioteca Carioca, 1990.

COGGIOLA, Osvaldo. *Buenos Aires, cidade, política, cultura*. In: Revista Brasileira de História. Vol. 17, n.34, São Paulo, 1997. Versão on-line ISSN 1806-9347

COMBA, Julio. *Gramática Latina*. 5ª ed. rev. atual.. São Paulo: Editora Salesiana, 2004

CRISTOVÃO, Fernando (Coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens – estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina, 2002

CRÔNICA de Ulrich Schimdl em latim: [http://international.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbdk&fileName=d031//rbdkd031.db&recNum=191&itemLink=r?intlidl/rbdkbib:@field\(NUMBER+@od1\(rbdk+d031_0180\)\)&linkText=](http://international.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbdk&fileName=d031//rbdkd031.db&recNum=191&itemLink=r?intlidl/rbdkbib:@field(NUMBER+@od1(rbdk+d031_0180))&linkText=)

DOMINGUEZ, Luis L. *The conquest of the river plate (1535 – 1555)*. Voyage of Ulrich Schmidt to the Rivers la plata and Paraguai – from the original german edition 1567. London: Hakluyt Society, 1891. (Introduction)

DU CANGE, Domino. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. L.Favre, Imprimeur – éditeur, 1887

DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia*. Introdução, organização e fixação Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESTEVES, Antonio Roberto. ZANOTO, Sérgio Augusto (Org.). *Literaturas de viagem: viagens na literatura*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2010.

FARIA, Ernesto Faria. *Dicionário Escolar Latino-Português*. 9 ed. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura, 1955

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso – motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1969.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* 1.0. Ed. Objetiva, junho 2009

KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidl*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP : [s. n.], 2008.

KLOSTER, W. SOMMER, F. *Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista*. São Paulo: Tipografia Gutenberg, 1942.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História da América Latina*. 2ª edição rev. e ampl. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

LORENZETTO, Mário Sérgio. *Cabeza de Vaca e os mitos de seu tempo*. Campo Grande: Fiuza Editora, 2006

MARTINS, Gilson R. QUEIRÓZ, Paulo Sérgio C. LORENZETTO, Mário Sérgio (Org.) *Relatos da conquista do Rio da Prata e Paraguai: 1534 – 1554 Ulrico Schmidl*. Campo Grande: Governo de Mato Grosso do Sul, 2011. Coleção Documentos Históricos de Mato Grosso do Sul

OXFORD University Press. *Oxford Latin Dictionary*. London, 1968

RAVIZZA, Pe. João. *Gramática Latina*. 13. ed. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1956.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *Viagens e Viajantes: uma literatura de viagens contemporâneas*. Revista Estação Literária, Londrina, v 10B, p. 33-48, jan 2013 ISSN 1983-1048 <http://www.uel.br/pos/letras/EL>

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino – Português*. 11 ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

SCHMIDL, Ulrico. *Viaje a España y las Indias*. Trad. Haydée Fryn. 1ª. ed. Buenos Aires: Longseller, 2007. (Clásicos de Siempre dirigida por Diana Blumenfeld)

SPAGGIARI, Barbara. PERUGI Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América – A questão do outro*. 4ª edição. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *A viagem e seu relato*. Revista de Letras, São Paulo, v.46, n. 1, p. 231-244, jan/jun 2006.

_____. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 5ª. ed. 2ª. reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2013.